



Olhe

em meus olhos

Carol Sales

HOPE





Olhe em meus olhos

Carol Sales



Copyright © 2017 Carol Sales
Copyright © 2017 Editorial Hope
Editora Responsável: Jéssica Milato
Direção Editorial: Jéssica Milato
Revisão: Carolina T.S.A. Mesquita
Diagramação: Carolina T.S.A. Mesquita
Arte de capa: Gabryelle Barbosa
Fontes de imagens: Pixabay - Royalty Free

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ficha catalográfica feita pela Editora.)
S1637o Sales, Carol
Olhe em meus olhos| 1ª ed. – Editorial Hope
Araras, 2017
ISBN: 978-85-57880269
1. Literatura Brasileira. I. Título.
CDD: B869
CDU: 821.134.3(81)

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora Hope na pessoa de seu editor.
(Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com acontecimentos reais, é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela:
www.edhope.com.br



Dedicado a você, que trouxe à tona o que há
de melhor em mim.

Sumário;



Prólogo;	9	Capítulo 20	168
Capítulo 1	11	Capítulo 21	181
Capítulo 2	19	Capítulo 22	186
Capítulo 3	25	Capítulo 23	199
Capítulo 4	32	Capítulo 24	214
Capítulo 5	40	Capítulo 25	237
Capítulo 6	47	Capítulo 26	246
Capítulo 7	54	Capítulo 27	254
Capítulo 8	68	Capítulo 28	266
Capítulo 9	75	Capítulo 29	290
Capítulo 10	82	Capítulo 30	307
Capítulo 11	92	Capítulo 31	320
Capítulo 12	98	Capítulo 32	331
Capítulo 13	106	Capítulo 33	335
Capítulo 14	115	Capítulo 34	347
Capítulo 15	125	Capítulo 35	356
Capítulo 16	132	Epílogo;	364
Capítulo 17	142	Agradecimentos;	367
Capítulo 18	151	Volta ao lar	370
Capítulo 19	162		



Prólogo



Ceccile é uma bela moça, no auge de seus 24 anos, com porte elegante e esguio, finos traços e olhar tranquilo. Perdera ambos os pais quando ainda contava com 16 anos, em uma tentativa de assalto na fazenda onde foi nascida e criada.

Elizabeth Nill, já viúva e única proprietária da suntuosa propriedade, não tinha filhos, e intimamente condenava os pais de Ceccile por ter restringido sua educação ao lar, abdicando-a da comunicação com o mundo externo. Porém, sempre manteve a postura de abster-se sobre a conduta pessoal de seus subordinados com relação aos seus entes. E foi com certa satisfação que a aceitara dentro da mansão como sua dama de companhia quando ela havia completado 10 anos, e dentro do que lhe permitia o bom senso, assumira ela, a sua educação.

Ceccil, como era comumente chamada, sempre teve um comportamento de fácil trato e era dócil por natureza, e Elizabeth, ao confirmar que não havia parentes que pudessem requisitar a tutela de Ceccil, ela assim o fez, sem que Ceccile soubesse.

Observando-a agora, Elizabeth levava a delicada xícara de porcelana à boca e considerava: Devido à sua força de caráter, se Ceccile soubesse o que ela havia feito, certamente não aceitaria.

Mas Elizabeth abominava a ideia de ter seu patrimônio dilapidado pelos poucos parentes distantes que possuía, antes mesmo que seu corpo esfriasse no túmulo ao lado de seu marido.

Ainda mais sendo filhos de quem eram, acrescenta Elizabeth em pensamento, ao sorver do seu chá...



Capítulo 1



Algum tempo depois, no Brasil...

Elizabeth a observava ao piano, mas seus pensamentos estavam distantes desse delicioso sarau executado por deslizar de dedos delicados, alongados e perfeitamente treinados de Ceccil. A melodia pairava ao longe, como mero pano de fundo que ressuscitava recordações sombrias.

Elizabeth não possuía afeição a tecnologias modernas como televisão, rádio ou qualquer outro meio de comunicação no mundo que havia criado para si mesma dentro da sua herdade.

Preferia passar suas horas na prática de uma boa leitura, ou na confecção dos aclamados bordados à mão por passatempo, ouvindo boas músicas e não algo do gênero que lhe ferisse aos ouvidos.

Conduta que Ceccile absorvia com a mesma ternura desde a mais tenra infância, e que teria aceitado como qualquer outra determinação de Elizabeth, como sua mentora.

Por julgá-la como o mais perfeito produto de suas obras há muito tempo, Elizabeth a manteve junto a si e por conseguinte afastada até de seus subordinados mais próximos. Atitude que agora, com o câncer a consumindo por dentro, ou até mesmo por este motivo, via-se obrigada admitir que nesse ínterim, não agira com Ceccile de forma tão diferente ao que havia agido o pai dela antes.

O mesmo homem de cultura simples que preteritamente havia julgado negativamente.

Ela, certamente a havia ensinado muito mais do que uma menina vinda de família humilde teria chances de sequer cogitar aprender ou viver. Ceccil era uma dama em porte, conduta, tom de voz e aparência. Fora ensinada a se vestir, maquiar-se e se portar até no mais requintado dos ambientes que lhe fosse imposto, e Ceccil jamais se exaltaria. Quanto a isso, sempre apregoava lhe;

“O grito vem quando a palavra perde a força. Faça com que suas palavras sejam fortes, sempre” — e agora, Elizabeth gostaria de poder gritar.

Ceccile absorveu seus ensinamentos e bebeu das suas palavras sem esforço, com a passionalidade que sempre lhe fora natural, sem nunca sentir necessidade de ir além ou agir com ingratidão. Lia os livros que a sábia senhora indicava que pudesse ler, executava ao piano, com prazer, as melodias que Elizabeth gostava de ouvir e ela montava...

Ah, sim!

Dentre todos os prazeres que sentia em estar ao lado desta senhora que tanto admirava, galopar era o seu ápice! Ceccil tinha a liberdade consagrada pela sábia senhora para estar em qualquer cômodo da magnífica mansão, salvo se determinado cômodo estivesse sujeito a algum tipo de manutenção ou limpeza, se ocorresse, ou saia ela, ou quem quer ali estivesse, teria que retirar-se imediatamente. Esse comportamento de sua parte, e também dos demais subordinados, era igualmente exigido de ambos, também no estábulo, este, que outrora já havia abrigado mais de 15 cavalos de puro sangue e atualmente era mantido a abrigar um único garanhão de pelagem claro acinzentado chamado Wees, que Elizabeth preservou, sabendo ser seu preferido.

Elizabeth intimamente lamentava o que fizera de Ceccil. Sim, havia esculpido na outrora criança, uma bela mulher, mas

compreendia que agora estava impotente para preservar o que mais havia de valioso no objeto de sua obra;

A inocência imaculada de Ceccil.

Tão absorta estava, presa em seus próprios pensamentos e divagações, que Elizabeth somente se dera conta que sua pupila havia acabado o concerto, quando esta vem sentar-se delicadamente ao seu lado no sofá, portando uma bandeja de prata com seu licor predileto ao colo.

Elizabeth lhe sorri sutilmente ao servir-se e argumenta;

— Se o dia amanhecer agradável, como promete esta noite de lua cheia e fresca. Seria-me apazível assistir-lhe cavalgando os prados.

— Claro. — Ceccile assente incomodada. Conhecedora que era dos hábitos de Elizabeth e sua arraigada determinação em jamais sair de sua rotina, a fita discretamente de lado.

— Agora vai e descanse criança. — Elizabeth sorve outro gole de licor ao dispensá-la — Eu não me demorarei em subir também.

Ceccil sente estranho desconforto. Pensa em perguntar se elas não jantariam junto como faziam todas as noites, mas algo no olhar disperso de Elizabeth a impedia de importuná-la. Então se levanta, mas a fita com olhar curioso.

Elizabeth a encara de volta e de cima abaixo, de modo que a faz corar de vergonha.

— Terei visitas aqui, já nas primeiras horas do dia de amanhã.

Ceccile abaixa a cabeça e entende o motivo por trás da mudança na programação matinal. Supondo que Elizabeth esteja muito aborrecida. Já que a senhora havia optado pela reclusão e

abominava contato com qualquer pessoa que não a ela. E até mesmo a ela, quando por vezes a queria manter afastada.

Ceccile havia adquirido a habilidade de servi-la em silêncio, fazendo-se imperceptível ao seu olhar.



Duas semanas antes, em Nova Iorque...

Hugo Sanders soca a mesa a praguejar com Fintter, seu consultor e advogado pessoal;

— O que faz essa decrépita senhora crer que tenho qualquer interesse em seus alfinetes?! — ignorando a dor em seu pulso levanta o braço ao ar — Ela que os enterre consigo em seu caixão!

Fintter, cujo primeiro nome era Hugo também, havia acabado de informá-lo que uma pesquisa estava sendo feita por uma equipe de advogados e consultores brasileiros, com relação a todos os Sanders, por ordem de uma prima de sua falecida mãe, que ele nunca sequer havia ouvido falar.

Fintter assente e pende a cabeça a aguardar que acalme os ânimos do seu chefe e o vê seguir em direção à frente da janela no suntuoso escritório, sonho de visão de qualquer CEO de empresas, localizado no centro de Nova Iorque.

Hugo Sanders era aclamado o mais responsável pelo pai entre os quatro irmãos e havia assumido os negócios, assim como a chefia do clã de uma família frequentemente turbulenta, quando o pai decidiu ser o momento de afastar-se.

Hugo planejava para alguns meses à frente, tirar uma folga de tudo e todos por dois meses, mas já se via obrigado a adiar seus planos. E isso estava deixando a todos em sua volta com nervos expostos, e o temor por suas cabeças serem cortadas a qualquer motivo havia se instalado entre os subordinados, gerando um verdadeiro caos interno na empresa.

Não bastasse somente isso; Como problemas, tenha visto, nunca chegava desacompanhado de mais problemas.

Hugo havia perdido os pais recentemente em um acidente ao Sul do Pacífico, quando após anos separados, os pais haviam decidido estreitar laços e partiram em uma segunda lua de mel incentivada por ele. E ainda mais recente a irmã, que sofria pelo aborto do que seria seu quarto filho, estava a sofrer também, pela iminente e publicamente anunciada separação, dos quase 16 anos de casada com Clark Stoeler. Sendo este indivíduo considerado por Hugo; um idiota egocêntrico, que tão somente admitia pela irmã, que idolatrava ao irmão com a mais profunda afeição.

Hugo solta um audível suspiro e se volta para Fintter;

— Como está minha agenda para esta tarde?

— Somente um jantar com Connies e associados, estilo *Black Tie*¹, às 19 horas.

Hugo contrariado, solta um audível suspiro antes de reclamar — E possivelmente irão levar as esposas...

Fintter sorri fora do seu campo de visão.

— Possivelmente, sim. — responde tão somente a confirmar, já que o Sanders conhecia bem a família que vinha fechando negócios milionários com a sua há mais de três décadas e eram notória e concisamente tradicionalistas.

Não que Hugo fosse contra casamentos. Isso não! Mas ele preferia estar na lista de solteirões mais cobiçados do país, das revistas que eram terminantemente proibidas pelo mesmo, de

¹ Traje masculino de gala, cujas peças são pretas, exceto a camisa, que é branca. Smoking e gravata borboleta compõe o traje exigido em eventos formais importantes.

circular em seu território, do que se ver preso em algum casamento de conveniência com algum cabide de grife, que provavelmente nem poderia tocar entre quatro paredes sob a pena de ser processado. Ou ainda pior: Acordar na manhã seguinte ao seu casamento com uma mulher que conseguisse lhe convencer de que o via como homem e não a uma máquina de fazer dinheiro, para descobrir que ela não havia se casado com ele, e sim com seus bens!

— Vou visitar Giulia, — Hugo interrompe os pensamentos de Fintter — de repente eu consigo convencê-la a me acompanhar nesse jantar.

Giulia, apesar de ser um ano e alguns meses mais velha do que o irmão — pela sua educação e natural passividade —, evitava a qualquer custo contrariá-lo, e assim também era antes, com o pai. Sendo que o pai, fora definitivamente o responsável por Giulia ter se casado com Clark —, pensa Fintter com desgosto.

— Não creio que seja uma boa ideia... — considerou Fintter quase num murmúrio.

Hugo Sanders senta em sua cadeira a estudá-lo e Fintter fica tenso — Creio que seja — faz uma pausa a escolher bem as palavras —, desgastante, para alguém que há menos de três dias teve alta hospitalar.

Mas por dentro Fintter fervia e queria ter agarrado o chefe pelo colarinho e esbravejado; Canalhice sua, Sanders! Esconder-se atrás da irmã, quando poderia estalar os dedos e num piscar teria milhares de mulheres dispostas a beijar o chão que você pisa!

Fintter prende o ar em seus pulmões em busca de controle. Na verdade não considerava o chefe um canalha, mas quando se

tratava de Giulia, ele tinha que se desdobrar em vigilância para não agir sem razão.

Hugo solta um suspiro impaciente.

Agradava-lhe a companhia de Fintter, mas nem de longe poderia considerar o advogado como igual e jamais lhe daria abertura para confessar o que evidentemente sentia pela sua irmã. Essa era a sua decisão.

Por mais que tivesse sofrido em seu casamento com Clark, permitir que ela se envolvesse emocionalmente com um subalterno, alguém tão abaixo do seu nível social, estava fora de questão!

Mesmo que fosse alguém que ele estimasse como estimava Fintter. Clark era um boçal egocêntrico, mas possuía um nome conceituado e bens. E na tentativa de por peso em seus argumentos mentais, lembrava-se de seus sobrinhos.

Giulia amava o boçal do Clark, se não amasse, não teria lhe dado três filhos e engravidado ainda uma quarta vez.

Para finalizar; argumentava para si mesmo que seus sobrinhos mereciam crescer ao lado do pai deles.



Capítulo 2



Aproximados quatro meses e meio depois;

Hugo Sanders irá se deparar com a visão que jamais sairia da sua mente, e iria por ironia ou não do destino, julgar por muito tempo depois, ter começado neste dia, o seu verdadeiro tormento...

Após várias horas preso num congresso entediante, que se vira obrigado a participar de forma laconicamente ativa, sendo ele, um dos principais palestrantes da noite; Hugo senta em frente ao balcão de bar do hotel a ruminar seus pensamentos.

Sendo naturalmente reservado, devido a situação financeira e seus encargos, era obcecadamente desconfiado e definitivamente odiava a represália que a imprensa infligia aos seus e a si próprio com a sua perseguição cruel e desmedida.

Clark havia sido persuadido por ele a reconsiderar a separação de sua irmã e a voltar para casa. Claro que com a garantia de um fundo fiduciário extra garantido, sem contar os custos da mansão, que já vinham sendo pagos por Hugo desde a morte de seus pais.

E agora o irmão conhecido por todos, incluindo a mídia, como o *bon vivant*² da família Sanders. Simplesmente, desapareceu no ar.

² *Substantivo masculino*; indivíduo bem-humorado, jovial, que valoriza os prazeres da vida e sabe gozá-los.

E não que Rafael fosse ligado a qualquer convenção familiar ou demonstrasse qualquer espécie de respeito pelos irmãos ou aos pais. Seu irmão assumia o papel de ser à parte da família melhor que ninguém! E era? Hugo se pergunta com ar cansado. Rafael condenava a ele e ao pai de não viverem para outra coisa além de trabalhar e encher os próprios cofres e bolsos, mas por outro lado, quem custeava todas as suas regalias?

Quem moveria praticamente um exército para resgatá-lo de um iate qualquer em meio ao mar, rodeado de mulheres interesseiras, drogado e falido?

Hugo levanta sabendo qual a resposta para as próprias questões, dando as costas para a dose de uísque que havia pedido e deixou em cima do balcão, perdera o ânimo de beber, ao reconhecer duas perigosas colunistas aos risos no canto do salão, acompanhadas de duas figuras notórias também hospedadas no hotel. Ele segue ao seu apartamento, onde tudo que mais desejava era um banho demorado, seguido de uma noite de sono tranquila.

Ele trazia o paletó pendurado negligentemente no braço e já em frente à porta afrouxa a gravata de seda no pescoço e solta alguns botões da camisa. Deixa o paletó no encosto do sofá ao entrar na sala e paralisa no lugar ao identificar a sombra em meia luz de uma silhueta feminina na sua sacada.

Apoiada nas grades do parapeito, ela olhava para frente inconsciente da presença dele, e não fosse a irritação acumulada de todos os acontecimentos anteriores, talvez ele tivesse percebido antes que a figura feminina tremia de leve, que chorava calada, e levava a mão ao rosto com intenção de secar algumas lágrimas.

Separados por uma porta de vidro, lhe dita o bom senso, que apesar de sua irritação, deveria aproximar-se com cautela e assim

ele o faz, batendo no vidro antes de deslizar a porta corrediça para passar.

— Pare! — ela levanta as mãos, subitamente pálida, e depois passa uma das mãos rapidamente na boca em um gesto mais que evidente de pânico.

— Não se aproxime mais! — ele a vê recostando-se perigosamente na grade do parapeito e quase não registra o pedido ou a pergunta a seguir — Quem é você?

Quem sou eu? — ele pensa — Mas quê merda estava acontecendo?

Hugo se pergunta a estudá-la de cima abaixo, e de volta fixa seu olhar azul acinzentado no olhar esgazeado desconfortavelmente claro e apavorado dela sob a luz, irado.

— Deveria ser eu a fazer essa pergunta! — e sardônico acrescenta abrindo os braços;

— Afinal, é você quem está no meu apartamento, e não me recorde de ter autorizado ninguém a estar aqui!

Nesse momento Hugo semicerra os olhos e age rápido em agarrá-la pelo braço puxando-a de volta, quando uma revoada de pombos os atinge de súbito a desequilibrando e chega a ver o corpo dela tombar por cima da grade.

Furioso a vira de frente à frente dele e a força a olhar os 26 andares abaixo.

— Você é maluca, ou suicida!? — empurra-a contra a grade e esbraveja — Se quer matar-se, escolha outro quarto!

Com o coração batendo em disparada dentro do peito e a respiração ofegante fixam o olhar um no outro e ela fecha os seus apertados a lamentar num sussurro;

— O mesmo olhar!

Hugo sente um tremor de alerta percorrendo sua espinha e olha em torno aos prédios vizinhos.

Incomodado com a possível exposição pública, ele a puxa pelo braço para dentro da sala fechando a porta de vidro e em seguida corre a se interpor entre ela e a porta de saída.

— Aonde pensa que vai? — aponta a porta de vidro da sacada e bufa — Não acha que eu mereço uma explicação que me esclareça o que é que levou você a estar aqui, e o que foi que aconteceu naquela sacada?!

— Eu devia imaginar que, que não era — ela começa a tremer, balança a cabeça em negação e olha para o chão —... Prudente, vir. Foi um engano, eu, eu não roubei nada e, não se preocupe Sr... Não me verá mais...

Hugo meneia a cabeça em negação encostado contra a porta e estando um pouco mais calmo, solta um suspiro e a estuda de braços cruzados sobre o peito. O porte elegante e esguio da jovem envergava duas peças em primeira vista; a sandália a meio salto em seus pés, que julgou ser um perigo comprovado à saúde física dela, ornado com pedrinhas brilhantes em duas tiras e o vestido em crepe de seda, e imediatamente em seguida à sua avaliação, pensou no que o impediria de tomá-la em seus braços e beijasse os lábios trêmulos e delicados, mas sério ele caminha em direção a ela. Contendo o pensamento impróprio.

— Eu não vou tocar em você — mesmo que quisesse, não o faria e argumenta;

— Eu só quero entender. Quem você esperava encontrar aqui esta noite? — perguntara pausadamente e em tom moderado, porque algo em seu íntimo o alertava de que ela não teria invadido seu quarto sem um motivo justo.

— Hugo, eu, esperava encontrar, Hugo Sanders. — balbucia a desfalecer em seguida, antes que ele tivesse tempo de ampará-la.

Hugo simplesmente se nega a acreditar no que está acontecendo, levantando-a em seu colo, ele a leva para o quarto.

— Tudo que eu desejava era um banho e uma noite tranquila de sono. É pedir muito? — reclama ao deitá-la na cama. Examina o batimento em seus pulsos, ok, aproxima o rosto junto ao dela para conferir se estava respirando, ok novamente...

O aroma suave de pêssegos com baunilha e algo mais na pele feminina age como bombardeio atômico em seus sentidos mais primitivos e ele levanta a observá-la de longe.

Agora, mais do que antes, está desejando um banho!

Previdente, mas nada sensato. Hugo segue de volta à sala e tranca ambas as portas de saída e de acesso à sacada.

— Se ela conseguiu entrar — pensa alto — É porque deve ter conseguido outro cartão de acesso...

Hugo volta ao quarto. Se ela estivesse sem roupa, não teria como fugir.

O pensamento era absurdo, mas ele olha para ela e solta um suspiro reflexivo encolhendo os ombros.

— Sinto muito moça, eu preciso de um banho, e para sua própria segurança, também de algumas respostas suas. Então não vou deixar que saia daqui, sem que antes tenhamos uma conversa séria.

Hugo a despe do vestido e rapidamente a encobre com a colcha, reparando uma cicatriz próxima ao olho direito, que havia sido atenuada pela maquiagem agora gasta. Fica tentado em tocar nela e afasta-se abrupto.

Não tocaria na moça mais do que julgou necessário, não seria apropriado. Então pega o vestido que tirou dela e segue ao banheiro.

Com pensamentos eróticos sobre eles dois juntos debaixo do chuveiro, sim. Isso de forma alguma era também apropriado, mas ele o faria sem culpa alguma.



Capítulo 3



Eram quatro horas da manhã e Hugo caminhava de um lado ao outro na sala anexa à sala de segurança da qual foi convidado em se retirar a aguardar a saída de Fintter, e assim que seu advogado sai ele levanta as mãos em defesa de si mesmo a encará-lo.

— Eu não fiz nada com a invasora!

Fintter levanta a mão mostrando a palma a pedir que se acalme.

— Vamos subir. — aconselha com ar cansado — Lá conversamos, ok?

Hugo concorda e ambos seguem ao seu apartamento para discutirem como procederiam a seguir.

Após o banho, que certamente não havia ultrapassado 20 minutos, Hugo sai do banheiro e para sua surpresa e aborrecimento, a moça que havia surpreendido antes na sua sacada não estava mais em seu apartamento. O gerente foi chamado e tão logo foi informado da invasão, mediante a situação delicada, ele solicitou a cooperação de todos os funcionários que pudessem dispor de qualquer informação sobre a moça e o ocorrido.

Com algumas horas de discreta, mas exaustiva investigação interna, o gerente volta a encontrar-se com Hugo informando-o de que uma moça havia sido identificada nas imagens registradas pelas câmeras internas e o convidou a acompanhá-lo até a sala de

segurança para certificar se a moça em questão era a mesma acusada de ter invadido seu apartamento.

O gerente autoriza a exibição das imagens que mostra o momento em que a moça se aproveita de um descuido da camareira para entrar no apartamento e prontamente se desculpa, alegando que a camareira era nova no hotel e não fossem as faltas de outras três funcionárias, esta novata não estaria em especial neste andar.

O comentário ácido e implicitamente ameaçador de Hugo quanto à exposição a que sentiu sujeitado desencadeou uma revolta íntima no gerente, e este, dissimulando calma e compreensão que estava longe de sentir, seguiu com seu relatório, de que havia demorado a entender como ela havia saído do apartamento, e nesse momento Hugo congela, a assistir na tela de segurança, a mesma moça cujo aroma ainda assombrava seus pensamentos, enrolada tão somente em um lençol, chorando a tremer convulsivamente encolhida em um corredor que ele desconhecia.

Mas logo foi informado pelo gerente, agora em tom mais evidente de sarcasmo, que devido às suas investigações, podia supor que a moça havia pedido o jantar e na entrada do funcionário ela havia se aproveitado para evadir pelo corredor de serviço acrescentando:

— Sinto se por nosso descuido tenhamos exposto a ambos a uma situação, diria, tão delicada...

"O sorriso no canto da boca do gerente fora substituído por um fio de sangue e consequente inchaço em tons de amarelo e roxo, provocado por um Sanders enfurecido"

E o pior a ser publicado;

"Pobre da jovem e educada hóspede, que ao enganar-se de andar, viu-se obrigada a evadir o hotel sem roupas e sem mala."

— Não, Não, e NÃO!



... Sr Sanders, Sr Sanders... Está tudo bem?

— Oi, ah! — ele esfrega os olhos e justifica-se — Acho que tive um pesadelo. Onde estamos? — pergunta para a aeromoça que educadamente lhe sorri de volta.

— Estamos em terra firme, senhor. — ela volta a sorrir ao ajudá-lo com o cinto.

— Acordo de um pesadelo para viver outro! — reclama com irritação, mas ao observar que o olhar da moça perde o brilho, retifica-se rapidamente — Não pela sua terra — nota o nome no crachá –, Eveline. Mas pela empreitada a que venho assumir aqui, de má vontade, diga-se de passagem.

— Desculpe senhor — a aeromoça cora a parecer-lhe não ter compreendido seu desabafo.

Hugo faz uma careta involuntária e levanta-se — Desculpe-me a mim — e ruma mais para si mesmo — Palavras curtas, Hugo, palavras curtas...

Logo que desembarca Hugo sorri ao avistar o rosto conhecido segurando uma placa com seu nome.

— John! Que maravilha!

Ambos se cumprimentam e John o encaminha para a plataforma adiante, animado.

— A fazenda é realmente um paraíso, provavelmente por estar localizada em uma região quase inacessível. — faz breve pausa e

encara-o, sorrindo — Quanto tempo pretende ficar?

— Uau! — brinca Hugo com uma exclamação de alívio.

John mira ao Hugo de soslaio, confuso se a exclamação seguida de sorriso franco era para ele ou se estava rindo dele e emenda;

— Não pretendia ser indiscreto. Só perguntei, porque estando lá, deve saber que não há comunicação via GSM ou rádio, ou telefone fixo... Pode rir. — John também sorri — Mas é fato que o telefone de linha mais próximo fica em torno de 12 quilômetros da fazenda...

Hugo fecha lentamente os olhos tornando a ficar sério e volta a abrir a encarar o amigo, preocupado.

— Energia elétrica, ao menos?

John afirma assentindo ainda rindo e lacônico comenta;

— Rafe agradeceu-se muito da localidade. Eu sei, porque fui eu quem o trouxe de volta ao presente.

Hugo arregala os olhos a encarar John e John se preocupa;

— Eu disse algo que não devia?

— Não! — Hugo responde rapidamente — Diga-me John. Quando foi que ocorreu esse resgate? Onde o levou depois?

John relaxa as feições antes tensas e ambos embarcam no helicóptero... Retificando; o 'seu' helicóptero!

Agora é Hugo que sente os nervos congelarem, quando ele compreende que é seu amigo desde a escola primária, cheio de sardas na época, quem vai pilotar!

— Relaxa Hugo. — John aconselha — Curta o passeio.

Hugo move a cabeça em afirmativo.

— Ok. Mas diga-me John... Oh Meu Deus! — exclama de súbito ao ver as montanhas abaixo salpicadas de casas, várias delas, umas em cima de outras como se fosse um amontoado de caixotes disformes e se perde um momento do que ia tornar a perguntar — É bem diferente ao vivo!

John simplesmente ri com a atenção voltada aos monitores.

— Eu sei, eu sei. Estive em seu lugar uns dois meses atrás e não gostei nem um pouco da sensação. Desculpe se te ofende, mas teu irmão está ainda mais louco que antes, meu amigo.

— Fora a última vez que você o viu?

A insistência de Hugo no assunto preocupa John e ele demora-se um tempo concentrado nas coordenadas antes de perguntar;

— O que ele aprontou dessa vez?

John era um amigo de muitos anos e Hugo dá-se conta de que está agindo com ele como o faz com as demais pessoas em sua vida, ele limpa a garganta e se retifica;

— Desculpe-me, John. Ele desapareceu, sumiu do radar.

— Não esquentar. — John bate em seu joelho — Ele se vira bem sozinho. Sempre se virou.

— Eu que o diga — devolve Hugo —... Dois meses...

— E uma semana — emenda John e sorri — E quase fez com que eu perdesse meu brevê! Olhe aí à sua direita, observe onde acaba o asfalto, vê?...



O coração de Ceccile começa a bater em ritmo frenético ao ouvir o reconhecido barulho de helicóptero se aproximando e de ímpeto levanta-se da cadeira a tontear nauseada.

Ana corre a limpar as mãos no avental e seguir em seu auxílio.

— “Vai filha. Se esconde, deixa que eu cuido do Satanás!”

Ceccile concorda sem piscar e com a visão subitamente enturvada pelo pânico que a domina, ela se ampara nos móveis para não cair e toma rumo em sentido à sala anexa ao hall de entrada.

“Deus! Eu já não sofri o suficiente?” — roga em lamento e sente lágrimas arderem em sua garganta, mas no fundo sabia que cedo ou tarde teria que enfrentar isso.

Ana, já do lado de fora da mansão sinaliza para o chefe da segurança, que já estava a postos desde que o barulho ao longe anunciava a chegada dos visitantes possivelmente indesejados. E antes que as hélices do helicóptero parassem de girar, pouco mais de 15 homens estavam acumulados em frente à entrada principal da mansão, com uma Ana determinada e mega furiosa à frente deles.

Hugo e John se entreolham abismados e o instinto de preservação de ambos era de voltar atrás, entrar novamente no helicóptero e partir da fazenda sem olhar para trás, mas estacam literalmente petrificados ao pé da escada, sentindo-se os alvos de um possível fuzilamento.

A senhora que estava na frente do grupo se aproxima em passos firmes e soca os dedos gordos no peito de Hugo a praguejar algo que ele não teria como compreender e Hugo olha para John a pedir auxílio, mas o que vê, é um John pálido como a lua, que já se mostrava grande e brilhante, em contraste com o azul escurecido no céu de fim de tarde.

Por alguns longos segundos Hugo considerou a morte iminente e prendeu o ar em seus pulmões ao ver seu amigo levantar a mão e pousar gentilmente no ombro da mulher voluptuosa com expressão irada.

— “Não foi ele, foi o outro.” — interpela John apontando ao Hugo
— “Ele não sabia de nada, e nem eu!”...

Hugo solta o ar que não imaginava estar mantendo preso em seus pulmões ao perceber que John estava conseguindo argumentar e conter a fúria da matrona com olhar faiscante.

— “Ele não entende o que a senhora diz” — John engole em seco antes de pedir — “Posso explicar?”

Ana leva as mãos logo abaixo da cintura e move os ombros consentindo, ainda mirando um e outro com raiva, e John olha para Hugo com expressão de lamento.

— Nem sei como começar.

— Simplifica. — sugere Hugo a estudar John, e desconfiado do que poderia ter acontecido e cansado, solta um suspiro.

— O que ele fez dessa vez?

Não era preciso acrescentar o nome do seu irmão à questão, não quando desconfiava que estivesse sendo responsabilizado por ele. Por algo que ele tenha aprontado. O olhar de John era de pesar e Hugo já pensava que teria que sacudir o amigo para soltar a sua língua, quando John resolve falar;

— Violentou a Ceccil.



Capítulo 4



Profundamente consternado, ele leva a mão no rosto, agora, com a mesma expressão de pesar que o amigo.

— Diga, diga que vamos embora.

Hugo não imaginava que seu irmão havia descido tão baixo. Não com a avalanche de mulheres que já o recebeu em sua cama desde que Rafael entrou na puberdade.

John reflete por alguns instantes e se volta para Ana com a sua própria versão, escolhendo bem as palavras:

— “Ele está com raiva do irmão e vai defender a Ceccil”

Ana mira um e depois o outro com desconfiança e com dedo em riste ameaça:

— “Se machucarem ainda mais nossa Ceccil, vocês vão sair daqui a pé, porque eu e os outros” — ela aponta para trás em seguida para o helicóptero atrás deles — “vamos quebrar essa geringonça aí! E tem mais! Se ela não quiser falar com vocês. Nem tem conversa, vocês vão voltar para o inferno de onde vieram, ou não me chamo mais Ana Schoeler!”

Hugo engole em seco e se aproxima de John.

— Ela disse Stoeler?

— Não. — o amigo nega — Se acalme que depois eu explico. Vamos.

Ana segue à frente, Hugo segue ao lado de John logo atrás e ambos ficam perplexos com a autoridade que ela exercia sobre os homens aos quais, sem dizer uma única palavra, ela aponta quatro deles e os demais se afastam calados, deixando-os em destaque e a acompanhar o trio para dentro da mansão. Ainda na varanda, Ana comenta em tom menos irritado algo a John e John traduz para Hugo;

— Ninguém além dela pode se aproximar ou se dirigir a Ceccil. — como Hugo demonstra não entender, John encolhe discreto o ombro — Não me pergunte, foi o que entendi.

Ana faz com que se sentem lado a lado sob os olhares vigilantes dos quatro homens armados e segue adiante entrando em outra sala e Hugo se volta para John apontando com um movimento discreto do queixo.

— São espingardas de caça?

John espia rapidamente e responde também discreto — Machucam tanto quanto, e as que trazem nas cinturas, matam.

— Aonde vim parar. — Hugo reclama e John rebate:

— Onde “ele”, e não diga o nome, nos fez chegar!

Ana retorna tão irritada quanto estivera antes, apontando o indicador na direção de Hugo e indicando que saiam com a outra mão.

Hugo se levanta rapidamente a falar de forma que Ceccile o escutasse em sua língua:

— Ceccil, eu não machuquei você! Acredite, eu não machuquei você!

— Vamos embora, Sanders. — pede John a tocá-lo no braço, e Hugo insiste:

— Ceccil acredite, eu não fiz mal a você. Ao menos dê a chance de me explicar!

A porta da antessala entreabre e Ana sinaliza aos homens que aguardem quando estes se prontificam em sair.

— Hei Hugo, parece que conseguiu — comenta John com meio sorriso e ambos voltam a sentar.

— Isso é...

— Surreal, eu diria — complementa John a aguardar com Hugo.

— “Oh minha filha, me deixa mandar de volta para o inferno de onde vieram esses demônios!” — apela Ana preocupada e ainda um tanto exaltada.

— “Não vou me aproximar demais, Ana. Mas, também não posso ser injusta. — responde Ceccile um pouco mais calma, mas ainda um tanto pálida — Todos os bens que eram da senhora Nill, serão deles agora”.

Ana volta a sair da antessala engasgada, com passos largos e socados ela aproxima de John e aponta o indicador em seu rosto, sabendo que ao menos ele a entenderia;

— “Quando a senhora Nill estava para morrer, me fez prometer tomar conta de tudo aqui. E principalmente do bem mais valioso, que é a Ceccil. — John vê a fúria sendo transformada em piedade e lágrimas nos olhos de Ana — E embora ela mesma acredite que faz parte do patrimônio como um objeto e não como um ser humano,

se qualquer um de vocês caírem na besteira de tocar ‘nela’, sem a autorização ‘dela’. Eu juro pela minha vida que eu mato vocês com minhas próprias mãos! Já basta o que aprontou o irmão daquele lá!”

John concorda com um movimento de cabeça a sério, agora não mais com medo e sim com grande respeito pela brava defensora da anfitriã da casa, à sua frente. Com um gesto de Ana os guardas se retiram da sala, tal como entraram, sem abrir a boca.

— “Tem algo lá de que vocês precisem para passar a noite? — ao ver a cara de espanto de John Ana move o ombro — Pelo adiantado da hora, e se vão querer conversar com Ceccil, vão passar a noite aqui, imagino.”

John se volta para Hugo, explica por alto o que Ana lhe dissera e acrescenta;

— Se quiser ir embora o momento é esse, mas decidindo ficar, não vai estragar tudo...

— Eu quero. — responde Hugo — Preciso ficar, John.

John solta um suspiro irritado com toda a merda da situação em que se encontram.

— Espero que tenha algo naquela sua mala pra mim também. — afinal, ele não deixaria ali o amigo entregue à própria sorte, sem nem ao menos entender a linguagem local.

Hugo segue com John de volta ao helicóptero e no caminho se dá a oportunidade de ver em torno, toda a suntuosidade do local.

— Era para ser intocável.

— O quê? — pergunta Hugo.

John cai em si e dá de ombros;

— Nada. Só estava pensando alto.

— Sobre meu irmão. — começa Hugo — Posso estar sendo precipitado, mas pelo que entendi, ele fez uso do que acreditava ser dele, se ela mesma acredita...

John para e o encara indignado, não fazendo questão alguma de esconder isso.

— Não está falando sério, está?

— Calma, John. — Hugo mostra a palma — Como eu disse, posso estar enganado, mas é só observar em volta, a situação toda é... Estranha, para dizer no mínimo, não é? Algo a refletir.

— Então reflita! — rebate John — Mas saiba que depende de você sairmos daqui vivos amanhã! — havia algo de desespero na expressão do amigo e Hugo não rebate mais, simplesmente assente concordando.

Ambos voltam para a mansão e para a surpresa dos dois, é Ceccile quem os aguardava no hall. Com gentileza e de cabeça baixa, ela se oferece para acompanhá-los e mostrar a eles seus quartos.

Hugo a observa calado no trajeto pela mansão e não lhe passa despercebido o brilho triste no olhar dela.

— Perdoem-me se de alguma forma eu os ofendi com minha ausência.

— É compreensível, dadas às circunstâncias. — Hugo adianta-se na tentativa de poupá-la de qualquer embaraço e no mesmo

Instante em que ele dá um passo na direção dela, Ceccile automaticamente dá um passo atrás, a manter distância.

— Perdoe-me — ela ensaia um sorriso educado — O jantar será servido em 45 minutos. Estejam à vontade, caso queiram algo, estarei na sala de música, terceira porta à direita no grande salão.

— Se não for incômodo. — John intervém — Eu preferia estar com a senhora Schoeler e ajudar em algo. — ele sorri amistoso — Gosto de cozinhar. — e também de algo mais, John pensa, contendo abrir mais seu sorriso.

Ceccile pensa em inventar uma desculpa, mas escuta a si mesma incrédula a assentir;

— Claro... Sr Sanders?

— Se não lhe fosse tão desagradável a minha presença, eu a acompanharia de bom grado — responde Hugo com uma breve inclinação de cabeça formal.

Tal como John, Hugo estivera intimamente curioso, mas ressentido por Ceccile ter se afastado dele como se ele fosse contagioso, observa satisfeito que ela cora levemente ao ensaiar um sorriso educado.

— Se mudar de ideia, é só seguir o som da música. — talvez fosse a última vez que Ceccile teria a chance de desfrutar de algo que tenha sido para ela uma prazerosa rotina, então ela se volta para John — Senhor...

— John, somente John. — ele a corrige com o mesmo sorriso amistoso de antes.

— Claro. — Ceccile cora ainda mais — Me acompanha?

John a acompanha pela mansão e Ceccile estaciona em frente à entrada de portas duplas, onde ela pega um pequeno sinete e o balança.

Em poucos segundos Ana aparece entre as portas e Ceccile lhe sorri, agora voltando a falar em português.

— “O senhor John gostaria de acompanhá-la e ajudar nos afazeres da cozinha, Ana, seja gentil.”

Ana sorri de volta para Ceccile concordando e assim que Ceccil se retira, Ana se vira para John com cara de poucos amigos.

— “Está achando isso divertido?”

John dobra as mangas da camisa e devolve em tom moderado:

— “Não. E se ele ultrapassar os limites de distância segura, eu seguro e você mata. — antes que Ana tivesse tempo de pensar ele pergunta — O que posso fazer para ajudar?”

Ana bufa levantando os braços;

— “Tudo que souber fazer! A regra do Major também é viva aqui na cozinha! — John a encara sem entender e ela abre as portas por trás de si —... Você entra e elas saem.”...

— Isso tudo... — John limpa a garganta — “Isso tudo para alimentar quatro pessoas?”...

Ana sorri sem querer, e seu sorriso era bonito, John pensou.

— Parte do que está vendo aqui — ela explica —, será também o jantar de mais de 30 famílias que trabalham aqui na fazenda e moram longe.

Ou eles achavam que toda manutenção da fazenda e da mansão eram feitas por mágica? — Ana pensa, soltando um muxoxo.

— “Oh meça! Só eu e a senhora não vamos dar conta!”

Agora Ana contém a vontade de gargalhar, John não lhe parecia mais compactuar com o demônio que julgara antes, ela cruza os braços e arqueia as sobrancelhas.

— “Eu não cozinho mais. E correção; apesar da idade, não sou senhora, sou senhorita.”

— “Bom; senhorita Schoeler. Eu tenho uma sugestão”...



Capítulo 5



Ceccile aproxima da porta dos aposentos de Hugo e hesita em bater, engole em seco e respira fundo.

Hugo estaciona a certa distancia e fica a observá-la. Por um instante acha graça na evidente hesitação ao levantar e baixar de punho dela, mas quando pressente que ela vai desistir, ele limpa a garganta e mostra-lhe a palma;

— Não desmaie, por favor. — diz em baixo tom com a lembrança ainda fresca dela desmaiando antes a atormentá-lo em seus pensamentos.

Ceccile dá um passo em sua direção, e mesmo não conseguindo olhar em seus olhos, Hugo leva em conta que foi um ato de coragem da parte dela a julgar pelo seu comportamento anterior.

— Analisando a colocação das palavras, creio que não soube me fazer entender. — ela diz ainda olhando para algo abaixo dos seus joelhos. — seu inglês era perfeito para ele.

Hugo dá um passo atrás com um brilho divertido no olhar e arqueia as sobrancelhas;

— Sua elocução, eu diria pelo que soube, até mesmo; erudita. Não deixa margens para especulações. — havia um traço de sarcasmo disfarçado de boa educação em seu tom de voz — O que ironicamente, no mundo de onde venho; certamente pode ser interpretado de modo antagônico. — conclui seco.

Em qualquer outra situação, Hugo não teria percebido o piscar de olhos vacilantes e o movimento no pescoço dela, ao indicar que ela havia engolido em seco. Nem teria notado a pulsação acelerada nas veias expostas em seu colo e pescoço delicadamente exposto, antes dela voltar a pronunciar-se.

— Posso então, atrever-me acreditar que, deliberei o ato? — ela pergunta em baixo e emocionado tom, levantando o rosto a olhá-lo nos olhos — Agindo... — seus olhos escurecem tomados por um brilho triste — de modo antagônico ao que... — os lábios tremem e ela respira fundo em busca de controle.

— Desculpe-me, creio que os sentimentos e emoções que me aflige estejam impossibilitando minha capacidade de me fazer entender em sua língua.

Hugo não encontra palavras, desconcertado fita o chão, e ela, percebendo seu embaraço, ensaia um sorriso doce.

— Há algo que possa fazer para me redimir de qualquer constrangimento que lhe tenha causado, Sr Sanders? — ela hesita por um segundo — Um licor, talvez?

Hugo nega com a cabeça e chega a abrir a boca algumas vezes na tentativa de falar algo que preste. Mas todas as perguntas que queria fazer lhes escapam como ratos em navio naufragado.

— Licor? — diz por fim, em eco à sugestão dela.

Ela afirma assentindo e ele a acompanha. Tomando uma ‘distancia segura da moça’, como havia prometido ao John.

Chegando ao salão de música, Ceccile lhe indica o sofá que Elizabeth Nill antes sentava para ouvi-la tocar, o que agora lhe parecia ter sido em outra vida, e não apenas até alguns meses atrás.

Hugo sente o conforto do sofá aveludado na ponta de seus dedos ao sentar como se estivesse sendo acariciando de volta.

Tudo no lugar era agradável aos olhos e o aroma que pairava no ar fora automaticamente reconhecido pelos seus sentidos, pela semelhança com o aroma que sentira em Ceccile semanas atrás, e no vestido coral com estampas suaves — que só agora admitia a relutância em mandar lavar.

Um sorriso discreto levanta o canto dos seus lábios ao lembrar as diversas desculpas que usou pelo vestido estar sempre ao alcance das suas mãos e também preenchendo seus sonhos com fantasias diversas. E tão absorvido estava por esses pensamentos, que não percebeu a bandeja que Ceccile havia deixado em cima da mesinha esculpida em pinho de Riga ao seu lado, com duas garrafas de cristal e um copo, até que começou a ouvir o início de notas musicais suaves, de fundo triste e pausado, de uma melodia até então desconhecida aos seus ouvidos.

Seria uma composição dela? Estaria naquelas notas o sentimento e as emoções que ela não conseguia expressar com palavras? Suave e gradativamente a melodia incorpora um tom mais alto, notas mais curtas e passagens rápidas, provocando certa tensão em Hugo, que subitamente lembra do momento em que haviam se encontrado e trocado as primeiras palavras. *“Não se aproxime mais! Quem é você?”* — e agora ele se perguntava — Quem sou? — como se respondendo a sua questão, o ritmo na melodia mudou para algo mais calmo e ainda triste — *“O mesmo olhar”* — ela havia dito outrora.

Hugo se remexe no assento incomodado. Não a estava estudando e sim a si mesmo e num reflexo de defesa ruma em pensamento; Sim, o mesmo olhar do meu irmão, mas acabam aí as semelhanças. Não fui eu quem violentou você. — mas logo sente um aperto na garganta. Afinal, o que estava ele fazendo ali?

Invadindo seu espaço, o seu mundo tão singular. Não seria essa invasão também uma forma de violência? — sua consciência lhe perguntava ao perceber que ela o fitava com suas mãos enluvadas sobre o piano.

Ceccile sente o rosto esquentar e foge do olhar de Hugo sentindo uma lágrima furtiva rolar em seu rosto sem que tivesse controle. Tinha visto como a sua melodia havia mexido com ele e estimulado as mudanças nas expressões em seu rosto e isso a tocava no íntimo, com um desejo recém-descoberto.

Estaria ela descobrindo as suaves carícias de um amor sereno? Ceccile suspira discreta e pensa; — Poderia eu ter esse direito? — meneia a cabeça em negativa e vira o rosto na direção de Hugo.

— Desculpe, disse alguma coisa? — ela pergunta e ele sorri de lado.

— Assim me faz acreditar que somente nossos corpos estiveram aqui. — ele mostra o copo e ela fecha a tampa do piano a levantar-se — Você toca muito bem. — elogia vendo-a aproximar-se — Somente um copo? Não bebe comigo?

Ceccile senta no sofá em frente a Hugo e nega com a cabeça, ele prova do licor e põe de volta o copo na bandeja, Ceccile sente-se desconfortável e fixa os olhos nos próprios joelhos.

— Suponho que devia tomar alguma atitude, mas temo ofendê-lo com alguma incoerência. — era tudo muito novo, não sabia como agir diante dele.

Hugo endireita no assento entre sério e sereno à sua frente.

— Ceccil, me permite lhe fazer algumas perguntas concisas? Algumas, até, bastante pessoais? — ele aguarda qualquer mudança na expressão dela que indique contrariedade e não vendo qualquer

resistência da parte dela continua — Como voltou para cá? — Como ela havia ido, satiriza sua consciência em resposta.

E o que queria mesmo saber; era como ela havia simplesmente desaparecido sem deixar qualquer rastro após a sua fuga do quarto dele no hotel onde se encontraram pela primeira vez, mas a oportunidade havia passado.

Entendeu isso ao ver que o sangue vinha fugindo do rosto dela e que lágrimas ameaçavam escapar dos seus olhos. Sentiu a vontade súbita de levantar-se e a amparar em seus braços a consolando, dizendo-lhe que tudo ficaria bem. O instinto de proteção tão intenso que deve ter refletido em seu rosto ou atitude, porque ela abriu mais os olhos em alerta e se encolheu sutilmente. E somente isso foi o suficiente para mantê-lo parado no lugar.

O que havia de tão especial nessa mulher que o dominava deste modo? Não era medroso, logo, não eram os peões armados do lado de fora.

— Eu não ia te ferir — ele diz simplesmente aproveitando a oportunidade de defender seu ponto de vista — Não queria que você tivesse como fugir e não pensei em consequências, queria respostas e fui insensato... — faz uma pausa, reflexivo e a fita — Mas agora vejo que nada justifica o que fiz — e o que pretendia fazer também, pensa ao levantar. — Minhas sinceras desculpas, Srta Cintra. — definitivamente, não podia fazer isso com ela.

— Senhor Sanders. — ela diz baixinho, de cabeça baixa e ele mantém a atenção nela — Estou grávida. Carrego em meu ventre, um filho que acreditei ser de Hugo Sanders.

Hugo volta a sentar e parcialmente refeito do impacto inicial que a notícia lhe causou, ele a encara agora entre pasmo e incrédulo. Não com relação à gravidez, mas sabendo da preferência

de seu irmão por mulheres safadas e até cruéis, desconfia por um momento se não está diante de uma ótima atriz; favorecida com o pano de fundo perfeito, com o aroma que o vinha assombrando tão perto e o paladar do licor agora amargando na boca, se convence de que tudo ali estava a favor daquela menina mulher em seu ato dramático.

— Acho que previ isso. — ela comenta em tom de voz baixo e ressentido ao fitá-lo.

— O quê? — devolve secamente.

Era tão previsível assim em suas expressões?

Ceccile engole as lágrimas que teimam molhar seus olhos, sentindo como se tivesse sido apertado seu coração e parte dos pulmões, dificultando sua respiração.

— Sinto muito. — as palavras seguintes ficaram só em pensamento, e era de não ter como explicar o que nem mesmo ela entendia — A respeito de mim mesma. — disse num murmúrio.

— Ceccile. — rebate ele em tom seco — Vou ser franco com você. Você conseguiu. — por uma fração de segundo ele hesita, mas acaba despejando mecanicamente — Da mais profunda afeição, me levar ao asco. — disse tão pausadamente, que não havia dúvidas de que ela o tivesse entendido.

Mas no instante que disse a sua vontade fora de arrancar a própria língua, ao ver o impacto que sua declaração havia causado na moça, mas se ampara no mastro do orgulho próprio para não voltar atrás e implorar que ela o perdoe.

Tremendo por dentro, ele mantém a expressão congelada ao levantar-se e com pé frente ou outro, sai do salão.

Ceccile continua no mesmo lugar, como se o mundo em sua volta tivesse parado. Somente ouvia o suave sopro da própria respiração.

O cume da sua dor mais parecia com efeitos de algum analgésico forte a percorrer suas veias a congelando de dentro para fora. Somente o sopro quente na garganta dolorida e a pulsação intermitente e pausada em suas têmporas eram sinais de que ainda estava viva.



Capítulo 6



Hugo sai da mansão a caminhar pela fazenda, nenhuma viva alma se fazendo ver aos seus olhos em qualquer lugar que olhasse.

Buscava dissipar os pensamentos a reparar na suntuosidade das mediações. Apesar de ser outono no país, mesmo em se tratando do clima tropical, ele não havia encontrado ao pé das árvores centenárias uma única folha e se perguntava como e a que custo, se mantinha uma herdade como esta em meio a lugar nenhum, tão evidentemente bem cuidada. E lembrou-se do principal motivo que o levava a estar ali. Os Connies.

Os Connies! — ecoou em sua mente culpando-os em primeira instância, em seguida culpou Ceccile.

“A inocente dama inglesa, vítima do mais ilibado dos Sanders”
Inocente mesmo?

Acreditar nisso era dolorosamente impossível. O irmão e ele é que eram as vítimas! Eram? — perguntava sua consciência e mentalmente rebatia — senão dela eram das circunstâncias!

Hugo sacode a cabeça e bufa; Ceccil, Ceccil...

Em um impulso ele se vira em direção a mansão com intenção de impor a ela o que queria e para em seguida. — Ela se oporia? — suspira — Claro que não. Ainda mais agora...

Hugo volta a soltar o ar irritado, sem chão pela primeira vez em sua vida como adulto;

— Grávida! — meneia a cabeça em negação.

— Tinha que haver outra forma!



— Filha. — chama Ana a tocar seu ombro — Que foi meu anjo?

Ceccile a encara sem realmente vê-la e Ana solta um forte suspiro aborrecida — O que ele fez com você? — pergunta a ela com irritação.

Ceccile põe a mão sobre a mão dela em seu ombro e dócil ensaia um sorriso que lhe corta o coração.

— Nada. — ao menos nada que não esperasse, Ceccil pensa e levanta-se devagar testando se tinha força nas pernas para mantê-la de pé.

— Peça desculpas aos cavalheiros por mim, e por favor, Ana, seja educada com eles, sim? — pede num fio de voz e toma curso em direção aos seus aposentos deixando Ana para trás, com seus próprios pensamentos e pesares.



Hugo havia cansado de ver beleza e agora caminhava pelas mediações a procurar defeitos.

Fosse uma lâmpada queimada em um dos postes de ferro espalhados a perder de vista no horizonte da fazenda, fosse uma grama mal aparada... Olha ao jardim de hortênsias e irrita-se com a simetria com que foram plantadas. E os funcionários? Quando

achava que via algum. Eram somente vultos que esvaíam no ar com sua aproximação, e ele volta a pensar em Ceccile. Em como conseguia aguentar tamanha solidão por tanto tempo. Por conseguinte supõe a sua carência e a imagina entregando-se ao seu irmão por vontade própria...

Amenizava a sua consciência pesada, mas porque ainda se sentia atormentado? Teria ele se encantado com a conquista do seu irmão? Seu irmão caçula e imprudente?

Claro que não! — afirmava para si mesmo a aprumar-se, mas logo se encolhe novamente — É essa merda de lugar! Que deixaria a qualquer um louco!

— Está grávida.

— É. — responde absorto a crer que respondia a voz da própria consciência.

— Então ela te contou.

Hugo olha para o lado.

— John. — não o viu aproximar-se.

— Cheguei há pouco.

Hugo senta no chão a sentir a relva molhada e olha a lua que já estava ao alto no céu escuro mais estrelado que já havia visto na vida.

— Demorei a vir porque estava ajudando a Ana a lustrar as pratarías ‘não usadas’ — comenta John a sorrir.

— O jantar! — Hugo o encara e se condena — Merda! Foi no mínimo deselegante da minha parte.

— Não se preocupe. — John solta um arfar de riso triste.

— Nossa anfitriã também não estaria lá. Pediu que Ana nos transmitisse seu pedido de desculpas e se recolheu. — ele deita de costas na grama com os braços por baixo da cabeça.

— Singularmente hoje, a rotina não aconteceu como sempre acontece aqui.

— Rotina? — ecoa Hugo com interesse.

— Às 5 horas, café dos trabalhadores de sexo masculino, 5 e meia das mulheres, e seis... — John faz uma pausa, condoído — Ceccile desce, e só então Ana sobe aos quartos com a camareira, aqui ainda chamam de ama. — John levanta e sacode as pernas das calças — Vamos entrar? Está frio aqui fora, e tarde também.

John encara Hugo mais um momento e se irrita com a inércia do amigo.

— Também estou em perfeita condição de pilotar. Se quiser, podemos partir daqui, em poucos minutos. Eu até preferia.

Hugo limpa a garganta, sabe que não vai gostar do que vai ouvir, ainda assim assente;

— Me conta John. Preciso entender. Não quero, mas...

— “Não ‘há’ o que entender. Não ‘dá’ para entender!”

— John, John! — Hugo mostra a palma — Por favor, não entendo a língua como você!

— Desculpe-me. — pede-lhe o amigo voltando a sentar-se e abaixa a cabeça a escondendo entre as pernas. Hugo se mantém calado em incentivo e John continua;

— Não havia como esconder, ainda assim ela tentou, suavizou a cena. Garantiu com que eu o levasse daqui ileso e, ele estava feliz!

— John sorri com ironia, Hugo sabe que ele está falando de Rafael mesmo que não tenha citado o nome do seu irmão — Alegre e extrovertido como sempre. Quem o visse, jamais imaginaria que ele tivesse aprontado. A senhora Nill havia determinado que a senhorita Nill ocupasse os aposentos dela após o terceiro dia de sua morte, assim como fizera algumas outras considerações.

— Espera. — interrompe Hugo — Então eu tenho uma prima?... Ah meerda! Ceccil é minha prima? Não é Cintra?



John vê Hugo movendo a cabeça em negação e levanta de um salto abrupto;

— Desculpe-me Sanders — ele enfatiza seu sobrenome —, eu não tenho seu grau de instrução e tampouco fui beneficiado com uma fração do espólio que você tem para administrar. Mas o Rafe esteve aqui, violentou agressivamente uma mulher se passando por você, e ela está grávida! Para mim não importa se até aos 16 anos ela era uma Cintra e após, por sua força de caráter, tenha optado continuar a ser somente um objeto a mais, entre as demais peças do espólio da senhora Nill. Quando por direito, lavrado em cartório, toda essa merda aqui é dela! — abre os braços.

Hugo também havia se levantado e o encarava calado, John ainda dolorido e sentindo que de alguma forma também era responsável, continua em mesmo tom exaltado;

— Na manhã que levei Rafe daqui, ela... Veja se compreende isso; Ela. Em pessoa! Havia me recebido no escritório para discutir os custos do transporte. Lembro-me como se fosse ontem, e nota; ainda era verão dois meses e uma semana atrás. E isso aqui vira um inferno no verão! Mas ela estava elegantemente trajada, com um vestido longo lindo e luvas, maquiada! Eu jamais imaginaria que

era para esconder os horrores que ela viveu horas antes, julguei como excentricidade de milionário, e fiquei feliz de ter sido tratado como se eu fosse alguém importante — ele ri de si mesmo com sarcasmo —, como um lorde... Rafe fez o que fez e ela o protegeu. Omitiu. De mim, da Ana. Até mesmo de você, quando fora a Nova Iorque e entendeu que o homem que ela procurava encontrar, não era você.

— Desculpe John, eu só não quero estar equivocado. — Hugo é sincero — Mas o que garante que a versão da história dela, não possa ser ao menos em parte, exagerada?

John contém a vontade de dar um murro em Hugo e fecha os dedos em punho soltando-os em seguida;

— Dedos de ambas as mãos e braço direito quebrado, sangue em todo o lençol, incluindo os travesseiros, eu não... — move os dedos inconsciente — Não sabia que não podia tocar e lhe estendi a mão. Foi o único instante em que me senti inferiorizado, porque ela gemeu baixinho, quando beijei sua mão.

— Não reparou nos dedos...

— Sanders! — o interrompe John jogando as mãos ao alto quando sua vontade era de quebrar o nariz dele

— De luvas! Não é possível. O que há com você?!



Hugo continua calado a digerir todas as informações, mas ainda desejava que ela fosse uma atriz, uma mulher vil, interesseira, só que não para que ele pudesse também culpá-la pelo ocorrido. E sim, para que pudesse almejar tomá-la nos braços sem sentir culpa,

e ainda garantir-se o mérito de estar defendendo o irmão, que não estava ali para se defender.



Capítulo 7



Hugo ainda não acredita no que está prestes a fazer. Havia convencido Ana, por intermédio de John a chamar Ceccile em seus aposentos para que pudessem conversar ainda naquele dia. Hugo desconhece que John, para convencer Ana, havia lhe prometido que ele asseguraria pessoalmente a segurança de Ceccil se ela aceitasse o seu pedido, e John era um homem que cumpria sempre com sua palavra.

Ceccile entra na sala do escritório e Ana se retira com John, mas não antes de lançar um olhar como promessa de causar dores profundas em Hugo caso ele saísse da linha e ele assente brevemente entendendo o recado não verbalizado.

O clima fica tenso na sala e Hugo hesita por alguns segundos.

— Ceccil, eu... Bom, posso te chamar de Ceccil? — ela assente devagar — O que o Rafe fez com você não tem desculpa, mas acredita que eu — aponta a si mesmo —, jamais faria qualquer coisa com você, sem seu consentimento? Que te machucaria, ou permitiria que você se machucasse? — ele temia sua resposta, mas precisava saber até que ponto ela acreditava que apesar da sua besteira em tê-la despido, que ele não foi além.

— Sr Sanders, eu... — Hugo, só Hugo para você, ok? — afinal, era comum o uso do primeiro nome no Brasil, disso ele sabia.

Ceccile encara-o, assustada, e ele fecha os olhos esperando uma

negativa — Eu preciso de você. Preciso que volte comigo para Nova Iorque. — mantém o enunciado.

Uma pausa densa faz com que Hugo sinta o colarinho apertar ao seu pescoço já imaginando que seria expulso dali e julga que seria justo, pela forma indelicada que havia lidado com a situação. Intimamente desesperado, respira fundo e faz com que se mantenha sentada, gesticula para que ela não fale e aguarde, puxa uma cadeira a sentar à frente dela e estuda sua expressão, ao entender que olhava por mais tempo que devia a cicatriz atenuada pela maquiagem no rosto dela, ele abaixa a cabeça, envergonhado de si.

Ceccile leva a mão ao rosto, corando sutilmente dadas as circunstancias, sente-se nua diante daquele homem e isso lhe traz para mais perto da superfície da pele, alguns sentimentos novos.

— Senhor... Hugo. Permite-me que me expresse como... De maneira mais íntima? Seria recíproco?

Hugo levanta a cabeça a fitá-la nos olhos e Ceccile sorri, um sorriso triste sim, mas sinceridade entoava dos seus lábios naturalmente rosados.

— Se eu puder ficar aqui, o senhor, desculpe-me; você — ela se corrige — não precisará responsabilizar-se por mim.

Hugo move a cabeça em negação sem entender exatamente o que ela queria dizer.

— Eu preciso. Preciso conhecer você. — decide abrir mão de parte da cautela que sempre lhe fora natural por toda a vida e a encara — Você não sai da minha mente. Perturba meu sono e também meus negócios — ele se levanta e fica de costas para ela — Eu sinto que o certo, o melhor, o mínimo que eu poderia ter feito, era ter ido embora no momento que soube... Sei que ninguém mais se aproximaria de você ou a machucaria estando você aqui,

mas eu preciso. E preciso que seja consensual, que você queira ir, entende? — ele volta a olhá-la nos olhos e vê o quanto ainda está assustada — Se você não se sentir confortável, eu prometo que a trago de volta, sem contestar.

Ela meneia a cabeça em negação e ele pode ver no reflexo daqueles olhos de um azul singularmente claros, a mulher na sua sacada que lhe vinha roubando o sono.

— Você não quer, não vou insistir — ele diz conformado.

— Senhor Sanders. Estou confusa, se pudesse me dar um tempo. — agora ela estava realmente apavorada de não estar conseguindo se fazer entender para esse homem e sua confusão mental e emocional se refletia no arfar da sua respiração e no pulsar acelerado do seu coração.

Intimamente ela queria ter forças para odiar todos os Sanders. Mas como fazer isso com um em seu ventre?

Nesse momento uma realidade assombrosa explode dentro dela. ***“Não, é meu!”*** — pensa e de súbito se levanta — ***“Não vão tirá-lo de mim!”*** — exclamou em lágrimas.

Hugo entrefecha os olhos acinzentados a encará-la e ela instintivamente leva as mãos no ventre. Ele mostra a palma pedindo calma e sai da sala meneando a cabeça, chama por John e volta com ele na sua frente, John se adianta e ela dá um passo inconsciente para trás.

— “Ceccil. — ele diz em português — Me deixe ficar e ajudar? Prometo que serei imparcial.”

— “Oh Deus! Estou confusa, John. Não sei por que disse o que disse, eu não tenho nada, não sou nada, nada...”

— “Se acalme Ceccil, o Hugo e eu não somos pessoas más, não há porque ter medo de nós, nós não temos intenção de te machucar.”
— e em inglês — O que você disse para ele?

— **Nao vao tirá-lo de mim** — ecoa Hugo com forte sotaque, sem tirar os olhos preocupados de cima dela.

Ceccile ainda mantinha as mãos no ventre e abaixa a cabeça olhando para o chão.

— Merda. Desculpe. — John limpa a garganta envergonhado por ter xingado e volta seu olhar para Hugo. — Ceccil acha que pretende lhe tirar o filho.

— Não! — Hugo nega com veemência olhando a um e outro.

— Isso sequer passou pela minha cabeça! John! Ana! Você e a Ana — ele não pensava com coerência, mas o que queria nada tinha a ver com o que Ceccile estava imaginando —, uma semana ao menos, eu arco com todos os custos. — ele se aproxima dela e para antes de tocá-la — Desculpe, foi impensado.

Ceccile sente a sala girando em torno de si e pisca em busca de se recompor.

— “Ele sabe que não sou nada? Que sou só uma governanta? — ela busca o olhar de John em lamento — Acho que meu inglês é formal demais, John. Não sei como expressar o que sinto, não entendo muito tudo que eu sinto, é tudo tão confuso ainda.”

— “Ceccil, nos dê a oportunidade de aprender a lidar com você e você conosco? Olhe, entende que Hugo ofereceu de levar a mim e a Ana junto com você? Como interpreta isso?”

Ceccile olha para um e depois o outro e volta a abaixar a cabeça.

— “Eu estou cansada, e confusa. Preciso por meus pensamentos em ordem e dormir um pouco.”



John traduz para Hugo e Hugo concorda que todos precisavam mesmo de algumas horas de descanso, combinando de continuar a conversa de manhã.

Sua impetuosidade não o permitira deixar para um momento mais apropriado e só agora caía em si de que eram quase duas horas da manhã. Ceccile evidentemente estava esgotada.

Todos seguem rumo aos seus aposentos... Todos?

Não, não John! Ele sai do seu quarto em silêncio e toma o curso já conhecido para ele, indo parar na porta do quarto de Ana. Ela abre a porta e cruza os braços evidenciando ainda mais os seios protuberantes com cara de irritada.

— *“Não pense você que não percebi.* — o olhar de John desvia do vale estreito entre os seios grandes para o rosto e ela mantém a carranca — *Sabe que tenho idade pra ser sua mãe, garoto?”*

John se recosta no umbral e sorri simplesmente — *“Duvido muito.”*

— “Vê se te enxerga! Sou velha, sou gorda e rabugenta!”

John a encara sério e em mesmo tempo terno — *“Eu tenho 36 anos. E você?”*

— *“Quarenta* — responde de má vontade e arqueia as sobrancelhas sem acreditar — *Ainda assim sou mais velha.”* — ela persiste e ele agora tem que se conter para não rir, respira fundo e com a cara mais casual, move ombros. — *“Está mesmo com sono*

ou podemos conversar mais um pouco? — com um brilho divertido de desafio no olhar ele a imita cruzando os braços e arqueando as sobrancelhas — Em terreno neutro, talvez. Um lugar onde não se sinta ameaçada.”

— “*Eu? Ameaçada?* — ela solta um muxoxo e abre mais a porta — *Vê se pode! Entra...*”



Hugo também não está em seus aposentos, encontrou um lugar mais escuro na extensa varanda da mansão principal, sentou em poltrona talhada em madeira de lei e deixou os pés cruzados na altura dos tornozelos sobre a mesinha à sua frente com os pensamentos e sentimentos em conflito. Encobre os braços com o cobertor que havia levado do quarto e fecha os olhos sentindo a macies felpuda, e imagina estar sendo abraçado por ela. Abre os olhos sobressalto, estava excitado e não estava achando graça alguma nisso.

Tenta pensar em algo ameno, os últimos projetos da empresa. Que empresa? Os móveis na sua sala, onde estavam... A secretária. Como era mesmo o nome? — irritado tira os pés da mesinha e senta reto — Não é possível! — reclama mais para si e sorri.

Hugo Fintter. É claro! Fintter que lidava diretamente com todos os projetos e também com os funcionários. E ele mesmo nunca havia prestado muita atenção nos móveis, desde que estes fossem funcionais, pouco importava se eram brancos ou amarelos. Hugo Fintter. Será que ele havia conseguido mais alguma informação sobre seu irmão?

Ah Rafe, Rafe... Com uma mulher dessas nos braços e você estraga tudo. Se fosse eu... — Hugo leva os dedos nos olhos fechados apertando-os e sente a umidade na ponta dos dedos sem

acreditar. Estava chorando? Estava. Solta um suspiro de alívio. Que bom que estava sozinho. Ninguém por perto para duvidar da sua masculinidade, porque era homem. Desde pequeno foi lembrado de que tinha que ser forte, que não poderia demonstrar qualquer tipo de fraqueza, que homens de verdade não choram. Heterossexual, ele gostava de mulher. De uma em especial, mais que qualquer outra.

Hugo se dá conta de estar preso em um círculo mental que sempre o levava de volta a Ceccil, indiferente ao curso de pensamentos que tomasse. Pegava-se fantasiando com ela aninhada em seu peito, dormindo em seus braços e seu aroma único inundando todo o quarto. Vestida, dos pés a cabeça!... Nem sempre... Que droga Rafe! Que bomba você jogou em minhas mãos dessa vez! — Hugo abre bem os olhos e inconsciente se encolhe mais para a escuridão. Ela havia materializado para fora dos seus pensamentos, pensou. Mas não. Não, não era uma miragem, era ela!

Com os cabelos soltos que lhe caíam pelas costas até a altura da cintura, vestida com uma camisola salmão que lhe cobria até quase aos pés descalços, desenhando como uma carícia o corpo alto com curvas delicadas. Ela desce o lance de escadas e segue em direção aos estábulos e ele não resiste em segui-la a certa distancia, ela entra no estábulo e o relinchar do cavalo faz com que ele aperte os passos, até que começa a correr.

— Ceccile! — grita ao assistir o cavalo enorme e maldito pateando-a nos ombros e arremessando-a ao chão.

— Pare! — grita ela para Hugo mostrando a palma e ele congela no lugar a assistir o cavalo pisoteando repetidas vezes uma cobra esmagando-a aos pés dela.

Ceccile se arrasta para trás e se levanta apoiada contra a parede, continua com a mão estendida para que Hugo fique onde está até que Wees se acalme.

Hugo assiste boquiaberto o garanhão dobrando as patas dianteiras fazendo uma reverência a ela. Ela se aproxima do animal e o abraça no pescoço acariciando sua pelagem.

— Não se aproxime de mim, Wees pode entender como agressão.

Até o cavalo? Aturdido sacode a cabeça. Ceccile tira uma fruta da bolsa e dá ao animal, faz com que entre de volta na cocheira e somente depois que tranca a porta recosta-se, nela, e para desespero dele, a cor some do rosto dela e ela desmaia.

Seu instinto de preservação alerta, não a toque. Que se dane! — pensa a seguir na sua direção e a levanta em seu colo. Não era experiente com nada relacionado a gestantes, mas a achou muito leve, mais leve do que imaginava uma grávida. Grávida! Ele acelera os passos a voltar com ela para a mansão.

Ana já aguardava na varanda com os braços cruzados, que ficaram automaticamente pendurados ao lado do corpo quando o viu se aproximando com Ceccil nos braços. Hugo olhava com preocupação para Ceccil e com a cara fechada para ela. Ana não se importou, ia à sua frente abrindo portas, conduzindo-o até o quarto dela e ele a deitou na sua cama.

Até o cavalo é agressivo com ela para defendê-la, reflete Hugo a lançar em seguida um olhar sério e significativo para Ana que sugeria; Não tenho medo de você!

Ana entende o recado e intimamente satisfeita, move aos ombros com desdém. Admitindo que esse tinha 'colhões'; ela pega uma cadeira colocando ao lado da cama apontando com um movimento de cabeça. Hugo senta-se, sério, mas o meio sorriso no

canto dos lábios o trai e desaparece em seguida, ficando mais triste e preocupado, quando volta a olhar para Ceccil. Ana sai do quarto em busca de John e leva a mão na boca meneando a cabeça, se reprovando pelo que permitira ter com ele alguns momentos atrás.

Pouco tempo se passa e Ana está novamente no quarto de Ceccile acompanhada de John, que serve novamente de tradutor entre ela e Hugo a explicar que Ana já sabia dos pesadelos e fases de sonambulismo a cada dia mais frequentes de Ceccile, mas que essa havia sido a primeira vez que ela havia saído da mansão.

Sempre foi assim? — John havia traduzido a pergunta de Hugo e Ana emburra o cenho a murmurar em sua língua.

— Começou alguns dias depois da visita do Rafe. — traduz John para Hugo e Hugo pensa; “Demônio?” por algum motivo ele guarda a palavra dita pela empregada em sua mente, mas tinha outras prioridades no momento.

— “*Como se socorre alguém aqui?*” — John traduz para Ana e sorri discreto baixando o olhar.

— “*Já mandei chamarem o Dr Rodrigo.*” — Ana responde e olha para um depois para o outro — “*Quê que ele pensa que somos?*” — pergunta irritada.

— “*Não sabe que somos namorados. Ainda.*” — ela levanta a mão e torna a baixar falando baixo, mas ameaçadora — “*Não se atreva.*” — mal criada ela vira nos calcanhares e sai do quarto em passos socados.

John se recompõe e sério olha para Hugo — Eles têm um doutor local que já foi chamado.

Hugo estuda John e arqueia as sobrancelhas — Vejo que terei que aprender português o quanto antes. Desconfio que algo mais fora dito e não traduzido aqui.

— O que não foi traduzido é pessoal.

— Pessoal? — Hugo insiste sardônico.

John sorri a denunciar-se e devolve em mesmo tom de sarcasmo disfarçado de educação — É bom mesmo que se dedique aprender português — aponta Ceccile e volta a encarar o amigo — Nos expressamos com mais facilidade, principalmente sobre sentimentos, em nossa língua de origem, do que em qualquer outra.

Hugo fecha a cara. Sabe que depende de John para se comunicar com Ceccile, se não fosse isso teria agarrado em seu pescoço nesse instante. Mas por quê? — sorri irônico de si mesmo, estava com ciúmes de John?

— Está interessado nela?

— Não como você. — devolve John a olhar para a porta e de volta para Hugo — E se você entendesse português, conheceria palavras que define um mesmo sentimento em vários graus de intensidade.

— Em que grau de intensidade acha que estou interessado em Ceccil? — pergunta Hugo em tom de desafio e John solta um esgar de riso.

— Intenso, perturbador, de tirar o sono? — agora ele sorri — Do tipo que faz um cara sair de uma cama quente para uma varanda gelada e ainda esquecer lá o cobertor.

Hugo não gosta nem um pouco da sensação de ter sido descoberto, mas John é solidário a assentir, mesmo que ainda tenha um sorrisinho pendurado no canto da boca.

— Eu só percebi depois. — ele torna a ficar sério — Quanto a Ceccil relaxe, não sou ameaça, ok?

Hugo trinca os dentes, mas a pergunta lhe escapa antes que consiga conter-se:

— Se casaria com ela, se ela aceitasse?

— Não. — responde John prontamente.

— Quê? — Hugo pergunta sem acreditar.

— Estou apaixonado por outra, e me casaria com Ana, se ela me aceitasse.

— Ah... E, hm — Hugo assente, cômico, evidenciando seu embaraço — Rápido assim? — logo limpa a garganta — Desculpe-me. Não precisa responder.

John pisca complacente, ignorando o espanto de Hugo e lhe adivinhando pensamentos — Eu nunca me interessei por mulher mais nova — sorri e move casualmente os ombros — Prefiro mulheres do tipo que me leva em cabresto curto. E gosto de carne, meu amigo. Sou carnívoro. Essa beleza ditada por convenções de maiorias não me atrai, está mais no conteúdo, na essência, entende?

Hugo move a cabeça em afirmativo, mas trinca ainda mais os dentes sentindo-se julgado e condenado nas entrelinhas da declaração de John.

— Nunca me imaginei com uma mulher... Desculpe-me. Não quis ofender.

Hugo decide calar-se antes que fale algo pior, mas John o encara com expressão de pouco caso.

— Se fosse me ofender pelo que sei que sou e pelas minhas preferências, teria que ser com uma boa fatia da população mundial, logo... — move os ombros.

Agora Hugo estava se sentindo inferior a John e isso o estava corroendo por dentro. — Não seria melhor se fôssemos buscar esse

médico? — ele pergunta mais com intenção de mudar de assunto, porque ficar ao lado de Ceccil, tinha descoberto, estava se tornando uma obsessão para ele.

John aspira aliviado, também desejoso de uma fuga — Fique com ela — sugere casual — vou ver com Ana se não há como adiantar a chegada do médico. Essa época do ano é mais tranquila, se fosse verão, aí já seria outra história.

— O que acontece no verão? — interessa-se Hugo.

— Chove muito, com pancadas de chuva que destroem estradas e plantações, tornando inacessível o percurso com carros e motos, e por vezes até de transeuntes e seus animais.

Hugo balança a cabeça assentindo e John sai do quarto deixando-os a sós. Ele desliza um dedo no decote da camisola perto do ombro de Ceccile e logo o afasta. Só queria ver se as patadas do animal deixaram marcas na pele delicada — debate com a própria consciência —. Mas seu corpo o desmente e levanta irritado com a besta ereção dentro das calças, segue de encontro à janela e vê que do lado de fora tem uma grande sacada, maior até do que toda sala da sua cobertura em Nova Iorque. Admissível, em se tratando ser uma casa de fazenda.

— Daqui não há como cair por acidente. — reflete mais para si e inclina na base da janela a procurar pela porta.

Curioso, volta a olhar o quarto em torno sem entender porque que desse cômodo não havia acesso para a sacada, ele sai do quarto e avista o corredor longo e estreito que conclui ser paralelo com a sacada, e antes que desse por si, ele o segue até deparar-se com uma grade de metal retorcido formando arabescos de rosas em tom de ouro velho.

Já havia sido bisbilhoteiro por uma vida inteira, ele censura a si mesmo e volta para o quarto de Ceccil.

— Stop Wees!

Ela grita e senta na cama, sonambúlica, gesticulando com as mãos a reviver a cena. Hugo se adianta a contê-la, com as mãos abertas em seus ombros e um joelho em cima da cama. Ceccile olha dentro dos seus olhos e volta a deitar-se.

— Desculpe-me. — ela pede ruborizada.

Hugo volta a cobri-la e leva a mão na fronte dela, ela treme ao contato contraindo-se na cama — Está muito quente. — ele se afasta — Vou chamar Ana...

— Não, não! Eu vou ficar bem, não precisa. — ela levanta a cabeça a olhar para o relógio por trás da cadeira onde ele esteve sentado.

— Seis e cinco — diz Hugo e ela ameaça levantar.

— Não. — ela diz com olhos enchendo de lágrimas — *“Não foi culpa dele.”*

— Não o quê? — pergunta Hugo.

— Wees, me salvou.

Incapaz de deixá-la sozinha ele segura em sua mão, repara discreto nos dedos longos e delicados o anular levemente torcido e fecha os olhos, tomado de emoção. Por que foi procurá-lo? — pensa em perguntar, mas mantém com esforço a língua dentro da boca.

Por estar grávida, obviamente, mas havia algo mais? Teria ela, apesar de tudo, se apaixonado pelo seu irmão? E se tivesse, não era algo que estava com ânimo para pensar.

— Fique deitada — pede a se levantar — Eu volto logo.

Hugo para na entrada do quarto e nota a bandeja sobre a mesa que não estava ali antes, aproxima a mão dos pratos e sente que está quente, o aroma dos ovos mexidos e presunto estava convidativo e deduzindo ser para Ceccil, pega a bandeja e volta para o quarto.



Capítulo 8



— Hugo Sanders; note bem! — dizia John para Ana, deitado de costas na sua cama olhando o teto;

— Um alto executivo à frente de um verdadeiro império empresarial, multimilionário, levou uma bandeja de prata e se curvou para servir a sua amada na cama. — ele ri com gosto e sem qualquer reserva se vira sobrepondo o corpo por cima do corpo de Ana, beijando-a na boca de estalo, distribuindo beijos pelo seu rosto e pescoço. Olha nos olhos esverdeados dela com ar divertido e solta um muxoxo;

—... E eu, um mero mortal, não posso nem beijar aqui...

Ah sim! Ele esperava a tapa na mão atrevida que tentou descer e solta uma gargalhada, mas ali entre lençóis era ele quem mandava e a submeteu debaixo do seu corpo olhando-a com gravidade nos olhos.

— “Quero casar com você, Ana. Espero o tempo que for preciso para te provar que estou falando sério. Demorei demais para te encontrar, e não saio dessa briga sem uma boa luta”...

O médico havia enfim chegado.

— De moto? — perguntou Hugo a John, que tenta conter o sorriso no canto dos lábios sem muito sucesso.

— É mais rápido. — argumenta em resposta.

Em angustiantes 25 minutos de espera na entrada do quarto, ambos se levantam.

— “Não pude deixar de notar o helicóptero lá fora — diz o médico com expressão preocupada — Quem é o piloto?”

John se adianta também em português;

— “Sou eu, Dr Torres. Ela vai precisar ser removida?”

Rodrigo meneia a cabeça em negação.

— “Ceccil está relativamente bem — dirige-se a John —, mas tratando-se de quem ela seja, eu preferia certificar com exames mais específicos e aqui me faltam recursos. Eu pretendo agendar uma bateria de exames para hoje à tarde, ou no mais tardar amanhã de manhã. Mas toquei no assunto do helicóptero porque houve um acidente a 15 quilômetros daqui e como sou o único médico em torno de 60 quilômetros — o médico solta um suspiro — O único que se dispõe no momento.”

Havia mais um casal de médicos solícitos como ele, lembra-se Rodrigo, mas estavam viajando.

John assente em solidariedade. Não era difícil supor que existissem na região outros médicos em férias ou veraneio e o fita com respeito — *“Tem como pousar no local”?*

— “Tem um campo aberto próximo à localização que recebi, mas reparei ser táxi aéreo, deve estar a serviço. — aparentemente mudando de ideia o médico lhe sorri com ironia a reclamar; — Esses trilheiros... Não se preocupe, chego lá em 15 a 20 minutos de moto.”

John explica para Hugo sobre a conversa com o médico e quando Hugo entende que *Trilheiros* trata-se do nome que se dá a quem pratica o esporte radical onde motoqueiros arriscam os

pescoços em trilhas cercadas por matas, em morros de terra batida e lama, o gelo corre em sua espinha. Pensa no irmão com seus gostos bizarros em esportes parecidos e não pensa duas vezes em incentivar que John ajude o médico.

Rodrigo assente realmente agradecido.

— “*Não há como abastecer para o seu retorno, lá aqui e seu destino*” — argumenta o médico ciente do fechamento do posto mais próximo na região, mas John move os ombros.

— “Daqui a 15 quilômetros e Rio e lá abasteço. O senhor vai e volta comigo para levar Ceccile. Hoje ou amanhã no mais tardar. — e justifica com o mesmo ar casual — Tenho mesmo que descer a Serra. Posso te dar uma carona.”

— “Não vou nem discutir ou questionar então. — Rodrigo sorri-lhe grato — Com licença, aproveito para rever a receita da Ceccil.”



Aprender português e aprender a pilotar; pensa Hugo ao escutar o barulho do helicóptero indo embora.

Havia cogitado a ideia de ir junto, sem muito entusiasmo na verdade, mas John o poupou dessa, ao argumentar que poderiam precisar do espaço extra no helicóptero, caso precisassem levar o acidentado deitado no banco de trás. Hugo volta ao quarto com outra bandeja em mãos.

— Ei, volte já para a cama!

Ceccile desequilibra com o susto ao virar-se e Hugo arrepende-se na mesma hora de ter gritado e deixa a bandeja cair ao socorrê-la aos pés da janela. Aquilo não era um quarto. Ele já havia chegado a essa conclusão.

Com Ceccile novamente nos braços ele olha para o chão com pesar dissimulado e estala a língua;

— Que sujeira. E agora?

Hugo sai do espaço mal projetado para ser definido como quarto onde ela estava e se mantém sério com expressão preocupada, mas no íntimo ele estava adorando o contato, a seguir pelo corredor estreito e longo com ela mais uma vez em seu colo, ele entra em uma espécie de antessala; satisfazendo a sua curiosidade.

— É por trás dessas portas que você realmente deveria estar, não é? — ele pergunta ao parar em frente às portas duplas que havia vista antes, mas Ceccile soluça e encolhe em seu colo no momento que ele ia chutar entre as portas — Oh meu Deus!

Hugo vira-se a voltar pelo corredor com ela em prantos e toma sentido aos seus aposentos, chuta a porta entreaberta e a deita na sua cama. Senta aos seus pés a apoiar os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos, com o choro dela a lhe cortar o coração.

— Fora lá que aconteceu — conclui — Desculpe-me, Ceccil.

Hugo torna a levantar-se sem conseguir olhar nos olhos dela.

— Vou avisar Ana onde você está e sobre a bagunça que fiz no seu quarto. — sem olhar para trás ele sai e ela se encolhe em posição fetal a lembrar-se de tudo.

Como se comunicar com Ana? Não havia pensado nisso ao parar na porta da cozinha com o punho ao alto, sem bater.

Ana limpa a garganta por trás dele e ele se vira em direção a ela, ela repara nos olhos cinzentos úmidos e tomba de lado a cabeça a proferir;

— Ceccil? — ela pronuncia em tom de pergunta e ele move a cabeça afirmando, depois parecendo dizer mais ou menos com o gesto das mãos.

Ana o acompanha de volta até o quarto dela e analisa superficialmente a bagunça. — E Ceccil? — ela torna a perguntar e ele faz como se a estivesse pegando em seu colo e aponta na direção do seu quarto.

Ana acaba sorrindo com a cena de mímica e ele lhe sorri de volta levantando o polegar com a mão fechada.

— Legal. — diz ela.

— Legal — repete ele e faz uma breve reverência de gratidão, saindo em seguida do quarto.

Ana volta a olhar novamente o chão; aos cacos de vidro e de porcelana, toda a canja de galinha, mais o suco de laranja estavam espalhados para todos os lados e ela meio que sorri;

“Um anjo desastrado é melhor que um demônio disfarçado.”

Hugo não volta de imediato ao seu quarto. Envergonhado de si mesmo por ter sido o catalisador do sofrimento de Ceccil com sua imprudente curiosidade, ele segue o corredor estreito, decidido em dar a ela um pouco de espaço, e está mais uma vez parado dentro do cômodo amplo ao fim do corredor estreito e estéril, onde quadros com motivos da região estavam distribuídos em paredes brancas, duas mesas idênticas em madeira nobre sustentavam dois grandes abajures com pés de cerâmica em estilo que desconhecia, mas acreditava ser renascentista, eram ladeadas por três cadeiras cada, moldadas com a mesma madeira entalhada das mesas em cada extremo do cômodo, como se uma fosse o reflexo da outra, interligadas ao chão por um tapete felpudo cor de sangue vivo,

onde ao centro estendia-se o imenso portal de portas duplas que imaginava ser entrada do quarto principal da casa.

Ele respira fundo e força a abertura das portas. Trancadas. Ana limpa a garganta e ele se vira a encará-la, mesmo calada e séria, sua expressão é de pesar e também de desafio. Parecendo perguntar se ele estava preparado para o que veria estar por trás dessas portas. Hugo sustenta seu olhar em comunicação muda assentindo brevemente e ela tira do bolso frontal um molho de chaves. Ao que ele lhe dá espaço, ela se adianta a frente e abre as portas. Seria bom que ele visse do que seu irmão era capaz, ela pensa.

Só a extensão do interior do cômodo por si já intimidava e Hugo se sente pequeno e desconfortável julgando o espaço demasiado exagerado para um quarto. Pelos seis pares de portas de vidro à sua direita, com cerca de três metros de largura por três de altura e ladeadas por cortinas de véu branco que estavam abertas para a entrada da luz do sol, ele entendeu ser este o quarto com acesso para a sacada que havia visto pela janela no arranjo de quarto que estava Ceccile.

Hugo segue em direção a cama, nada menos ostensiva que o espaço e demais móveis em sua extensão de três por quatro e Ana para na sua frente do outro lado. Mais uma vez o olhar dela parecia perguntar se ele estava mesmo preparado para ver e ele mantém firme a expressão vendo a dor refletida no olhar subitamente cansado dela ao se inclinar e puxar a colcha da cama. As manchas da violência já escurecidas pelo tempo estavam estampadas nos lençóis e também nos travesseiros, a cena que John havia pintado do que aconteceu com Ceccil toma forma bem diante dos seus olhos turvos e ele foi tomado pela ira e pela vergonha em mesma medida.

Sem importar-se com o que Ana pensaria, Hugo arranca da cama os lençóis usando sua força para rasgá-los com violência, ele

encontra uma garrafa ainda pela metade de gim escondida entre os lençóis e a lança contra a parede espatifando-a em milhares de pedaços. Sua ira alcançou também o colchão, que foi levantado e jogado no chão do outro lado da cama, as cortinas sobre a cama, tudo que estava ao alcance das suas mãos estava sendo destruído ou rasgado enquanto lágrimas de ira e frustração rolavam pelo seu rosto.

Ana não aguenta ver e sai para a sacada, não sabia se podia, se devia ter mostrado o que Ceccile escondia. Dolorida pela menina, ela cruza mal criada os braços sobre o peito convencida. Se ele ia levar dali a sua menina, era melhor que soubesse logo o tipo de irmão que ele tinha.



Capítulo 9



— Onde ele está? — Ceccile pergunta olhando para Ana de modo incisivo e Ana já arrependida de ter comentado que Hugo não havia se alimentado ainda, hesita.

Como contar que Hugo agora dormia sobre um tapete cheio de penas de ganso e lençóis rasgados que ele mesmo havia destruído em sua fúria, no quarto que somente ela e Ceccil tinham as chaves, e ninguém mais? Ceccile meneia a cabeça em reprovação com os olhos marejados a adivinhar seus pensamentos. Mas que merda! Nada passava despercebido da criatura mais doce que já havia conhecido! Ana abaixa o olhar para o chão quando Ceccile confirma ao olhar na direção da sacada — Ana. — toda reprovação em uma única palavra dita em baixo tom de voz.

— Ele pediu filha. — argumenta Ana.

— Não tinha esse direito — repreende Ceccil a se levantar.

— O amor que sempre tive por você, me dá esse direito. — diz Ana mais para si mesma, Ceccile por certo não havia escutado, já havia saído do quarto.

Ceccile abre as portas para o palco cujo cenário ainda está dolorosamente vívido em sua memória e todas as articulações do seu corpo. Ao o ver dormindo no chão ela leva a mão na boca e se aproxima devagar, se abaixa ao seu lado sentando nos calcanhares e vê o colchão King destruído do outro lado da cama.

Também a estrutura havia sido virada de lado e julgando a força que Hugo precisou para levantar o móvel construído em pesadas peças de madeira de lei, ela sente tremores de gratidão em mesmo tempo que teme acordá-lo, ficando ali por mais um tempo até que encontra coragem, ergue a mão e toca com as pontas dos dedos nos cabelos dele acariciando levemente, Hugo abre os olhos e fica por um tempo olhando seu rosto.

— Vem. — ela pede em inglês e abaixa o olhar.

— Desculpe-me, Ceccil. Por mim. Por ele ter... Por ter os olhos dele. — ele pede e ela leva a mão em sua fronte acariciando suave com a ponta dos dedos, mas afasta a mão pouco depois.

— Estava irritado, só isso. Eu... — ela faz uma pausa como se mudasse de ideia — nada. Eu não devia... — outra pausa e algumas lágrimas rolam suaves em seu rosto.

Não devia o quê? Defender-se? Dizer não? Gritar? Proteger-se? Todas essas questões perpassam o consciente culpado de Hugo como navalhas afiadas rasgando a sua carne, e igualmente emocionado ele se levanta e lhe estende a mão ajudando-a a levantar.

Ambos se olham nos olhos por um momento. Case-se comigo, Ceccil — ele pensa de repente — Venha, vamos sair daqui. — é o que na verdade ele diz.

Ambos saem do quarto, atravessam o portal do quarto e o hall um estudando o outro discretamente.

— Elevador — ela diz automaticamente em perceber a curiosidade de Hugo na grade de metal retorcido em tom de ouro velho que ele havia reparado antes e que o tinha deixado intrigado. Ela ensaia um sorriso ao ativar o elevador.

— Há algo que me redima qualquer constrangimento que o...

Hugo a interrompe em meio à frase, segurando abrupto em seus ombros a sacodindo com olhar acinzentado inflamado cravado nos seus.

— Pare Ceccil! Pare! — grita a sacodindo ainda mais — Grita! Defenda-se! Xinga! Faça qualquer coisa parecida. Oh meu Deus!

A cor foge do rosto de Ceccile que o encara apavorada, lágrimas deslizam em filetes sem controle pelo seu rosto agora e ele a solta da mesma forma súbita com que a havia segurado antes, estupidamente envergonhado do seu rompante, Hugo tampa o rosto com as mãos e encolhe os ombros, por fim acaba abaixando o corpo ao chão.

Ceccile abaixa na frente dele, tal como havia aprendido ao assistir o treinador de cães com os inúmeros dálmatas que o Major mantinha na propriedade no início de seu treinamento, ela pende o cenho a mostrar que não era ameaça e suavemente aproxima a destra do rosto dele a tocar e acariciar sua fronte.

— Um momento de raiva, somente. — ela diz.

Hugo segura o pulso da mão que o acarinhava e leva a boca para beijá-la com gratidão, mas Ceccile estremece ao contato e ele interpreta como um ato de repulsa, tão logo pede desculpas, mais uma vez, ele se levanta.

Nesse momento Hugo entende, ao olhar sério dentro dos olhos claros dela sentindo afogar-se neles, que estava louco e subitamente apaixonado. Ele a desejava em sua vida e também em sua cama com sentimento tão forte que beirava obsessão, e sequer havia tocado nela como gostaria. Temia machucá-la e também ofendê-la, e a única forma que tinha de poupá-la estando tão próximo dela, era trazendo para a superfície das memórias a

imagem de seu irmão Rafael, era também obrigar-se em vê-lo como não queria, com todos os defeitos e sua maldade. Era lutar para enxergar em si mesmo uma diferença que não estava tão clara, mas se não encontrasse, importaria sua própria conduta de que ele se afastasse dela. Sem perceber está meneando a cabeça em negação, porque isso ele não podia.

Precisava levá-la para Nova Iorque e desfazer a impressão causada antes, ou o império da família Sanders sofreria com a ruptura que lhe custaria milhões de dólares.

Mas poderia arrastá-la pelo braço? Denegrir a imagem que ela deixou em favor de si mesmo e agora também do irmão? Mostrar para uma mídia, que há muito desejava por as mãos em seu pescoço e torcer até que não restasse uma única gota de sangue, que ela não era quem imaginavam? Uma mera governanta de origem humilde e muito bem treinada, que tentava vingar-se deles em nome de uma parenta distante?

Agora Hugo sabia, não poderia.

Havia omitido de John que antes de chegar havia feito seu ‘dever de casa’ e estudado tudo que pode sobre Ceccile, mas ignorava até então que todas as informações que tinha sobre ela não eram praticamente nada, se comparado ao que lhe ditava agora o instinto.

Ele não havia sido eleito pelo pai para administrar toda a família e demais negócios por ter o mesmo sangue em suas veias. O sangue era importante para seu pai sim, e muito, mas se ele fosse um idiota sem visão, de nada seu sangue valeria. Seu pai valorizava ainda mais o poder e o dinheiro e até então, não tinha motivos para acreditar que fosse diferente de seu pai nesse aspecto.

Hugo solta um audível suspiro reflexivo, ele estava sentado em frente a uma extensa mesa com toda sorte de iguarias em cima e Ceccile o servia entre serena e calada. Ele pisca limpando a visão enquanto ela o serve de um pouco de vinho para degustação. Estava tão absorvido pelos próprios pensamentos que se permitiu ser conduzido àquele ambiente requintado e plácido, cujos aromas diversos começavam a serem identificados pelos seus sentidos. Cítricos, amadeirados, doce e seco do vinho.

— Almoço ou jantar? — ele pergunta de repente e se desculpa — Perdão, acho que perdi a noção do tempo.

Ceccile não responde, não sabendo o que de fato ele queria ouvir como resposta. Se para eles ali seria hora de almoçar ou de jantar, ou se nos termos dele, talvez fosse considerado como um almoço tardio ou jantar antecipado.

— Fica comigo? — Hugo hesita e solta o ar com um pouco mais de ênfase — Se não tiver nada mais importante pra fazer, claro. — era cauteloso e reservado, até então jamais teve que por em prova o quanto conseguiria ser sociável ou até mesmo agradável com qualquer pessoa em toda sua vida, e seu orgulho estava correndo sério risco de ser fatiado e consequentemente digerido, como o bife suculento e aromático que ela acabara de servir em seu prato. Ela lhe sorri educadamente e como demanda a boa educação, que até então lhe faltara, ele se levanta para puxar a cadeira ao seu lado.

Ceccile senta a olhar os pratos vazios à sua frente ainda como se estivesse pisando em ovos. Como explicar sem ofendê-lo que com dificuldade já havia se alimentado sem que com isso desencadeasse nele outro ataque de fúria? Já o havia servido e esperava com evidente desconforto que ele demonstrasse de alguma forma se ia querer aventurar-se nos demais pratos e saladas sobre a mesa. Da carne em seu prato já imaginava que não o desagradaria, pois assemelhava ao pedido que ele comumente fazia no quarto do hotel

onde se encontraram pela primeira vez. Assim tal como o vinho que ela o servira, e soube pela gentil voz masculina que a atendera naquela fatídica noite, ser o que ele geralmente pedia quando ali se hospedava, sem nem ao menos ela ter perguntado.

— Ceccile, suponho que já deve ter se alimentado. — ele interrompe sua linha de raciocínio no momento em que ela se perguntava o que ele estaria pensando dela, de ela estar ali invadindo o espaço que por direito era dele e de sua família.

Ela havia decidido desde que soube do testamento da senhora Nill e seus termos, que ficaria ali somente pelo ano exigido e quando por fim fosse em definitivo passado para o seu nome todos os bens, que ela devolveria aos seus donos por direito. Mas não havia encontrado oportunidade para explicar sua decisão e depois entendeu que somente se machucaria mais com a possível descrença sobre a sua índole, a oportunidade, se houve alguma, havia passado. Ela pende então o cenho e balbucia alguma desculpa e ele leva os dedos na fronte apertando e massageando as têmporas causando nela um novo princípio de pânico. Ele teria ideia do quanto esse seu movimento a fazia lembrar-se do seu irmão? Calafrio percorre a sua espinha deixando seu rosto gelado, deixando-a ciente de que deveria estar pálida como cera.

Hugo havia decidido que já havia pedido desculpas demais nas últimas 24 horas e se vira para ela olhando-a nos olhos — O que você estaria fazendo agora se eu não estivesse aqui? — ele diz cada palavra pausadamente, para que não ficasse qualquer dúvida do que havia perguntado.

Ceccile solta o ar preso até então em seus pulmões e se recompõe um pouco.

— Orquídeas.

— Orquídeas? — ecoa ele em tom seco.

Ceccile leva a unha do próprio polegar ao lábio inferior apertando-o na tentativa vã de conter o enjoo que estava sentindo com o cheiro das ervas finas e vinho que vinham da carne assada no prato dele e da taça meio vazia.

— Desculpe — ela diz a se levantar rapidamente da mesa antes que cometesse uma gafe terrível, e teria saído da frente dele se a sua musculatura não tivesse desmanchado e a visão escurecida.



Capítulo 10



Ceccile abre os olhos devagar, a visão de Ana aparecendo em meio à névoa que se dispersa aos poucos a tranquiliza e ela pisca — *Ana, onde?* — Ana lhe sorri e aponta com um movimento do queixo aos pés da cama, onde Hugo havia adormecido atravessado.

— *Ah não!* — exclama Ceccile em sussurro lamentoso, ele a havia levado de volta para o quarto dele. Envergonhada e sentindo arder a face olha na direção da janela, leva a mão no rosto emocionada.

Ana levanta da cadeira e senta ao seu lado na cama, leva a mão em seu ombro acariciando seus cabelos com velada preocupação — *Que foi filha?*

— *Não sei como dizer, não sei como me expressar. Não sei o que está acontecendo comigo, Ana!* — havia um toque de desespero em seu desabafo que partiu o coração de Ana em dois enquanto conversavam em baixo tom.

Ceccile era reservada, parecia mais uma bonequinha de porcelana em tamanho humano do qual ninguém podia sequer se aproximar quanto mais tocar enquanto a senhora Nill era viva. Todo seu mundo havia virado do avesso com a morte da patroa e Ana sentia genuíno afeto por Ceccile. Como se fosse ela a filha que jamais teve.

— *Chá e torradas?* — sugere depois que engole o nó em sua garganta — *Piano?* — para a satisfação de Ana Ceccile concorda e

cautelosa se levanta, não querendo acordar Hugo.

— *Zelou seu sono por horas, depois acabou dormindo.* — relata Ana com um brilho de diversão no olhar. Ceccile a encara incrédula e Ana se apruma ficando séria e mesmo que continue falando baixinho, entrefecha os olhos exaltada.

— Melhor mesmo que não acredite. Pode muito bem estar somente tentando aliviar a barra pelo que quer que tenha aprontado com você lá e também pelo que fez o demônio do irmão!



O que Ana lhe disse não saía da sua cabeça deixando seus nervos ainda mais à flor da pele e os pensamentos em verdadeiro turbilhão em sua mente. Ceccile fecha os olhos ao escutar pela primeira vez o som rítmico e acelerado do coração do seu bebê sentindo seu próprio coração disparar pela surpresa e fica impossível conter a emoção.

Não com um Sanders em seu ventre, um Sanders em sua mente, e outro Sanders entalado na sua garganta inflamada.

Rodrigo havia retornado com John do socorro e resgate aos motoqueiros já nas primeiras horas da manhã e o doutor trazia consigo um aparelho semelhante a um rádio de pilhas que emitia o som que imaginava ser o motivo da sua paciente estar chorando calada e convulsivamente, o Angel Sounds reproduzia o som em mesmo ritmo dos batimentos cardíacos do feto em aproximados dois meses que ela estava gestando, e após certificar que tudo estava bem ele a espia rapidamente — *Se acalme Ceccil, escute, seu bebê está vivo e bem de saúde.* — acalenta ele com um sorriso genuíno no rosto.

Ceccile respira fundo em busca de controle e concentra-se

somente no som ritmado e frenético que o aparelho emite por alguns segundos mais — *Poderei viajar então doutor?*

Rodrigo a fita de lado, recolhe o microfone e limpa o ventre ainda liso do gel utilizado — *Perfeitamente.* — responde seco — *Talvez não aprovasse sua ida, fossem outras circunstâncias.* — emenda ainda de má vontade.

Ceccile abaixa a blusa cobrindo a barriga e senta a olhar fixo os próprios joelhos sob a saia longa e drapeada — *Acha que irão me forçar a tirar o bebê?* — ela deixa escapar, mas sustenta o olhar dele em mostrar que queria mesmo saber a sua opinião.

Rodrigo coça o nariz por fora fugindo do seu olhar, um hábito difícil de conter que havia adquirido nos últimos meses. Depois do falecido pai de Ceccile, sabia ele ser o homem que mais tivera contato com ela em toda a vida dela, até a chegada dos Sanders. Em três ou quatro consultas pediátricas em sua infância, quando ainda era ele um estagiário em companhia do pai em seus dois últimos anos na faculdade, e uma aos 16 anos dela, por conta de uma crise nervosa que a deixou no leito por três semanas, dado a fatídica tentativa de roubo na fazenda que havia tirado dela os pais.

Ele havia há poucos meses se tornado médico residente no mesmo hospital público e conveniados que outrora foi ocupado pelo seu pai, havia acabado de completar 27 anos, e por 4 dias e 3 noites esteve ao lado do leito de Ceccil assistindo-a em sua febre e convulsões constantes, ouvindo-a implorar que a deixassem morrer também.

Tão frágil e tão bonita mesmo naquele tempo e situação aflitiva...

Rodrigo limpa a garganta e se mantém de costas para ela a limpar o aparelho para guardá-lo adequadamente dentro da sua

mala. Já não podia mais adiar sem denunciar-se e se vira a olhar em seus olhos — *Ceccile, eu... Não posso afirmar que essa seja a intenção deles. Mas acredito que estariam arriscando um atrito diplomático desnecessário e a própria imagem perante a mídia se tentassem forçá-la a fazer algo que você não queira. Não que fosse impossível.* — ele considera com um suspiro — *Mas ainda assim, se não quiser ir, eu me comprometo a assistir a sua gestação, e até lhe recebo na casa de hóspedes da minha fazenda...*



Rodrigo contém o ímpeto de coçar o nariz e apertar os dedos sobre os olhos fechados contraindo a musculatura da face. Por que havia sugerido aquilo? Não sabia ele, que mesmo tendo condições de dar a ela todo o conforto das posses dignamente adquiridas e somadas por três gerações de médicos renomados antes dele e também amor, inclusive para a criança sendo gerada em seu ventre. — meneia a cabeça — E ainda assim, não chegava aos pés de todo patrimônio que ela agora tinha ali? E mais, sentia-se bem mais velho que seus 34 para 35 anos.

Rodrigo era bem afeiçoado, tinha a pele clara e olhar verde escuro em um rosto marcante, cabelos sutilmente agrisalhados nas têmporas que lhe emprestavam um ar de seriedade e inteligência acima da média, o corpo alto e esguio com a musculatura definida pela equitação e motociclismo frequente, de família notável e bem conhecida em toda a região. Havia ficado viúvo há pouco menos de um ano, por conta de um acidente natural que destruiu sua mansão no litoral.

Uma avalanche de terra havia devastado com a sua propriedade e vizinhança, e esposa Mariana, com a primeira filha em seu ventre que seria batizada Suzana. Com o conhecido desastre em sua vida pessoal, Rodrigo se lembrara daquela menina mulher, em plena

juventude de seus 16 anos, que por conta da sua função como dama de companhia, não pereceu junto com os pais e mais alguns empregados.

Também ele, em pleno exercício da função, não estava com a esposa, os pais e sogros no dia em que todos foram tirados dele. Também ele desejou que a morte o levasse junto com os seus.

E num suspiro dolorido ele compreendeu. Estava vivo. Havia sobrevivido e se agarrado à sua formação abraçando-a como tabernáculo de salvação, não havia enlouquecido e estava ali, ao lado da Intocada de Bulgarville, como murmuravam em boca miúda alguns das cercanias.

— *Está apta, John.* — ele diz com o coração apertado.

— Senhor Torres, como já havia dito, afirmo novamente. — John olha com carinho para ela — Se Ceccil não se adaptar, tem minha promessa de que a trago de volta imediatamente e vou pessoalmente ao seu sítio informá-lo do regresso. — sorri sereno e casual move os ombros — E se o convite ainda estiver de pé...

— Claro John! — afirma Rodrigo — E a julgar pelos últimos eventos, acho que já poderia me tratar apenas como Rodrigo. — estende a mão em sua direção — Amigos?

— *Com certeza, meu caro!* — afirma John em apertar a mão estendida.



Ceccile acaricia a pelagem de Wees e oferece uma espiga de milho maduro para o animal gigantesco. Hugo a observa de longe, recostado no portal de entrada do estábulo sentindo-se culpado e pensativo. Iria mesmo levá-la consigo sem levar também parte do

seu mundo? Garantira a ela que no mínimo em uma semana ele a traria de volta para a fazenda, mas conseguiria?

Ele se aproximou devagar, os estalos das pedrinhas anunciando seus passos, ela não retesou o corpo, não demonstrou repulsa ou consternação e de certa forma isso o tranquilizou. — Se você quiser ficar, se, se adaptar. Posso pensar em um modo de mandar levar Wees — sugere apontando o garanhão, não sabia como faria isso, mas estava descobrindo que pela Ceccile seria capaz de fazer muitas coisas. Porém Ceccile lhe sorri negando com um sorriso triste, nostálgico — Sentirá falta do animal. —, ele conclui.

— Saudades.

— Saudades — ecoa ele.

— Saudade, é o nome que se dá para esse sentimento; “sentir falta”. — explica ela em se virar olhando-o nos olhos — É uma armadilha, senhor Sanders?

A pergunta o pega de surpresa e Hugo puxa o ar, mas é interrompido antes que comece a explicar. — Se for, não é necessário. — ela diz em moderado, mas firme tom de voz.

— Sinceridade? — pergunta ele.

— Sim, por favor. — ela mantém a serenidade e firmeza em seu rosto aguardando.

— Sua visita ao meu apartamento — começou ele, determinado em ser sincero — A forma como tudo aconteceu, me deixou em uma situação muito, muito complicada com alguns potenciais sócios — ele pende o cenho e seus lábios viram uma linha fina de reprovação em seu rosto — Esses sócios agora estão achando que não sou tão digno de negociar com eles como meu pai era, e pretendem romper com uma sociedade de mais de três décadas

entre nossas empresas.

Ceccile volta a escovar Wees distraidamente e passa a língua entre os lábios rosados rapidamente. — Ah, eu... Como serei útil lá?

— Algumas fotos suas foram, vendidas, e com o risco de serem divulgadas como se eu...

Ceccile volta o rosto em sua direção, séria, com lágrimas a brilhar nos olhos e ele mostra a palma — Ceccile estou sendo honesto, porque sei o que eu não fiz, mas não posso afirmar que não teria tentado algo com você se você ainda estivesse lá e acordada, quando eu saí do banheiro. — ele despeja tudo antes que se dê tempo de pensar e sua natural reserva edite automaticamente suas palavras.

— Espere. — pede Ceccile em por os pensamentos em ordem — Por favor. Devagar.

Hugo consente calado e Ceccile continua — Eu vou me comportar da maneira que o senhor determinar ser melhor para sua imagem, senhor Sanders. — seu tom era frio agora e já não havia brilho de lágrimas nos olhos azuis absurdamente claros — Só me faça uma caridade. Não me iluda ser alguém que sei que não sou.

Hugo por pouco não a encara de boca aberta, surpreso, por um momento viu desaparecer a Ceccil frágil e apavorada, inocente e bem educada, tomando o seu lugar alguma outra versão mais madura e decidida — E o que você não é?

Em resposta, se é que isso foi uma resposta, ela se voltou para o garanhão, bateu em sua coxa e o animal curvou as patas dianteiras se abaixando. Ceccile o montou em pelo e no segundo seguinte saía do estábulo galopando em disparada.

— Meu Deus! Ceccil! — exclama Hugo olhando os lados em busca de alguém que a socorresse, que o socorresse. Em pânico sai abrindo todas as portas das cocheiras não encontrando nenhum outro cavalo, xinga alto socando o ar e sai correndo do estábulo, assustando-se com o cavaleiro montado em um enorme garanhão de pelagem marrom com manchas brancas e quadris largos que o aborda.

O cavaleiro desmonta com a destreza própria de quem já deveria ter nascido em cima de um desses animais assustadores e estende as cordas na sua direção. Hugo nega com a cabeça, não saberia como conduzir essa ‘coisa’ enorme! O cavaleiro volta a montar e lhe estende a mão, Hugo volta a xingar, mas não hesita em segurar a sua mão para montar e agarra-se ao cavaleiro que sai em disparada deixando-o terrivelmente apavorado.

Em alguns minutos de galopar ‘infernai’ o cavaleiro assovia alto e Hugo assim como ele veem Wees galopando sem a sua amazona na direção deles.

O cavaleiro enlaça o cavalo de Ceccile falando algo com Hugo, mas Hugo não entende uma única palavra. — Ceccile — Hugo diz e insiste — Ceccile! — ela era a prioridade no momento. O homem faz uma carranca e desmonta do cavalo marrom montando em Wees, mostra a palma na linguagem muda e universal a pedir-lhe calma e lhe estende o cabresto.

Hugo engole em seco ao segurar. O cavaleiro enlaça o cavalo marrom e ambos agora caminham lado a lado devagar. Em cima da cela Hugo sente-se mais seguro e confortável, vai perdendo um pouco da tensão à medida que sente estar assumindo o comando sobre o animal com o mover das cordas em suas mãos.

O cavaleiro solta-o então e galopando à sua frente assovia. Hugo subitamente puxa as cordas e o cavalo não entendendo o

duplo comando empina levantando as patas dianteiras quase o jogando ao chão antes de partir em galope atrás do cavaleiro em cima de Wees. Hugo logo entende que não deve impor ao cavalo o seu comando e ocupa-se somente em manter-se vivo em cima do animal. Tudo que mais deseja é encontrar Ceccile e deseja do fundo do coração que ela não tenha se machucado. Mais à frente ele avista ainda distante um pequeno casebre que vai ganhando forma conforme vai se aproximando, avista o cavalo de Ceccil, mas o cavaleiro que o havia deixado para trás não estava montado causando nele um princípio de pânico, ele saía do pequeno casebre e ia em sua direção ajudando a parar, o ajudou a descer mantendo o cavalo no lugar e apontava para a entrada falando algo em sua língua.

Hugo passa pelo cavaleiro e entra na pequena construção sem mais delongas, não havia entendido uma única palavra do que ele havia dito, mas Ceccil não devia ser um nome comum — Ceccil, onde você está? — entra chamando-a, torcendo para ter entendido direito — Aqui. — seu olhar segue em direção ao som murmurado da voz dela e a vê deitada de lado em posição fetal em cima de um sofá velho e rasgado.

Ele se aproxima a abaixar-se à sua frente e ela se encolhe abraçando o ventre, chorava copiosamente e não o olhava nos olhos, estava descontrolada. — Aqui que eu devia estar, não lá.

— Se acalme Ceccile, por favor. — ele apelava a acariciar sua fronte fria e úmida de suor.

— Não teria acontecido o que..., Deus! — exclama Ceccile sem encontrar as palavras na língua dele que pudesse usar para se fazer entender. Nem em sua língua de origem, porque o que estava sentindo era uma mistura tão grande de emoções que a impossibilitava de pensar com racionalidade — Minha casa, aqui. Meus pais mortos, aqui, eu morrer com eles, quero, não eu não

quero...

Hugo olha em torno do pequeno espaço, acima algumas muitas telhas faltando e teria mais dois cômodos ou no máximo três em mesmo tamanho ou até menor como extensão da pobre moradia que duvidava ele que algum dia tivesse visto dias melhores e não consegue de forma alguma associar Ceccile com aquele lugar. Sem pensar ele a segura com uma mão em cada lado do seu rosto e a beija, na fronte, graças a Deus, ele pensa, mas as palavras saem pelos seus lábios contra a pele fria e úmida. — Te quero tanto Ceccil!

Oh merda, oh Deus! Que em seu pranto descontrolado ela não tenha entendido, pensa a levantar e sair de perto dela, para na porta do casebre olhando na direção de onde tinha vindo com ansiedade.

Meu Deus, meu Deus! — orava Ceccile em pranto convulsivo — Não deixa eu perder meu bebê! Eu não sei o que me deu, agi sem pensar, mas não me castiga Senhor!

Hugo volta a se aproximar e se abaixa de cócoras à sua frente — O que eu faço Ceccil? Me diz o que fazer por você.

— Nada. Culpa é minha, eu fui... socorro, chega.



Capítulo 11



E o socorro chegou. Não na imagem de um cavalo branco com um príncipe em cima, já que Hugo estava mais para outro tipo qualquer de comparação entre homens e bem distante do estereótipo estigmatizado pela Disney, principalmente nesse momento de susto aflitivo que Ceccile dera em todos. Seus humores não fez dele o mais cordial dos indivíduos pensantes, e cavalo havia ali. Cavalo este, que levou Hugo pelos sofridos três quilômetros de trajeto de volta, já que Ceccile havia sido cuidadosamente deitada no banco traseiro do helicóptero amparada por Ana e com John no banco da frente, havia sobrado para ele oferecer-se a voltar para a mansão principal com o animal.

Wees não se agradou muito dele e fizera algumas malcriações no trajeto de volta, mas Hugo só veio saber disso no final do dia, quando mais tranquilo com o estado de saúde de Ceccile, em papo descontraído com John, ficou sabendo o quanto o cavalo era arredio com qualquer outra pessoa além dela e do cavaleiro que o ajudara mais cedo, cavaleiro este, que ele ficou sabendo também por John, ser o treinador de Wees.

— *Vão mesmo levá-la em segurança, John?* — perguntou Ana a segurar discreta no cós da sua calça, será que havia percebido que em suas atitudes o requisitava intuitivamente como seu homem, ele se pergunta, não havia resistido à aflição expressa no olhar dela e a puxou para junto de si, colando seus corpos e beijando-a com vontade sôfrega, como se jamais fosse soltá-la e garantiu em

português com um sorriso — *Como te prometi meu amor, vou estar por perto da Ceccil o tempo todo.*

John fecha os olhos por uns poucos segundos a lembrar do sabor de Ana em sua boca e sorri. Hugo também fecha os olhos, mas não com lembranças tão boas, tampouco havia um sorriso em seus lábios.

— Não foi como programado, mas conseguiu o que queria. — interfere John, tirando-o de seus pensamentos — Então por que essa cara de vou dormir?

Hugo tem um De já vi e acaba sorrindo de lado. John é quase três anos mais velho, mas Hugo havia sido adiantado um ano conquanto o amigo havia sido reprovado em um período no ginásio e ambos frequentaram a mesma classe por dois anos.

— Cara de vou dormir. Só você John!

John o espia de lado — Olhe. Já passou. Ceccile e o bebê estão bem apesar do susto. Em mais algumas horas estaremos embarcando no seu requintado e confortável jato rumo à Nova Iorque, então amigo, eu que deveria estar com essa cara de vou dormir.

Hugo se levanta abrupto, começa a caminhar de um lado ao outro na sala de espera e se volta para John — Volte, vai buscar a Ana.

— Quê?! — John pergunta sorrindo, mas Hugo o encara sério.

— Vai buscar a Ana, viajamos os quatro amanhã de manhã. A Ceccil vai ficar mais tranquila e de quebra você não fica choramingando no meu ouvido.

John meneia a cabeça negando — Agradeço seu interesse em

minha pessoa, mas não vou fazer isso. — sério ele acrescenta — A Ceccil vai estar bem protegida com você e ela precisa descobrir isso, sem a “*ama seca*” por perto para atrapalhar.

— Quê?! — agora é Hugo quem pergunta, mas sem sorrir.

— Babá sem leite. — traduz John — Eu ainda consigo ser imparcial entre vocês dois e Ana não. Logo meu amigo, eu diria que foi até bom que tenhamos vindo só nós três.

Protegida era a palavra que o estava atormentando e na defensiva Hugo abre mais os olhos a encarar John — Você não está pensando que...

John o interrompe levantando a mão;

— Ei, hei cara! Eu prefiro realmente acreditar nos meus instintos de que você realmente se importa com essa moça!

Hugo aperta os dedos nos olhos fechados e admite — É só no que tenho pensado John.

— Então não vai permitir que ela venha parecer uma vadia perante a mídia?

Hugo o encara totalmente transformado pela raiva que o toma de súbito e lhe aponta o indicador — Não me conhece John! E não abuse da sorte que eu... seu filho da mãe!

John sorri arqueando as sobrancelhas e Hugo abaixa a mão.

— Você estava me manipulando. — acusa Hugo — Ótimo!

Hugo encolhe os ombros e bufa, ainda sério abaixa a cabeça.

— É mais complicado do que parece John. Eu me importo com ela — admite em tom cansado e suspira alto —, mas é justamente por me importar que, sinto que tenho que manter distância dela.

Hugo volta a sentar ao lado de John, apoia os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos — O Rafe fodeu com qualquer chance que eu tivesse, fodeu com a vida dela. Fodeu com a minha. O que sempre faço é juntar os cacos, só isso.

— Case com ela.

— Quê?! — Hugo queria não estar sorrindo e meneia a cabeça em reprovação.

— Isso mesmo que você ouviu. — insiste John — Case com ela e limpa a consciência.

Agora Hugo o encara sério e rebate — Não pode estar falando sério.

John encolhe os ombros com ar de pouco caso e Hugo se ira, não querendo acreditar que seu amigo havia se tornado tão frio quanto ele era forçado a ser desde sempre.

— Pelo amor de Deus John! Ela não é objeto ou animal que se adote e faça o que bem entende. É um ser humano. Uma, uma quase virgem!

— Pensei que diria que ela é de origem pobre, com alma e índole de subalterno. Já é um bom começo.

— Não é como eu a vejo. — Hugo já estava mais que incomodado com essa conversa e tudo que vinha admitindo para John e também para si mesmo.

— Mas é. — afirma John — E é melhor você ir se acostumando e aprendendo a respeitar isso. Ou vai perdê-la.

— Como assim?

John solta um audível suspiro.

— Ela, não. Esquece Hugo. Você tem razão, e eu estou errado.

Hugo volta a levantar e caminha de um lado ao outro como se fosse um leão aturdido e enjaulado e torna a parar na frente de John. — Você ainda está me manipulando.

— Não. Eu não estou. E confesso que preferia mesmo não estar na sua pele Hugo.

— Nem eu, se tivesse escolha. — admite cansado — Mas essa sua ideia de casamento. Foi a pior ideia que você podia ter ao meu respeito John.

Agora é John que se levanta e encara o amigo em mesma altura e pé de igualdade.

— Ela vai ter que descobrir um mundo mentiroso e em muitas vezes sombrio. Onde pessoas se matam e se prostituem por dinheiro e por fama. Ela vai descobrir que a maioria das pessoas à sua volta mente e omite seus reais sentimentos com muita facilidade e, merda Hugo! Eu vejo Ceccile sendo convencida a casar com um cara como Rafe. Situação que não me agrada tampouco.

— Você a ama.

— Sim, amo. Como um tio ou pai, ainda que isso me faça sentir um velho patético.

— Quer ver só uma coisa? — Hugo pergunta de súbito mais irritado.

— O quê?

— Vem comigo.

John segue Hugo pelo corredor a entrar no quarto onde ela

deveria estar deitada e encontram-na sentada em uma cadeira perto da janela.

— Não era para estar deitada? — pergunta Hugo em tom moderado, a lembrar-se da catástrofe de eventos anteriores, como a sopa de galinha e legumes espalhado por todo o chão do quarto dela quando a havia surpreendido outrora.

Hugo se abaixa à frente de Ceccile e de propósito põe as mãos sobre os joelhos dela. John se encosta de lado no portal com os braços cruzados.

— Ceccile, eu amo você, quero você, do jeito que é ou acredita ser, quero ser seu e não me importo com o que irão pensar os outros. — havia sinceridade em seu olhar cravado no olhar dela a apontar o próprio peito — Você foi para Nova Iorque sabe-se lá como atrás de Hugo Sanders, porque pensou estar indo atrás do pai do seu filho e eu sou, quero dizer eu posso ser, se você me aceitar na sua vida. Casa comigo Ceccil?



Capítulo 12



Acha que aí acabou seu tormento? Pois a resposta é não. Viria ele confirmar alguns meses depois, que naquela noite, em um quarto de hospital, havia enfim começado. O antes era somente prenúncio de que sua vida jamais seria a mesma, uma espécie de autoconhecimento. Havia dado o primeiro passo. Agora precisava ir além. Descobrir quem era essa mulher que o havia tirado de seu prumo, do seu terreno seguro, se ela o amava, se seria capaz de amá-lo algum dia. Estaria ele disposto de corpo e alma a lutar por esse amor?

... — Não posso. — responde Ceccile — Definitivamente. Não posso. — e ironicamente ele vê as lágrimas se formando nos olhos azuis. Ela se vira para John e em sua língua natal declara entre lágrimas. — *Por que isso agora? Eu já estou aqui e vou seguir com vocês para aquele inferno. Por que John? Pra quê...*

— Ceccile, é real, acredite nele. Conheço meu amigo.

— Não posso John, entenda. Mesmo que ele esteja sendo sincero ele não aguentaria, eu também não aguentaria. É muito a se perder de ambos os lados.

Ceccile leva ambas as mãos no rosto a chorar e Hugo se levanta a encarar John com olhar inflamado;

— O que ela disse?

— Ela não pode. Mesmo que queira você não suportaria e ela

também não. — traduz John com expressão confusa — É muito a se perder de ambos os lados.

— Senhor Sanders. Deixe como está. Será melhor para nós dois.

Ceccile não era tola, sabia o que estava sentindo por esse homem desde que voltou a vê-lo ou até mesmo antes de reencontrá-lo, quando já acreditava que nem tão cedo o veria novamente e contra qualquer racionalidade, ela estava apaixonada. O calor seguido de pânico que a tomou quando o viu abaixado à sua frente a declarar-se era mais uma prova de que ele mexia com suas emoções e sentimentos de forma que até então ela só havia lido nos livros. Mas podia ser carência, uma necessidade íntima de voltar a se sentir protegida também. Ela o queria, desejava tanto que tudo fosse diferente que doía por dentro. Só que ela não acreditava nele, não acreditava em John, e seu mundo girou, ruiu e começou a desmanchar como castelo de areia ao vento. Ela tinha mesmo que se afastar o quanto antes de Hugo Sanders.

— Entendeu John? — perguntou Hugo secamente e saiu do quarto, voltou alguns poucos segundos depois, olhou para um e para outro sério, puxou John pelo braço posicionando a ambos de frente para Ceccile e puxou o ar inflando o peito — Eu quero. Estabeleça os termos. Ou ao menos explique por que não pode. Porque quero você na minha vida, quero me casar e cuidar de você, te proteger, estou apaixonado por você e não estou disposto a desistir sem um motivo justo.

John não precisava traduzir para Ceccile e simplesmente sorri de lado, mas Ceccile não corresponde seu olhar com a mesma alegria, ou com a esperada timidez que tingiria suas maçãs de rosado.

— Um ano John, sem se separar literalmente por mais de duas horas de mim, teria que morar comigo na mansão, e não fosse

somente isso, teria que dispor de dote equivalente, ao que vou herdar. Ele não vai aceitar isso, não vai. Por favor, me deixem sozinha.

John nega, meneando a cabeça e traduz palavra por palavra para Hugo que automaticamente solta uma gargalhada nervosa. O clima fica tenso dentro do quarto e Ceccile abaixa a cabeça e grita;

— Saiam! Saiam daqui, hipócritas! Eu odeio vocês, odeio o que estão fazendo comigo. Deus! Eu quero ir pra casa... Eu quero ir pra casa.

Hugo não pensa, age simplesmente por instinto a abraçá-la e mantê-la firme no abrigo dos seus braços enquanto ela chorava descontrolada. Sente a sua relutância de princípio e alívio quando ela cede e se agarra nele.

John sai pela tangente e aborda a enfermeira que vinha chegando a socorro da paciente — *Vai ficar tudo bem* — afirma para a enfermeira com seu melhor sorriso e ela cede assentindo depois que espia pelo seu lado ao casal abraçado dentro do quarto.



Por algum tempo Ceccile chorou e algo em seu íntimo mudou, aquecida na alma pelo calor daquele abraço ela sentiu paz. A mesma paz que lhe foi roubada depois da morte da senhora Nill.

— Diz que me aceita — ele insiste em baixo tom — eu aceito os termos. Sejam quais for, eu aceito.

Ceccile afasta um pouco para olhar em seus olhos, vê sinceridade e determinação no olhar cinzento que sustenta o seu e assente movendo a cabeça em afirmativo. Hugo volta a abraçá-la apertando-a forte contra o peito e a beija na fronte.

— Sei que é cedo, temos muito a aprender um com o outro, mas eu amo você Ceccile.

Ela queria tanto acreditar. Quase disse, mas preferiu calar. Decidiu calar. Ia dar tempo ao tempo, aproveitar cada segundo ao lado dele, como se fosse o último.

Como a senhora Nill sempre apregoava; “Na vida tudo passa. Aproveite a cada instante como se fosse o último”.

Estando Ceccile aparentemente mais calma, Hugo se retira do quarto com um brilho divertido que John julga até mesmo sardônico no olhar, deixando-o com Ceccile, para que ela estabelecesse com ele os termos do casamento.

Explicando ela a John que não se tratava de algo tão simples e informal quanto pressentia que Hugo imaginava, ela acrescenta entre triste e serena;

— Não diga nada a ele, John. Em uma semana ou até menos, ele já terá caído em si e...

John assente para tranquilizá-la, mas não fosse ela já estar de alta e todos precisarem de um banho e acomodações, ele teria dito tudo que ouvira para Hugo ali mesmo no hospital.

A saída do hospital não foi uma experiência que Hugo gostaria de reviver, com certeza. O enxame de flashes e perguntas impertinentes dos repórteres que pegou a ambos de surpresa deixou-o totalmente aturdido e irritado, e o olhar aterrorizado de Ceccil o fez julgar que acabaria desmaiando, ele a suspendeu em seu colo e seguiu para o carro alugado com a ajuda de John.

Já no hotel, acomodados em dois quartos lado a lado, ele ruminava e praguejava já imaginando as cenas no dia seguinte e de repente um brilho diferente ilumina seu rosto e ele move os

ombros. Minha esposa, minha mulher. O pensamento o fez sorrir de lado.

John o observava calado, estudando cada transformação no seu rosto reflexivo. Move a cabeça em negação e se levanta.

— Vou ver como está Ceccil e volto.

— Agradeço. — Hugo já era o 'Hugo formal' que John conhecia — Aproveito para me informar se um jantar tipicamente inglês possa ser arranjado. — a ironia novamente presente, da qual John havia desacostumado faz com que contenha um suspiro.

Como dizer a Hugo que não seria tão fácil quanto ele estava imaginando? Que não se tratava de ‘termos’ que uma jovem usaria para garantir que não sofreria o abandono ou algo semelhante? E sim algo mais complexo; como testamento da senhora Nill, que não somente garantia a duplicação do seu espólio, como a permanência, de uma forma ou de outra, de Ceccile em sua herdade por no mínimo um ano. E isso se ela não se casar!

John bufa em frente à porta do quarto de Ceccile, levanta o punho e volta a abaixar. Balança a cabeça — Antes cedo que tarde — decide e vira nos calcanhares seguindo de volta para o quarto onde está hospedado com Hugo.

Hugo estava ao telefone e aponta o sofá para o amigo.

— Claro. Perfeitamente — olha o relógio no pulso — Perfeito, obrigado.

Hugo põe o telefone no gancho e estuda a expressão de John.

— Não são especificamente dela, os termos. — adivinha sério. O brilho em seu olhar se esvai e ele senta em frente a John.

— A prima da sua mãe fez um testamento que, em meu

julgamento, condena a Ceccil à reclusão de no mínimo um ano na fazenda. E isso se não se casar. — John faz uma pausa a estudar o amigo e Hugo o incentiva a continuar com um gesto afirmativo.

John escolhe bem as palavras para explicar os termos do testamento. E que Ceccile havia decidido desde que foi feita a leitura, que devolveria todo o espólio que passaria a ser dela, no caso de não se casar, após a sua permanência por um ano ininterrupto na fazenda. Hugo se remexe incomodado, e essa velha poderia fazer isso? Havia perguntado.

— Não sou advogado nessa área, tampouco familiarizado com as leis do país em relação a esse caso, mas creio que sim. E não fosse os termos, pelo que entendi. Os advogados que estão cuidando dessa questão têm em mãos um documento assinado, autenticado e explícito seu. Afirmando que não iria a momento algum requerer qualquer dos bens dentro do espólio da senhora Nill.

— Ceccile não é um objeto. Não é uma mercadoria dessa velha maluca!

— Não, de fato não é, ainda que se veja assim. — e antes que Hugo abrisse a boca John continua em mesmo tom impassível;

— Ela é a herdeira. Única e irrevogável beneficiária de todo espólio deixado pela senhora Nillmeyer Bougarville em testamento. Mais conhecida como senhora Nill.

Hugo volta a deixar-se cair no sofá — Bougarville — ecoa ele.

— E por acaso, isso era o que Ceccile pretendia dizer ao “Hugo” que ela foi procurar no hotel, onde sabia que estaria por uma noite, devido a uma palestra. Que ela entendia estar sendo beneficiada com algo que jamais lhe pertenceu e que se comprometia em devolver tudo depois desse primeiro ano, quando se tornaria oficialmente proprietária de todos os bens, que ela julga pertencer

aos familiares da sua falecida tutora.

Após uma pequena pausa reflexiva Hugo quebra o silêncio;

— E no caso “casar”?

— O cônjuge deve dispor de espólio equivalente e morar com ela na mansão administrando junto com ela pelo primeiro ano ininterrupto. — e não era só isso, pensa John com uma careta de insatisfação — E não fosse isso o suficiente em condenar Ceccile a uma vida de reclusão, no caso ‘quase impossível’ de ela conseguir alguém à altura dos bens que vai herdar. Ambos teriam que dedicar o espólio duplicado ao suserano nascido a partir do matrimônio, que pula então uma geração, ou seja, mesmo casando. No caso; casando, certamente que Ceccile não se afastaria do filho e, se ironicamente vierem somente meninas...

— O que faz uma, nem sei como chamar. Louca?

— Retórica, excêntrica, retrógrada talvez. — Hugo não gosta da comparação que sente estar no tom de voz e expressão de John, ou que lhe acusa a própria consciência — Reclusa pelo que entendi. — John continua;

— Ceccile tão somente lhe seguiu os passos e orientações durante quase toda sua vida, e essa ‘incrível’ senhora — ele frisa abrindo um pouco mais os olhos —, aconselho que a deva considerar assim em seus diálogos com Ceccile. Assumiu a educação e conseguinte tutela dela quando morreram seus pais sem jamais ter contado a ela.

— A Intocada de Bougarville. Agora entendo o porquê dessa descrição. E quanto ao dote empregado?

John ampara a cabeça nas mãos;

— Todo o espólio em questão, até o último centavo.

Os lábios de Hugo se tornam uma única linha fina em seu rosto;

— Não deve ser impagável.

— Se levar em conta a árvore genealógica do Major e de sua esposa não embarcaremos hoje, e sendo você um jovem ainda no início da casa dos 30, acho que não aguentaria um enfarte.

Hugo encara expressivamente ao amigo.

— É muito?

— Bom, acredito que sim, mas você deve saber melhor que eu, a julgar que o Major descende de uma notória família londrina e era o único herdeiro vivo em mais de cem anos.

John limpa a garganta antes de finalizar;

— Acho que nem precisaria mencionar que a somar com todo patrimônio da sua falecida prima em segundo grau.



Capítulo 13



Hugo se nega em acreditar.

— Impossível! — agora realmente tremia por dentro de tanta raiva e parecia que ia ter uma síncope nervosa a qualquer instante, sua fúria estava focada em seu irmão, mas também em si mesmo por toda a sua arrogância. — Eu fodi com tudo, Rafe fodeu com tudo. Deus!

— Calma cara, vai. Senta aí. — pedia John solidarizado com a situação, mas Hugo aponta na direção do quarto ao lado irado;

— Só falta me dizer que também é dela o brasão dado como perdido da família Bougarville! — Hugo soca o ar — A uma...

— Não se atreva Hugo! — interrompe John — Ela sabe quem é! Com tudo que poderia ser e ter... Ela sabe o que é. Então, por favor. — um pouco mais calmo John o fita — Não a ofenda. Não, me ofenda. Por favor.

John move a cabeça e fecha os olhos com vagar, volta a encarar o amigo.

— Sinto que agora você até queria que ela fosse mesmo somente uma governanta.

— Ainda que com um Sanders em seu ventre. — completa Hugo, totalmente perdido, tão logo cai em si, olha para John desconsolado — Acabou John, nem começou, aliás. E já acabou.

— Deixe de ser idiota! — John se levanta tão rápido e furioso que Hugo automaticamente monta guarda — Ok, casamento está fora de questão, mas não vejo nada que impeça vocês dois de namorarem!

— Namorar? — John quase ri da expressão patética que se forma no rosto de Hugo, mas se contém em tempo.

— Sim cara. Namorar. Se conhecer melhor, passar um tempo com ela na fazenda hmm?

Hugo poderia fazer isso, sim. Ele poderia!

— Não é uma ideia ruim John, mas...

— Mas, — John volta a interromper —, ‘se’ pelos motivos certos. Você tem que levar em conta que a Ceccil ainda não consegue comunicar-se com você em todos os aspectos como deveria, mas não é inculta. E pode acreditar meu amigo; ela é ainda mais encantadora quando exprime seus conhecimentos em sua língua natal.

Hugo podia bem imaginar que sim e desejava muito desvendar cada mistério que envolvesse a mulher que admitia, já estava em sua mente e alma, sem nem ao menos tê-la tocado como queria.

Durante o jantar, onde John estivera de intermediário por determinado tempo, eles conversaram sobre amenidades, assim havia decidido Hugo previamente. Ceccile já havia passado por muitas emoções em um único dia, e ele teria ao menos uma semana para convencê-la de que era o homem em sua vida e faria isso.

O embarque na manhã seguinte teria sido mais tranquilo se várias informações sobre eles não houvessem vasado para a imprensa e vários desses corvos não estivessem em frente ao hotel para capturar uma ou outra imagem deles, e com alguma sorte

alguma declaração mais apimentada. Fazer o quê? Sair pelos fundos disfarçados, escondidos, como se não tivessem o direito de estar ali, para Hugo seria inadmissível. A segurança do hotel foi acionada, um cordão de isolamento levantado, e Hugo saiu de braços dados com a deslumbrante mulher, que logo se tornou internacionalmente conhecida.

“Em férias no litoral sul do Brasil, Hugo Sanders; proprietário de conceituado império no setor empresarial reata com sua noiva e já tem um herdeiro a caminho!”

Hugo deixa o jornal sobre a mesa, lê a manchete sem crer, solta um suspiro ao lembrar-se de ter dito que Ceccile era sua noiva à gerência do hotel, mas como souberam da gravidez?

— Juntando A mais B?

Hugo tem um sobressalto de susto e John sentado na sacada recosta a cabeça na parede.

— Desculpe se te assustei. Eu não consegui dormir. — relata John a mirar na estátua da Liberdade ao longe — Se você pretende acomodá-la aqui, vai precisar rever a segurança desse lugar. — conclui sério.

— Tomou café? — pergunta Hugo ainda se recompondo e se justifica — Eu não pretendia trazê-la para o meu apartamento, ia levá-la para a casa da minha irmã. —, e por vários motivos ele nem voltou a pensar na possibilidade de ficar longe de Ceccile e ajeita-se na cadeira para ter uma visão melhor de John;

— Acha que ela aguentaria? Que aceitaria ser apresentada para a família, de repente, com um sarau?

— Posso perguntar. — responde John ainda sério.

Hugo o estuda um momento e entra em modo defensivo;

— Você olhou todo o apartamento? A estufa lá em cima, a piscina, as sacadas dos três lados, as escadas entre esse e o andar superior? — bufa — Eu não a teria trancado no ‘meu’ quarto, se não fosse para a sua própria segurança, ok? E se te conforta saber. Eu também não dormi!

— Não? — pergunta John e Hugo se levanta.

— Não! — confirma Hugo irritado — E isso já vai para mais de 48 horas! — volta a bufar, algo que vinha se tornando uma constante que o irrita ainda mais — A Mag já está sabendo de vocês, então, se quiser algo que não esteja na mesa, sabe onde fica a cozinha. Eu vou ver se Ceccil não morreu sufocada pelo pânico e tomar algumas medidas.

— Tente descansar um pouco. — aconselha John apiedado do estado do amigo.

Hugo sorri com ironia em resposta;

— Quando tudo acabar meu amigo. Agora não posso me dar ao luxo de vacilar com o pouco tempo que tenho. Fintter chega agora às nove, talvez com algumas boas notícias para variar. — meneia a cabeça, já pensando alto como se estivesse sozinho e passa pela sala em direção ao quarto.



Quando gira a chave e abre a porta ele já a encontra de pé, levemente maquiada, o que supõe ser por causa da pequena cicatriz em seu rosto, ela vestia uma saia creme em tom levemente acetinado que lhe ia pouco acima dos joelhos e uma camisa de algodão em tom que em contraste com a cor da parede por trás dela

entendeu ser gelo ou cinza claro. Um cordão de duas voltas em delicadas pérolas emprestava graça ao colo semidesnudo pelo decote em V, que ele só percebeu bem depois, claro.

Porque esteve por tempo demasiado longo a olhar para as panturrilhas e joelhos descobertos, de boca aberta. Ele leva a mão ao queixo e sente espetar a barba, constrangendo-se por estar diante dela; já arrumada. enquanto ele ainda estava de roupão, barba de dias por fazer, cabelos desgrenhados e, que bom! Estava com calça de seda preta por baixo do roupão.

— Vai me fazer acordar mais cedo. — reclama em tom brincalhão, em seu território estava mais fácil ser ele mesmo, despido de tantas reservas que lhe eram naturais em terreno desconhecido.

— Oh não! — exclama ela em seu habitual baixo tom de voz com a cor fugindo do rosto — O quarto é elegante — hesita — Hm, Hugo...

Hugo olha em torno e volta a olhar para Ceccile. Tudo em torno dela parecia perder o brilho e graceja;

— A nova hóspede que é. — ele limpa a garganta e aponta na direção do banheiro — Posso?

— A casa é sua, senhor... Perdão. Hugo — ela se corrige logo e abaixa o olhar.

Hugo sorri ainda mais ao ver a cor voltando para o seu rosto e não resiste em provocar;

— Fica ainda mais encantadora corada assim. — aponta a porta atrás de si sem tirar o olhar dela — John está na sala do café, se quiser acompanhá-lo, eu me junto a vocês em 15 minutos — ela move a cabeça assentindo e ele a chama — Ceccile. — sorri

quando seus olhares se encontram — Não fuja, por favor.

Ceccile engole em seco discretamente e balança a cabeça, primeiro negando, depois assentindo e corando ainda mais e ele segue ao banheiro.

Somente então, ela solta o ar. Leva a mão gelada sobre o colo logo abaixo do pescoço febril e fecha suavemente os olhos.

Como ele adivinhou que queria fugir? Ela leva a mão ao baixo ventre e aperta uma perna contra a outra sentindo uma pontada lá no fundo. Seu corpo estremece e seus olhos brilham sutilmente marejados pela emoção que corre em suas veias. Ela aspira fundo e sai do quarto, segue na direção de John e pergunta sem nem mesmo piscar;

— “O que preciso fazer para ir embora mais rápido? É só dizer, eu faço”.

John a encara boquiaberto com a caneca de café a meio caminho da boca e ela se recompõe;

— “Desculpe. Bom dia senhor John, John”.

— Senta, — John convida apontando uma cadeira com o queixo — Bom dia pra você também, Ceccil. — ele sorve mais um gole do seu café e cai em si;

— “*Desculpe-me, que grosseria a minha...* — ameaça se levantar e ela pisca sacodindo a cabeça.

— “*Não, não! Eu ia sentar John, só estava, distante...*” — ela puxa uma cadeira e senta com o olhar ainda disperso.

— “Aqui é mais bonito quando... — John sorri — a comparar com o paraíso onde vive, não é bonito nunca.”

— “Sim, não! Quero dizer, desculpe”.

John a estuda e preocupado decide ser direto:

— “Ceccile, ele agiu de alguma forma inadequada com você?”

— “Sim, não. Não! Eu... acho que é outra coisa.”

John levanta as sobrancelhas e provoca — “*Desejo?*”

Ceccile encara-o totalmente ruborizada e John se controla para não rir.

— “Mulheres grávidas sentem desejo. — ela abre ainda mais os olhos denunciando-se — De frutas, coisas estranhas, comida...” — conclui um tanto cínico.

— “Comida não! Não eu... Senhor John, estou com medo, muito medo, apavorada, diria.”.

— “*Está apaixonada.*” — não era uma pergunta, era uma afirmação, e ela move freneticamente a cabeça negando, seus olhos brilham marejados de emoção e de ímpeto ela se levanta num fio de voz;

— “Não posso, não posso John, não”.

Hugo chega à sala nesse momento e Ceccile se recompõe — “*Não diga.*” — ela pede e volta a sentar-se.

— “*Não vou.*” — John dá sua palavra.

— Não vou. — ecoa Hugo com sotaque ao aproximar-se.

John examina a um e outro desconfortável, mas não deixa transparecer em sua fisionomia casual e toma mais um gole do seu café;

— Ceccile vai precisar de roupas entre outras coisas e achou que talvez eu fosse abandoná-la, e eu disse que não. “*Não vou*” — repete John em português — Eu ainda não falei com Ceccile sobre a ideia do sarau, mas creio que ela não vai se negar. Não é Ceccile? — John se levanta — Agora, se me dão licença.

Ceccile se concentra na própria respiração em busca de controle. Hugo também, e ele senta ao outro extremo da mesa de frente para ela. John os observa do corredor, sorri e meneia a cabeça;

“*O fogo e a palha, Ana.*” — pensa ele em português e sai sorrindo.

— A mala que — Hugo começa a fitá-la de soslaio — deixou — abaixa o olhar — para trás. — mirando-a sob os cílios — Fintter a resgatou e, está trazendo para cá.

Silêncio pesa entre eles por alguns segundos.

— “*Eu não*” — disse ela.

— Desculpe — disse ele em mesmo tempo.

Mais alguns segundos de silêncio e Hugo levanta-se;

— É evidente que a minha presença te deixa constrangida. — seu orgulho estava mais ferido do que queria demonstrar — então eu vou tentar facilitar para que a sua estadia aqui seja o menos desagradável possível.

Sem esperar qualquer resposta ele se vira e sai, mas ela o chama de volta;

— Senhor Sanders! Eu, não... Fica, comigo. Por favor. — ela pede olhando-o nos olhos.

— Eu quero. — ele afirma sério — Mas não sei se posso Ceccil.
— olha ao prato intocado na frente dela apontando-o com o queixo
— Tente comer, ao menos pelo bebê, ok?

Ceccile remexe aos ovos mexidos com fatias finas de presunto em seu prato com a ponta do garfo, acompanhada pelo silêncio que reina na sala, mas não consegue comer.



Capítulo 14



Hugo havia enlouquecido, pensou John quando toda sorte de flores em vasos começaram a chegar e até mesmo um piano de calda subia pela lateral externa do edifício e seria colocado na sala de estar. Ele havia feito alguns telefonemas, ditado algumas ordens e foi lá! Saía logo depois acompanhado de Fintter, deixando-o junto com Mag na responsabilidade de administrar a balbúrdia que se instalou na tarde desse mesmo dia.

Ceccile havia se trancado no quarto com azias sobre-humanas e em pânico com a confusão, mesmo havendo ela dito a John que Hugo não precisava se preocupar em alterar seu cotidiano por causa dela. A estufa no piso superior recebia flores e plantas das mais variadas espécies enquanto uma decoradora martelava o assoalho daqui ali e de ali a acolá gritando ordens em tom esganiçado.

Pouco mais de uma hora após começarem com as alterações Ceccile sente um espasmo de vômito contraindo seu estômago ao ouvir a voz esganiçada agora mais perto que antes — Ela ao menos podia avaliar o afinamento do piano, John! Eu tenho um prazo e não quero ser indelicada, mas a aprovação da ‘senhorita inglesa’ se faz necessária em vários setores!

— Ok — John consente — Mas retire seus subordinados da sala de estar e do caminho.

— Isso é um verdadeiro absurdo! — retruca a decoradora com a

voz ainda mais esganiçada — Isso aqui é Nova Iorque, caso não lhe tenha ocorrido! É ela quem deveria se adaptar aos nossos costumes e não ao contrário!

Nesse momento a porta do quarto é aberta e uma dama em porte e elegância, ainda que levemente trêmula, se apresenta a afirmar em perfeito inglês e baixo tom de voz;

— A senhora Hillens tem razão senhor John. Perdoem-me se de alguma forma minha indisposição em evadir o leito tenha impossibilitado a conclusão do vosso trabalho. — ela pende a cabeça em sutil reverência — Como posso lhes ser útil?

Gena se curva em uma irônica reverência e sugere em mesmo tom baixo de voz — Há uma estufa e um jardim além de um piano aguardando aprovação e — ela solta um suspiro de cansaço —, sinto se só tenho duas horas para acabar o prazo estipulado.

Gena era mesmo uma mulher enérgica, como se estivesse sempre ligada em 330 v. Como decoradora conceituada e internacionalmente conhecida pelas transformações em tempo recorde de ambientes internos e também de grandes palcos, ela estava acostumada a agir e comandar em ritmo frenético, mas nessa singular situação para ela, além do tempo impossivelmente curto estipulado pelo seu contratante, ainda tinha que respeitar certos ‘critérios’ que achava um absurdo, no referente ao trato com a hóspede que ali estaria.

John oferece o braço para Ceccile e Gena um pouco mais calma tendo conseguido o que queria, sinaliza para que sua equipe se afaste, mas os olhares curiosos cravados na figura feminina que seguia tão graciosamente, em passos que pareciam fazê-la flutuar ao se encaminhar para a sala de estar, fizeram com que Ceccile vacilasse.

Seus olhos escureceram e a cor fugiu do seu rosto de repente e não houve tempo de John segurá-la em sua queda desfalecida, havia batido a fronte na mesa grande de pés arqueados que sustentava várias pequenas e frágeis peças de porcelana que ali estavam esperando também por aprovação, e muitas dessas peças caíram sobre o seu corpo ferindo-a em vários lugares.

Em pânico e raiva John começou a gritar e praguejar ordenando que todos os presentes se afastassem enquanto ele afastava a mesa mais pesada do que parecia em primeira vista, tirava os cacos e a pegava gentilmente em seu colo avaliando superficialmente os ferimentos. Rosto, pescoço, colo e também a cintura sangravam por causa dos pequenos cortes causados pelos afiados cacos das porcelanas.

Gena estava pregada ao chão olhando a cena de boca aberta e John a encarou com olhar assassino.

Ceccile foi levada de volta para o quarto e assim que ela voltou a si viu a decoradora andando nervosa de um lado ao outro no quarto e estacou quando ao se virar viu que ela estava acordada. Ela se aproximou e abaixou na sua frente — O que posso fazer pra me desculpar com a senhorita? — Gena tremia ao perguntar e Ceccile lhe sorriu pondo sua mão sobre a mão de Gena.

— Peço desculpas. — disse-lhe Ceccile e levantou a ficar sentada na cama — Creio ser o estado em que me encontro que causou o distúrbio. John? — ela perguntou também trêmula e ainda muito pálida.

— Despedindo a enfermeira e o doutor. — informou a decoradora soltando um suspiro conformado — Senhorita Ceccile, estarei à inteira disposição do que for deliberado em juízo. — Gena levanta — É mais que justo pela minha negligência com o que havia sido estipulado, mas confesso que não imaginava, senão nem teria

assumido o desafio.

— Desculpe. Mencionastes Juízo? — pergunta Ceccile num fio de voz, silêncio preenche o quarto por um instante confirmando suas suspeitas — Ah não. Não senhora Hillens! Eu não, eu não sou... Foi um acidente.

Gena vê a sinceridade no olhar que começa a encher de lágrimas — Desculpe senhora Hillens, eu fui negligente e perturbei-a em sua missão.

— Oh não criança! — corta Gena desconcertada e ao se aproximar com intenção de acalantar seu pranto vê que ela estremece e seus olhos abrem mais com algo de terror neles. Gena senta-se então aos pés da cama.

Alguns poucos minutos se passam e John abre a porta, Gena exaltada o encara e o induz a sair com ela do quarto. — Por Deus! — começa ela — O consulado inglês sabe que estão mantendo cativa aqui uma das suas pérolas?

John simplesmente sorri. — É uma pérola certamente, mas a nacionalidade é outra, e ao que vejo, tem mais uma fã.

Gena aponta a porta fechada por trás de si — Não é uma atriz ali dentro. É real! — ainda aturdida conclui — Senhor John eu saberia. Trabalhei com palco por mais de 10 anos!

John contém a vontade súbita de revirar os olhos — Senhora Hillens, por favor, acalme-se — pede secamente — não se trata realmente de uma atriz, mas quanto a sua reclusão posso lhe garantir que é consensual — sente que ela não acredita e formal arqueia as sobrancelhas — Não precisa acreditar, mas aconselho que guarde para si mesma qualquer dos julgamentos que tiver. Salvo queira ver-se constrangida sob os tramites legais da sua colocação eu diria, pouco profissional nesse caso.

Gena ensaia um sorriso profissional e em uma última olhadela para a porta do quarto ela solta um suspiro — Espero que ela se agrade da disposição dos móveis e arranjos de flores. — ela realmente havia dado o melhor de si para esse projeto.

John devolve o sorriso educado, a lembrar-se do quanto o sorriso dos nativos do seu país de origem podia soar seco e falso em comparação ao sorriso franco e aberto oferecido pelos nativos do país que havia aprendido a chamar de lar nos últimos oito anos. Ele puxa do bolso um par de luvas brancas a vestir e assente brevemente — Creio que a senhorita Nill irá se agradar, agora, se me permite. Creio que saiba onde é a saída.

Sem mais ele empurra a porta do quarto com o ombro sem usar as mãos e deixa Gena para trás entre chocada e aturdida. Ele era mordomo e guardião da adorável e delicada, tão extraordinariamente doce, fluente e educada jovem inglesa? Ela treme por dentro e sai do apartamento sem mais perguntas.

— “Oh John, que vergonha. Não sei o que se passa comigo!”

— “Vai passar Ceccil, são muitas emoções, mas logo estará de volta em casa e tudo isso não passará de uma recordação ruim.”

— “Passará mesmo? Eu não sei John, não sei de mais nada.”

John moveu a cabeça concordando, não tinha como discordar. Sorriu condoído e apontou convidando;

— “*Já se foram todos.* — assim ele esperava, ou teria pouca conversa com a senhora decoradora do caralho, porque ele mesmo a jogaria pela janela abaixo, mas manteve a expressão neutra, sem nada declarar do que se passava em seu íntimo — *Venha ver como ficou o novo ambiente?* — ela leva a mão no rosto e ele abaixa a cabeça — *Não consegui te amparar em tempo, desculpe.*”

— “Acho que já me machuquei por toda uma infância de travessuras. — ela sorri triste — Está muito feio?”

John surpreende-se com sua resposta a imaginá-la ainda menina; subindo árvores e montando cavalos, colecionando alguns tantos de arranhões, e lhe responde com um mesmo sorriso triste ao estender a mão para ajudá-la a levantar;

— “Acho que descobri uma forma de cumprir a promessa com Ana de estar sempre ao seu lado sem oferecer qualquer risco para a sua imagem. Serei seu mordomo pessoal pelo tempo que estiver aqui. — ela nega e antes que fale ele a interrompe — Não me ofende de forma alguma, e me garante ainda às boas graças com Ana quando voltarmos hm?”

Ceccile sorri. Um breve e delicado, mas genuíno sorriso de afeição que o deixa desconcertado.

— “*John*. — ela começa a corar graciosamente e os pelinhos na nuca de John se arrepiam em alerta — *Me ajuda a compreender, algumas coisas?*”...

Fodeu. John limpa a garganta e coça o queixo;

— “Ceccile, hmm, acho que alguns dos seus questionamentos eu não... Oh Deus. Um passo de cada vez ok? — ela realmente havia conseguido deixá-lo sem palavras e ele aponta para trás de si — Você vai fazer um reconhecimento de área enquanto eu preparo um chá para nós e...” — ele para de falar quando ela move a cabeça em negação.

— “Em inglês” John, em inglês. “Acho que o que te constrange em ajudar-me, eu só preciso encontrar as palavras certas. Para me expressar melhor, de forma... menos formal.

John respira com certo alívio, mas Ceccile olha para o chão

encolhendo sutilmente os ombros;

— “Talvez nem seja mesmo preciso. — diz baixinho — Em alguns dias a senhorita Nill vai deixar de existir.” — ela refere a si mesma em terceira pessoa.

— Ceccile, não precisa ser assim. — intervém John, mas ela olha em seus olhos entre triste e convicta.

Ela precisava.

O que diria a senhora Nill se a visse naquele estado deplorável? Dominada por sentimentos e emoções que sempre fora educada a condicionar, no mais fundo de si?

Ela melhor do que ninguém sabia a resposta, logo, respirou fundo, aprumou-se sutilmente em sua natural elegância e sorriu; — Vamos John. Vejamos como posso ser útil durante a minha estada aqui.

John engole em seco sabendo que Ceccile havia se fechado em seu mundo e que ele havia perdido a confiança que ela havia lhe dado e isso o chateia.

Como Ana já havia aconselhado; se isso viesse a acontecer, ele dá um passo para trás e inclina o tronco em reverência sutil. Encarnando em definitivo o ‘mordomo’, ele acompanha Ceccil na excursão dentro do apartamento. As poucas palavras que trocaram eram em inglês formal e John concordou em se afastar compreendendo o quanto estaria sofrendo por dentro aquela dócil criatura, decidido em não impor a ela a sua presença.

O apartamento era razoavelmente grande, se comparado com a mansão principal, se levando em conta estar localizado dentro de uma metrópole efervescente como Nova Iorque era uma enorme mansão suspensa que ocupava em largura a metade dos dois

últimos andares do edifício com vista para a ilha da Liberdade.

No salão de entrada com elevador privado, ao alto de aproximados cinco a seis metros de altura viam-se as estrelas pelo teto liso de vidro, uma escada em L seguindo a parede levava ao piso superior onde ficava a área de lazer, com uma piscina cercada por um jardim ao ar livre e uma estufa também de vidro liso, que agora continha flores e plantas das mais variadas espécies posicionadas de forma que Ceccile pudesse alcançar e cuidar. Imaginou-se já na manhã seguinte ali entre as plantas e sorriu discreta, sentindo ser acariciada de volta ao tocar nas delicadas pétalas de uma orquídea rara, que reconhecia ser própria de lugares mais frios.

Nesse momento de bem estar encarnou ela a governanta e reposicionou alguns vasos para que melhor recebessem a luz do sol quando amanhecesse. Ela desceu depois de algum tempo sob o ar livre e dentro do apartamento ia deslizando os dedos pelos quadros a acertar o ângulo de cada um que ia encontrando em seu caminho e um ao fim do corredor que levava aos quartos chamou a sua atenção.

Não somente pelo fato de estar em destaque, sendo sutilmente iluminado por luminárias em bronze eximamente polido nas laterais ao alto de uma mesa de canto com um abajur de base alta e em bojo pintada em tons de azuis e violeta à forma renascença com a cúpula singular semelhante aos abajures gêmeos que ladeavam a porta do quarto da senhora Nill. Mas pelo símbolo que se lembrara de já ter visto pintado nesse quadro.

Ceccile sentiu queimar o rosto quando lembrou e dali se retirou, na sala de estar a mesa para o chá estava posta. E agora também ocupava parte do espaço um magnífico piano de caldas, que fez com que ela seguisse para a sacada e olhar abaixo a imaginar como haviam feito para chegar com o móvel ali. Sensação de frio

congelante passa pela sua espinha e ela volta a entrar na sala a arfar com lembranças pouco agradáveis, com a mão no peito respira fundo, passa pela mesa cheia de iguarias a deslizar os dedos sobre os talheres e laterais das xícaras e pratos, enjoada ela segue ao piano passando a mão sobre a tampa e um barulho estridente a assusta terrivelmente.

John corre apegar o aparelho e antes de levar ao ouvido pede desculpas. Ela lhe sorri educadamente e toma rumo ao quarto. Fechando a porta recosta-se nela a respirar com dificuldade. Seu coração batia tão rápido e com tamanha intensidade que parecia querer sair de dentro do seu peito. Ela fecha os olhos e deixa que as lágrimas refresquem o seu rosto e o colo do seu peito em chamas. Estava apavorada com tudo, sentindo-se como um animal indefeso em ambiente desconhecido. Algum tempo ela ficou ali, de olhos fechados imaginou-se de volta na mansão e na calma do lugar sentiu-se em paz, mas a melodia de sua autoria lhe vem à mente e a leva de volta a recordar da noite fatídica em que tudo havia ficado pior, sem querer esconde as mãos a lembrar do homem que agora ela sabia se chamar Rafael, fechando o tampo do piano sobre seus dedos. O cheiro de álcool adocicado que exalava e a frieza no olhar gelado.

Ceccile respira fundo prendendo por alguns segundos o ar em seus pulmões, mas a lembrança da dor das suas juntas se quebrando é mais forte, impondo-a que grite, que se defenda! Mas ela nega a si mesma oprimindo o sentimento e se deixa deslizar na porta até o chão. Já sabendo que o ápice da sua dor é o não doer, ela aguarda passivamente, a sensação latente que a faz apagar. No chão.

Quando volta a abrir os olhos, por um breve momento imagina que está em casa e respira aliviada, mas prende o ar em seus pulmões ao cair em si de onde está pela estreiteza do quarto,

engole em seco sem emitir som e levanta a cabeça. Hugo dormia atravessado aos pés da cama, de imediato leva as mãos no corpo. Está vestida. Solta o ar e cora ao sentir os curativos. Pergunta-se quanto tempo havia passado. O quarto parecia estar girando em torno de si e ela volta a deitar a cabeça fechando os olhos.

A lembrança de outro quarto lhe vem à mente, com tetos rebaixados e duas calhas com varetas de luzes fluorescentes nas laterais. De ímpeto se levanta com as mãos sobre o ventre, era hospital. Tiraram dela o seu filho. Conseguiram enfim. Mesmo com a mão na boca não consegue conter o gemido sofrido e chora sentindo dilacerar-se por dentro.

Hugo levanta assustado a esfregar os olhos. Somente algum tempo mais tarde, e com a ajuda de John, conseguem lhe explicar o que aconteceu.



Capítulo 15



Hugo ia viajar ainda aquela noite, queria certificar por si mesmo se todos os meios possíveis estavam sendo explorados pelos seus advogados e ligou para o seu apartamento para avisar que estaria de volta antes que amanhecesse, mas John o havia informado sobre o estado de Ceccile e o acidente ocorrido mais cedo, e ele havia saído do avião e voltado para o apartamento no mesmo instante.

Ao tentar abrir a porta do quarto viu um pouco tarde que era o corpo de Ceccile que o impedia de entrar e ao ter forçado a abertura o rosto dela havia esfolado no piso voltando a sangrar, assim como o ferimento na lateral do seu corpo na altura da sua cintura, que somente um pouco mais tarde, na clínica para onde a levaram, foi constatado haver uma fina lasca da porcelana dentro do ferimento, que foi removida cirurgicamente, mais alguns micro pontos em seu rosto e pescoço com anestesia local, e somente isso.



Somente isso? — perguntou-se ela incrédula de cabeça baixa com as mãos protetoras em cima do ventre.

Somente isso? — perguntou-se Hugo, ou os sonhos dela revivendo a angústia da violência que havia sofrido não o iriam atormentar enquanto ele vivesse?

Somente isso? — também se perguntou John em mesmo tempo, ao pensar no que Hugo lhe dissera com poucas palavras em sua

chegada, que estava sendo quase impossível tornar Ceccile sua esposa.

John segue para a saída e olha para ela — Ceccil, seu bebê está bem, mas acho que Hugo não vai se importar de levá-la novamente a clínica para que você possa ver por si mesma.

Ceccile olha para Hugo e ele abaixa a cabeça concordando com expressão de cansaço — Não. Claro que não. — Hugo se levanta e agora é ela que abaixa a cabeça — Pode ser o senhor John, a me levar.

Hugo olha para ela de forma expressiva e John toma a frente, postando-se entre os dois.

— Parem. Os dois. Assim, um de cada vez — ele estava obviamente irritado a focar seu olhar no amigo;

— Hugo, a Ceccile está descobrindo que está apaixonada por você e não o está ignorando, pensa estar poupando-o. — agora ele olha para ela;

— Ceccile, o que você acabou de dizer em poucas palavras nas entrelinhas pra ele é que ele — aponta Hugo — é a imagem e semelhança do homem que violentou você, o mesmo nome que por várias semanas assombrou seus sonhos, a mesma cor e tonalidade dos olhos. — levanta os braços olhando para um e para o outro;

— Agora reflitam sobre isso porque ‘ambos’ já tem problemas demais em separado para além dessa comunicação ineficiente e, Hugo; Ceccile em muitas vezes não encontra as palavras certas para expressar-se como gostaria, mas isso não significa que ela não entenda cada palavra que sai das nossas bocas e também em nossas expressões. — tendo dito John sai da sala e os deixa a sós.

Hugo volta a sentar na cadeira em frente a ela, não podia negar

a ponta de orgulho que sentiu por ter John como amigo e imaginou o quanto devia estar sendo difícil para ele estar nessa situação singular.

— Ceccil eu estou apaixonado por você. Nunca imaginei que fosse possível e tão rápido, mas estou apaixonado por você desde a primeira vez que te vi.

A reação de Ceccile já estava começando a crer, jamais seria como esperava e nem mesmo isso refreava o sentimento que crescia exponencialmente em seu peito.

Seus olhos ficam úmidos e logo algumas lágrimas furtivas começam a rolar pelo seu rosto — Seria — diz ela num fio sentido de voz — mais fácil se não. Se fosse... asco.

As palavras dela o perfuram na carne e também na alma, mas Hugo não estava disposto a se perder em sentimento de culpa, não nesse momento, não agora. Mais tarde sim, mas para que tivesse a oportunidade de se redimir com ela pela sua conduta imbecil no passado, teria que garantir um futuro entre eles dois.

— Seria eu concordo, mas não é o que realmente sinto. Eu amo você Ceccile. Amo tanto que nada mais me importa. Só você.

Hugo está muito próximo, próximo ao ponto de Ceccile sentir seu hálito e inconsciente ou não ela levanta o rosto e entreabre os lábios rosados. Ele hesita ao convite mudo por um ou dois segundos antes de aproximar o rosto de encontro ao dela, seus lábios se tocam suavemente e John intimamente comemora seguindo para o salão de entrada, sobe as escadas e senta-se à beira da piscina saudoso da sua Ana Schoeler. O sol estava ao alto e em se tratando de Nova Iorque, ‘incrivelmente’ dourado, como os cabelos de Ana, que soltos do coque ao alto da cabeça, soltos somente para ele, caíam até a altura da cintura em suaves cachos.

Aloirados cachos.

Hugo contorna os lábios dela com a língua, sua mão desliza suave pelo pescoço alongado e seus dedos penetram na macies dos fios a estalar a presilha esparramando-os pelos ombros dela.

Por um momento se afasta a avaliar se não há qualquer resistência e sua mão do pescoço desliza para o rosto, seu polegar pressiona de leve o lábio inferior expondo o tecido interno, sua boca toma o lugar do polegar e sua língua a acaricia neste ponto provocando uma reação tão intensa que chegava a ser angustiante e ela geme.

Hugo afasta o rosto sem ar e sem conseguir afastar a mão, cuidadoso com qualquer movimento em seu olhar ou expressão que pudesse afirmar que a estava assustando, seu olhar percorre todo seu rosto estudando-a. — Eu preciso saber — dizia entre pausas — se você quer, porque... Diga-me que você quer.

Ceccile morde o lábio inferior em chamas, todo seu corpo está tremendo e confuso com as sensações novas — Eu quero. — ela afirma baixinho.

Hugo a levanta em seu colo e a leva para o quarto. Em momento algum ela demonstra resistência, não que ele visse, mas por um breve momento apertou fechado os olhos enquanto ele a beijava de olhos fechados e um pensamento lhe ocorreu; “Aproveitar cada momento como se fosse o último” — e isso doeu.

Talvez ele tivesse percebido, se seus olhos fechados não fossem para esconder o seu próprio conflito. “Ela era doce e submissa, não gritou, lutou ou se defendeu do que Rafe fez com ela, eu não posso. Não sem ter certeza.” — e isso doeu.

Hugo se afasta a observá-la deitada na sua cama, seu peito ardia e arfava. “Não sou o Rafe” ele pensava. Deitou ao seu lado

decidido a lhe mostrar o quanto podia ser diferente, acariciou com lentidão os cabelos sedosos espalhados sobre o travesseiro e lençóis, ela fechou os olhos e ele sorri em ver os seios enrijecendo sob a blusa de seda clamando por atenção, suave ele roça o indicador sobre a veia em seu braço a admirar fascinado a resposta imediata do corpo dela ao seu toque.

O indicador chega ao ombro e com o mesmo vagar segue a curvatura do decote até o centro. Ceccile solta um gemido a arquear o corpo na direção da sua mão com o rosto afogueado e os lábios entreabertos a respirar, que está louco para voltar a provar, Hugo sorri ainda mais ao soltar o primeiro botão, depois outro, com a mesma lentidão, ainda que isso o estivesse matando por dentro.

Prende a respiração quando vê a blusa deslizar expondo a cintura delgada. Tão afinada, nem parecia estar grávida. Ajoelhado na cama ele segura em sua cintura e a levanta puxando-a para si beijando-a novamente a boca e o pescoço a soltar o sutiã, despe-a das peças ao mesmo tempo em que distribui beijos pela pele sedosa e perfumada em seu pescoço e ombros, Ceccile ondula em direção ao seu corpo arfando e soltando gemidos suaves quase inaudíveis que o estavam enlouquecendo, e seu corpo reconhecendo pela primeira vez a dor e a agonia, suas mãos descem pelas suas costas desabotoando a saia e descendo o zíper. É real, ele pensa com a sensação única e indescritível que começa a brotar em seu íntimo. Ele realmente amava essa mulher.

Ceccile volta a deitar-se e vibra por inteiro, plenamente consciente do homem a despindo em plena luz do dia.

Cada pedaço do seu corpo sendo exposto até que não sobrasse nenhuma peça, todo seu corpo, dele.

Sente as pontas dos seus dedos deslizando em sua pele, sabe que

a está admirando, reconhecendo, demarcando a sua pele e tomando posse de cada pedacinho seu onde tocava.

O teto do quarto parece girar diante dos seus olhos, as carícias lentas e suaves demais começam a angustia-la porque ele a toca tão perto de onde queria que ele a tocasse, toda sua musculatura se contrai e um gemido mais aflito escapa de seus lábios em um sussurro choroso ao sentir os dedos deslizarem sobre os bicos dos seus seios.

Sua garganta parece fechar quando o calor da língua eriça o bico ainda mais, a mão agora espalmada sobre a sua barriga, ela não esperava que chegasse aonde enfim chegou. Seus sentidos se confundiram e multiplicaram quando começou a massageá-la entre as pernas, que automaticamente se abriram para ele, como flores na primavera se abrem para receber o sol, beijando a um e outro seio e tomada pelo prazer súbito e inesperado fecha as pernas prendendo seus dedos arqueando na cama em contrações e gemidos suaves.

Hugo volta a beijar sua boca a engolir seus gemidos, saboreando seu gosto e explorando cada cantinho com sua língua, sentindo-a contrair contra seus dedos, por muito pouco não gozou como um moleque inexperiente dentro das calças.

O rosto dela estava deliciosamente corado, os lábios rosados estavam inchados e entreabertos. Os cabelos esparramados para todos os lados, os cílios longos pendiam sobre os olhos agora relaxados e pesados de sono pelo gozo.

Era o primeiro orgasmo dela, ele imaginava. E isso foi o suficiente para inflar seu ego e um riso de lado brotou no canto dos seus lábios. Ele não era como seu irmão, e para garantir a si mesmo que não haveria dúvidas sobre isso se levantou, a encobriu com o lençol e roçou os lábios sobre os seus antes de seguir para o banheiro a mancar, seu próprio corpo o castigando pela falta de

alívio. Mas outra parte mais interna da sua anatomia estava em êxtase com seu empenho e desprendimento.



Capítulo 16



Ele a amava, e como a amava; ela não podia pensar no quanto.

Ela o amava, e como o amava; mas ele não podia saber. Ela não tinha nada, não era nada, e chorou, chorou baixinho e sentido até que adormeceu. Oh Deus. Sonhou. Estava em casa, na sua singela casa, um ano passou. Todo o dinheiro havia sido devolvido e ela estava livre para viver e amar seu filho...

Hugo chegara há pouco no quarto, encantado a observava calado, deslumbrado com a sua beleza, e ela sorriu dormindo. Ele estudava cada pequeno traço em seu rosto, o formato das pequenas orelhas e curvas, o formato dos cílios e sobrancelhas, o brilho dos cabelos soltos e compridos espalhados em um halo acetinado sobre os lençóis e travesseiros.

John bate na porta, provavelmente já havia batido antes, mas não tinha certeza, se o ouviu confundiu com as batidas do próprio coração ressoando em suas têmporas, mas a batida agora foi mais forte, ritmada, impaciente, denotando a urgência em ser atendido.

Hugo faz uma carranca de desagrado, encobre Ceccile e segue a entreabrir a porta. John também faz uma carranca;

— Senhora Connie, impõe audiência com a senhorita Nill. — disse em baixo tom.

— Deus! — exclama Hugo também em baixo, mas irritado tom de voz. — Como ela soube que é Nill? — até mesmo ele com todo

pessoal que havia envolvido para encontrar a mulher que agora estava adormecida e deliciosamente esparramada e saciada sobre os lençóis da sua cama, o máximo que havia descoberto antes de seguir para o Brasil era que seu sobrenome era Cintra. — Não importa — disse Hugo a mover os ombros — Diga que está indisposta.

— Acha que já não disse? — devolve John ainda irritado — Ou a palavra ‘impor’ perdeu o significado? E por acaso, ela acha que sou o mordomo pessoal de Ceccil, o que me faz crer que a sra ‘Hillens Dos Infernos’ que andou dando com a língua nos dentes.

Hugo suspira alto — Enrola ela uns... não. — muda de ideia — Ela não foi convidada, pode muito bem esperar meia hora. Quem sabe assim não muda de ideia e vai embora.



Catarina não desistira, ao contrário. Fechou seus olhos para todos os impropérios cometidos pela farsa de mordomo que ali se apresentava e aguardou, como a 'lady' que era, por exatos 45 minutos.

Hugo e Ceccile decidiram em agir pela verdade, claro, omitindo o que lhes fosse possível do que viesse a comprometer a imagem da família Sanders, ainda que Hugo a essa altura estivesse pouco se importando com a sua família se fosse em detrimento da imagem da sua amada, podia ver em seu olhar que ela não faria nada que o fosse prejudicar de propósito. Mas para sua falta de sorte...

Os dois chegam à sala lado a lado, feita as apresentações ela sutilmente inclina em reverência diante da matriarca dos Connies antes de sentar-se em poltrona próxima.

Catarina, apesar da fisionomia amistosa analisa Ceccil de cima a

baixo e Hugo sente um calafrio percorrer sua espinha, intimamente desejando que Ceccile cometa alguma gafe que a faça parecer mais humana do que nobre, mas isso não acontece.

Ceccile age naturalmente, como fora ensinada por quase toda sua vida, não estava preocupada com seus modos ou em ser um personagem, estava sendo ela mesma.

— “Ceccile, minha filha, sabe que não pode estar noiva de Hugo Sanders?” — perguntou-lhe a matriarca em erudito português.

Hugo treme na base ao escutar seu nome na boca da velha e ver como havia alterado a expressão de Ceccile com o que quer que ela a tenha dito.

— “*Não posso*” — sussurra Ceccile com olhar marejado.

John e Hugo se entreolham, a matriarca meneia a cabeça sutilmente e sorri com gentileza para ela — “*Não criança, não pode. E vejo que sabe 'o porquê'.*”

Ceccile fecha os olhos e uma lágrima rola sem permissão pelo rosto gelado;

— “Não posso noivar, mas senhora Connie eu... não sou digna...”

— “Sim criança, você é. — interrompe a matriarca e discreta fita seu ventre — E a criança em seu ventre também será. E receberá o nome do homem que à sua altura, a desposará.”

Ceccile meneia a cabeça trêmula;

— “Eu o amo senhora Connie.”

Catarina arqueia de leve as sobrancelhas ralas;

— “O ama mais do que a mulher que recebeu a filha de seu marido com outra, dentro da sua casa?”

Ceccile empalidece ainda mais e nega;

— “Não senhora, sou adotada somente.”

A matriarca insiste com expressão serena;

— “Você é Bougarville, querida. O sangue dos Bougarville corre em suas veias. E isso lhe impõe grande responsabilidade para com seus ascendentes.”

Somente agora que a matriarca olha na direção de Hugo com seu olhar de superioridade;

— O senhor tem consciência de que não está à altura de se casar com uma Bougarville senhor Sanders?

Hugo pende o cenho por um segundo hesitante, mas logo se levanta a encará-la como igual.

— Não me importa qual sobrenome ela tenha agora. Será uma Sanders, assim como o filho que está esperando. — ah sim, ele podia não ter entendido quase nada do que elas falaram, mas viu o exato momento em que a velha olhou expressivamente para as mãos que Ceccile mantinha protetoramente em seu ventre.

Agora a matriarca também se levanta e sorri;

— Que seja. Ainda assim — ela olha em torno —, até que se dê o casamento, o senhor há de convir que não haja aqui uma estrutura adequada para receber Ceccile. Para a sua própria imagem, e também da menina. É coerente que permita que eu a receba em minha casa. — volta a sorrir para Hugo — Se é um homem de princípios, como foi seu pai. — ela o desafiava com seu olhar — Não há de querer macular ainda mais a imagem da única descendente viva de um Bougarville.

Ceccile levanta, ainda que com lágrimas nos olhos a rolar pelo

rosto mantém a compostura e olha para a senhora com respeito;

— Senhora Connie, agradeço a gentileza, mas pretendo voltar ao meu lar e cumprido o prazo que fará de mim a proprietária de todos os bens da senhora Nill eu devolverei aos seus donos de direito. Eu não sou uma Bougarville, sou somente Cintra, com um Sanders no ventre. Uma governanta.

Catarina volta a arquear as ralas sobrancelhas com expressão de pesar;

— Pobre criança, está cega pela paixão. — puxa um canudo de papel da bolsa de veludo que tinha em mãos e estende a Hugo, olhando-o novamente com aquela superioridade que o estava inflamando por dentro — O senhor a vendou, cabe ao senhor desvendar-lhe os olhos. — olha então de volta para Ceccile e lhe sorri, corre um olhar reprovador em John de cima embaixo e volta-se séria para Hugo;

— Se o senhor não quiser romper em definitivo os laços que une nossas famílias, mostre que tem sangue do seu pai a correr em suas veias — sutilmente lhe sorri — Terá um carro da família às 16h45min aguardando Ceccile na portaria. — voltando-se para Ceccile a sorrir com gentileza, a matriarca assente — Seria gentil em acompanhar essa velha senhora até a porta, criança?

Ceccile ensaia um sorriso automático ainda que triste e assente a acompanhar Catarina até a saída, já na porta do elevador ela se volta a dirigir em português;

— “Ainda mais se o ama, criança. Não renegue o sangue que corre em suas veias, ou me obrigará a agir contra todos os Sanders.”

Ceccile respira fundo, trêmula devolve o sorriso.

A porta do elevador fecha e ali mesmo, no salão de entrada do

apartamento, ela ajoelha no chão, abaixa a cabeça com a mão no ventre de olhos fechados e aguarda o ápice da dor. Não há lágrimas, nem um soluço, era assim que ela o amava.

Sublimava tudo.



No canudo entregue a Hugo constava a cópia de uma carta escrita de próprio punho, lavrada e devidamente registrada, onde Elizabeth Nillmeyer Bougarville reconhecia Ceccile Cintra como filha natural do seu falecido esposo, e como ela mesma não pode lhe dar filhos, não somente a reconheceu como única beneficiária de todos os seus bens, como também a recebeu em sua casa e assumiu sua tutela e educação desde a sua mais tenra infância.

A carta em si era uma requisição de apuramento genealógico para que Ceccile recebesse o brasão e respectivas honras que conferia ao título. Afirmava também, a quem interessado estivesse de contestar, que Elizabeth havia guardado no cofre em um banco multinacional, o material genético do falecido esposo para a comprovação do referido. Hugo leu, John confirmou. E Hugo chorou.



“... me obrigará a agir contra todos os Sanders.” — as palavras ecoaram em sua mente e Ceccile suspirou. Levantou-se e foi para a sala de estar, abaixou-se na frente dele e pôs as mãos sobre seus joelhos, olhou para John de pé ao seu lado, seu olhar vacilando por um instante, olhou para Hugo e o fez olhar para si;

— *“Obrigada.”* — ela disse e aguardou que John a entendesse em seu apelo e lhe traduzisse, porque precisava expressar-se, sem

deixar qualquer dúvida do que queria dizer, John a traduz e ela continua;

— “*Com você eu entendi que pode ser bom amar.*” — John traduz e Hugo ameaça falar, mas ela leva os dedos em seus lábios — Please. — sussurra — *Por favor.*

— “Mas eu, não posso me deixar iludir. A roupa que me veste, a educação que me foi ensinada, até os alimentos que me nutre, nem a mim pertence.” — John ia traduzindo palavra por palavra — “O que é meu, em mim, é seu. — lágrimas deslizam com vagar pelo rosto dela — “Minhas lembranças mais felizes, meu coração, meu desejo”... pra sempre. Só seu Hugo.” — Ceccile passa a mão no rosto afastando as lágrimas — “É muito mais do que um dia imaginei que teria.”

Hugo começa a negar enfaticamente após John traduzir e se levanta.

— Não. Não, não. Se você não quiser ir. Encontraremos uma saída.

Ceccile abre os olhos em apelo a mirar John e John segue Hugo;

— Ei, hei cara! O que vai fazer?!

Hugo aponta a saída com olhar frio e em mesmo tempo irado;

— Quem ela pensa que é para invadir minha casa e se impor dessa maneira em nossas vidas?!

— Calma Hugo, esfrie a cabeça! Pense. — John faz uma pausa — Há quanto tempo você não dorme?

— Era só o que faltava! — esbraveja Hugo — Não vem ao caso! Talvez você não tenha se dado conta, mas Ceccile não está nem de longe preparada para viver nesse mundo!

John assente concordando com um brilho frio no olhar;

— Que bom que você percebeu. Fez amor com ela?

— Quê?

John move os ombros e continua sério;

— Ela parece satisfeita e você uma bomba prestes a explodir. O que me faz supor coisas que, desculpe Hugo. Mas se estiver jogando, manipulando a situação, vai perder.

Hugo abre e fecha a boca algumas vezes encarando John ;

— Não estou jogando com Ceccile, se é o que está pensando!

John meneia a cabeça em negação;

— Acho que não soube me expressar. Sendo noivo ou não, quem está mais próximo da Ceccile agora?

— Eu. Aonde quer chegar John?

— Eu sou só um cara desconfiado na missão de babá, mas você ainda é um empresário à frente de um reinado e se estivesse descansado, ou relaxado talvez...

Hugo sacode a cabeça com um sorriso aturdido e John perde de vez a paciência.

— Volta a música Hugo! Para quê, especificamente, trouxe a Ceccil? — e ele mesmo responde — Foi para desfazer o mal entendido que havia ficado com os Connies e consequente com a mídia. — levanta os braços — Mais que feito. Se não é sua noiva, azar. Ainda assim é por tabela ‘enteada da sua prima em segundo grau’, sua parenta. É maior de idade e tem todo direito de estar onde quiser estar... — suspira —, mas nós sabemos que Ceccile vai estar onde você quiser que ela esteja, dizia seu olhar.

— Oh Deus John. Acha que eu...

— Pois é. — corta John secamente — Se eu desconfiei por um momento o que dirá os demais, mas se ainda assim é o caso — assente compreensivo — deixe-me levá-la de volta pra casa. — afinal, o poder e o dinheiro mudavam as pessoas.

— Por mais irônico que possa parecer John, Ceccile deixou de ser um ‘negocio mal resolvido’ no momento em que voltei a vê-la na fazenda. Mesmo que eu negasse até para mim, eu não a teria trazido se o susto com Wees não houvesse precipitado os acontecimentos. — Mesmo? Acusa-lhe a consciência. Merda. Ele tinha uma não?

— Ótimo! — corta John — Lança uma nota na mídia — levanta os dedos no ar a dar ênfase com os olhos mais abertos;

— **“Se não fosse o testamento excêntrico, já estaríamos casados”** e assumo Ceccil! Que há cara? Ela pode ter sido criada ao modo do século dezenove, mas você, em pleno século vinte e um!

Hugo se apruma, hesita. Várias expressões divergentes cruzam seu rosto reflexivo;

— É tudo que quero, mas não sei se posso. — John o encara decepcionado e Hugo se exalta — Não é tão simples John! — exausto satiriza — Ah eu gostei dessa. Vou levar. — suspira — Nem precisa me dizer o preço. — Hugo abre os braços apontando em torno de si;

— Isso tudo não é nada John! Nada. Comparado ao que ela merece!

Ceccile ouvia a tudo calada, embora algumas palavras lhe fugissem à interpretação imediata. Compreendeu que ele não

queria afastar-se dela, mas se não podia ele se casar com a fortuna da senhora Nill, então ela se aproximou e esperou que Hugo lhe desse a palavra.

O que ele fez tão logo a viu entrar na antessala.

— Aceitaria — ela engole tensa — se casar, com uma Cintra? De forma, não convencional.

— Quero você Ceccile. — disse sem piscar — De todo meu coração, eu quero você.

Ah droga!

Ela começa a chorar novamente, trêmula sussurra;

— “Não deixe. Que me tirem de você.”

— Não permita que ela se vá. Foi o que disse. — remete John.



Capítulo 17



Hugo nem pensou, um passo em sua direção e enfiou a mão no penteado, num estalar da presilha soltou seus cabelos, os lábios se encontraram em um beijo quase casto e ele a levantou no colo. Não a levou para o quarto como desejava. Subiu as escadas degrau por degrau a beijá-la. Não queria sentir culpa por decidir algo errado, frustrado perdido e emocionado, com os dedos emaranhados entre os cabelos dela e o rosto escondido em seu pescoço, ele chorou calado. Sabia que ela aceitaria passiva ao destino que ele decidisse e isso estava doendo pra caralho. Porque era inegável que ele queria o melhor para ela, e pela primeira vez na vida se sentiu humilde, impotente e incapaz de ser esse melhor. Porque desejava tanto essa mulher. Tanto! Que seria capaz de morrer por ela. Seria capaz de largar tudo, começar de novo, mas não. Ele meneou a cabeça a olhar nos olhos dela, calado a acariciar seu rosto com as costas dos dedos, enquanto lágrimas genuínas rolavam sem pudor pelo seu rosto. — Não mereço você.

Hugo disse e Ceccile chorou. Porque entendeu que estava sendo sincero em seus sentimentos. Doeu muito mais do que qualquer outra dor que já tivesse sentido e ela se encolheu em seu colo.

Tão frágil, tão passiva, ela suspirou;

— Me leva pra casa — pediu num fio de voz quase inaudível — Um ano e estou livre, para ser plenamente sua. — se ele ainda a quisesse... Só em pensar no quanto tantas coisas poderiam mudar até em menos tempo, seu peito apertou, doeu tanto que perdeu o ar,

a garganta estava travada e as lágrimas pululavam sem cessar.

Algum tempo passaram agarrados sem dizer nada. Com Hugo sentado na grama com a mulher que havia virado sua vida de ponta cabeça em seu colo. Seu mundo simplesmente parou e o dela também. Até que os passos sutis de uma bela dama adentrou o ambiente em silêncio. Admirada e igualmente emocionada balbuciou — Ele não mentiu. — referia-se a John e já ia se retirando quando Hugo beija terno a fronte de Ceccile e levanta a cabeça.

Escutara ao longe o murmurinho infantil e virou-se;

— Giulia. — disse rouco a encarar a irmã.

— Hmm John me disse que estaria aqui. — pende o cenho, constrangida — Eu, não quis ser indiscreta. — ainda olhando o chão aponta na direção das escadas — Acho melhor eu...

Hugo estava com as pernas adormecidas pelo tempo que estava na mesma posição e sente que Ceccile se encolhe mais a esconder-se em seu colo.

— É minha irmã. — apressou-se em explicar e voltou-se a Giulia — Espere. O que aconteceu? — esfrega os olhos ainda úmidos.

Agora que estava ali, não sabia se conseguiria continuar, engole em seco ainda fugindo do olhar do irmão;

— Vim te pedir, eu, venho pedir que não, não me condene...

— Trouxe as crianças? — pergunta Hugo a massagear as pernas — Eu ouvi vozes.

— Somente Joe e Alice — e logo justifica —. Mas estão com a babá no hall.

— Por Deus Giulia! — Hugo a repreende e se levanta estendendo a mão para Ceccile a ajudá-la a levantar, falando assim até parecia que ele não admitia a presença dos sobrinhos na sua casa. Giulia tem a decência de corar, ele pensa a estudar a irmã e faz as apresentações;

— Ceccile, essa é minha irmã Giulia.

— Oh Deus — balbuciou Ceccile quando seus olhares se encontraram.

Hugo pisca surpreso a observar uma e a outra. Ceccile leva a mão à boca, a cor fogia do seu rosto, mas logo se recompõe e sorri timidamente. Somente seu olhar brilhava ao olhar para Giulia.

— Posso te abraçar? — pede Giulia hesitante, mas Ceccile volta a surpreendê-lo ao aproximar-se da sua irmã a abraçá-la forte, como se fossem amigas desde sempre.

— É minha cunhada então? — pergunta Giulia a sorrir acariciando seu rosto.

— Sou? — perguntou Ceccile com olhar enigmático e triste, rasos d'água.

Hugo sacode a cabeça como a por os pensamentos no lugar e fita a irmã.

— A quê veio mesmo, Giulia?

Giulia já havia perdido a coragem e abaixa a cabeça. Ceccile a olhava, e parecia assustada com algo que ele não entendeu.

— Vamos descer. — sugere Hugo — Tomamos um chá e Ceccile conhece as sobrinhas.

Ambas concordam e não podendo descer os três lado a lado a

escada, Hugo segue logo atrás a observá-las, chocado com o grau de intimidade que Ceccile aceitou e lhe pareceu ser de bom grado, com que a sua irmã a tocava, acariciava seus cabelos e pondo a mão em seu ombro.

Com mulheres não é arredia; ele pensou.

— Tio Guito eu trouxe roupa de banho. — aproximou-se Alicia ignorando o olhar de censura que Giulia lançava sobre ela — Posso ficar na piscina?

Hugo percebeu que Ceccile encolheu mais do que precisava com a desculpa de dar passagem para a sua sobrinha na escada. Alicia o abraçou e ele a beijou na testa, mas ele a encarou com olhar e tom severo;

— Esqueceu os bons modos em casa? — Alicia faz uma careta e volta a descer batendo os pés na escada a estender a mão em cumprimento para Ceccile.

— Oi, você deve ser minha tia. Meu nome é Alicia, mas todos me chamam de Alice.

Ceccile instintivamente olha na direção de Hugo e ele gesticula incentivando discreto, ela o copia estendendo a mão, que a moça sacode e solta em seguida voltando a subir de dois em dois degraus na direção de Hugo.

— E então, posso?

Hugo a repreende e Alicia se põe na ponta dos pés — Impossível você — ele reclama, mas inclina-se na direção dela e ela o beija no rosto;

— Agora acho que a mamãe finalmente caiu em si. — disse ela após o beijo estalado e continuou subindo os degraus de dois em

dois, rumo à área de lazer.

— Não vá entrar na estufa! — ordenou ele.

— Ok — gritou ela de volta, mas já não estava mais à vista.

Hugo olha para a irmã e ela abaixa a cabeça;

— Desculpe por Alice, ela é... Desculpe...

Hugo termina de descer o lance de escadas e move os ombros com pouco caso;

— Ela não é uma menina má, só tem muita energia para gastar. — ele justifica — Já que Alice até roupa de banho trouxe, por que não trouxeram também o Vico?

Giulia hesita em responder, queria dizer ao irmão que Clark mantinha explicitamente outra família com a mulher que foi babá de Alicia e que o filho estava com ele no aniversário do filho de Clark com essa mulher.

— Ele está com o pai em um evento — diz somente, ao levantar um pouco o olhar — Já recebeu a visita da senhora Connie? — a julgar pela cara feia do irmão, meneia a cabeça e lamenta; — Cheguei tarde então. — discreta apertou forte a mão de Ceccile a justificar-se; — Fui levar Joe em uma consulta de rotina, não imaginei que ia demorar tanto. Não vai permitir, vai?

— O quê? — pergunta Hugo sem entender a estreitar os olhos.

Giulia volta a apertar a mão de Ceccile tensa e abaixa o olhar;

— Que a Ceccile se vá...

Hugo encara a irmã com um brilho um tanto divertido e um tanto curioso;

— Como sabe? Ou melhor, do quê está sabendo?

Giulia trina os dentes, havia começado, teria que terminar, mas hesitou;

— Havia nos oferecido um chá? — ela coça as têmporas e examina as horas apavorando-se, não tinha mais tempo, fixou no chão o olhar, não conseguiria encarar o irmão — Ele tem outra. Eu não o amo, acho que nunca consegui amar e não é justo que você a perca, Deus... Eu amo o Fintter. — se volta para Ceccile com olhos úmidos e Ceccile a envolve em um abraço a abaixar com ela quando a força nas pernas lhe falta.

Ceccile espia Hugo, Johana começa a espernear e chorar no colo da babá estendendo os bracinhos para a sua mãe. Hugo abraça as duas e aponta para a babá indicando que entre com a menina e a babá o atende prontamente.

Acalmados os ânimos, Hugo segue com elas para a sala de estar. Ceccile desejou deixá-los a sós, mas Giulia a havia segurado discretamente em apelo mudo. Hugo ofereceu a Giulia uma dose alcóolica e Giulia negou justificando, ainda estava amamentando Joe.

— Se é assim. — Hugo passa rápido o olhar na mão de sua irmã agarrada na blusa de Ceccil — Eu vou ver como está Joe e aproveito para ver um chá, ok?

Ambas assentem e tão logo Hugo sai da sala Giulia não perde mais tempo;

— “Me deixa morar com você por uns tempos? Eu e as meninas? Seis meses será o suficiente.”

Ceccile tomba de lado a cabeça surpreendida — “*Fala português também?*” — sim, era óbvio, mas quando deu por si já

havia perguntado, Ceccile passa a língua entre os lábios envergonhada.

— “*Não muito. Desculpe.*” Ceccile, não desiste do meu irmão e, “*Me ajuda?*” Help me please! — sussurrou aflita. — Me ajude, por favor.

Ceccile move a cabeça assentindo sem tirar o olhar dos olhos de Giulia, sua mão sobe ao rosto tocando a maçã e Giulia prende o choro a assentir — Iguais. — ela confirma — Eu e o Dave. Iguais aos seus. Herdamos os olhos da nossa mãe, já o Rafe e o Guito têm os mesmos olhos do nosso pai.

Ceccile solta uma exclamação sussurrada e morde o lábio inferior com tanta força que se fere. Ambas voltam a se abraçar, Giulia basicamente a agarra, mas Ceccile aperta-a forte contra si.

Hugo não havia chegado à cozinha, encontrou John no caminho e pediu que o amigo visse com Mag o chá, e certificasse se havia se acalmado a sua sobrinha mais nova. De então, ele subiu novamente as escadas e foi parar na beira da piscina, abaixou-se perto da borda e chamou Alicia;

— Vamos, fale pra mim. O que está sabendo? — inquiriu.

Alicia faz uma carranca a sair da piscina.

— Já vi tudo. Sobrou pra eu ser a linguaruda né?

— Simplifica Alice. — ele ordena seco, mas Alicia dá de ombros, tal como ele faz de vez em sempre sem nem perceber;

— Mamãe morre de medo de você. Simplifiquei bem?

O olhar empertigado da sua sobrinha era desafiador e impertinente e Hugo sorri mudando de tática;

— Comentou que ela caiu em si. — ele a lembra — Achei que você quisesse me dizer alguma coisa.

Alicia leva as mãos na cintura, era a imagem dele em versão feminina, teve que reconhecer. — Não acredito que ela vacilou. De novo! Que sa... co, desculpa Guito.

Hugo sorri ignorando o xingamento e incentiva — Prossiga. — era evidente que muito do que estava para ouvir ele não iria gostar.

— Não disse ela, depois de tudo que aconteceu, digo eu.

E assim ela fez.

Sentados na grama; ela conta ao tio que sua mãe vivia a chorar pelos cantos da casa e que o ‘Clark’, assim ela chamou o pai em tom de deboche e ira, vivia a incentivar Vico a ser desrespeitoso com a mãe, mas com a 'outra lá', que ela preferiu não denominar em respeito ao tio, era diferente, e por fim ela suspirou e o olhou de lado;

— Ao menos ela disse que o Vico não veio com a gente porque está no aniversário do bastardo do Carl?

— Carl? — ecoou o tio.

— É o nosso segundo irmão torto. Guito. Se não fosse você a pagar as contas lá de casa, sabe que não teríamos nem pra comer? Sabe onde é que estou estudando agora? Lá em casa é tudo para aquela... Imagine o xingamento mais ofensivo que puder.

Hugo se levanta de ímpeto.

— Obrigado Alice.

Alicia estremece com seu tom seco e apela;

— Tio. Vai brigar com a mãe? Ela não teve culpa. — Hugo

estreita os olhos a encarar Alicia — Nem ele também — diz ela com seu olhar preocupado varrendo o rosto dele –, e ele gosta muito do senhor, sabia? — agora ela fita o chão de bico e braços cruzados — Eu queria ser filha dele também.

Hugo engasga terrivelmente, levanta a mão a afastar de si Alicia que havia se aproximado em seu socorro e gesticula para que ela volte para a piscina. — Ah droga tio! — esbraveja e aflita ameaça — Se vai brigar com a minha mãe, eu nunca vou te perdoar! — fagulhas pareciam saltar dos olhos escurecidos ainda mais pela aflição dela.

— Não vou. — ele conseguiu prometer entre tosses e se foi. No meio das escadas ele para nervoso, leva as mãos geladas no rosto e sente uma pontada forte no peito.

Ceccile e Giulia se levantam em mesmo tempo ao ouvir o estrondo e seguem em passos apressados parando ambas no hall de entrada, ambas levam as mãos à boca.

— Estou bem. — disse ele — Estou bem, não se preocupem comigo — voltou a repetir para tranquilizá-las tentando se levantar com a ajuda de John, que havia chegado logo em seguida.

Um estalo audível se faz ouvir.

— Oh Deus Guito! — exclama Giulia a amparar Ceccile a desfalecer há poucos passos do seu irmão, desmaiado em posição pouco anatômica.



Capítulo 18



O momento era de pura tensão no apartamento. O socorro foi chamado e Hugo havia sido removido para o hospital mais próximo com a evidente fratura exposta em sua perna direita. Ao tentar firmar-se na perna já lesionada pela queda da escada, seus ossos se partiram perfurando a carne. Fora a conclusão que chegaram os paramédicos, baseado no relato de John, que os havia recebido quando chegaram. E esse espetáculo de mau gosto foi o que levou Ceccile a desmaiar, tomada pelo terror que a cena lhe provocou.

Ceccile havia sido levada para o quarto antes da chegada dos paramédicos e Giulia em concordância com John decidiu não expô-la. Ela observava-a em seu sono e se volta para John a confortá-lo — Eu também desmaiava muito na gravidez da Alice, ela vai ficar bem.

Hugo havia sido removido ainda desacordado e suspeitavam que ele houvesse sofrido um princípio de enfarte movido pelo estresse e John havia ficado dividido, mas Giulia o garantiu — Eu ficarei com ela, John. Não vou permitir que ninguém a leve daqui, se é o que desconfia.

John viu o olhar determinado de Giulia ao afirmar, fazia muitos anos desde que ele a viu pela última vez, ela era ainda uma menina em seus 12 ou 13 anos dentro de um uniforme do colégio interno que ela estudava, e só ia para casa a cada dois ou três meses e nos feriados.

— Sendo fratura exposta, provavelmente não haverá nada que eu possa fazer lá além de esperar e torcer pelo meu amigo nas próximas horas. Fico com vocês por umas duas horas e depois vou para o hospital. — ele sorri de lado — Além de quê, a Mag se despediu ontem, estarão sem cozinheira e eu sei do que a Ceccil gosta. — Giulia sorri e John cora de leve, era uma merda ser ruivo, o tom da pele logo denunciava — Como mordomo, Giu. — tratou logo de corrigir.

— Oh John. Há quantos anos ninguém me chama assim! — lamenta nostálgica. John lhe sorri galante e ela o enfrenta estalando a língua — Tarde John. — sorri deixando-o em suspense — Se fosse esse ‘olhar’ há 16 ou 17 anos atrás, poderia ter me tirado de uma sorte horrível. — suspira — Meu pai gostava de você.

— Não era pra ser, Giu. Não houve compasso. — garantiu e sorriu — Mas nos tornamos amigos, certo? — Giulia concorda e John assente — Afinal, amizade é pra sempre. — olha no relógio e torce a boca no canto — Desculpa Giu, mas dadas as circunstancias... — ela o interrompe concordando — Eu sei. O que meu irmão e você não sabem é que tem uma cilada. — ela respira fundo — Vou com você pra cozinha e lá te explico tudo.

Giulia conta para John do burburinho que soubera omitindo a fonte, de que a matriarca dos Connies estava já arranjando o casamento de Ceccile com um primo distante deles, cujo dote corresponderia ao estipulado no testamento.

John se remexe inquieto e temendo lançar a frigideira na parede deita-a na mesa perguntando que interesse teria a tal dama nessa história, já que deduziu pelo que ouviu e pelas expressões no rosto de Giulia, que a tal senhora e Matriarca dos Connies contribuiria a complementar esse dote com uma grande importância.

— Valery é o interesse. — responde Giulia — Ela quer que meu

irmão despose a Valery.

— Ca...cete. A namoradinha do Dave — John se levanta a desconfiar ter visto um vulto na porta da cozinha e chega rápido à porta, vendo Ceccile entrar novamente no quarto. Volta-se preocupado novamente para Giulia e pede licença. Giulia consente e John segue ao quarto.

Ceccile está pondo algumas peças dentro de uma pequena mala em cima da cama e lhe sorri um sorriso triste, mas conformada em como as coisas estavam seguindo.

— “O que, por que está fazendo isso Ceccile?” — pergunta em português de propósito.

— A minha missão aqui terminou. — ela responde distante.

— “*Não precisa ser assim.*” — insiste John em português.

Ceccile lhe sorri docemente e cede — “Obrigada John, por sua generosidade comigo. Cuide dele por mim.”

John meneia a cabeça — “*Então você não o ama?*”

Ceccile senta na beirada da cama desliza as mãos no lençol e aperta-o entre seus dedos com força.

— “John, quando a senhora Nillmeyer estava em seu leito de morte — seu rosto ganha um tom a mais de rosado — ela me contou parte da história da sua vida. — lágrimas de saudade começam a se formar em seus olhos — Ana deve ter reclamado com você que eu era tratada como se fosse um dos preciosos dálmatas, mas não é verdade. Não é a minha verdade, a forma como vejo as coisas. — Ceccile alisa a saia e John se condói calado — Com tudo pelo que a senhora Nill passou, acho que até fui muito bem cuidada. — ela passa a mão no rosto e funga mordendo

a parte interna do lábio — A senhora Nill se apaixonou de verdade quando era mais jovem.”

John puxa o ar com intenção de debater e Ceccile aguarda, mas logo ele desiste e ela continua seu relato.

Do lado de fora do quarto, Giulia põe a mão no ombro de Alicia a censurá-la por estar ouvindo a conversa e Alicia a enfrenta com o indicador em riste por silêncio.

— “A senhora Nill ia se casar com esse alguém e se entregou a ele, com paixão. — sorri serena e logo fica triste — Mas o casamento não aconteceu, porque o dote da outra era maior. Os pais do rapaz impuseram, e ele mesmo estando também apaixonado cedeu à vontade dos pais. — Ceccile não sabe se sorriu ou se chora com a ironia da vida a continuar seu relato — Para a senhora Nill foi arranjado outro casamento, e tal como seu amado, ela também obedeceu aos pais, e ela buscou de todo coração amá-lo, mas ainda lhe doía a surra que ele lhe deu na noite de núpcias. O sangue nos lençóis de linho que ela mesma havia bordado não era da castidade perdida. Era do filho que ela perdeu. Depois veio a febre e... Ainda que seu mundo tenha se partido, ela aceitou a reclusão que o marido lhe impôs por tantos anos, na tentativa vã de conceber dele filhos. Então, depois de alguns anos ele desistiu. Abandonou-a por um ano inteiro. Quando ele voltou. Encontrou nela uma outra mulher. Ele havia entendido que gostava dela e pediu perdão pelos erros do passado. E apesar de ainda tratar o marido com toda dedicação. A sua mente, a sua alma havia se perdido junto com as intrigas lançadas ao vento nesse ano de abandono e a senhora Nill tomou raiva do mundo. E se fechou para todo o resto. O Major tentou reaver o tempo perdido e ordenou algumas festas nas quais ela fosse apresentada como sua mulher e senhora de tudo. Ela organizava, mas na hora dos eventos se trancava no quarto. Ela o provocava até que ele batesse nela. Se ele

a forçava ela gritava e se debatia, fazia escândalo, e do mesmo jeito apanhava. Seu comportamento foi afastando os amigos, os parentes, até que não sobrou mais ninguém. Todos que puderam se afastar se afastaram. — Ceccile sorri triste — E ela encontrou a paz.”

Ceccile passa a mão no rosto e olha para John por um segundo antes de voltar a olhar algo em seu colo — “Ela me disse uma noite antes de morrer que nunca sentiu raiva de mim, se não se aproximou ainda mais de mim, não foi por ser eu filha de outra mulher... era porque eu tinha o mesmo olhar dele.”

— “Ceccile, não pode... melhor, não deve basear sua história na história dela. — aconselha John após refletir sobre o que Ceccile havia contado — E ela fez seu dote tão absurdo que...”

Ceccile o interrompe a completar a sentença em tom sentido, amargurado;

— “Que eu não pudesse vir a me casar com um dos filhos do homem que ela jamais esqueceu. Que morreu amando... ela me protegeu John, Deus. Apesar de tudo, ela fez o que pode pra me proteger.”

John está realmente perplexo e os pelos dos seus braços arrepiam, uma onda de náusea o assola e engole saliva, subitamente enjoado.

— “E, oh Deus Ceccile, o seu relato tem algo haver com esse um ano de afastamento do Major?”

Ceccile balança a cabeça a chorar manso — “Se a prima cumpriu a promessa, um dos dois últimos filhos é do Major. Honestamente John, eu peço a Deus que não, mas... — ela seca as lágrimas que teimam em cair pelo seu rosto — Eu não vou ofender a imagem da mãe do homem que vou morrer amando. Então, sim.

Respondendo à sua pergunta, eu o amo, mais, muito mais do que poderia ou deveria amar”

Alicia arrasta a mãe pelo braço para a sacada lateral e puxa a porta trancando-as do lado de fora para não serem ouvidas e não perde tempo;

— Ela está grávida?... Fala mãe! — e ameaça — Ou não te conto o que entendi!

Giulia faz uma careta e balança a cabeça assentindo, Alicia tampa a boca com as duas mãos arregalando os olhos e tira;

— E o Guito sabe se é dele?

— Alice! — exclama chocada sua mãe a censurar, mas Alicia move os ombros com pouco caso;

— Se for de irmão talvez nem nasça... — fita a mãe nos olhos — Ou Rafe ou o Dave pode ser meio irmão da Ceccile. Pronto eu disse. Agora, se vamos mesmo morar lá um tempo, é melhor que melhore seu português e assim me poupa dos detalhes sórdidos — finaliza em tom indignado.

— Alice! — volta a exclamar em tom de censura, mas logo solta um suspiro — Amadureceu tão rápido, minha menininha.

Alicia move os ombros e em seguida puxa a mãe e a abraça forte. Giulia beija repetidas vezes o seu rosto e Alicia a beija de volta na face.

— Vem com a mãe. — chama-a Giulia e de mãos dadas elas voltam para o quarto de Ceccile, Giulia senta na beira da cama e puxa a filha para sentar do seu lado, mas Alicia se afasta e segura na mão de John puxando-o porta afora;

— Elas se entendem. — pisca para John puxando a porta a fechá-

la — E você bem que podia me dar mais um pedaço daquela torta de limão né?

— Hmm... — Giulia hesita e passa a língua entre os lábios repentinamente secos, à sua frente estava a confirmação viva do seu pior pesadelo? — Dave... hm, Dave, ou Rafe que, pode ser... O filho gerado fora do casamento.

— Dave. — ecoa Ceccile baixinho.

— Dave morreu há dois anos e meio atrás em um acidente de iatismo.

— Sinto muito.

Giulia sorri grata, mas seu sorriso não alcança os olhos.

— Morreu fazendo o que amava. — ela diz mais para consolar a si mesma da perda do irmão, e com a sua atual e precária situação ainda mais agravada após o relato de Ceccile, ela teme por si e pelos seus amores.

— Ceccile eu, eu preciso que me ajude, preciso que me deixe ir com vocês.

A compreensão se faz na troca de olhar de ambas, da mesma forma que aconteceu na área de lazer antes, a semelhança era muito grande para passar despercebido e as duas se emocionam juntas, por motivos bem diferentes.

— Se o homem com quem me casei souber dessa história, eu preciso estar longe, porque cedo ou tarde ele vai descobrir.

Giulia se levanta e ajoelha na frente de Ceccile;

— Você ama meu irmão, não ama?

Ceccile balança a cabeça assentindo, morde o lábio ferido e leva

a mão no rosto de Giulia, Giulia deita o rosto em sua mão, em seguida seca as lágrimas — Fica sendo nosso segredo? — Ceccile concorda igualmente emotiva — Eu e Fintter. Não é o meu marido ainda. — explica — Eu o amo. Nós iremos fazer ser possível o seu casamento com Guito. Mas eu preciso de você, preciso que me deixe ir com vocês.

— Oh Giulia, eu...

Giulia meneia a cabeça se levantando e interrompe Ceccile, estava ficando sem tempo — Só me diga que aceita. Por Deus Ceccile, diz que aceita.

Ambas estremecem com as batidas de John na porta. Giulia continua encarando Ceccile até que ela concorda balançando a cabeça. Giulia abre um largo sorriso entre lágrimas; — *“Obrigada”* — diz em português, passa a mão no rosto a secar as lágrimas, se apurama e sai com John.

Giulia segue com John até o salão de entrada e não perde tempo a se aproximar do homem que os aguardava — Eu sei em nome de quem veio. Pode avisar a digníssima dama que a senhorita Nill gentilmente agradece a oferta, mas ela tem um compromisso ao qual não poderá faltar, já nas primeiras horas de amanhã.

— Da parte de quem levo a recusa? Perdão, a informação.

Giulia sorri sutilmente;

— Giulia Sanders. Hm, e leve também meus cumprimentos a Valery. Não se esqueça de mencionar isso sir...?

— Smith, senhora Stoeler. — devolve o homem demonstrando saber de quem se tratava.

Se Giulia estremeceu foi por dentro, pois nada deixou escapar

em sua postura. Sem mais Smith se despede, e somente depois que a porta do elevador se fecha que desmonta recostando na parede com a mão no peito. Alicia bate palmas freneticamente a comemorar e aproxima-se da mãe puxando seu rosto e beijando dos dois lados.

— A quem você saiu filha? — sussurra trêmula e Alicia dá de ombros.

— Ao menos isso devo ter herdado daquele boçal. Desculpa mãe.

Giulia a puxa para si e a abraça forte contra o peito — Ainda não acabou filha.

— Relaxa mãe. — Alicia se afasta e bate no peito — Eu estou com você.

Giulia abaixa a cabeça e Alicia faz com que a mãe volte a levantar olhando em seus olhos — Não se pode ter tudo. Sempre teremos que deixar algo pra trás.

Giulia concorda, respira fundo e se apruma a ralar — Está gelada. Trate já de se agasalhar. — Giulia sorri terna — Te amo sabia? Alice não!...

Alicia estala um beijo gelado na boca da mãe, aperta suas bochechas com beliscões e volta a subir correndo as escadas.

John sorri assustando Giulia, que admirava a filha a desaparecer na direção da área de lazer.

— Oh John. — confidencia — Eu queria ter parte da força dessa menina.

John limpa a garganta — Lá não tem internet, televisão ou rádio, nem telefone fixo, ou sinal para telefone celular.

Giulia olha assustada para John — Luz ao menos?

John sorri a afirmar.

Giulia move um ombro casualmente sem entender o motivo do riso — Ela se adapta.

De estalo olha para John — Falando em telefone, tenho que ligar para o Hugo — abaixa a cabeça corada.

— Pai da Joe. Alice contou.

— Oh Deus, pra você também.

John confirma sério;

— Alice se culpa, acha que foi por isso que Hugo caiu das escadas, não aguentou a pressão e — John sorri de lado –, *fofoca* por *fofoca*, eu contei para Alice que o tio já não dormia há três dias...

John começa a rir, a mão da testa desce para a boca e Giulia envergonhada arregala os olhos — Nem repete John. Impossível ela!

John concorda ainda rindo — Ela só disse, coitada da tia.

Giulia controla o riso, totalmente corada.

— Vem, vamos conversar no escritório — lhe diz John — e você aproveita para me contar o que pretende.

Giulia concorda e sorri castamente.

— Se resgatarmos o fundo fiduciário que meu irmão deu ao Clark para que ele não desistisse do nosso casamento, a somar com alguns outros bens que ficaram pra mim, meu irmão e Ceccile poderão se casar.

— É tanto assim? — John estaca no corredor. Giulia sorri com tristeza;

— Dave me fez herdeira de todos os seus bens também. Hu... Fintter diz que sim.

Oh meu Deus, uma luz no fim do túnel. Pensa John a abrir a porta para que Giulia possa usar o telefone, o único telefone fixo que estava funcionando no apartamento, já que Hugo havia tirado todos os outros aparelhos e jogado fora quando ele contou que Ceccile havia se assustado com o barulho, a gota d'água para Mag foram os impropérios com que Hugo a tratara sendo que ela nem teve culpa, e com isso a cozinheira havia jogado a toalha e pedido às contas.

Na verdade ela o havia mandado enfiar naquele lugar onde nunca toma sol o dinheiro que deveria pagar a ela, entre outras sugestões sexuais que incluíam os telefones retirados, mas como o fizera séria e em espanhol, John editou um pouco da conversa e garantiu que Magdalena saísse do apartamento com seus direitos resguardados.



Capítulo 19



Giulia põe o telefone no gancho tremendo emocionada com a possibilidade de finalmente ser feliz. Fintter a amava e ia resolver tudo. Sim, eles passariam por dificuldades financeiras por alguns meses, ela omitiu isso de John. Fintter também estava apostando todos os recursos e bens que vinha ao longo dos anos investindo com muito trabalho e dedicação nessa empreitada, e com isso abrindo mão de ter a própria empresa de consultoria.

Mas, mesmo que Ceccile, por algum motivo, não pudesse recebê-los, mesmo que tivessem que morar em uma casinha de sapê em algum lugar no fim do mundo até que Fintter estabilizasse e começasse a receber dos móveis que também está pondo a venda. Eles estariam em melhores condições do que estavam vivendo agora, e ela estaria enfim em segurança e sem medo, nos braços do homem que amava.

Giulia já ia saindo do escritório quando o telefone volta a tocar, e ela volta com um sorriso iluminado estampado no rosto a atender.

— Olá meu amor. — A voz do outro lado da linha tira o sorriso do seu rosto.

— Clark.

— E quem mais seria?...

Giulia sai do escritório, completamente pálida, e tremendo encontra a filha na sala de refeições com Ceccile e John;

— Alice, vai com Ceccil para o quarto e se tranquem lá.

Alicia abre a boca para contestar, mas fecha-a em entender na expressão de terror no rosto da mãe, que não era momento para discutir e a obedece. John também se levanta em alerta e Giulia mostra a palma trêmula;

— Clark está vindo pra cá, ele já sabe, Deus John, ele não pode encontrar Joe! Ele está furioso e mata minha filha.

Giulia havia mandado a babá ir passear com a pequena para que ela não ficasse ainda mais nervosa com todos os eventos ocorridos nas últimas horas, seu nervosismo era tão grande que somente quando viu John puxando o celular do bolso lembrou-se que poderia ter ela mesma ligado para a babá do escritório para saber onde ela estava.

Giulia dita o número para John que enquanto digita sente ferver-se ainda mais por dentro ao lembrar-se da situação precária que Giulia vinha vivendo com o cafajeste do Clark. "Ram, até com comida John, imagina celular" — a declaração de Alicia dita com casualidade enquanto saboreava mais um pedaço de torta somente era desmentida pelo escurecimento do olhar esverdeado da menina. — Alô...

John é interrompido pelo apelo da babá — Sr John, é o senhor? Sr John me desculpe, eu não pude fazer nada! Eu não tive culpa, o senhor Clark apareceu com mais dois homens e levaram a Joe!

— Onde você está? — de frente para Giulia ele afasta o celular do ouvido — Ela está na portaria, Clark está com Joe. Por Deus! Se bato de frente com esse cara, eu o mato.

John sai do apartamento para encontrar com a babá na portaria e pouco tempo depois a campainha toca, ele devia ter esquecido o cartão de acesso, Giulia corre a abrir a porta do elevador e é

recebida com o estalo oco do soco de Clark em seu rosto caindo para trás. Desnorteada pelo golpe ela é puxada pelos cabelos para ficar de pé e é arrastada para o cômodo anexo abaixo da escada onde outrora já havia sido um escritório, a porta é fechada com um baque e trancada na chave. Clark a empurra contra a parede e Giulia sente seus ossos estalarem com o impacto.

— Cachorra, piranha, vadia! — cada ofensa era seguida de tapas em seu rosto — Achou mesmo que ia ficar me fazendo de palhaço dentro da minha própria casa?!

Giulia desliza pela parede e Clark volta a puxá-la para cima pelo braço — Você é uma vadia. — soca as costas da sua cabeça contra a parede segurando-a pelo pescoço — Ein, fala vagabunda! Achou mesmo que ia ver-se livre tão fácil assim de mim?

— Não. — responde Giulia sufocada com as mãos sobre o pulso de Clark.

— Eu vou te mostrar o que é que uma vadia como você merece.

Clark lambe o sangue em seu rosto e a segura no queixo forçando seu rosto pra cima contra a parede — Quem sabe é disso mesmo que você esteja precisando não é? — ele dizia forçando o membro duro contra a barriga de Giulia e enfia a mão livre no decote dela arrebatando os botões. Giulia luta como pode e é arremessada no chão. Clark a vira de bruços no piso, aperta a lateral do seu rosto no chão enquanto se despe da calça.

— Assim, faz bastante barulho como a vagabunda desclassificada que você é!

Giulia tenta se levantar ou rolar, mas Clark é mais ágil ao desferir um soco em suas costelas e ela geme se contorcendo com a explosão de dor varrendo seu corpo, sua saia é arrancada e sua calcinha rasgada, Clark a puxa pelas pernas enfiando-se entre elas

e deita o corpo por cima do seu, sua mão está novamente apertado sua face contra o piso com força e ele enfia a língua na sua orelha aumentando suas náuseas.

— É assim que ele fode com você?

O riso de escárnio dele reverbera dentro dela, Fintter jamais seria agressivo.

— Ele é muito melhor que você.

— Ah é? — ele bate novamente com a sua cabeça no piso, uma, duas, na terceira vez ela estava tão desnorteada que não sente estar sendo puxada para trás pelos quadris, não até estar completamente exposta e quase de quatro e ser invadida por trás. O grito ficou estrangulado na garganta, a cada estocada violenta ela só desejava que ele fosse rápido.

— Se eu soubesse que esse cuzinho era tão gostoso já tinha te enrabado antes. — ele provocava e socava cada vez mais fundo — Geme cadela, é assim que você gosta de ser fodida, não é?

Giulia sente a mão dele enfiando debaixo do seu corpo e apertando seu seio enquanto a outra estava fixa na sua face apertando-a contra o chão. Clark rosna e certo alívio a invade, ele estava perto, mas o alívio esvai-se dela quando ele se retira.

— Vem aqui. — ajoelhado ele a puxa pelo braço — Quero gozar dentro dessa sua boquinha venenosa. Ah, ah! — alerta apertando firme em seu braço com uma mão enquanto com a outra se masturbava — Se pensar em me machucar eu te mato, agora abre essa boca suja que você tem.

— Pai, paaai! — grita Alicia a bater na porta, Clark aperta ainda mais Giulia contra o seu quadril enterrando fundo em sua boca;

— Papai e mamãe estão tendo uma conversinha particular aqui, filha. — ele responde alto para Alicia e quem mais estivesse do lado de fora escutar arremetendo contra a boca de Giulia.

Havia ódio em seus movimentos, ele agora segurava a cabeça de Giulia com as duas mãos enfiadas entre seus cabelos. Enfia fundo em sua garganta sufocando-a e pulsa em gozo rosnando, enquanto lágrimas e sangue rolavam pelo rosto dela.

Saciado ele a empurra pra trás, olha enojado enquanto Giulia com a mão na boca tenta conter os espasmos de vômito.

— Vou levar Alicia comigo. Se tentar qualquer gracinha pode saber que mato aquela merdinha.

— Clark pelo amor de Deus, não faz isso...

Giulia se cala ao ver o brilho da arma na mão de Clark. Ele já era ruim, mas estava irreconhecível, transformado pelo ódio e frio apontou o cano na sua testa;

— Você não vai me fazer usar isso, vai?

— Não. — Giulia engole o choro e passa a mão no rosto sem tirar o olhar da arma.

— Então me diga que sabe que você é a culpada.

— Eu sou a culpada.

— Diga que é uma vagabunda.

— Eu sou, eu sou.

— Muito bem.

Clark se levanta e enfia a arma no coldre preso ao peito, deixando a camisa entreaberta em dois botões como mensagem de

que a usaria se sentisse ameaçado, pega do chão as suas calças sem voltar a olhar na direção de Giulia ordenando com voz fria que ela se arrumasse.

— Quando sairmos daqui, você vai me fazer um último favor. — ele determina — Você vai fingir ser uma boa mãe para Alicia.

— Clark, por favor — Giulia implora e Clark a encara com nojo e ódio;

— Ela é minha filha, não é?

— É. — responde Giulia, com o coração dilacerado.



Capítulo 20



Estava muito bom para ser verdade; pensou John, parado frente à porta do quarto de Hugo.

Como contar para ele sobre os acontecimentos nas últimas dezesseis horas? Que a Matriarca dos Infernos estava apoiando Stoeler, que Clark havia aparecido no apartamento, agredido Giulia e levado à força a Alicia consigo... John respirou fundo e entrou...



Algumas horas mais tarde, Hugo aguarda a aparição da senhora Connie na extensa sala da mansão em Old Westbury.

A ostentação era a marca registrada da família Connie, que possuía outras tantas propriedades espalhadas por toda maldita Europa e Estados Unidos.

John já o havia alertado das intenções da matriarca em persuadi-lo a casar-se com sua filha e única herdeira, Valery, e de como Giulia havia sido corajosa em defender Ceccile. Mas estaria sua irmã agora subjugada às agressões de Clark, que com o apoio dessa família centenária e tradicionalista, poderia ainda, sair na mídia como vítima de uma mulher infiel, que por sua vez, havia se envolvido com o advogado e conselheiro dele.

Era inegável a situação perigosa que estava Hugo e sua família, mas ainda assim, em prévia reunião com Fintter, deixaram ambos a

opinião pessoal de um para com o outro em segundo plano para agir em favor de Giulia e Ceccile. Estando Hugo ali, estava Fintter às voltas entre ligações e conferências com todos os seus contatos, e contatos dos contatos, para achar Alicia e Joe, que Clark havia escondido da mãe. E concordara Fintter com a decisão de Hugo, que se encontrado e resgatado as crianças, inclusive o pequeno Victor Hugo; a guerra estaria anunciada contra Clark e todos os Connies.

Hugo se remexe incomodado na terrível cadeira antiga que mais parecia instrumento de tortura da era medieval disfarçado de moderno já há 20 minutos, e viu-se obrigado a lembrar do seu destempero junto a John em acusar a própria irmã de promíscua por ceder aos caprichos de Fintter, de que sendo ela própria a culpada pela situação em que se meteu e também a toda família, e por consequência disso, lhe doe saber de toda a verdade.

O que John pretendia omitir, simplificando para agressão o que havia acontecido na visita de Clark; de que não havia ele, tão somente a esbofetado, ou algo assim, mas que a tinha violentado sexualmente dentro do seu apartamento, sem senso algum de perigo, e a arrastou de lá as filhas, e que Giulia ainda assim, havia tirado forças para tranquilizar Alicia, defendendo o merda, como o denominou; fora então, lançado na sua cara.

E agora, mais que antes, Hugo não conseguia defender, ou até mesmo atenuar com qualquer justificativa preconcebida; a atitude do seu irmão com Ceccile. O que seria colocá-lo em grau de igualdade com Clark e todo o sofrimento, que agora tinha conhecimento, o merda havia infringido à sua irmã por todos esses anos.

Exatos 45 minutos se passaram; o mesmo tempo que ele e Ceccile fizeram esperar a também conhecida como Dama de Gelo

da senhora Connie, em seu apartamento dois dias antes, e Hugo se levanta, a apoiar boa parte do peso do corpo em sua bengala.

Tudo que havia ensaiado dizer para aquela ‘velha e antiquada senhora’ esvaiu-se da mente, quando ela ainda de pé desculpou-se pela sua demora e afirmou com sinceridade que sentia muito por ver-se obrigada agir em situação tão delicada.

Hugo puxou o ar, mas Catarina o interrompeu ainda;

— Senhor Sanders, não era a minha intenção que tivéssemos chegado a esse ponto. A menina Alice e os menores Victor Hugo e Johana estão protegidos do senhor Stoeler. Cabe ao senhor o destino, e não poderia eu afirmar, que são adoráveis crianças, mas não cabe a mim a decisão de julgar o modo como foram educados. Só posso ater-me a consolar em afirmar que ainda há conserto se forem criados sob os cuidados de tão dócil criatura quanto é, a sua irmã Giulia.

Hugo volta a puxar o ar, mas ela volta a interromper;

— Um ano senhor Sanders.

— Quê?

— Creio que o senhor já esteja informado do que quero, e não acredito, pelo que sei, fez pelo seu irmão Rafael, irá agora negar-se em aceitar, por Giulia e David.

Hugo pisca. Inacreditável; ele pensa movendo a cabeça como se não acreditasse.

— Sou mãe senhor Sanders. — afirma a matriarca com veemência e sinaliza para o mordomo sutilmente — Vou permitir que converse a sós com minha filha. — ela sorri para Hugo, um sorriso penalizado — Confesso que não me agrada, tampouco, que tenha

sido necessário chegar aonde chegamos. Mas o senhor não me deixou alternativa.

Tendo dito o que queria ela se retirou do salão, tão elegante e silenciosa quanto havia entrado; Hugo não pôde negar.

E poderia condená-la?

Iria logo descobrir que não. A começar pelo sutil, porém carinhoso deslizar de mão da matriarca no rosto de Valery ao passar pela filha a retirar-se da sala. Valery entra no salão e o mordomo fecha a porta, trancando-os no ambiente.

Valery era mesmo muito bonita, de uma beleza clássica e deslumbrante. Alta, delgada, com curvas sutis e nos lugares certos, cabelos loiros e lisos da cor de trigo aparados na altura dos ombros e os olhos verdes ainda mais cintilantes do que se lembrava. Olhar este, que percebeu carregar o mesmo brilho da sua amada Ceccile. Triste talvez, tal como o breve sorriso, trazia um quê de tristeza, ou nostalgia.

Educada, Valery lhe aponta o sofá, mais confortável do que a cadeira que ele estivera sentado antes, e quando ele senta, ela senta ao seu lado no outro extremo. Por um ou dois segundos se pegou olhando para as curvas perfeitas e o modo elegante, mas logo prende o ar nos pulmões, obrigando-se a fitá-la nos olhos. Valery pende de leve a cabeça;

— Me faz feliz perceber que talvez não lhe seja um grande sacrifício. — ela diz e Hugo retesa o corpo sentindo-se pego em flagrante.

— Valery, vamos às claras? — começa ele, decidido em ser franco — Você é encantadora, em todos os aspectos, mas...

— Não precisa me amar senhor Sanders, nem espero que se apaixone por mim — interrompe-o e reitera — Ao menos, não como ama Ceccile.

Valery levanta a cabeça a fitá-lo nos olhos e Hugo morde a parte interna da boca para não falar algo ofensivo, mas ameaça levantar-se abrupto e volta a sentar com dores lancinantes na perna recém-operada. Pensou ele ser os sonhos contínuos com Ceccile ativados por Valery ao mencionar o seu nome; que estaria motivando certa parte da sua anatomia e sacode a cabeça. Pensar em Ceccile, lembrar-se dos momentos que a teve em seus braços o colocaria em situação... Soltou o ar. Já o havia colocado em situação evidentemente constrangedora.

— Ceccile... Valery, sua mãe... Desculpe-me. Não quero ser grosseiro com você.

Hugo se concentra na dor em sua perna na tentativa de acalmar os ânimos.

— Tive uma filha — diz ela suavemente — Marie Di Angeli.

Ah caralho! — ele pensa a levantar a cabeça, encarando-a boquiaberto;

— Do Dave? — ele pergunta de súbito.

O olhar dele vacila e o dela também.

— Antes fosse — ela diz –, mas também é uma Sanders e tudo que minha mãe quer, tudo que queremos é... — ela morde o lábio inferior e o encara séria — Eu sou a única que ainda pode dar descendentes à minha família, e pela Marie, não vou negar que também me agrada o trato. Senhor Sanders, — ela nunca havia tratado pelo primeiro nome e não começaria justo em momento tão delicado — Um ano de casado e um filho.

Não era pedir muito, era? — pensa Valery.

Hugo bate a cabeça no encosto, merda pouca era bobagem quando se tratava de Rafael. — pensa com desgosto.

— Nem precisamos ter intimidade, o que — ele a fita de soslaio e ela ensaia um sorriso educado —, até me garantiria engravidar de mais que um.

Tinha sua total atenção agora e Hugo vê que ela engole em seco antes de sugerir inseminação artificial com o máximo de compostura. Mas ele a encarava agora, com o coração batendo em descompasso.

— Valery, você e eu. Isso é um absurdo! Não se dá conta de que estamos em pleno século 21?

Valery levanta com o peito a arfar fortemente.

— Senhor Sanders. Se o senhor tem tão pouco apreço à imagem da família, ou a proteção que uma família bem constituída oferece aos seus... — sua voz era trêmula, mas determinada — Eu errei uma vez, e eu estou sendo abençoada com a oportunidade de ter minha filha — solta o ar —, pela primeira vez em meus braços, como sua mãe, desde que ela nasceu. De consertar as coisas, então, não me force a ser indelicada como...

Como 'ele' vinha sendo. — Hugo completa em pensamento.

— Desculpe Valery. Não é de propósito. Eu amo a Ceccil e...

— E eu amo o Dave. — ela torna a interrompê-lo — E vou amá-lo pra sempre! — exclama em baixo tom, seus olhos virando duas lagoas cristalinas com a formação das lágrimas;

— Eu estava no iate com o Dave horas antes de tudo. O Rafe me drogou, fez com que o Dave pensasse coisas erradas sobre mim, a

Marie é do Rafe. — Valery seca as lágrimas que rolam pelo rosto corado e sério. Odiando estar tão vulnerável. — Um exame de sangue comprova a veracidade — ela volta a morder o lábio com mais força, chegando a feri-lo — Talvez eu não consiga ser tão doce e submissa quanto a sua Ceccile, por mais que me esforce, mas fui tão idiota quanto e, perdi o Dave.

Como ela sabia?

— Estão me obrigando a desistir de Ceccil, Valery.

Valery o encara com determinação velada.

— Ceccile precisa de um ano para provar que suas intenções são legítimas e o quanto te ama sem deixar qualquer dúvida. Da minha parte, o senhor fica livre para viver o seu amor com ela e eu, para viver para os meus filhos, para minha família e, a sua, já que, enfim...

Não era um pesadelo. Era real e beliscou-se discreto. Havia chegado ali acreditando que os Connies estavam interessados em somar-se aos espólios e título de Ceccile e com isso, o empurrando para Valery, somando também seus bens, e assim, favorecendo ao tal primo distante em propor casamento à sua amada.

— Suponho então que em nada interesse à família Connie, o espólio e título de Ceccile. — contra argumenta.

— Eu não vejo por esse ângulo. — ela contesta — Não, se levar em consideração que o montante dedicado ao dote, possa pular gerações preso em contrato, caso só nasçam meninas. E também ao fato de que a minha família, minha mãe, esteja contribuindo com a quantia equivalente — ela passa a língua entre os lábios, engole em seco e continua —, estipulada no testamento de Ceccile, ao contrato do nosso casamento.

Hugo sente arder às faces de raiva.

— E eu devo sentir lisonjeado. — seu tom era sardônico ao altear as sobrancelhas — Por que será que não estou?

Valery assume o mesmo tom formal de antes, sem deixar-se abater;

— Suponho que ofender os interesses da minha família, da minha mãe para com a sua adorada Ceccile. Esteja lhe doendo menos do que a sensação de ofensa de que será recompensado financeiramente, para dar-me um nome e um filho.

Hugo mereceu a resposta e queria morder a própria língua ao refletir sobre o que havia dito. Afinal. Não estava ele ali diante de mais uma vítima das arbitrariedades cometidas pelo seu irmão. E agora, sabendo que por culpa de Rafael; Dave possa não ter morrido por acidente? Pela primeira vez desejou que Rafael não fosse seu irmão. Desejou não ser nada. Por dois ou mais segundos fechou seus olhos e viu-se ajoelhado em frente à Ceccile, a sua Ceccil, dentro do casebre abandonado que outrora foi seu lar. Essa visão lhe trouxe alguma paz, soltou o ar e sentou-se ereto, mas seus ombros estavam caídos.

— Um ano. — trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas, doze meses, quatro estações.

— Um ano. — ecoou ela — E um filho, homem. Mas ainda recebe o estipulado pelo mínimo de um ano de casado, e acrescido deste pelo filho e ademais.

— Ademais? — ecoou ele rindo sardônico.

Valery mantém a compostura, somente por um breve momento vacila em sua aparente calma no modo de soltar o ar.

— Separação discreta, isenção de escândalos que venham denegrir a imagem de ambas as nossas famílias — ela lista — Tudo estipulado em contrato. — pequena pausa em que ele desconfia que o esteja estudando, mas não olha em sua direção para confirmar — Senhor Sanders, se não pode me ver como uma mãe que quer ter a liberdade de ter a filha nos braços na frente de todo mundo. Ao menos considere que não é um mau negócio.

— Se acharmos Rafe. — perguntou ele por impulso, mas logo a fita sob as sobrancelhas.

— Definitivamente senhor Sanders! — exalta-se ela — Pelo que vejo. Não me faria diferença casar-me com um ou com o outro. Eu sobrevivi aos insultos e agressões do Rafe. Sobrevivi à culpa pela morte do Dave e, se o Rafe for encontrado e aceitar o acordo. Eu me dedico em aceitá-lo como marido.

Quando terminou de falar ela estava tremendo, mas havia determinação de aço refletida no olhar. Ela e Ceccile não eram nem de longe iguais em resistência física e emocional; pensou ele. Valery era madura para a idade, sempre a havia admirado como boa escolha de Dave por companhia. Sabia defender-se e aos seus, já havia provado, mesmo que Rafe aceitasse a oferta, não se atreveria... Será? Volta a sua maldita consciência a pesá-lo com essa dúvida. Se Rafe não soube respeitar a mulher do irmão quando Dave estava vivo, o que não seria capaz de fazer com ela agora, subjugada aos seus caprichos e presa a ele por sua vontade em um contrato?

— Não quero mesmo ofender, mas preciso saber. O Rafe a machucou fisicamente?

Valery volta a morder o lábio de cabeça levemente abaixada a hesitar.

— Somente, onde o Dave não pudesse ver. Onde eu, na época, não tivesse coragem de mostrar.

Valery se levanta do sofá a levantar o vestido até a altura dos seios e Hugo vira o rosto para o lado antes.

— Cirurgia plástica corrige as cicatrizes. Eu só ainda não fiz porque cada uma me lembra de que as mereço por ter sido tão ingênua. Senhor Sanders — ela insiste — Eu não vou me cobrir enquanto não confirmar com os próprios olhos.

Hugo prende a respiração a olhar e engole em seco. Valery se vira de costas para ele por alguns segundos ainda antes de deixar o vestido deslizar pelo seu corpo.

— Quanto ao meu marido. Ele não irá ver-se obrigado a olhar para esse espetáculo. Assim que o contrato estiver assinado eu serei internada em uma clínica para que façam as devidas correções que o tempo não apagou. — sorri cínica — Sendo o Rafe. É provável que goste de uma versão nova. Talvez o tempo o tenha melhorado e ele consiga me ver como mãe de uma filha sua e não uma piranha mimada, o que o senhor acha?

— O que eu acho? Acho que isso está indo longe demais. E se o Rafe, oh merda, Valery. Só falta dizer que foi a sua primeira vez... Não! Não fale! Foi impróprio e não faz diferença. Eu fui indelicado e, eu preciso... Preciso de uma bebida. Forte...

Valery o serve de uma generosa dose de uísque e senta-se novamente ao seu lado no sofá.

— Tenho 26 anos senhor Sanders. O Dave foi meu primeiro em muitas coisas, mas o Rafe... O Rafe ofendeu minha moral, tirou minha virgindade, deixou marcas internas e externas em meu corpo, uma filha e, ele me deu uma lição que eu jamais pretendo permitir esquecer. — novamente o sorriso cínico se forma em seu

rosto — Ele basicamente tirou minha inocência, e não só do corpo — fita-o séria –, mas também da minha fé nos homens.

— Posso ver a Marie?

Valery solta o ar com a surpresa e seus olhos brilham extraordinariamente, ameaçando chorar.

— Senhor Sanders eu, oh Deus. Posso alegar que o senhor a quer ver, por...

Valery leva a mão no joelho dele e Hugo completa;

— Porque preciso ver com meus olhos.

Valery o encara sem acreditar com a mão na boca tentando conter a emoção pelo qual é transformada, Hugo ensaia um sorriso triste em solidariedade e ela meneia freneticamente a cabeça em negação mostrando as palmas;

— Eu sei, eu sei. É só, ver.

Valery leva ambas as mãos no peito arfante e fecha os olhos. Hugo pisca a censurar-se por ficar olhando para onde não deveria e justifica-se: Eram todas as cicatrizes que ela havia lhe mostrado. Valery se apruma recompondo-se, mas no segundo seguinte abre um largo e iluminado sorriso mostrando uma carreira perfeita de pequenos dentes brancos, e de ímpeto se aproxima e o beija na boca.

Hugo sente seu coração parar de bater, ele mesmo fica parado. Valery se afasta com a mão na boca, estupidamente assustada, a cor fugindo do rosto.

— Desculpe-me, eu, ah...

Hugo meneia a cabeça também surpreso com seu ato súbito e impensado.

— Eu amo o Dave. — ela diz tentando quebrar o clima tenso que havia se instalado entre os dois.

— Eu amo Ceccile. — responde ele quase que automaticamente em seguida.

Puro desespero perpassa a coluna de Valery, estava tão perto da sonhada liberdade de poder anunciar ao mundo que era mãe e seu ato impulsivo de beijá-lo poderia estragar tudo. Mas Hugo ensaia um riso de lado nervoso e ela aponta a porta. E ambos têm a mesma impressão de cumplicidade na troca de olhares quando ele assente concordando.

— Não precisa ser ruim. — apela ela.

— Concordo. — responde ele abrindo um pouco mais o sorriso.

Valery faz uma nada sutil reverência pra ele e segue para a porta. Quando volta sua expressão iluminada havia abandonado seu rosto deixando no lugar um sorriso triste e um quê de amargura. Hugo ignora a dor ainda intensa na perna e se levanta caminhando em sua direção com o apoio da bengala, mas ela puxa o ar e lhe sorri formal.

— Ela é linda, vai ver. — tendo dito, ela aponta com o queixo para a porta ao outro extremo do salão e sai novamente trancando a porta por trás de si. Sem dar tempo a Hugo de lhe perguntar por que ela não estaria ali.

No outro extremo a porta se abre, e a babá trás em seu colo uma menina. Hugo estreita um pouco aos olhos a analisar seus traços e quando Marie lhe sorri ele treme por dentro.

Era a imagem e semelhança de Rafael quando pequeno. Com os mesmos olhos azuis grandes e acinzentados, os fios de cabelo ralo e curto loiros, o mesmo formato de nariz, pequeno e arrebitado na ponta. Parecia uma boneca de porcelana de tão clara, em seu vestido azul drapeado dois tons mais escuros que seus olhos. Não fosse o vestido, era a foto viva do seu irmão quando criança e Hugo não aguentou.

Ele chorou.



Capítulo 21



— Tomei a liberdade de chamar aqui seu advogado de confiança para que analisem junto às cláusulas do contrato.

Hugo passa a mão no rosto e sério encara a matriarca que havia entrado no salão, sem que ele a houvesse percebido.

— Digamos que eu aceite...

— O que não está no contrato está na minha palavra senhor Sanders. — ela volta a interrompê-lo e Hugo contém a ira trinando os dentes — Eu tenho em meu poder documentos e provas o suficiente para denegrir tanto com a imagem de Clark quanto de Giulia...

Hugo meneia a cabeça, como se ela precisasse mesmo verbalizar o que ele já sabia, e agora é ele quem a interrompe.

— Senhora Connie. — o trato com o diabo estava feito, isso era fato —, refiro-me a exclusão do fundo que me sugere nos termos do contrato. — E faz de mim um prostituto, ele pensa com ira fria a correr em suas veias.

Catarina lhe sorri educadamente a sugerir;

— Doe aos pobres, senhor Sanders.

Hugo morde a língua e abaixa o queixo, havia muito em jogo para que deixasse levar-se pela irritação em momento tão perigoso.

— É justo — afirma seco — Mas há de convir que...

Catarina solta o ar com expressão reprovadora;

— É jovem ainda. Mas tenho fé que venha compreender na íntegra o que significa ser e ter família, senhor Sanders. No verdadeiro contexto da palavra.

— Viveu um casamento feliz, senhora Connie?

— Vivo senhor Sanders. — ela o corrige — Ainda vive o meu marido.

Hugo sorri de lado com ironia.

— É fácil ter fé na família, quando se vive um casamento feliz e se tem uma filha adorável como a Valery.

Catarina lhe devolve o sorriso.

— Nem sempre é fácil, e por vezes pode ser pior. Quando alguns padrões deixam de serem seguidos, por exemplo.

Catarina dispensa a presença da babá e Hugo a encara sério, seus pensamentos deviam estar estampados em seu rosto porque a matriarca se volta a ele com seu ar de superioridade.

— Senhor Sanders, aceite o conselho desta velha senhora, que muito viveu: Não condene meus atos sem que antes os tenha vivido por si mesmo. Se a impulsividade, ainda mais natural nos jovens, ainda lhe acomete. Dedique-se no máximo em julgar, se o faria igual, ou não.

Hugo percebe estar balançando a cabeça a assentir para a matriarca e isso o deixa inquieto. Estaria ele desenvolvendo uma dúvida personalidade, ou era ele mesmo brigando com seu orgulho, para não admitir que pudesse estar equivocado quanto ao seu

juízo sobre a dama à sua frente?

Catarina sinaliza ao mordomo para que permita a entrada de Fintter e o olhar que trocam entre si deixa Hugo ainda mais atormentado.

— Fui eu quem o mandou buscar senhor Sanders. E seu consultor já está informado de todo pormenor que não consta no lavrado. — ela referia-se ao fato de estar com as crianças, seu sobrinhos — Agora eu vou deixar-vos e peço desculpa por Valery. — lamenta ainda, olhando mais uma vez na direção de Hugo — Era para ela estar presente nesta reunião, mas temo que esteja um pouco indisposta no momento. Se for somente um mal passageiro, creio que venha estar com os senhores mais tarde.

Catarina se retira e Hugo rosna;

— Se pudesse, agarrava no pescoço até ver saltar os olhos.

Fintter limpa a garganta e tira da pasta um maço de papéis. Era-lhe fácil acreditar que se Hugo pudesse, faria exatamente o que disse com a senhora Connie, e na verdade não decidiu se o condenava ou não por isso, em seu juízo pessoal.

— Podemos estudar em um lugar mais neutro se preferir.

— Eu tenho escolha? — rebate Hugo de súbito.

Fintter olha o chão e solta o ar cansado, sentia-se realmente velho em certos momentos e esse era um deles.

— Tem. — ele responde ainda olhando para o chão — Nadar a favor, ou contra.

— Desculpe Fintter. Agora posso imaginar o inferno que tem vivido todos esses anos. Principalmente o de trabalhar comigo.

Nada como uma dose cavalgar de acontecimentos mil, para mudar as opiniões de um homem — Hugo pensa desgostoso.

Fintter o encara e vê sinceridade no olhar de Hugo.

— Eu jamais seria capaz de fazer qualquer maldade com a Giulia.

— Eu sei. — reconhece Hugo — Lamento que tarde.

Fintter concorda e dando o caso por encerrado volta o olhar para os documentos;

— Viu Alice e as crianças?

— Não. — responde Hugo ao levar os dedos entre as sobrancelhas, massageando-as por alguns segundos.

— Eu não tenho escolha Fintter. O Rafe deixou a merda dos seus atos aqui também.

— Quê?! — exclama Fintter um ou dois tons a mais que o necessário dentro do salão silencioso — Desculpe-me.

Hugo senta novamente no sofá, a dor na perna era mero complemento se comparar com as demais sensações assolando em seu íntimo.

— Acaba com ele Fintter. Limpa o Clark, destrua com a imagem daquele merda e case com a Giu com a minha benção. Se é que isso ainda importe.

— Está falando sério? Ou, é só um momento de raiva?

— Estou com cara de quem está com raiva? Esquece, devo estar. Mas não com você, então... — Hugo solta o ar e volta a massagear entre as sobrancelhas — Me dê sua palavra de que vai amar a Giu como ela merece, ou juro que não te darei paz.

Fintter nem pensa em responder o óbvio ou dar ênfase para a ameaça explícita, mas ao deparar com o olhar de Hugo ele se surpreende com o que vê.

— Cuide também de proteger a Ceccil do Rafe. — pede com humildade.

— Sanders — Fintter volta a limpar a garganta, desconsertado sugere — Tente ver isso como uma empreitada.

Hugo coça as laterais do nariz.

— É o que é Fintter. — uma maldita empreitada — Vamos nos ater ao contrato e, eu estava falando sério quanto a se casar com a Giu. E acabar com Clark.

Fintter assente concordando. — faria, de muito bom grado.

A mão com os dedos sobre o nariz sobe para os olhos apertando-os fortemente e Hugo desabafa rouco;

— Eu não posso vê-la, Deus! — meneia a cabeça — Se eu ver, não vou aguentar, eu sei que não vou...

Fintter agora estava boquiaberto ao ver Hugo chorando em silêncio, e genuinamente apiedado abaixa a cabeça fitando o chão.



Capítulo 22



Fintter agiu tão rápido que Clark nem teve tempo de saber quem ou o quê o atingiu primeiro — comenta Valery a massagear os pés doloridos afundada no sofá — Ei, anime-se! — ela sorri em suspense por uns segundos — Eu acho que vai gostar da alteração que eu fiz na nossa rota de fuga.

— Que alteração? — pergunta Hugo a afrouxar a gravata, Valery fica tensa.

— Guito. — agora se sente um pouco mais a vontade de chamá-lo como o chamam seus irmãos — Fizemos um trato. Ainda está valendo?

Hugo solta um esgar de riso.

— Amigos? — ele a pergunta, incrédulo.

Valery sorri animada.

— É Guito! E para provar isso, eu alterei a nossa “*Fuga de mel*” para o Brasil.

Hugo a encara sério e ela começa a se explicar, a tensão ainda percorrendo seu corpo.

— Olha, eu só quero poder curtir a Marie, como mãe dela sabe? Eu não vou nem estar lá de verdade, quero dizer sim, mas não.

Hugo senta no sofá e puxa o seu pé a massagear estudando-a;

— E você tem noção do que está fazendo, Valery?

Valery balança a cabeça determinada em sorrir — Mas se continuar tentando me seduzir, aí já não sei. — Hugo solta seu pé e ela reclama;

— Brincadeira vai. Tenta relaxar Guito, curte.

Valery se encolhe no sofá para lhe dar mais espaço e argumenta;

— Já vai ser quase insuportavelmente difícil lá fora, e eu queria não passar sentimentos negativos para a Marie.

— Ela também será mãe, em quatro meses — Hugo deixa escapar.

Valery ajoelha no sofá e pega a mão de Hugo a segurar com firmeza;

— E nós dois podemos ser cúmplices um do outro, e sempre que tivermos uma brecha fugimos pra lá.

Hugo aperta sua bochecha sorrindo, ainda que um sorriso fraco, e taciturno contra argumenta;

— Você não está me enganando, está?

Valery o fita de cima em baixo e de volta e acusa;

— Está fazendo de novo.

— O quê?

— Me testando. Me provocando.

Hugo move os ombros e rebate em mesmo tom casual;

— Natural. Não nos conhecemos direito, acabamos de nos casar. Conforme nos conhecermos mais iremos em mesma medida estabelecendo nossa forma de conduta um com o outro.

Valery solta um suspiro e repuxa o canto dos lábios;

— Olha, da minha parte eu não posso garantir que não vou me apaixonar. Ah, não ri. É sério!

Hugo se recompõe e estende a mão incentivando — Prossiga.

— Então... — ela começa e ele ri — Olha Guito. Estou tentando ser sincera com você, facilita. — afirma séria.

— Desculpe-me. — pede ele tornando a ficar sério.

— Se você manter seu relacionamento com a Ceccil desde o início, eu não vou me deixar iludir e achar que tenho uma chance. Entendeu? — ela o estuda e vê os traços do seu rosto mudando — Deu frio na barriga não é? Olha, vamos tentar não achar o que está pra chegar antes? Ao menos entre nós dois, sem cinismo?

Hugo se levanta e passa a mão no rosto soltando um suspiro.

— Eu não sei se consigo isso, Valery.

— Por quê? Você às vezes me olha com desejo e sente culpa? Acha que não percebo?

— Você, você é impossível Valery!

— Está bem, agora está com raiva porque descobri seu segredinho sujo. — ela ri — Se te serve de consolo eu também sinto isso por você, às vezes.

— Às vezes? — ecoa ele com um sorriso sarcástico.

— Pronto. — ela ri da situação — Agora eu provoquei o seu precioso orgulho. O que vem depois? Briga ou cama? Ou os dois?

— Que tal cama? — sugere seco, um que de raiva disfarçado de frieza — Você na sua e eu na minha.

Valery move a cabeça em reprovação e se deita estirada no sofá de barriga para cima.

— Boa noite Guito.

Hugo lhe dá as costas e segue para o seu quarto. Intimamente agradecido ele sorri de leve. Estavam viajando para o Brasil e não podia negar a felicidade que emergiu dentro dele. Como ela estaria? Será que ainda pensava nele? E Giu? Será que a sua irmã com a sua doçura e inteligência natural havia conseguido amenizar a situação?

Embalado nessas questões adormeceu. Já altas horas da madrugada acordou acalorado com os sonhos sensuais que teve com Ceccile. Passa a língua nos lábios secos, lança a mão no roupão se veste e segue a cozinha, quando volta se depara com Valery deitada ainda na sala.

— Também não conseguiu dormir? — ele pergunta a destampar uma garrafa de suco.

Valery sorri espreguiçando.

— Tirei uma soneca aqui mesmo, obrigada. — ela nega a oferta de suco — Acha que serei uma boa mãe?

Hugo senta ao seu lado e leva a garrafa na boca;

— Acredito que sim. Tudo que tenho visto indica que sim.

Valery sorri iluminada — Ela é linda não é? Tão carequinha! Eu pensei que ela... — ela faz uma pausa reflexiva e dobra as pernas para debaixo do corpo se enrodilhando no sofá — Pensei que ela não ia aguentar — diz e olha para baixo — Ela nasceu prematura e, eu fico pensando que se ela não tivesse resistido, eu também não conseguiria.

Hugo volta a tomar mais uma golada do suco observando-a, mas Valery percebe.

— Está fazendo de novo — ela alerta.

— Não provoca Valery.

— Eu? — faz expressão dramática desmentida pelo sorriso — Olhe. Já nas primeiras horas da manhã saímos com a Marie para a tortura matinal e fomentamos os abutres com algumas fotos — sorri infante — Ainda bem que extinguiram a exposição de lençóis de linho sujos de sangue... Disse algo errado? Oh desculpa Guito eu... — ela fica totalmente sem graça e ele meneia a cabeça negando.

— Não me aborreceu. — afirma e estende a garrafa — Tem certeza de que não quer um gole? — ela faz uma careta puxando uma almofada e a deixa no colo.

— Prefiro água. Não, não! — estende a mão em levantar — Eu pego.

— Fique quieta aí. Eu pego. — ordena seco, como se ela fosse uma criança e ela sorri.

— Ok.

Hugo olha para ela por cima do ombro. Ela estava sendo adorável ou uma boa farsante? — perguntou-se e tremeu por dentro.

— Estabelecido os parâmetros. Prosseguimos. — ela comenta e agradece a garrafa quando ele volta — Obrigada.

Hugo assente a estudá-la e sincero comenta;

— Se a mídia enxergasse a verdadeira Valery. Você não teria

sossego.

Valery sorve um gole da sua água e pisca para Hugo — E isso responde algumas das suas questões pessoais, mas Guito. — morde a língua preocupada — Não precisa me ver como uma vilã também. — além da mídia intrusiva, que ela se esmerava por afastar.

Mais à vontade, ele senta de lado no sofá ficando de frente para Valery.

— O Dave conheceu esse seu lado, Valery?

Valery abre um largo sorriso e seus olhos brilham de emoção.

— O Dave... — suspira com nostalgia — Adorável Dave. Com ele eu me sentia livre para ser eu mesma. Sinto sua falta. — uma lágrima rola rápida e solitária e ela sorri passando a língua, lambendo-a, passa o indicador no rosto ainda sorrindo — Acha que ela vai se aborrecer se eu fizer papel de vingativa pra mídia?

— Como assim Valery? — ele se remexe no assento para acomodar melhor a perna ainda sensível. Incomodado também com outra reação mais carnal do seu corpo.

— É que eu precisava de uma desculpa mais sólida para ter arquitetado nossa “*Fuga de mel*” no Brasil e estive conversando com a nossa assessora pública, e ela conhecendo meu modo de operação, sugeriu essa linha. Aparecemos em alguns dos lugares que você esteve com ela e algumas notas aparecerão na mídia tal como: A senhora Sanders chegou pisando duro. Ou algo do gênero.

— Tal como: O cafajeste do Sanders abandonou a pobre inglesinha pelo furacão de herdeira da família Connie. — sugere seco.

Valery nega com veemência e segurança a contestar;

— É porque você não conhece o poder de sugestão da Susan, ela é uma assessora muito boa e muito bem paga para fazer o que faz. Garanto que o máximo de negativo será isso — aponta a si mesma — Eu, a princesinha mimada que se esqueceu de crescer, que faz o que quer e quando quer, sem se preocupar se com isso esteja ferindo ou prejudicando a imagem de alguém. Coitado do Sanders.

— E isso não te aborrece?

Valery solta um sorriso franco e meneia frenética a cabeça, estava pouco se lixando, desde que conseguisse manter os abutres à distância.

— Pessoalmente não. E assim, satisfação mais algumas das suas questões íntimas e não declaradas. — provoca.

— Você é adorável Valery. — elogia francamente.

— Então? — ela sustenta o sorriso de felicidade sem fazer esforço — Será que podemos começar a abaixar a guarda? — arqueia as sobrancelhas ainda rindo — Sou agradável, adorável como disse, manipuladora e também servil, atraente ao mesmo tempo em que — morde o lábio inferior chamando a atenção dele para a sua boca, mas ele logo volta a olhar em seus olhos, ponto pra ele pensa –, propositalmente, garanto. Irritante.

Hugo sorri deitando a cabeça de lado no recosto do sofá, se o casamento fosse sempre com momentos assim, seria fácil conviver com Valery debaixo de um mesmo teto.

— Propositalmente? — limpa a garganta — Esqueceu-se de mencionar o quanto é terrivelmente — ri e conclui –, inteligente.

Hugo puxa e solta o ar pela boca e Valery sente a tensão

voltando aos seus músculos.

— O que me traz uma nova questão. Indelicada. — acrescenta ele com mais ênfase a última palavra.

— Permissão concedida, seja. — pisca para ele em incentivo, mas Hugo meneia a cabeça em negação arrependendo-se.

— Mas estamos tendo um progresso muito bom. — argumenta ela a bebericar sua água direto da boca da garrafa — Você quer saber como lido com os apelos sexistas direcionados a mim é isso? — ela encolhe de leve, mas perceptivelmente — Pela sua expressão vejo que estou certa. Só não me pede pra justificar ou defender o Rafe.

Hugo deixa a garrafa sobre a mesa e volta a sua posição no sofá com a cabeça encostada de lado no encosto;

— Por que acha que eu faria isso?

Voltou ele ao tom seco de voz, mas Valery tenta ignorar a pontada que sentiu a agir casualmente.

— É um círculo de raciocínio que volta a se fechar. — então começa a referir a si mesma em terceira pessoa — Se ela consegue propositadamente se livrar dos apelos e situações sexistas. Como não conseguiu fugir? Ou pior. Se ‘sabe’ que é atraente e sendo ‘tão’ inteligente, se não previu, provocou. Logo em seguida parte para o pensamento mais ofensivo. Ele de vilão passa a ser a vítima e, é isso. — conclui e volta falar em primeira pessoa — Aí você se lembra das cicatrizes que viu em mim, fatos irrefutáveis, mas o vínculo afetivo com ele é mais forte, e a tendência natural é manter viva a imagem de que eu sou a vilã. E talvez até mesmo as cicatrizes sejam uma farsa minha pra prender você em um compromisso comigo, e por aí vai, criando o personagem. Afastando-me emocionalmente de você. O que eu julgo desnecessário. Mas vou entender se for iminente.

Valery se vira de lado a recostar a cabeça no sofá olhando para o teto, não era mais a menina com o sorriso no rosto.

— Tenho meus próprios demônios para enfrentar e, no mais, mais nada. — ela ameaça se levantar e é contida por Hugo.

— Espera. Eu não vejo você como vilã. — garante a ensaiar um sorriso de lado — Tenho outros julgamentos ao seu respeito e alguns um tanto desonestos, às vezes, mas não a vejo como vilã.

— Desonestos? — ecoa ela e sorri.

Hugo suspira e ela acredita que ele faça isso mais vezes do que tenha consciência.

— Se continuar me ajudando a resistir a você e seus encantos. — ele propõe — Isso foi de uma indelicadeza! — censura a si mesmo.

— Continua! — ela incentiva animada — Não pare agora ou vai se fechar. — vendo que ele resiste à ideia de continuar insiste — Eu amo o Dave e você ama a Ceccile, mas é natural que a situação em que estamos provoque desejos. Olha, é mais difícil quando reflete no pessoal, então estabelecer parâmetros de conduta é uma sugestão de base coerente, segura. — animada expõe — Depois das fotos embarcamos para o Rio. Lá faremos mais um turismo que fomenta um pouco mais esses carnívoros com algumas aparições nossas em pontos estratégicos, eu vou com você e Marie para a fazenda, mas volto para o hotel no litoral do Rio com Marie no mesmo voo.

— E assim estabelecemos mais um parâmetro. — conclui ele de mal humor.

— Guito, você me apoia e eu te apoio. Só isso. É um parâmetro justo não é?

Hugo concorda. Era expressiva e em mesmo tempo enigmática a mulher com quem havia se casado. Valery o encara impaciente;

— Guito, se abre comigo. Eu não adivinho pensamentos. Acha que não foi uma boa ideia, que eu tenha passado dos limites? — e logo se defende — Eu só queria te mostrar por meio de atos que no que depender de mim eu não vou atrapalhar seu romance com a Ceccile. Fui clara agora?

— Mais clara impossível.



. — Estabelecido isso, podemos proceder? — ecoou em sua mente, segundos antes de Marie tocar em seu joelho com seus dedinhos gorduchos pedindo colo.

— Desculpe senhor Sanders — desculpa-se a babá a levantar em seu colo a menina.

— Me dê aqui. — ordenou ele estendendo os braços — E Valery? — perguntou a olhar para o assento vazio no outro lado da cabine.

— Banheiro. — responde a babá entregando a menina em seu colo.

Hugo assente e beija a menina no topo da cabeça e ela se aninha em seu colo completamente à vontade com ele encostando a cabeça em seu peito. Ele inclina a poltrona para trás e fecha os olhos.

— Essa cena merecia uma foto. — comenta Valery com um sorriso iluminado pela maternidade plantado no rosto.

— E então senhora Sanders? — pergunta ele abraçando Marie que agora piscava sonolenta com o polegar na boca e os dedinhos restantes fechados na sua camisa — Falta muito para chegarmos ao

nosso destino?

Hugo corre o olhar pelo corpo de Valery de cima abaixo e de volta, estacionando no olhar fascinado dela focado na menina que acariciava seu peito por cima da camisa. Ela o pega fitando-a e sorri desviando o olhar do dele subitamente tímida. — É carinhosa. — ele comenta. — É sim. — ela concorda.

Hugo olha de soslaio na direção da babá e volta o olhar sério para Valery. Valery então dispensa a babá e a babá se retira do recinto deixando-os a sós. Hugo cheira o topo da cabeça de Marie esfregando a ponta do nariz e sugere casualmente;

— Desembarcamos somente nós três no Rio, o que acha? — entende-se, dispensamos a babá no meio sorriso que se levanta no canto dos lábios.

Valery enigmática o encara entre risos — Algo em mente senhor Sanders?

Hugo simplesmente sorri — Não precisamos de vela. Vem, senta aqui do meu lado.

Valery nem pisca em aceitar, inclina também a poltrona do lado deixando-a em mesmo nível e levanta o encosto de braço que faz a divisória. Ao sentar-se, logo puxa as pernas para cima do assento e de lado fica a admirar a filha segurando seu dedinho.

— Agora sim merecia uma foto. — ele ri e remenda — Mas para foro íntimo, se ainda quiser se resguardar do assédio iminente que provocaria.

Valery envergonha-se de pronto.

— Essa gatinha me faz perder o senso.

— Ei! — ele ri com gosto — Pare, volte a levantar essas belas

pernas para cima, isso. Relaxa e curte. — devolve a lembrar-se — Como você mesma disse ontem, já vai ser bem difícil lá fora, então...

Valery volta a relaxar no assento e sorri mostrando a carreira de dentes pequenos e brilhantes dentro da sua boca, e havia uma pequena pedra de diamante presa em um dos dentes da frente que ele não havia reparado antes, achou interessante, delicado.

Ele volta a suspirar do jeito que Valery já começava a associar como prenúncio de algo sério a caminho e logo confirma que estava certa.

— Valery, você sabe que estou vulnerável. — ele beija a menina apertando um pouco mais contra si sem perceber. Um vínculo estava se formando entre eles e Valery não era boba em acreditar que fazia parte da equação, não da mesma forma.

— Está começando a gostar da Marie — ela o interrompe –, e já começa a especular que tenha que envolver a mãe, para não abalar a proximidade com a filha.

Hugo estreita os olhos censurando-a e sorri — Quer parar de ficar colocando palavras em minha boca.

Ela sorri displicente focando seu olhar na filha — Marie é mesmo adorável. Não é linda? — volta seu olhar para ele com sorriso sereno — Assim que voltar a encontrar-se com a sua Ceccile, esses pensamentos e sensações de agora irão perder peso, vai ver.

Hugo a encara sério agora.

— Obrigado, Valery. Honestamente, não sei como faz isso, e como pode ser tão absurdamente sensitiva com tão pouca idade. — ponto para ela, ela intimamente admitia, mas porque estava doendo

ela não estava disposta a analisar. Devolveu em resposta com seu mais franco sorriso a demonstrar o quanto estava feliz. Porque estava mesmo muito feliz em finalmente poder gritar ao mundo se quisesse, que era mãe. Ela tinha uma filha que agora dormia no colo de Hugo com a mão tão pequenina fechada em seu dedo indicador. Hugo deita a cabeça no assento e logo está adormecido, mas manteve o braço protetor nas costas de Marie o tempo todo, e ela acaba também cedendo ao sono, segurando a mão da filha por cima do seu peito.



Capítulo 23



Após o desembarque, Hugo e Valery seguem o protocolo previamente combinado. Valery troca uma meia dúzia de palavras com alguns jornalistas onde ela consegue ser insuportavelmente antipática, fazem então um curto turismo pela cidade do Rio, visitam também o hospital oncológico, onde mais uma vez Valery deixa deliberadamente escapar para uma reconhecida jornalista sensacionalista que se fosse por vontade dela não estaria ali, que tinha medo de se contaminar, mas seu marido tinha real interesse pelos doentes e ela o queria agradar. Já no fim da tarde se acomodam em suntuoso hotel resort à beira mar.

Ao analisar a contrariedade estampada no rosto e postura rígida dos ombros de Hugo, Valery trata logo de explicar;

— Acabou Guito. Estamos livres para curtir a nossa fuga.

Hugo corre o olho pelo apartamento e para Marie que dormia no centro da cama cercada por travesseiros, Valery havia dispensado o berço e isso ele conseguia entender, a vontade dela de não querer estar afastada da filha um só momento nessa viagem.

— Esse assédio todo não é justo com Marie.

Valery sorri a menear a cabeça e contesta;

— Ela vai superar isso. E no mais, se eles queriam ver os Sanders, já viram o suficiente para garantir uns 14 dias de paz com nossos amores.

Hugo sorri, mas logo torna a ficar sério.

— Já estou arrependido de ter dispensado a vela. — arrependimento que havia começado no momento que entendeu como Valery destruía com a própria imagem em seu comportamento no hospital, eram duas Valery completamente diferentes em uma única mulher. Não podia negar que estava intimamente orgulhoso da sua atuação tendo conhecido a jovem doce que se escondia por trás da fachada de antipática que envergava. Ou de ser um dos poucos, senão o único, a conhecer o lado alegre e genuíno que ela demonstrava quando estava fora da mira dos holofotes.

Valery o fita preocupada;

— Acha que não dou conta?

Hugo senta no sofá e puxa o pé dela para o seu colo, prende pela canela quando ela ameaça puxar e ela cede.

— Acho você uma mãe maravilhosa.

Valery sorri. — Eu não sinto cócegas senhor Sanders.

— Você é uma estraga prazeres senhora Sanders. — ele a acusa e o canto dos seus olhos enrugam um pouco com o sorriso — Acha que vai ficar bem aqui?

— Vou sim. — ela afirma, era bom ver o quanto Hugo estava feliz — O hotel dispõe de toda segurança necessária para mim e minha Marie, mas se te satisfaz, posso mandar instalar câmeras em todos os cômodos do nosso refúgio.

— Sabe que não é má ideia? — afirma sério.

— Ah para Guito! — ela sorri — Eu estava brincando.

— Ao menos se por algum motivo precise deixar a Marie sozinha com a babá. — impõe ainda sério e em seguida abrandando o tom — Vai me deixar mais tranquilo Valery.

Valery se transforma, seu rosto perde o tom rosado natural, vários pensamentos cruzam suas feições e preocupada ela leva a mão na boca.

— Só por precaução Valery. Anunciado, aqui na sala somente. — sorri sardônico — No quarto e no banheiro não precisa, para não expor a sua intimidade.

Valery concorda sem dar caso para a indireta. — Tem razão — afirma séria apontando a TV de plasma — Ali.

Hugo limpa a garganta e xinga a si mesmo mentalmente, havia acionado o instinto de proteção de Valery ao ponto de a apavorar, ela não merecia isso.

— Valery, relaxa. É só por precaução. — já estava se sentindo estupidamente culpado e decide de súbito — Não vou deixá-las aqui sozinhas.

Valery pisca ao cair em si e nega com veemência. — Não. Nada disso! Eu preciso descobrir que tipo de mãe eu sou. — ela sorri para quebrar o clima — Nós vamos ficar bem, vai ver. — o encara com ares de sapeca e pisca — Em vídeo, depois. No mais, o senhor Hugo Sanders estando para chegar a qualquer momento. Já garante e muito a minha segurança e a de Marie. Imagine, se alguém se atrevesse a ter que se ver com a sua fúria assassina. — brinca ela por fim.

Hugo sorri em resposta e em mesmo tom de brincadeira olha em torno — Já que estabelecemos isso. Onde pretende que eu vá dormir senhora Sanders? — ela lhe devolve o sorriso com ar de mofa — Na mesma cama senhor meu marido. Já viu o tamanho?

— ela estava rindo dele agora — A Marie no meio te consola?

— Não muito. — responde ele sério em suspense e sorri de lado
— Mas é melhor do que amanhecer em um sofá, ou acordar de madrugada e descobrir que foi a esposa que dormiu nesse sofá.

— Não vamos amanhecer aqui senhor Sanders. Evadimos às quatro e trinta.

— Está mesmo determinada em me ver pelas costas, não está?

Valery dá com ombros, sua expressão de felicidade é contagiante por alguns segundos, logo fita Hugo nos olhos — Não é porque eu não pude que vá coibir um minuto sequer de você e Ceccile juntinhos. E assim também conseguimos despistar os *paparazzi* de plantão.

Hugo concorda e num ímpeto de felicidade beija o pé de Valery e ela o puxa de volta.

— Quê? — ele ri dela — Não falou que não sente cócegas?

— Não sinto mesmo. — corada ela rebate — O Dave fazia isso.

E ficou ali o alerta: “Se não tem interesse de ultrapassar os parâmetros. Não faça isso de novo” — considerou ele mais tarde naquela noite a assistir Valery a dormir abraçada com Marie.

Ao menos foi o que imaginou que ele pensou também Valery quando se inclinou beijando a fronte da sua filha e em seguida a sua, ou não o teria feito, sorriu em lembrar-se sentada na areia fria a admirar o horizonte escuro e a lua gorda e branca que refletia no mar ao longe a sua luz gloriosa. Aspirou com prazer o ar salino, levantou a espanar a areia e seguiu em direção as águas deixando que as ondas molhassem seus pés descalços, levantou ao alto os braços para melhor receber a energia que emanava daquele lugar

fascinante. Ele vai cuidar de nós Dave, ela pensou.

Eu vou cuidar delas Dave, pensou Hugo a admirá-la pela janela do quarto.

Valery examina as horas e aperta o passo a voltar para o resort. Tinha pouco mais de meia hora para se cuidar e também da filha e se depara com Hugo à sua espera na sala.

— Guito eu, não quis te preocupar.

— Eu sei, eu vi você. — ele ri.

— Eu só fugi, por que... Não está chateado?

— Muito. — ele meneia a cabeça sorrindo — Vá tirar o sal do corpo, eu já mandei vir uma babá para cuidar de Marie.

— Obrigada senhor Sanders. — ela agradece e corre para o quarto.

Hugo se remexe incomodado, era ele um tio ou uma espécie de irmão mais velho nessa situação? Devia mesmo considerar essa forma de tratamento, mas engole seco e franze o cenho. Por que raios isso o estava incomodando tanto? Ele se levanta ativo demais para aguardar sentado. É claro, óbvio. Racionalizava. Ela era somente dois anos e pouco mais velha que Ceccile e torna a lembrar-se: “Assim que voltar se encontrar com Ceccile, seus pensamentos e sentimentos de agora perderão peso”...



O helicóptero contratado para levá-los não era o de John. Era maior, mais confortável e ironicamente, nem um pouco pontual. Havia chegado ao resort com uma hora de atraso e se viram enrolados a passar por um enxame de flashes persistentes e jornalistas aos gritos que deixou Hugo irado com uma Marie

amedrontada e chorona em seu colo.

Já no ar sem desgrudar-se de Marie, mantendo-a consolada em seu colo, Hugo decide alterar os planos de elas voltarem para o resort no mesmo voo. Valery se nega, mas ele a convence em deixar para discutirem a situação quando aterrissarem apontando os fones de ouvido. Valery entendeu que Hugo desconfiava que a agência de táxi aéreo contratada tivesse alguma culpa pelo enxame de *Paparazzi* que os cercaram no resort ocasionado pelo atraso, algo nada profissional da parte deles, mas que de certo lhes rendeu os desejados 15 minutos de fama, e sendo verdade, ela voltar somente com a filha no mesmo voo, geraria mais assunto a ser divulgado, algo que ambos não queriam.

Passaram então ao restante da viagem conversando amenidades e admirando a paisagem verdejante e montanhosa. Mas assim que Hugo reconhece estarem se aproximando da herdade seu rosto muda de sério e irritado para apreensivo e ele a alerta de que a recepção poderia não ser das mais agradáveis em primeira vista e viu-se obrigado em explicar que havia dado ordem para a recepção hostil a qualquer tentativa de entrada estranha na propriedade e cercanias. Deixando combinado então que ele desembarcaria primeiro a acalmar os ânimos. A pergunta que ele não queria ouvir escapou dos lábios dela.

— Confie em mim Valery. Tenho meus motivos. — foi a resposta dele e ela acatou calada.

Uma pontada de ciúme, ela pensou e sorriu, era melhor do que um iceberg inteiro.

Como Hugo havia previsto, antes mesmo que parassem de girar as hélices duplas do helicóptero, mais de trinta homens estavam posicionados de forma a proteger a propriedade cercando-a por todos os lados. Hugo desembarca acenando e tão logo John o

reconhece a multidão de homens começa a dispersar. Um abraço entre os dois e alguns socos nas costas um do outro e se afastam. — O que faz aqui?

Como sintetizar?

— Valery. — Hugo diz a John como se isso explicasse tudo, mas ele mesmo tendo ciência de que tampouco ele conseguiria explicar melhor em tão poucas palavras — Venha, mais tarde te explico tudo com calma. — ele o chama e ele mesmo o faz parar — Ceccile?

John sacode a cabeça e preocupado engole em seco — Sanders... — mas Hugo o interrompe com expressão grave;

— Só me diga que ela está bem. Por Deus John.

John afirma e sorri para o amigo, ambos seguem em direção ao helicóptero onde Hugo pega Marie em seu colo e auxilia Valery com o pequeno lance de escadas.

Valery intimamente lamenta a escolha do meio salto e tão logo o pensamento lhe ocorre ela tomba e Hugo a ampara.

Sob o olhar de John, por um instante apreensivo, imaginou que se beijariam, tão logo pensou, Valery beijou o amigo e ele respirou com alívio, no cenho. Devido a estar um degrau acima que ele, ela o beijou no cenho.

— Oi — cumprimentou ela a sorrir amistosa estendendo a mão.

— Senhora Sanders. — ele aperta a mão oferecida, ainda não sabendo se gostava dela ou não.

— Aqui sou somente Valery — ela o corrige e apela — Diga-me que é o John e que vai me levar de volta ao Rio o quanto antes?

John lhe sorri, a tensão inicial deixando seu rosto, afeiçoara-se a ela nesse momento e move a cabeça a concordar solícito.

— Acha que Ceccile se ofenderia se eu entrasse e sentasse um pouco? — pergunta ela a abanar a poeira tremendo um pouco.

Hugo havia se distanciado dos dois para dispensar o helicóptero e volta com Marie a enfiar a cabeça em seu pescoço e a mãozinha agarrada na sua camisa.

— E aí John? Tem combustível nessa lata velha?

Valery abre a boca e John sorri fitando-a de lado. — É dele. Ele denomina.

Hugo oferece o braço para Valery, mas ela se retrai com um sorriso educado e se volta para John — Sr John, me faria a gentileza de pegar Marie?

Hugo e Valery trocam um olhar significativo ao entregar Marie para John e Valery dá um saltinho rindo a incentivar;

— Vai homem! O que está esperando? — aperta tensa a bolsinha tiracolo entre os dedos. Será que ele ia interpretar mal o seu gesto?

Mas Hugo já caminhava na frente deles e acelerava os passos quando viu Ceccile aparecendo na varanda, e ela dá um passo atrás abaixando a cabeça quando avista mais atrás de Hugo a dama que vinha amparada por John com a criança em seu colo.

Hugo estaca a olhar para Ceccile e Valery esforça-se a apertar os passos em direção deles — Não sou ameaça John. Ceccile fica!

Ceccile ficou, mas somente porque lhe faltara forças para dar as costas e fugir. Seus olhos encheram de lágrimas e Hugo faz que não com cabeça plantado no lugar, a poucos passos de distancia da mulher em seus sonhos e em seu coração.

Valery o empurra por trás quando o alcança.

— Vai Guito. Ela está grávida! Não é bom para o neném sentir toda essa tensão!

Ceccile o vê se aproximar e olha a dama por cima do ombro dele a lhe sorrir e assentindo em incentivo, só então ela lhe sorri um sorriso tímido.

Hugo estava tremendo por dentro, tenso olha para Valery e de volta para Ceccile soltando o ar — *Saudade de você.* — ele diz baixinho com sotaque ainda.

— *Também.* — ela responde e olha mais uma vez para a dama que junta uma mão na outra.

Hugo se aproxima mais e devagar levanta a mão. Ela não demonstra qualquer resistência, ao contrário, tomba de lado a cabeça e ele sorri, deslizando sua mão pelo pescoço a subir pela nuca estalando a presilha...



John espia Valery a abrir um largo e genuíno sorriso a morder os lábios e ele também sorri a espiar Hugo e Ceccile se beijando. Valery aperta o braço de John sem perceber e ele olha novamente de lado para ela, a supor sua dor pela sua expressão ele ameaça seguir em frente, mas ela o segura.

— Espera, não atrapalha. — ela pede baixinho com olhar fixo no casal.

Hugo aperta Ceccile em seus braços e olha para Valery, ela lhe sorri em incentivo e ele lhe sorri em gratidão com os olhos, logo em seguida levanta Ceccile em seus braços e entra na mansão. Valery estava sorrindo com os olhos úmidos e só então segue a

frente com John sentindo-se uma intrusa.

E só então John percebe que sua acompanhante está mancando, e que mais a frente uma Ana com expressão muito aborrecida de braços cruzados o encarava. John queria sorrir, mas se controla. Sua Ana estava com ciúmes dele, e ele não podia negar que estava gostando muito disso. *Ajude aqui amor* — ele pede em português.

Hugo não pensou, não daria a ela tempo de pensar.

— Onde é seu quarto agora?

Ela abre os olhos e a boca assustada, mas logo em seguida engole em seco e responde num sussurro quase inaudível;

— O mesmo.

Hugo segue adiante, sabia o caminho, depara com a irmã na antessala e acena com a cabeça.

— Oi Giu. Depois a gente conversa.

Giulia surpresa leva a mão na boca e abaixa a cabeça. Foi só o que ele viu antes de seguir para a escadaria em mármore ao fundo do salão central, que o levaria ao segundo piso e ao quarto da sua amada. Hugo deixou Ceccile sentada na cama e sentou ao seu lado, levou os dedos em sua boca e logo em seguida sua boca tomou o lugar dos dedos.

Valery gentilmente negou-se a entrar, apontou o conjunto de cadeiras na varanda e alegou que só precisava descansar. Marie foi entregue em seus braços e ali ela ficou a admirar a beleza e a tranquilidade do lugar.

Hugo se afastou de Ceccile pelo tempo necessário para fechar a porta do quarto, ajoelhou-se na frente dela e seus olhos dançavam a estudar cada reação em seu rosto. A emoção de estar ali e diante

dela era tão grande que seus olhos estavam úmidos e ele arfava com a respiração dificultada. — Como eu te amo Ceccile, como eu te amo! — ele dizia acariciando-a com dedos trêmulos e algumas lágrimas soturnas escaparam sem qualquer pudor no rosto marcado pela emoção.

Ceccile também chorava, as mãos do ventre agora mais aparente foram parar do rosto do homem que a havia despertado para o amor, devagar ela o acariciou e ele deitou o rosto em sua mão. Em seguida ele deitou em seu colo a cabeça e fechou os olhos sem acreditar que estava ali com ela.

— Eu te amo Hugo, com toda força da minha alma, eu amo você. — ela disse em sua língua e sorriu quando ele levantou a cabeça para olhar em seus olhos — Alice tem me ajudado — ela explica e o puxa com sutileza — Senta aqui. Por favor.

Ele se levanta, senta ao seu lado e um se perde no olhar do outro, as palavras deram lugar a ações, devagar os lábios se uniram e também devagar as mãos dele espalmaram os ombros dela, deslizou por suas costas, com suavidade a puxou e a apertou contra seu peito.

Ceccile fechou os olhos e suas mãos deslizaram quentes pela cintura dele em sentido as costas e seus lábios e línguas se encontraram novamente, de início explorando, com o leve roçar de lábios e línguas se encontrando e em seguida mais urgente, apertando-os um contra o outro e ele distribuiu beijos por todo o rosto e pescoço dela, inflamando o sangue em suas veias. Ele volta a espalmar as mãos em seus ombros e desliza para sua nuca penetrando os fios sedosos e compridos admirando seu rosto.

Não precisava de mais nada. Meneou de leve a cabeça ainda sem crer. Só a visão do rosto amado assim tão próximo, do seu aroma delicado tal como lembrava, fazia qualquer sacrifício valer a

pena.

— Quanto tempo pode ficar? — ela pergunta num sussurro.

— Duas semanas, no máximo — ele demora a responder e suspira

— Por mim não iria mais embora...

Ela leva os dedos em seus lábios calando-o.

— Não deve, por mim, por nós. — foge do seu olhar estremecendo por dentro, desejando que ele entendesse que não o estava repudiando. Engole as lágrimas que lhe chegam aos olhos e se encolhe em seu abraço — Eu te amo Hugo. Com toda força. Eu te amo.



Giulia se aproxima devagar e de cabeça baixa, senta-se na poltrona em frente à Valery e lhe pede desculpa. Valery olha seu rosto e abaixa o olhar, Giulia instintivamente leva a mão ao rosto machucado.

— Não foi... — começa Giulia, mas Valery lhe sorri.

— Desculpe a mim, Giu. Eu não podia contar nada antes, por causa da Marie. Eu não podia assumi-la como minha filha e envergonhar ainda mais a minha família.

Valery não resiste a olhar novamente para o rosto todo arranhado e ferido em alguns pontos calando-se e Giulia engole em seco apertando uma mão na outra em seu colo.

— Meu filho ficou nervoso.

Valery desliza as mãos nos joelhos de Giulia e logo as mãos se encontram e se apertam em cumplicidade, ambas envergonhadas.

— Preciso dele Giu. E agora você sabe o motivo. — justifica-se Valery.

Giulia assente apertando suas mãos, o calor da vergonha subindo para o seu rosto.

— Fintter me contou, é do Rafe.

— Não mais. — nega Valery — É do Guito. E, minha agora. — abre um largo sorriso ao admirar a filha — É mãe, Giu. Só mesmo uma mãe compreende o que outra mãe é capaz de fazer por um filho.

Giulia leva ambas as mãos na boca e começa a chorar, tremendo convulsivamente sem emitir som algum e Valery levanta a sentar ao seu lado a abraça-la — Ei, calma Giu. — apela a apertá-la contra si.

— Desculpe-me Valery. — Giulia ensaia um sorriso entre lágrimas e passa a mão no rosto apontando Marie — Sua filha é linda.

— Giu. — Valery morde o lábio — Não quero ser invasiva, mas...

Giulia se levanta e volta a passar a mão no rosto, balança a cabeça em negação e torna a sorrir para Valery.

— Ainda não conhece a minha pequena Joe, conhece?

Valery continua a estudando preocupada e Giulia cede, ainda de pé e desolada ela fita o chão.

— O Vico, jamais me aceitou como sua mãe, então eu, eu entrei em contato com o Clark e o devolvi ao pai. — ela volta a sentar e esconde a cabeça entre as mãos por alguns segundos — Eu o devolvi, antes que ele acabasse conseguindo se matar ou... — ela treme por inteiro a chorar baixinho, as imagens ainda muito vívidas

em sua memória — Ele quase matou a Joe afogada, me machucou, e ele fugiu. Levamos mais de dez horas para encontrá-lo e estava ferido, havia se machucado na fuga e me culpava.

Valery escuta pasma o seu desabafo, Giulia meneia a cabeça em negação.

— Agora ele está com quem quer estar. — desabafa e chora amargurada.

Algun tempo passaram ali, solidária a Giulia, Valery torna a abraçá-la até que cesse o pranto, acalenta-a em sua dor e Giulia se agarra ao consolo do seu abraço. Quando arrefecido o pranto Giulia a agradece e vê um brilho determinado no olhar sério de Valery que a amedronta.

— Valery, por favor. O Vico só é meu filho em meu coração. — volta a fitar o colo — Não tem o meu sangue. Então, não faça nada está bem?

Valery pega a filha que chega a pedir colo. — Mas como, não?

— É filho da Lisa com o Clark. Eu ia ter outra menina e o Clark... — ela leva a mão na garganta, a dor a consumindo por dentro com o segredo — Eu nunca contei a ninguém.

— Oh Giu! — Valery acaricia o rosto da cunhada totalmente pasma com o que acabara de ouvir — E a sua filha?

Giulia meneia a cabeça e mais lágrimas respingam em seu colo, mesmo tentando contê-las para não assustar a pequena no colo de Valery.

— Clark não me deixou vê-la. Não sei se vive ou não. Não sei nada. — sussurra Giulia amargurada, olha para Marie e fixa o olhar em Valery, ensaia um sorriso de lado, puxa o ar, abre e fecha a

boca algumas vezes e Valery balança a cabeça concordando, segurando firme em sua mão.

— Não fale mais nada, eu entendo.

Ambas voltam a se abraçar, de lado agora, com a pequena Marie entre elas, a amizade de outrora renascida e desta vez pra ficar.



Capítulo 24



John para em frente à porta do quarto de Ceccile, entendia que o tempo que os dois ficaram separados só fez aumentar a necessidade de ficar um com o outro o máximo de tempo possível, mas poderiam fazer isso mais tarde, já que presumiu que Valery iria embora logo, e conhecendo um pouco mais a sua anfitriã e seus costumes, supunha que Ceccile se sentiria culpada, caso não a convidasse ao menos para o café da manhã. Ele bate a porta a anunciar-se, do lado de dentro Hugo passa as mãos no cabelo e sorri para Ceccile, mas Ceccile lhe devolve o sorriso com um sorriso triste que o deixa em alerta.

— O que há?

— Aconteceu algo. John vai lhe contar.

Ceccile julga ser melhor que John conte para Hugo dos acontecimentos dos últimos dias, seu inglês estava melhorando com a ajuda de Alicia, mas ainda sentia-se insegura para conversar com Hugo ainda mais sobre assunto tão delicado quanto era o de Giulia. Após abrir a porta para a entrada de John ela se aproxima de Hugo beijando-o mais uma vez, desejando de todo coração que ele seja compreensivo.

John observa o beijo e solta um esgar de riso pondo-se a mirar um ponto qualquer no assoalho. Ceccile também não está preparada para olhar em seus olhos ao passar por ele, tomada pela timidez ela abaixa o olhar e sorri, ainda que um sorriso triste ao

pensar em Giulia. O brilho no olhar de Hugo se esvai com a saída de Ceccile ao encarar John.

Enquanto John atualiza Hugo sobre os acontecimentos dos últimos dias, Ceccile ordena a reposição do café na sala de refeições que já havia ocorrido e segue para a varanda, tão logo aparece Valery e Giulia levantam-se, ambas se fitam por um instante e sorriem com a amizade restaurada e Valery toma um passo adiante a garantir que não era uma ameaça e Ceccile instintivamente dá um passo atrás e lança um olhar apelativo para a Giulia, que segura na mão de Valery e lhe sorri.

— Não é de propósito. — argumenta Giulia — Ceccile teve uma educação, um pouco mais condicionada que a nossa.

Ceccile sorri agradecida e aponta para as portas de entrada.

— Por favor, entrem. — pede trêmula com uma breve reverência, pende o cenho e engole em seco — Desculpe-me se a ofendi.

— Oh não Ceccile, eu que te peço. — diz Valery com sinceridade — Eu voltaria no mesmo helicóptero, mas ocorreu uma mudança nos planos...

Valery a fita por sob os cílios e Ceccile mantém olhar no chão na busca de palavras. Queria dizer o quanto estava sofrendo com o rumo que tomou sua vida e seus olhos marejaram, mas da mesma forma que o sentimento a tomou de súbito, ela o controlou, respirou fundo e a fitou nos olhos.

Valery também estava emocionada, seus olhos brilhavam enquanto percorria discreto o corpo de Ceccile, agora com a barriga mais evidente e aponta Marie em seu colo.

— É hmm... É do Rafe também.

Ceccile leva à mão a boca e Giulia sussurra para Valery;

— Ela não sabia do Rafe.

Ceccile leva as mãos no ventre e Valery acena tomada pela culpa;

— É do Hugo, eu sei, eu sinto muito Ceccile...

Ceccile meneia a cabeça sem voz e começa a chorar baixinho.

— Oh Deus! — exclama Valery estupefata com o que passou pela sua cabeça.

— É do Rafe também. — afirma Giulia a pegar Marie do colo de Valery — A de Ceccil também é menina. Soubemos tem 10 dias.

Ceccile troca um olhar grato com Giulia e entra na frente tentando não ficar com pena de si mesma. Giulia segue logo atrás com Marie em seu colo a amparar Valery.

— Desculpe não tê-la alertado.

Valery a aperta no ombro sussurrando de volta;

— Eu entendi. Só desculpa a intromissão, mas como o Guito...

Giulia e Valery trocam um rápido olhar, Giulia sorri corando e logo Valery também sorri. Que lindo! — pensa Valery e aponta a frente — Ela é de uma classe surpreendente!

Giulia estaciona a olhar para Valery.

— Valery, eu posso te pedir uma coisa?

— Deve. — afirma e acrescenta em mesmo tom com veemência

— Eu não quero atrapalhar ainda mais do que já venho atrapalhando.

— A Ceccile viveu praticamente a vida inteira como reclusa dentro dessa casa. Ela vai ceder Valery, a uma mínima... Deus. Qualquer, por menor que seja...

Giulia desiste e engole em seco, mas Valery volta a apertar o seu ombro de leve compreensiva — Eu entendi Giu.

Valery nesse momento retira a aliança do dedo a mostrar o lado interno liso e abre a pequena bolsa de mão que trazia a puxar de dentro uma caixa aveludada. Giulia por um instante pensa que Valery vai guardá-la, mostrando que o seu casamento era somente de fachada, mas logo que a abre vê cintilar outra aliança idêntica. Valery pega a aliança da caixa, a rodear mostrando para Giulia.

“Hugo and Ceccil forever” — estava gravado na parte interna da aliança tirada da caixa.

— Hugo e Ceccil para sempre. — balbucia Giulia voltando a olhar Valery nos olhos.

— Acha que pode entregar por mim depois que eu for embora com a Marie? — ela pede e sorri terna — Comigo é só para tirar fotos Giu. Agora, eu não sei como dizer a ela que, preciso de um filho, por inseminação artificial mesmo, mas dele, do Guito. Tentar um Sanders menino pra... Você sabe.

Giulia solta o ar, pende o cenho e arqueia as sobrancelhas a fitar Valery. Várias expressões cruzam seu rosto e por fim um sorriso discreto se levanta no canto da boca.

— Acho que eu também não. — faz uma breve careta — Vai já entender o motivo.

Giulia se encaminha conduzindo Valery e para em frente às portas que dão acesso ao salão de refeições.

— Temos que esperar — sussurra Giulia em tom de confiança —, se nós entrarmos agora eles se retiram.

Valery a encara com as sobrancelhas alteadas.

— Tudo isso para um café casual?

— Nada aqui é casual. E a nossa anfitriã em outras circunstâncias, já estaria na estufa agora. — ela vê Valery assentindo, mas sabia que ela ainda devia estar processando tudo em sua mente e sorri solidária — Tomamos o café aqui as seis e Ceccile às seis e quinze. Eu e as crianças nos dedicamos em não atrapalhar a rotina dela e, quase passamos um dia inteiro sem vê-la geralmente.

— Acho que não é muito diferente do mundo que eu vivo Giu. — confessa Valery, mas Giulia contra argumenta;

— Mas Ceccile vive nesse mundo em período integral.

Giulia espia pela fresta da cortina que encobre a parte de vidro das portas e balança a sineta. Valery estreita os olhos em mesmo tempo que arqueia as sobrancelhas.

— Ninguém fica para servir ou abrir as portas?

— Seria a Ceccile, e se ficarmos plantadas aqui é ela quem em alguns segundos virá a abrir as portas e se dedicará em nos servir.

Valery move a cabeça pasma e uma pergunta lhe ocorre: Como Rafael havia conseguido se aproximar de Ceccile ao ponto de... — Vamos então. — ela sugere a Giulia com um sorriso no rosto interrompendo a própria linha de pensamentos, mas estaca paralisada ao ver Hugo entrar pelo outro extremo do salão sentindo os pelinhos da nuca eriçando em alerta — *Oh merde*. Giu, e ela?

Giulia pende a cabeça calada, Valery ameaça voltar e Hugo meneia a cabeça.

— O que eu faço Giu? Saio correndo com Marie porta afora?

Hugo puxa a cadeira que imagina ser para Valery, já que uma menor e mais alta própria para crianças pequenas estava posicionada ao lado. Valery meneia frenética a cabeça e olha para Giulia;

— Giu, por caridade. Alimenta Marie por mim. — feito o pedido, ela vira nos calcanhares afastando-se com a sensação de que Ceccile estava equivocada — Ela entendeu errado...

Giulia segue na direção de Hugo tensa, de cabeça baixa, suas faces queimavam tanto que imaginou que deveria estar mais vermelha que tomate maduro e evidentemente temia uma reprimenda do irmão. Hugo pega Marie de seus braços e põe a menina sentada na cadeira alta beijando o topo da sua cabecinha. Giulia também não sabe o que fazer, até que sente as mãos de Hugo segurando as suas.

— Giu. — ela levanta o olhar para encontrar o do irmão e vê a solidariedade refletida neles — Desculpa Giu, por mim, pelo nosso pai. Por tudo de ruim pelo que você passou.

Giulia volta a abaixar a cabeça por alguns segundos e engole amargo, mas volta a levantar olhando-o nos olhos assentindo. Sabia ser capaz de perdoar o irmão, ela o adorava, sempre o adorou desde que nasceu e ele não merecia pagar também pelos erros que não havia cometido contra ela. Hugo estende os braços, era a primeira vez que fazia isso depois de adulto e Giulia se entregou a esse abraço fechando os olhos, emocionada.

Valery se perde da saída, ou todas as portas gigantescas e iguais estão fechadas, olha em torno, não vê viva alma e é tomada por um princípio de pânico. Senta em uma cadeira aveludada e ampara o rosto nas mãos em conflito.

— Desculpe-me.

Valery levanta a cabeça e ela estava ali. Como se tivesse simplesmente se materializado na sua frente.

— Ceccile, desculpe a mim, eu amo o Dave e Guito ama você. Preciso dele por outras razões e eu não estaria aqui invadindo seu espaço, eu nem deveria estar aqui. Queria que entendesse... — Valery volta a amparar a cabeça entre as mãos.

— Entendo. Mas, ainda estou hm... Aprendendo, muito. — responde Ceccile em tom sereno, mas formal — Alice... — Ceccile sorri — Olhe em meus olhos. Por favor, Valery.

Ceccile lhe sorri um sorriso terno e em mesmo tempo triste, mas genuíno, sincero. Do tipo que reflete a alma. Valery lhe sorri de volta.

— Minha pronuncia ainda está, ‘saindo’.

Valery assente ainda sorrindo.

— É claro, entendo.

O sorriso de Ceccile alcança os olhos e ela fica ainda mais bonita nesse momento para Valery.

— Alice, ok? — respira fundo — Quer fazer o favor, de seguir já ao café da manhã, que com todo carinho ofereço a você, Valery.

Ceccile aproxima-se de Valery e abaixa à sua frente pondo as mãos em seus joelhos.

— Por favor, Valery.

Valery põe as mãos sobre as de Ceccile e sorri emocionada com seu gesto. As duas se olham por alguns segundos e se abraçam.

— Fica também? — pede Ceccile.

— Não. — Valery nega — Não Ceccil. Meu lugar não é aqui, minha lua de mel é com minha filha, entende?

Ceccile move a cabeça assentindo. — Entendo.

Valery toma coragem, lhe sorri e mostra a aliança, agora se dirigindo a Ceccile em português;

— “A minha é de mentira.” — puxa da bolsinha a caixinha e a abre pegando a outra aliança — “A sua é de verdade, eu tive medo de que não entendesse meu gesto. Para que saiba que é seu o coração dele, sempre será Ceccile.”

Ceccile aperta os lábios, sente sinceridade no gesto de Valery para com ela e permite passivamente que ela ponha a aliança em seu anular esquerdo, mas o que Valery soube expressar em palavras, ela pressente diferente no vacilar dos seus olhos, seu caráter gritou dentro dela e seus olhos encheram de lágrimas.

— “Tem espaço para nós duas, aqui.”

Valery solta um esgar de risada emotiva e assente com um fio de ironia;

— “Se tem. Por que não me mostra repetindo seu café da manhã junto com a gente?”

Ceccile pende o cenho hesitante e Valery insiste ainda em português;

— “Além do quê, está muito elegante para uma senhora Sanders com quase cinco meses de gravidez.”

Hugo disfarça o sorriso ao ver Valery entrando na sala de mãos dadas com Ceccile e troca um olhar com Giulia. Valery aguarda de

pé determinada, se não sentasse Ceccile, ela também não sentaria, dizia seu olhar entre risos. Ceccile sentou e Hugo prende o ar ao ver a aliança, mas Ceccile desce a mão pousando-a no colo. Somente então que Valery sentou-se do outro lado de Hugo, mas virando-se a ficar de frente para Marie, que já ameaçava fazer manha a apontar uma frutinha decorativa em cima da mesa e fora do seu alcance, e ocupa-se em alimentá-la e entretê-la à mesa.

— Giu. — Valery pisca cúmplice — Será que poderia me dar algumas sugestões? — olha para Marie que havia ficado entre elas — É que sou marinheira de primeira viagem como mãe.

Giulia lhe sorri.

— Posso começar sugerindo que se alimente também a mamãe.

Valery aponta Ceccil com o olhar — Eu disse isso a ela.

Ceccile tosse sutil e levanta o lenço em seu colo a tampar a boca corada. Hugo olha a aliança novamente e olha para Valery com um brilho divertido no olhar, prende a respiração para não rir, mas não controla a mão que por baixo da mesa toca em Ceccile.

Ceccile congela por um instante e fecha os olhos, tão logo a mão de Hugo encontra a sua, calor avassalador percorre suas veias e ela abre os olhos, não para olhar para ele, nem mesmo para Marie que estava na sua frente. Ceccile olha para Hugo inexpressiva, a mão direita desce ao colo e ela pisca. Hugo não tirava o olhar da sua amada, atento a cada expressão que cruzou o rosto dela. Ela apertou a sua mão sutilmente, talvez nem tenha percebido que fez isso, num átimo de segundo ela olha para baixo na direção do ventre e mesmo sem entender se estava certo ele abre um largo sorriso. Ceccile lhe sorri de volta, um leve levantar no canto dos lábios.

— Marcele, gosta? — ela pergunta baixinho.

Hugo afirma com um gesto rápido de cabeça e sorri fascinado — Mexeu? — ela confirma e o sorriso dele expande em seu rosto — Vocês aí. Olhem pra lá.

Valery finge tampar os olhos vigiando entre dedos, Giulia é tomada pela timidez súbita e suas maçãs ganham um tom extra de rosado. Hugo levanta da sua cadeira abaixando ao lado de Ceccil e ela abre os olhos em alerta, mas Valery lhe sorri em piscar.

“*Relaxe*” — aconselha Valery com um movimento dos lábios.

Ceccile solta o ar e suave a cor volta a tingir seu rosto com Hugo a por a mão em seu ventre.

Valery puxa Giulia para perto e cochicha rindo — É lindo, mas haja sangue frio nessa hora.

Giulia não consegue conter o riso involuntário e fica ainda mais corada.

— Bem. — Valery se levanta — Sem querer ser indelicada — ela lança mão em duas torradas acenando com elas e bebe o restante do suco em seu copo — Vocês começaram a sua lua de mel e eu quero começar a minha com a minha filha.

Ceccile aperta a mão de Hugo e pede baixinho; — Não a deixe partir.

— Por quê? — ele pergunta sem emitir som.

Ceccile meneia a cabeça de leve. — Não sei, só sinto medo. — ela estava mesmo tomada pela sensação de que algo ruim estivesse rondando a todos incluindo Valery, uma sensação ruim que passou como mau agouro pela sua espinha e a arrepiou.

Hugo a beijou no cenho e se levantou voltando-se para Valery.

— Fica Valery. — ele pede amistoso, entendia a vontade de Valery ver-se livre o quanto antes para enfim ser mãe de Marie sem qualquer empecilho — Ao menos hoje. — sorri sem querer quando Ceccile segura em sua calça denunciando-a a olhar. — A menos que tenha medo de se apaixonar também por Ceccile.

Valery abre um largo sorriso e pisca — Ah, mas já estou Guito! Tanto que não pretendo atrapalhar mais um minuto sequer!

Hugo devolve o sorriso — Estabelecendo isso, prosseguimos?

Valery desafiadoramente o encara entrefechando os olhos — Ok. *“Mas proponho um intercambio cultural”* — ela olha para Ceccil e novamente para Hugo — E amanhã, antes das seis quero estar indo embora com minha princesinha a tira colo.

Hugo olha para Ceccile com curiosidade.
— “Como funciona?”

— “Trocamos experiências, você e eu.” — Valery propõe a Ceccile, mas continua encarando Hugo desafiadora e em seguida sorri — “E vocês dois vão dormir juntos, agarradinhos um no outro.”

Ceccile sorri, mas pende a cabeça assentindo a fitá-la sob as sobrelhas de cabeça levemente pendida.



John agarra Ana puxando-a para junto de si e lhe cochicha no ouvido — *“Ouvir o que a ‘dondoca oxigenada’ disse”?*

Ana meio que sorri. — “Talvez não seja tão dondoca assim.”

— “E fica o alerta. A ‘gringa oxigenada’ também sabe português.”

Ana lasca um belisco na sua costela — *“Olha o queijo falando*

do rato.”

John faz uma careta de dor e morde o lábio ameaçador. Ana o enfrenta e ele atenua a expressão, mas ameaça ainda; — *“Mais tarde eu me vingou.”* — ela riu, esperava por isso.

Ceccile concorda e Hugo observa as duas, aturdido, mas também sorridente. Valery que havia se sentado volta a levantar-se novamente.

— “Bem, estabelecido isso, você primeiro, ou melhor, em segundo, já que a nossa chegada acabou atrapalhando a sua rotina.”

Ceccile a fita sem entender, olha para Hugo de lado e volta a olhar para Valery.

— “Rotina?”

— “Sim, ou não há uma rotina?”

— “Eu sigo instintivamente, eu acho”... Quer saber o que eu faria?”

Valery a estava analisando, queria que Ceccile se soltasse, que cedesse e entrasse no jogo, ela afirma e Ceccile volta a olhar para Hugo, depois para Giulia, e novamente para ela.

— “Não quero mais estar, tão, sozinha. Mas também gosto de estar.”

— *“Existe uma mulher grávida aí Ceccile.”* — não sentia vontade de conversar? Estaria tão presa a todas as convenções que a mantinham contida e reclusa dentro daquele universo deprimente?

— “Sinto falta do Wees.”

— Wees?

— Cavalo — diz Hugo e sorri de lado — Continuem. Apesar de eu não estar entendendo quase nada, me agrada ouvir a sua voz. — incentiva a fitar Ceccile.

— “Você não consegue expressar com palavras o que sente. Só sente. Porque sente por alguém que não a entende, assim, literalmente. Acertei?”

Ceccile concorda.

— “Sinto-me como um dalmata às vezes. Aculturada ou, ignorante de muitas coisas... Sei que não sou, mas, nada tem me importado mais do que buscar aprender e, me fazer entender ao homem que me tocou na alma.”

— Deus! Huguito, você tem que aprender a falar português!

Hugo encara Valery com ironia, como se ele não soubesse, quase ri, mas a sua amada estava soltando a língua e ele não queria estragar o momento, então deixou passar.

— “Ceccile, eu a entendo, não sou a pessoa mais indicada para traduzir por você o que você sente, muitas palavras também me escapam no português.”

Nesse momento Ceccile meneia a cabeça em negação e abre seu coração sustentando o olhar de Valery.

— “Não é o que sinto. Está apaixonada.”

Valery lhe sorri.

— “*Por você senhora Sanders. E isso em inglês, tem um contexto mais amplo e bem menos específico do que em português.*” — seu sorriso é genuíno, pois Ceccile havia chegado ao ponto que ela queria chegar sem saber como, mas Ceccile continuava sustentando seu olhar como se pudesse enxergar a sua alma e

morde o lábio a refletir. E ela disse apaixonada, gênero feminino, Valery se lembra e seu sorriso esmorece um pouco.

— “Por mim é... admiração. Sou diferente, como um animal raro. É o que sinto. Gosta e se importa comigo, mas, está mais ligado ao instinto de auto preservação e protetor. Está apaixonada por ele, e com medo. Não a condeno, mas me dói sentir porque, eu não vou competir, eu perderia.”

— Ual. “*Sim, da minha parte.* — ela assente entendendo que não conseguiria negar nada para Ceccile olhando-a daquela forma, mas argumenta em seguida com firmeza — *Mas paixões se acabam. Desejos são controláveis. Já o amor só cresce, fortifica e é para sempre.*”

Se ela queria que Ceccile mantivesse as portas abertas teria que ser em igual sinceridade com ela e assim Valery o fez.

— “E você não perderia. Não, em longo prazo seria você que sempre estaria. Ceccil, eu respeito você, respeito seus sentimentos e juro, nem teria entrado em cena, se não fosse tão importante pra mim esse casamento.”

— “Fica, por favor.”

Valery sorri.

— “Agora é você quem está apaixonada por mim. Se ele descobrir vai ficar com ciúmes. E Ceccile, ele não sabe que eu vi. Quando ele se viu sem saída, de se casar. Ele chorou. Ele chorou amargo de medo — seus olhos brilham marejados — medo de te perder pra sempre. E isso em se tratando de sexo oposto, ao meu e seu — escolhera as palavras pela homofonia e Ceccile presente a cumplicidade a assentir —, é tão raro, tão incomum, que merece ser levado em conta. O primeiro passo eu dei. Ele está aqui, e nós duas sabemos que é de corpo e alma pra você. Eu vivi um amor assim, e

é tão bom que provoca nostalgia. Saudade do meu Dave.”

Valery passa a língua nos lábios entre riso sereno e lágrimas. Ceccile chora também, aliviada, serena, gostava de Valery. Fita a ela e a Hugo e já não se vê excluída.

— “Preciso de você Valery. Entender você desvenda um mundo até então desconhecido, unicamente literal pra mim.”

— Ual Ceccil. “Quando ele conhecer esse seu lado será pura nitroglicerina.”

Valery estreita os olhos — “Reparou que enquanto conversávamos a Giu sequestrou a minha filha?”

Ceccile sorri espontaneamente iluminada e Hugo quase tem um ataque.

— “Olha que lindo. Ele falta pouco te comer com os olhos.”

Ceccile fica séria e empalidece no mesmo instante, Valery a estuda e sinaliza para que Hugo se acalme e só então ele percebe, está definindo parâmetros, pensou.

— “Desculpe. — pede Ceccile enjoada — A conotação comer, no sentido figurativo e não literal, me provoca uma sensação muito desagradável e, desencadeia sentimentos que prefiro suprimir.”

— Definitivamente Guito. — diz abrupta após alguns segundos refletindo. Boquiaberta ela fita a um e ao outro. Sorri e declara em tom imponente;

— Você se casa com essa mulher no segundo seguinte à assinatura do divórcio do nosso casamento de mentira, senão... Eu contrato alguém para te castrar e caso-me com ela!

Hugo faz uma cara engraçada e em seguida solta uma

gargalhada involuntária. Valery que já se preparava para pedir desculpa, relaxa a musculatura e fica logo corada. Ceccile respira aliviada, intimamente grata pelo rompante de Valery a ter tirado dos pensamentos amargos que a estavam tomando.

— Vai descobrir uma mulher incrível Hugo! E como se expressa bem! Você tem que aprender português o quanto antes!

Ainda contagiado com a ameaça infante de Valery Hugo prensa uma perna contra a outra e alguns pensamentos o assombram de súbito. Ele tinha, e não só por questão de contrato, mas também agora por franca consideração, justiça ou qualquer outra conotação equivalente, que dar um filho homem para Valery, conseguinte e consequentemente ele lembrou-se da visão dela nua, não atrevendo a olhar em sua direção, focou o prato e do prato o próprio colo. Pensou em Ceccile, só ver seu rosto lhe bastava, a inseminação artificial não lhe pareceu algo tão impossível e deu de ombros. Pode castrar, se, não me casar.

Valery pisca cúmplice para Ceccile e ela lhe sorri.

— “*Ceccil você tem noção do poder que você tem?*” — ela entende a provocação e meneia frenética a cabeça em negação corando — “*Então espia.*” — Valery orienta mantendo fixo nela o olhar. Ceccile obedece a espiar e sorri levando a mão no rosto a queimar de vergonha fechando os olhos.

Valery observa a um e outro e por um momento sente inveja e desejo, reclama mentalmente a imagem de David e solta o ar, puxando-o novamente como a aspirar determinação; preencheu fundo aos pulmões e soltou devagar.

— “Ótimo! Para a primeira sessão. Agora se curtam aí os pombinhos que eu quero curtir a minha filha.” — ela sorri de forma propositamente sapeca — “E um banheiro também seria

bom, mas não quero que esfrie o clima que se acendeu aqui.”

— “*Valery*” — o tom de voz em súplica de Ceccile provoca um tom de alerta em Hugo que instintivamente mira Valery como ameaça, ela percebe, Ceccile não — “*Está ficando difícil, não vê-la como uma conexão entre o que sinto, e o que expresso.*”

Valery a fita séria e assente;

— “Exato, e é exatamente aí que eu tenho que sair. — sorri de leve e garante –, mas eu volto! Depois que você agarrar ele e encher de beijos. Ou vice e verso. Se não fizer ou permitir, mando castrar você.” — ela pisca mostrando ser brincadeira a ameaça.

— “Valery, não, deixa, eu tenho medo, mas eu...”

Valery a estuda por mais um instante e solta uma gargalhada afinada, feminina, que deixa Ceccile ainda mais constrangida, mas em mesmo tempo fascinada.

— Huguito, nem tão pesado, mas também não precisa ser tão de leve. Isso também excede os ânimos e a ansiedade aumenta os batimentos cardíacos e, ah! Não foi ela quem pediu, fui eu quem deduziu. Então, é finado meu papel de cupido; *Capiche?*

— *Io capisco.* — Ceccile responde em baixo tom e quando levanta a cabeça; os dois estão olhando para ela de boca aberta, e ela pisca sem entender o que havia feito desta vez.

Valery encara Hugo antes de sair da sala de refeições como se deixasse claro ‘agora é com você’ e ele treme por dentro sentindo-se desamparado. Esforça-se para não demonstrar insegurança, ironicamente, temendo ser mal interpretado.

— Ceccile, eu também desejo mais e temo ser comparado... A violência. Entende?

Ceccile entende cada palavra e seu coração dispara e abaixa de leve a cabeça;

— Não há comparação. Mas, uma palavra; não, ou pare, como limite? Eu falo, ou não...

Hugo concorda e sorri de lado, logo o sorriso alcançando os olhos. — Podemos por em prática, então? — ela lhe sorri e ele sente desmontar-se de alguma forma.

— Me beija?...

E ele a beijou, e como se o mundo tivesse parado de girar em torno do próprio eixo, ou o chão tivesse sumido por baixo dos pés e seus corpos flutuassem a deriva do desconhecido, ela se entregou a todas as sensações que o contato lhe provocava sem medo, porque estava no abrigo dos braços do homem que amava.



Valery atravessa aos cômodos atrás de cômodos chamando por Ana e John, assim que os encontra ela segue na direção de Ana com postura imperativa;

— “Para de ficar me olhando como se eu fosse engolir o seu marido!” — volta-se para John com desdém em mesmo tom — “E John me perdoe, mesmo que quisesse você não faz o meu tipo!” — olha para um e para outro — “Agora, já que estão doidos pra me verem pelas costas, podem me fazer a porra da gentileza de me dizer onde está minha filha para que eu possa ir embora?”

John e Ana se entreolham e John sorri de leve, Valery tremia sutilmente e encarava a um e ao outro, desafiando-os em contestá-la. — A sra fez psicologia? — inexpressiva ela balança a cabeça em afirmar;

— Dois anos. Devia ter continuado. — ela olha para John — *“Onde está a Giu com minha filha!”*

— “Banho de sol no jardim de hortênsias.”

— “Ótimo! Há meio passo da saída.”

— “Parece nervosa, quer um copo d’água?”

— “Quero ir embora John! Quero um telefone... Desculpe.” — ela respira fundo, olha um e outro, solta o ar, sorri cínica e reverencia — “Por gentileza, podem não estragar meu trabalho atrapalhando aos pombinhos — aumenta o tom –, e colaborar para que se vejam logo livres de mim!”

Ana infla o peito e solta o ar a apontar para a saída.

— “Obrigada. E só para constar. Oxigenada tudo bem. Mas ‘Dondoquinha’ é o caralho e eu escuto muito bem!” — vira o rosto a encarar no mesmo instante e em mesmo tom autoritário — “E você respeite ela que ganha mais.”

Inconsciente e reflexivamente John pende o cenho em concordância. — *“E você vem junto.”* — dita ainda — *“Eu falei sério quanto a não atrapalhar os pombinhos lá dentro.”*

Ana se apruma a seguir com Valery mais à frente e John sorri divertindo-se a segui-las logo atrás. *“Essa é do tipo que dá pano pra manga como dizem por aqui...”*



Valery aperta Marie contra si, respira fundo a bater a cabeça no encosto, com os pensamentos a borbulhar em seu cérebro e os nervos à flor da pele.

— Senhora Valery. Ceccile queria que ficasse. — comenta John mais para certificar se ela estava bem, e acreditando que receberia um fora ou alguma malcriação do gênero como resposta, surpreende-se.

— Os amigos do Guito podem me tratar só como Valery, John. E, quanto a Ceccil, instinto de preservação define. Mesmo as criaturas mais dóceis como ela, tem.

Valery levanta a cabeça e senta reta no assento, ainda que casual.

— Quando pensamentos se tornam antagônicos e se está em conflito, qual a primeira reação que se tem?

John concorda com a cabeça. — Defender-se.

— É mais fácil quando é com os outros. — reclama ela.

— Aqui se usa dizer: “Pimenta nos olhos dos outros, é refresco.”

— Egocêntrico quem julga isso como verdade. Mas uma maioria é assim...

John a fita de soslaio e reflexivo, Valery tem um estalo e abre mais os olhos.

— Ah não. Pode ir parando aí! Não sou ameaça! Eu amo o Dave e estou de férias pela primeira vez com minha filha Marie! — John permanece em silêncio — John! Fale alguma coisa! Ah, quer saber. Não precisa. ‘Eu’ não preciso. — abalada e trêmula ela beija a filha e volta a deitar a cabeça no assento.

— Valery. Eu não respondi, porque estava concentrado na navegação. — responde John após algum tempo — E eu não tenho motivos para duvidar, assim como não tenho motivo para acreditar. Outro ditado que é muito utilizado aqui é que o futuro a Deus

pertence. — sorri — E no meu ponto de vista, a senhora está fazendo a sua parte. Tem meu respeito. — conclui em mesmo tom seco.

Valery levanta a cabeça a pensar no assunto e fita John, até que... nada. Se não fosse aquela baixinha irritadinha! Valery sacode a cabeça com os bicos dos seios enrijecidos e doloridos. Claro que seu corpo estava reagindo aos hormônios que vinha tomando e ela pensou em John para não ficar pensando em Hugo. Não! Nega-se com veemência. Nem Hugo, muito menos John. O que te deu Valery?! — perguntou a si mesma e fechou apertado aos olhos. — Chega, chega de homens na sua vida! O Clark sim. Sim, pensar nele seria seu foco. Estava decida a varrer o mundo com pente fino e os meios para isso não lhe faltavam, ela iria descobrir o paradeiro da filha da Giu que o Clark lhe tirou logo que nasceu. Pensar nisso arrefeceu os ânimos.

Arrefeceu? Não. Claro que não. Quando chegaram ao resort, John lhe entregou um cartão com números dos telefones do doutor Rodrigo Torres, como sendo amigo seu, ele afirmou. Mas parecia que estava lhe entregando um buquê de flores e ela disparou — Sou casada John! Muito bem casada! — por que disse aquilo? Ela soube de imediato e agiu rápido em sorrir cínica — Ele chega aqui no hotel a qualquer instante. Entendeu? Eu e Marie vamos ficar bem... Ok, eu guardo essa merda de cartão. Viu. — ela enfia na bolsinha que levava consigo — está guardado. Você foi muito gentil a aturar a ‘dondokinha’ oxigenada aqui, mas — ela torna a ficar séria —, agora eu quero paz e liberdade para ser ‘mãe’ entendeu?

John assente sério.

— Mas guarde mesmo o cartão — diz seco — se vier precisar entrar em contato com seu ‘marido’ — ele moveu os dedos a crasear ainda sério — esse é o meio mais rápido de que irá dispor.

Valery concordou e com o olhar se desculpou. Não era com ele o problema, era com ela mesma. Um bom banho e uma massagem a ia ajudar a dissipar as tensões, e já no balcão ela agendou — Alguma programação infantil?

A atendente cheia de dentes a lhe sorrir, não a alertou. Era para ser surpresa. A massagem foi intercalada com a programação específica para a idade de Marie.

Valery estreitou os olhos ao sorrir. Já havia viajado tempo suficiente para saber que programações de última hora, e não tendo Marie completo os três anos ainda, era algo incomum de se conseguir assim tão fácil e hesitou por um instante. Mas o desejo de um banho ‘gelado’ que fosse, seguido de uma boa massagem relaxante, a somar com o desejo de dedicar-se por inteiro à maternidade venceu a hesitação.

Tinha vinte minutos para tomar um banho, mas gastou entre cinco e oito com uma ligação internacional para a mãe. Em poucas palavras havia explicado tudo que estava acontecendo com Giulia, omitindo obviamente que seu esposo não estava com ela quando a mãe perguntou, alegando ser justamente porque não queria que ele soubesse para não estragar sua lua de mel. E também foi essa a desculpa que usou para finalizar logo a ligação, já com a sua garganta fechada pela emoção, já que o sr Sanders, podia chegar a qualquer momento.

É minha família mãe. — alegou com voz embargada — Se essa menina estiver viva, é minha sobrinha também.

E isso a fizera chorar. Ao desligar deitou o rosto nas mãos. Não gostava tampouco de mentir para sua mãe. Mas havia mentido de fato em dizer que estava começando a gostar de Hugo como homem? Se o seu próprio tom de voz não a denunciara?

Transtornada com esses pensamentos ela entrou no banheiro. Havia deixado Marie aos cuidados da babá indicada pelo hotel na sala. A câmera sobre a tv acabou sendo uma boa ideia, já que se sentiu mais segura para demorar um pouco mais debaixo do chuveiro. De volta ao quarto ela examinou as horas e sorriu. Pontualidade ao que via não era um hábito comum dos brasileiros e deu de ombros. Estava de férias e ia começar a sua magnífica aventura como mãe, arrependida de ter agendado a massagem vestiu o roupão felpudo. O banho havia sido revigorante e lhe emprestado ares mais juvenis, agradou-se do que viu no espelho. Estava decidida, nem um minuto a mais lhe roubariam de estar agarrada com a sua filha e ela saiu do quarto avisando;

— Vou cancelar a massagem e... — ela estacou petrificada.

— “Já a cancelei pra você, meu amor. Sentiu saudades?”

Valery engole em seco, ainda plantada no chão onde havia parado, consegue perguntar em um sussurro aflito;

— Onde está minha filha? — e ele sorri de lado com sarcasmo.

— “Nossa filha Valery.”



Capítulo 25



Hugo não tinha pretensão alguma de sair jamais daquele quarto. Mas obviamente que esse era um desejo que provinha da mulher que estava à sua frente. Muito ainda precisava ser dito entre eles, mas nesse momento em especial estavam se comunicando de outra forma. Da forma mais universal que já existiu. E cada puxada de ar, cada vez que ela entreabria os lábios ou se contraía sob o toque dos seus dedos ou dos seus beijos, os gemidos suaves e quase inaudíveis que escapavam pela boca delicada e rosada, eram deliciosas torturas que o inflamavam de dentro para fora.

O medo foi cedendo à medida que ela ia se entregando para ele sem que palavras precisassem ser ditas. Eles eram um só nesse momento de pura perfeição. Hugo idolatrou cada pedacinho do corpo feminino com suas mãos e com sua boca. Era impossível para ele ver seus cabelos brilhantes e quase negros presos, condicionados como reflexo de tudo que ela havia vivido por quase toda sua vida. Ele queria que ela sentisse a liberdade, ele queria lhe dar o mundo. Ele a queria mais que tudo.

Ceccile havia conhecido o gozo pleno nos braços desse homem, e mais algumas vezes fora levada rumo ao desconhecido e inexprimível do prazer por mãos firmes e em mesmo tempo gentis e também pela boca que a fez gritar sem querer.

Imaginou que iria morrer algumas vezes, mas a sensação de mau agouro permanecia inclemente lá no fundo. Por mais que desejasse viver plenamente o momento, ela queria mais. Ela o

queria consigo para todo o sempre.

Ceccile sorri quando ele volta ao quarto portando uma bandeja. Sua timidez natural ainda persistia e ela vestiu-se com um robe em sua saída, mas sabia que logo ele a despiria novamente. A bandeja foi deixada no criado mudo e o sorriso no rosto dele o deixou ainda mais bonito.

Morangos, pêssegos e algumas outras frutas com origem na própria fazenda, estavam juntos de um copo de suco e alguns potinhos menores, com cremes doces, geleias, queijo minas e em creme, torradinhas e manteiga, e ele a alimentou, sempre muito atento a qualquer mudança em seu rosto e respiração, com olhar cinzento e brilhante focado em sua boca a cada vez que a abria para receber o que lhe oferecia.

Quando se convenceu de que estava saciada, ele voltou a deixar a bandeja sobre o criado mudo ao lado da cama. Deslizou os dedos pelo decote em V do robe dela e todo seu corpo se contorceu receptivo. Um gemido fino escapou pelos seus lábios e sua boca entreabriu em busca de ar. Ele a descobriu e passou a mão aberta sobre seu ventre. Já havia mais do que provado que não tinha nojo dela, de parte nenhuma do seu corpo e não se retraiu quando ele se inclinou e beijou sua barriga.

Ele não ia parar por aí, e ela queria mais dele antes que ele a fizesse desmanchar com seus beijos mais uma vez. Então ela se levantou, sentou-se na cama e depois se ajoelhou no colchão. Queria ver seu corpo nu e deslizou as mãos pelos ombros largos, sentiu a musculatura por sobre a camisa fina de algodão que ele usava, seus olhares se encontraram e ela ensaiou um sorriso. Estava receosa e tremia a soltar os botões e ele a ajudou se despiando da camisa.

— Tem certeza? — ele perguntou ciente de que não aguentaria a

uma negativa como resposta, mas incapaz de falar, ela acenou com a cabeça consentindo.

Seus lábios voltaram a se encontrar e de terno o beijo foi ficando mais exigente. Hugo queria ir devagar, mas já estava a um passo do precipício quando sentiu as mãos dela em sua cintura e sobre o cinto, paralisou enquanto ela se atrapalhava para soltá-lo e cobriu suas mãos com gentileza, fez com que ela voltasse a se deitar e saiu da cama para se livrar das calças.

Tão bonita nua e receptiva! Jamais se cansaria de admirá-la e de ansiar para estar total e plenamente enterrado em seu corpo, absorvendo seu gosto e a amando, com o carinho e cuidado que ela merecia ser amada. Tensão o domina com o olhar assustado que ela lança para o seu corpo nu, mas ele não tinha qualquer controle sobre a parte da sua anatomia que ela fitava ao engolir em seco, ele sobe na cama a estar por cima do seu corpo, ia aquecê-la novamente com seus beijos quando ao longe escutam o trovejar que logo identificam ser de helicóptero chegando.

Hugo pragueja mentalmente, mais algumas horas e poderia acabar sofrendo uma síncope nervosa com a falta de alívio que vinha infringindo ao seu corpo, mas a tristeza estampada no rosto de Ceccile arrefeceu com seus ânimos de vez. Ela estava preocupada com Valery, não devia tê-la deixado ir. Hugo volta a deitar ao seu lado e a puxa para que se deite em seu peito. Ela fica a acariciar seu peito distraidamente e solta um suspiro profundo.

Tem medo de me machucar? Ela queria perguntar, mas se calou. Eles teriam duas semanas juntos para aprender a lidar um com o outro. E ela o queria. Queria demais dar para ele o mesmo prazer que vinha recebendo dele. *“Tudo tem seu momento certo de acontecer. Paciência é uma virtude de poucos.”* As palavras de Elizabeth ecoaram em suas lembranças mais antigas e Ceccile suspira, não queria ficar lembrando-se de tudo que jamais poderia

ter de volta.



Valery corre para a porta, mas seu inesperado visitante chega à frente e a segura firme pelo braço meneando a cabeça em negação;

— Não vai querer fazer um escândalo, vai?

— O que está fazendo aqui? Como conseguiu entrar e onde...

Rafael a interrompe apertando seu corpo contra o dela contra a porta, segurando-a com facilidade no lugar pelos braços, passa a língua em seu pescoço.

— Rafe, não faz isso. — ela apela tentando empurrá-lo para longe sem sucesso.

— Não se preocupe com a Marie, eu deixei a babá levar para o teatrinho de fantoches. — ela luta para se desvencilhar e ele aperta-a ainda mais contra a porta enfiando uma perna entre as suas para forçar a abertura — Maldita. — ele rosna quando ela enfia as unhas em seu peito e a esbofeteia, puxa-a pelos cabelos para o meio da sala e a debruça no encosto por trás do sofá.

Valery olha para a luz vermelha da câmera sobre a TV e apela mais uma vez;

— Rafe, eu casei com Hugo, não faz isso.

Rafael não lhe dá trégua, a despe do roupão e circula seu corpo com os braços apertando seus seios e olhando seu rosto pelo reflexo da TV. — Sei que casou com meu irmão, mas esses peitinhos durinhos aqui estão me dizendo que não se esqueceu de mim, esqueceu Valery? — com a mão esquerda ele crava os dedos no braço direito dela e a prende enquanto despe-se da calça, ele

sabia onde apertar para provocar dor e ia fazer com que ela sentisse dor. Desliza o pau duro na sua fenda e ela se contorce na tentativa de desvencilhar-se, mas ele a invade em uma estocada dura mesmo assim.

Valery enrijece a musculatura do rosto a chorar. Não era possível que isso estava acontecendo, de novo, pensava a cada investida dura sentindo-se romper por dentro com violência, inclinando-a, forçando seu corpo contra o encosto do sofá. Ele a segurou pelos cabelos rente a nuca e forçou-a a olhar para ele pelo reflexo da televisão a apertar seu seio e gemeu enrijecendo em gozo, lambeu do seu pescoço até a sua orelha e se retirou abrupto. Saciado ele pende a cabeça, cínico, como se estivesse arrependido.

— “Não posso Valery. É meu irmão. Você vai ter que dar outro jeito para conseguir o que quer.”

Valery olha para a câmera e perplexa torna a olhar para Rafael.

— É uma cilada. — ela começa a tremer com raiva de si mesma a arfar — Cachorro, filho da puta miserável. — ela não queria chorar, teima contra as lágrimas que começam a se formar em seus olhos, mas algumas escapam indiferente à sua vontade. — Não basta só usar não é? Você tem que ir além!

— *“Ei! Cadê a cachorra manipuladora?”* — ele ri e logo volta a ficar sério a apontar o laptop em cima da mesa de centro — *Agora a minha paga pelos serviços prestados.”*

Valery se nega enfrentando-o, a promessa de que ia foder com ele estava refletida no olhar dela e ele meneia a cabeça com expressão de decepcionado e pouco caso. Antes que ela tivesse tempo de pensar ele avança abrupto e enfurecido lança mão no seu pulso esquerdo.

— *“Você é destra Valery?”* — antes de responder, se é que iria,

ele fecha sua mão sobre a dela estalando as juntas dos seus dedos e a soca em cima do sofá.

— *“Não me enfrente cachorra, você não tem nada a ganhar. — ameaça a sério — E agora eu também tenho experiência em quebrar ossos.”*

Valery se encolhe amparando a mão esquerda com a direita a obedecer, Rafael termina de se despir, põe em cima da mesa dois comprimidos e senta por trás dela no sofá.

— *“Um dia ainda vai me agradecer por isso cachorra.”* — ele dita perto do seu ouvido e ela se afasta quando ele enfia a língua na sua orelha, em punição aperta os dedos no seio enquanto com a outra mão abre o laptop e com pouco tempo a tela se abre já na página que ele queria, ele digita o valor e a morde no ombro, agora segurando seus seios com as duas mãos — *“Pronto, agora a sua senha.”*

O valor era irrisório para ela, mas ainda assim faria com que pesasse a transferência de 200.000 euros em sua conta pessoal e ela trinou os dentes a autorizar a transferência calada, enquanto lágrimas de frustração rolavam sem que as autorizasse pelo seu rosto. — *“Isso. Assim que eu gosto. Agora liga a câmera e deixa em tela cheia. Quero ver essa sua carinha de safada enquanto fodo você.”*

Valery tenta se desvencilhar, mas cede ao sentir os dentes cravados no seu ombro e obedece, ele se aproveita para levantar seu corpo pelos seus quadris como se ela não pesasse nada, os dedos ainda cravados em sua pele quando deixou o laptop do jeito que ele queria. — *“Relaxa que dói menos.”* — ele dita e ela leva as costas das mãos na boca a conter o grito de dor com a invasão abrupta mordendo o próprio pulso, com dores lancinantes a cada investida. — *“Xiu ah! Gostosa. Quietinha, eu vou te comer*

todinha Valery. E você vai se comportar, porque senão eu arrebento essa sua carinha de safada, hmm, isso, geme gostoso, faz que não gosta e chora, mas eu sei que está gostando.”

Valery fita a luz da câmera em cima da TV e a luz da câmera no laptop quando seu corpo começa a se acostumar com a invasão e se torna menos insuportável às investidas abruptas, estava sem força para reagir quando ele a levantou e a penetrou na frente, mas a tortura continuou com seus dedos apertando seus seios e beliscando os bicos, não queria dar a ele o gosto de ouvir seus gemidos, seu braço esquerdo foi virado dobrado por trás do seu corpo e o estalo se fez ouvir dentro das suas têmporas arrancando um grito surdo do fundo da sua garganta, enquanto ele mais uma vez se derramava dentro dela. Eles gritaram juntos, ela de dor, ele de prazer.

Ainda enterrado até a base dentro dela ele solta seu braço e a abraça arfando contra o seu pescoço.

— “Você continua muito gostosa Valery. E só por isso vou te dar um aviso, não abre campo. Se você abrir campo o seu destino serei eu e é assim que eu sou. Mulher comigo não pensa, nem goza se eu não deixar.” — sacana ele volta a segurar sua cabeça pelos cabelos e lambe seu pescoço até enfiar a língua dentro da sua orelha, ela volta a levar as costas da mão na boca para conter o enjoo e ele a levanta do seu colo fazendo com que se sente ao seu lado no sofá. Ela se encolhe quando ele se levanta e indiferente a ela ele se veste e pega o laptop. Em pé de frente para ela, ele a encara com a mesma indiferença com que se vestiu. — “Você tem pouco mais de uma hora para refletir sobre isso e decidir o que vai ser.”

Valery levanta a cabeça a olhar para ele nos olhos e ainda sério, mas com tom de voz moderado, carinhoso até, ele diz ainda:

— “A Marie é uma Sanders e ela vai ter um pai.” — seu sorriso

frio a congela até na alma ao ameaçá-la: — “Seja ele ou eu, você escolhe.”.



Rafael caminha em direção à porta em sentido a praia e Valery cai em si. — Não posso Rafe. Você fodeu comigo, estragou tudo pra mim, de novo.

Rafael lança outro sorriso frio e aponta os comprimidos que havia deixado em cima da mesinha de centro com o queixo. “São do mesmo tipo que eu usei pra ferrar com você. Faz beber e ficamos quites. Mas tem uma coisa Valery, se você abrir campo eu te acho onde você estiver, e se você for cachorra de tirá-la da vida dele, eu vou cair pra cima de você com tudo.”

Valery pisca e sua boca se abre perplexa e ele sorri sacana a arquear as sobrancelhas e estreita os olhos em ameaça velada. — *“Ainda dá tempo de tirar mais uma foda comigo se você colaborar.”*

Valery se encolhe no sofá e ele gargalha frio e desdenhoso meneando a cabeça reprovando-a.

— “Põe uma coisa nessa sua cabecinha de vento, cachorra. Eu gosto de mulher de verdade. Não gosto de copos de cristal, prefiro os de vidro.” — ele pisca e volta a apontar os comprimidos — “Vai, para de frescura e põe uma base nesse rosto. Ou talvez um bife de carne.” — olha deliberadamente para a câmera em cima da televisão e bate no laptop em sua mão. — “Pode editar a sua versão se quiser.” — gargalha divertido e dá de ombros — “Não se esqueça de por legenda. Eu tenho a minha versão.”

Rafael abana o laptop no ar e lhe dá as costas a sair do apartamento, Valery se levanta e corre atrás. — Rafe. — ela grita

em desespero, ele volta em sua direção e violento a espalma no peito arremessando-a para trás a cair no chão da sala.

— A Marie Rafe, a Marie...

Rafael a encara soltando o ar desapontado. — “Não quero o mal da Marie, se é que está pensando essa sua cabecinha doente. Ela está mesmo com a babá, que por acaso acha que sou o seu marido.” — ele volta a olhar para a câmera e depois para ela por alguns segundos. Sério meneia a cabeça e sai fechando a porta.



“Pouco mais de uma hora.” — ela pensou.

De ímpeto se levantou. Anestesiada pelo pânico; não sentiu o braço ou dedos quebrados. Nem mesmo o sangue que escorria pelo pescoço e pelo rosto ferido.

Por 36 minutos ela assistiu as imagens do seu mais recente encontro com Rafael, imagens que concluiu, mudariam o curso da sua vida para sempre.



Capítulo 26



O sol já começava a esconder-se no horizonte e o reflexo acobreado aos poucos cedia lugar ao tom acinzentado e consequente azul escuro que precede a noite. Valery havia decidido ter chorado suas últimas íntimas lágrimas. Ela havia ligado para Rodrigo e ele mesmo em pessoa a havia informado que Hugo e John já estavam a caminho do hotel, poderiam chegar a qualquer momento e que ela deveria precaver-se sobre Rafe.

Tarde, ela pensou em lamento e ao doutor ousou perguntar se ele a receberia em sua casa por alguns poucos dias. Rodrigo demorou calado alguns segundos engolindo em seco antes de aceitar.

Quem havia informado Hugo com um bilhete escrito em português: **“O Rafe está no Rio e ela corre perigo”** ficou no anonimato de uma figura feminina que somente John havia visto nas cercanias da cidade a três quilômetros da mansão principal. Toda coberta de negro, nem mesmo havia tirado o capacete ou as luvas quando o havia abordado na estrada entregado o bilhete dobrado e partido na moto também negra sem identificação. John voltou pelo mesmo caminho que havia tomado em seu passeio com Twister, o cavalo usado pelo tratador de Wees, de pelagem marrom.

Hugo entra no apartamento apreensivo. Havia já na entrada sido abordado por seguranças do resort que lhe pediram para que se identificasse, ainda assim uma moça de altura mediana foi

chamada e depois que olhou para ele gesticulou para a segurança de forma negativa.

— Tarde demais. Ele aprontou de novo, usou nossa semelhança física e se fez passar por mim — ele pensou com desgosto.

Valery estava sentada e sentada ficou quando ele entrou, nem mesmo olhou em sua direção quando se aproximou. Tinha uma toalha enrolada nos cabelos, estava de roupão de mangas compridas enrodilhada no sofá olhando para a TV desligada, calada. Quando pegou a garrafa com as palmas das mãos abertas para levar a boca seu coração doeu.

— Não quero a sua pena. — ela afirmou secamente e apontou o copo de Uísque que ele certamente iria precisar para ouvir o que quer ela lhe dissesse. — Bebe, por favor. — ela havia pedido em tom manso, ele sentou ao seu lado pegou o copo e entornou o líquido.

Ainda sem olhar em sua direção ela perguntou de John e ele a informou que estava do lado de fora. Só então que ela o fitou de lado, ele havia bebido toda a dose em duas goladas e ela se levantou.

— Será que John se incomodaria de levar Marie para passear. Para que eu e você possamos conversar?

— Não, claro que não. John é um bom amigo. — ele sente seus olhos turvarem. Seria a emoção? A raiva que estava sentindo do que quer que seu irmão tenha aprontado dessa vez? Ele não soube dizer, nem do sofá se levantou, viu Valery entregar a Marie para John e apagou. Ou não.

Mas preferia acreditar que havia apagado que lembrar-se de Valery o despindo, com lágrimas a banhar o rosto sério dela o estimulando, queria ter resistido aos lábios quentes e macios que

beijavam seu peito nu e descendo. E por onde passavam deixavam um rastro de lágrimas que vertiam dos olhos dela e ficariam para sempre marcado em suas memórias difusas desse momento. Ele arqueia o corpo e meneia a cabeça em negação a pensar em qualquer outro assunto. Por que não arrancá-la dali pelos cabelos? Suas mãos estavam soltas, mas não reagiam ao comando da sua mente enquanto ela engolia seu membro estimulando-o. Ele solta o ar quase um gemido, não podia machucá-la. Ela não o estava machucando. Um gemido rouco escapa quando ela monta sobre ele. Ela não foi delicada, seus movimentos eram ritmados e violentos, apaixonados. Ele viu a raiva estampada em seu rosto e engoliu em seco com os lábios ressecados.

Valery o beijou, colocou suas bocas em movimentos lascivos quentes e manipuladores e enfiava sua língua em busca da dele em sua boca, ativa, avassaladora, chorava irritada e frenética se movia socando seu corpo contra o dele... Ela parou depois. Depois dos roucos gemidos que escaparam junto com o mínimo de racionalidade pela sua boca e ele se despejava em gozo dentro dela. Ela levantou-se apoiada com os cotovelos no encosto do sofá e de pé ela voltou a se cobrir com o roupão largo que estava usando antes.

— Por que isso Valery? — ainda muito grogue ele piscava em busca de foco — Você quer me deixar maluco?

Ele não conseguia vê-la com distinção, mas viu quando ela empurrou a câmera presa na televisão para o chão em sua direção.

— Quando voltar a si assiste. — ela diz secamente — E tire você por si mesmo suas próprias conclusões.

Valery solta o ar trêmula, havia ultrapassado seus limites e novas lágrimas banharam seu rosto.

— Sinceramente peço desculpas. — ela passa a mão no rosto e segue em direção ao quarto. Deita na cama encolhida em posição fetal abraçando a si mesma, e mesmo tendo prometido que havia derramado suas últimas lágrimas mais cedo, ela volta a chorar convulsivamente calada a sua dor.

Após algum tempo Hugo se vestiu com dificuldade, fechou a calça, abotoou a camisa com dedos trêmulos, sedento ele bebeu uma garrafa d'água em alguns goles a recostar-se no sofá, ainda estava excitado, suas mãos tremiam e sua visão continuava desfocada. Valery o havia entorpecido. Basicamente o havia drogado e estuprado naquela sala, mas por quê? Seu olhar segue para a câmera ainda sobre o tapete. Assista e tire suas próprias conclusões, ela havia dito, e assim que sentiu estar novamente de posse dos seus movimentos ele assistiu.

Odiou o que viu. E porque seu irmão falava em português irritou-se consigo mesmo em não entender do que conversaram. Assistir seu irmão torturando Valery emprestou cena viva às suas memórias do que antes era só especulação que tenha feito com Ceccile e isso doeu profundamente em seu peito.

Não somente por Ceccile, que havia descoberto prazer em viver em seus braços, mas também por Valery, e tudo que ela aguentou calada, disfarçado na imagem de menina inconsequente e mimada que ela demonstrava com tamanha habilidade para todos a sua volta.

Ah Valery! Por que se torturar ainda mais? — perguntou ao assistir a si mesmo com ela em seu colo, suas costas estavam marcadas de roxo em vários pontos pela agressão, o filho sem mãe a havia mordido no ombro ao ponto de deixar a marca dos dentes onde antes na cena, parecia ser somente um beijo.

Por mais terrível que fossem as cenas, precisava entender o que

seu irmão havia dito que a deixou tão apavorada, mas em situação tão íntima. Não a queria expor ainda mais. Pensou em John, contrariado meneou a cabeça, mas se havia alguém em quem confiava era em John, pensou em Alicia, mas logo descartou a ideia, era ainda muito jovem. Ele pensou em Ceccile, mas Deus! Seria covardia obrigá-la a reviver tudo o que havia acontecido com ela agora com o que seu irmão fez com Valery, e ainda estava tão fragilizada! Por eliminação, dos mais íntimos, tinha que ser John a lhe ajudar a entender.

Não era um assunto que poderia esperar que ele aprendesse a língua, pressentia. Já havia se convencido de que Rafe não valia nada, que era um degenerado por completo, mas somente isso não bastava. Foi o que seu irmão disse para Valery que a deixou tão transtornada, que mais a torturou.

Hugo foi ao quarto, ficou ainda algum tempo observando-a dormir encolhida e abraçada em si mesma, o rastro de lágrimas e sangue tingiam seu rosto e também o travesseiro. Ele a encobriu com cuidado, nesse momento viu as juntas dos dedos inchadas e arroxeadas, a cena estava cortando seu coração. Não quero sua pena, ela disse. Ela queria mais, queria a ele, isso ficou óbvio, ele não era um rato insensível. Mas estava doendo pra caralho. Porque nem poderia se comparar ao sentimento de uma criança que tem seu doce preferido tirado da sua boca. Era a sua mulher, a mulher que o havia conquistado no corpo e na alma de forma indizível e inexorável que via saindo da sua vida, em curto ou longo prazo. E mais uma vez ele chorou. Calado, acariciou os cabelos dourados e a beijou na fronte.

Por que ela não podia ser ruim? Ele desejou, arrefeceu os ânimos e em seguida ele congelou. Ela o drogou. Manipulou uma situação que em sua consciência ele jamais concordaria. Seu ego ficou ferido e ele se apurou. Valery era forte, manipuladora feito

o diabo, inteligente como poucas, e linda.

Ele voltou a sair do quarto. Saiu do apartamento em direção à praia e em busca de John.

Queria respostas. Queria odiar Valery pelo que lhe aprontou, queria odiá-la, por que... Ele parou. A areia branca embaixo dos seus pés estava úmida, os sapatos italianos costurados à mão haviam ficados enterrados na areia alguns passos atrás. Ele olhou em direção ao mar. As ondas vieram molhar seus pés e ele caminhou à frente. Por um instante parou de pensar, só sentiu. Quando abriu os olhos e deu-se por si a água já estava à altura da sua cintura e uma onda mais violenta o pega de jeito e o arrasta de volta a praia. Engasgado, quase afogado ele saiu. Deixou-se cair de joelhos sentindo arder às narinas e o cenho constipado, tossiu, engoliu e sentiu descer pela garganta o líquido salgado, como o beijo inflamado de Valery em lágrimas.

Ela o queria e ele socou a areia dura e molhada odiando Rafael. Odiando a si mesmo. Odiando sentir-se desta forma. *“Não precisa também me ver como vilã”*

— Preciso. — balbuciou em resposta ao próprio pensamento a lembrar-se do pedido dela dias atrás — Você me usou.

John observava de longe o amigo com Marie adormecida em seu colo. Pacientemente o aguardou, Rodrigo o havia ligado e preocupado o havia informado do estranho pedido de Valery. John se viu na difícil situação de explicar o que poderia ter acontecido com ela. Mas tão logo o fez, o amigo doutor compreendera a delicadeza da situação e se comprometeu em ajudar no que lhe fosse possível, não somente como amigo, mas também como médico.

Marie foi deitada ao lado da mãe e cercada de travesseiros. John

hesitou atender ao pedido de Hugo, mas seus argumentos o convenceram e ele dedicou-se em ser imparcial na tradução, e feriu-o profundamente ver-se obrigado a assistir repetidas vezes as cenas por algumas palavras que lhe fugiam ao discernimento imediato.

Em nada adiantou, reclamou Hugo a John. Ao contrário, via-se mais agarrado à ideia de que precisava odiar Valery. Precisava, por quê? Perguntou-lhe John. Era óbvio para John, mas sentiu a necessidade intrínseca de fazer com que Hugo falasse. Havia prometido a si mesmo ser imparcial na delicada situação, mas não resistiu;

— Ela manipulou você. Para proteger você. — ele limpa a garganta — No meu conceito, ela quer que você fique com raiva dela. — John já havia entendido como Valery jogava, teve a sua própria experiência com ela para chegar a essa conclusão — Dela. — ele volta a acrescentar — Então fique. Mas não...

John hesitante torna a se calar, pensa em Ceccile, Valery era forte... — Ela não é. Não quer ser empecilho, entre você e Ceccile.

John havia omitido de Hugo que entendeu que Rafael havia imposto a Valery que escolhesse entre eles dois e isso o estava queimando por dentro. Por que havia omitido? Por que não havia traduzido literalmente as últimas considerações de Rafael, se havia prometido a si mesmo que seria imparcial? Defender Valery era preterir Ceccile por consequência? Instigar a raiva de Hugo por Valery não era o mesmo que em curto ou longo prazo atirá-la a sorte dolorosa de um Rafael como marido? *“Não gosto de copos de cristais, gosto de vidros”* John lembrou e limpou a garganta, se não tivesse visto com seus próprios olhos do que Rafael era capaz, jamais acreditaria que um cara tão alegre e popular na escola fosse se transformar nesse tipo de ser repugnante. — Ela pediu ao meu amigo, o doutor Torres que a hospedasse. O que isso lhe sugere?

Hugo sente o choque perpassando sua coluna com a última notícia de John.

— Então, pra que me drogar e, fazer sexo comigo John?

— Por mim. — responde ela, sentada no chão entre o quarto e a sala — Pelo simples fato de, no caso, ter engravidado. Não quero ter certeza de qual Sanders seja o pai.

Seu olhar estava marejado pela ironia da sua situação e a sua expressão endurecida quando olhou para John. — Então John. Não precisava ter omitido que o Rafe me impôs uma escolha. Porque eu já havia feito essa escolha quando disse sim ao me casar com Hugo. E, agora, eu digo não. Não te quero Hugo. Não sou empecilho, para que viva seu amor com Ceccile. Não vou prender você, ou usar o que me aconteceu para manipular uma situação em que se veja obrigado a ficar comigo.

Quando terminou de falar o seu corpo tremia, o ar que estava oprimido em seu peito quando soltou, emitiu o sopro amargurado que ela não conseguiu conter, que lhe vinha do fundo da alma, e as lágrimas rolavam em abundância no rosto marcado pela agressão a que foi submetida.



Capítulo 27



Valery foi recebida na fazenda de Rodrigo e ele dedicou-se em cuidar dela, recebendo-a não em sua casa de hóspedes, mas dentro da mansão onde agora somente ele vivia e de dia, a sua empregada de nome Rita. John mais uma vez se viu obrigado em contar algo que havia omitido e temia ter perdido a confiança de Hugo. Mas era preciso pela segurança de Valery e do mais recente amigo, Rodrigo. John contou em forma reduzida que sabia que Rafael andava pelas cercanias, logo depois confirmou que ‘ele’ sabia e por fim não resistiu.

— Foi um amigo dele que salvamos o motoqueiro acidentado. Ele foi junto no helicóptero para o Rio com o amigo e fizemos um trato, ele desaparecia e eu não o denunciava.

Aconteceu então o que John temia. Discutiram, trocaram ofensas e verdades. Tendo arrefecido os ânimos, se distanciaram um do outro física e emocionalmente.

Mas a mansão de Rodrigo estava sendo guardada por mais de 10 homens dia e noite e isso o confortava. Se não tivesse contado, o amigo carente de gente por perto e sempre solícito no atendimento dos necessitados como era, estaria expondo a si e a Valery ao perigo. E ela também havia praticamente imposto que se não pudesse ficar ali com a filha Marie que iria para uma pousada, ou voltaria para casa com uma desculpa qualquer que justificasse o não retorno do seu marido consigo.

Três dias se passaram e Valery recebe de Rodrigo a notícia.

Estava grávida. O exame de sangue era recente, mas a taxa hormonal elevada confirmava. Entre risos e lágrimas nervosas, um desabafo sincero — Ao menos isso. — e ela se fechou em seu usual cinismo.

Na tarde para a noite desse mesmo dia, Valery fica sabendo que Ceccile havia desaparecido...



Ceccile havia acordado antes das cinco e meia da manhã, e pelos mesmos meios que havia se utilizado para ir e voltar de sua malfadada aventura em Nova Iorque estava ela na estrada. A carroça de leite que a levava passava pela estrada de chão batido a cerca de seis quilômetros da mansão. Três dentro da fazenda e três do lado de fora ela caminhou, teria ido no dia anterior, mas a carroça somente fazia esse trajeto duas vezes na semana.

Estava frio quando saiu de sapatos rasos, mal se enxergava dois palmos à frente do nariz e seus membros estavam congelados. Não fosse somente o nevoeiro matinal próprio da região, ela havia perdido os sapatos, subtraídos, tragados dos seus pés ao afundar na lama da estrada, havia chovido bastante essa noite e talvez a carroça de leite nem passasse por ali, mas ela a aguardou, paciente e congelada. Que bom Deus. Mesmo com a lama, o leiteiro que percorria aproximados 15 quilômetros a distribuir além do leite algumas outras produções do seu sítio não ia, ainda vinha, ele por pouco não a havia reconhecido, com lama nos braços e pernas, sentada, encolhida no canto da estrada e tremendo de frio.

— “Cecilia minha filha. Que estás aqui a fazer a estas horas da manhã?”

Ceccile se levanta abraçada a si mesma e lhe sorri — “*Estava a esperar pelo senhor, seu Pedro.*” — ela olha na direção contrária

ao seu destino — *“Na sua volta, se houver espaço na carroça, leva-me contigo?”*

Pedro lhe devolve o sorriso amistoso e lhe estende a mão;

— “Tu estás a fugir ou escolheste um péssimo dia a passear?” — ele brinca a ajudá-la a subir na carroça, ela lhe sorri um sorriso tímido — “Eu conheço a tua família, menina?”

— “Acho que não seu Pedro, meus pais vieram de Minas para trabalhar na Prata de caseiros logo depois de casados.” — ela sorri com tristeza ao lembrar-se dos pais.

— “Ah sim...”

Pedro decide em não estender o assunto, era reservado por natureza, filho de imigrantes portugueses, havia desde bem jovem se encantado pela região, onde vivia até então.

— “A lama roubou-te os sapatos pelo que estou a ver. — comenta sorridente a atear a égua adiante — Segura bem firme, que a viagem é longa e a estrada está muito má.”

E estava mesmo. Tanto que pouco mais de dois quilômetros à frente, mesmo com a perícia de tantos anos seguindo o mesmo trajeto, a carroça havia tombado. Mas graças ao Bom Deus, foi devagar que a lama havia engolido inteira a roda, tamanho era o buraco, e devagar foram deslizando também os garrações de leite e cestas de legumes que foram seguros por Pedro, que ainda assim, lamentou não ter sobrado mão para segurar também a moça. Esta que agora, não só tinha os braços e pernas cobertos de lama. Devia ter caído antes de encontrá-la, a coitada.

Com o frio que fazia esta manhã ele se preocupou, mas o que mais poderia fazer ele além de concentrar-se em desatolar a carroça e voltar? Com as vestes agora molhadas e coladas ao corpo ele

havia percebido a barriga e vendo a grossa aliança em seu dedo, injuriou-se.

— “*Diga menina. O teu marido maltratou-te, não foi?*” Ah que, se ela confirmasse estava lascado esse homem, prometeu Pedro, mas a moça o respondeu de pronto;

— “Ele trata-me muito bem senhor Pedro. — ela fita o chão — Não é o que está a pensar, não estou a fugir. Queria ir ver o doutor Rodrigo sem incomodar meu marido.”

— “Oras. Por que não me disseste isso logo lá atrás?”

— “Não o quisera tirar do teu trajeto.”

Ai Jesus, que estava ele com uma conterrânea e fugida, pensa ele e aflige-se, grávida, rica e de boa família pelos modos, e toda molhada com um frio desse e mais ele em meio ao nada na estrada.

— “Espere. — ordenou ele — Mais lá à frente tenho conhecidos que me vão ajudar a socorrer-te.”

Ceccile estremeceu, não somente de frio, mas também de medo, confiava em Pedro, mas somente nele e se desespera.

— “Eu vos ajudo seu Pedro. Por favor. Por favor. — pede um pouco mais calma — Não me deixe a cá sozinha, que me dá medo.”

A moça tremia a arfar com o rosto um tanto azulado e Pedro cedeu respirando fundo.

— “Certo. Mas diz-me, já te alimentaste de alguma coisa?” — ela abaixa a cabeça com vergonha e Pedro se apieda — Ainda tenho aqui um pouco de queijo, gostas de queijo?”

Pedro a fez sentar-se em pedra colada à ribanceira e como os

queijos haviam espalhado na lama, bastante constrangido aconselhou que ela comesse somente a parte interna.

Ceccile sorri iluminada a lembrar da infância e dos queijos que o homem que acreditava ser seu pai produzia e entristecida engoliu amargo, partiu ao meio o queijo fresco e começou a comer enquanto Pedro se ocupava em desatolar a carroça.

Pedro ora e meia a fitava preocupado, no mínimo uma forte gripe ia pegar a sua patrícia, tenso, após por de volta na estrada sua carroça com auxílio da égua, ele omite o fato de que dois grampos da roda haviam se perdido em meio à lama, e seguem calados boa parte do percurso à frente.

Ceccile estava intimamente agradecida pelo silêncio, e também pela lama em todo seu corpo que a deixava irreconhecível à distância, quando identificou John ao longe, montado no Twister. Eles estavam procurando por ela.



Todos estavam, aliás. Por todos os lugares possíveis e imagináveis, tanto dentro da fazenda quanto pelas cercanias. Hugo acreditava que ela poderia ter tido outro dos seus terrores noturnos e já tremia arrependido por não ter dormido aos pés dela que fosse, em seu quarto, como havia feito nas noites anteriores. Também tremia ele por estar novamente cavalgando Wees, enquanto Alicia, que há pouco tempo havia aprendido a pilotar estava montada em uma monstruosidade assassina sobre duas rodas, também em busca de Ceccile.

Havia John e Hugo seguido em sentido contrário ao que fizera Ceccile com Pedro quando chegaram à conclusão de que ela tivesse indo para a casa de Rodrigo ao encontro de Valery, mas como não a encontraram por lá, ambos haviam decidido omitir de

Valery que Ceccile havia desaparecido.

A tensão de Pedro não era infundada, e isso ficou provado quando mais um grampo dos quatro restantes estalou fazendo quicar a carroça. Ceccile esforçava-se para manter uma expressão neutra e os olhos abertos quando ele desceu para conferir o estrago, ela recostou-se e calada sentiu que perdia os sentidos.

Julinda, uma senhora simples e viúva que era cliente dos queijos e leite de Pedro, foi a salvadora de Ceccile. Essa gentil senhora que não somente a havia recebido em sua humilde casa, mas também a havia alimentado e banhado. Como não havia ali roupas que lhe coubessem, pois a senhora era muito miúda, ela fez com que Ceccile aguardasse em sua cama enrolada em lençóis até a chegada do médico que Pedro, montado na sua égua em pelo, havia ido buscar.

Pedro injuriou-se a discutir com Silas, um dos seguranças que o havia abordado em frente a uma das porteiras que davam entrada para a casa do médico.

— “Então, se é minha patrícia que morra de pneumonia? A gaja está com febre em casa de uma cliente minha!”

Pedro estava quase a gritar exasperado, e Silas não foi educado, nem mesmo gentil com o velho senhor. Assim Pedro seguiu adiante.

— “*Diabos!*” — ele praguejou. Em duas horas de caminhada a frente havia uma venda e lá podia haver alguma alma mais bondosa que lhe desse o número do doutor. Pedro seguiu em frente, mas a égua lhe magoava o corpo, mestiça e marchadora com ancas largas, quando em galope trotava torto, tornando o trajeto quase impossível para um senhor em seus 54 anos e ainda sem sela. O trajeto que alguém mais jovem faria em duas horas, foi

concluído em pouco mais de três. E a venda bendita estava fechada.

Pedro abaixou a cabeça, desmontou da égua puxou da saca um tanto de capim como mimo e a deixou presa na cerca.

Sabendo ele que o dono da venda também cliente seu, era um católico fervoroso, podia ter fechado a venda para auxiliar em qualquer coisa na igreja que ficava há pouco mais de cem metros dali e ele seguiu para lá, três lances de escada cortariam em meio quilômetro de cavalgada até seu destino em suas curvas na estrada, e ele subiu.

— “Graças ao Bom Deus! — exclamou esbaforido quando chegou ao topo — Beto. Tens o telefone do doutor?”

No momento em que Beto assentia, badalava os sinos da Ave Maria.



Valery foi quem atendeu ao telefone e com calma havia escutado todos os impropérios do senhor exaltado com pronúncia carregada própria de portugueses vindos de Portugal. Suas reclamações sobre tudo que havia passado para chegar até ali e do ‘jagunço’ conforme ele disse em tom de xingamento que não o havia deixado entrar no sítio e como o havia tratado com desrespeito, ela já ia perdendo a paciência quando ele menciona que ‘a gaja’ para quem vinha em busca de socorro estava grávida e solidarizou-se, quando em seguida ele disse ‘Cecília’ sentiu perpassar um calafrio na espinha.

Valery estava somente com Marie na mansão. Rodrigo havia saído para responder a um chamado de emergência. Também ele estava à procura de Ceccile, mas havia omitido seu

desaparecimento de Valery, somente disse que iria atender a uma família da região. Ela havia dispensado Rita e agora se arrependia. Como ia sair com braço engessado e dedos quebrados mais Marie a tiracolo? Nervosa pelo telefone explicou a Pedro seu estado e quando ele lhe perguntou se ela conhecia a moça havia dito que Ceccile era sua cunhada. Casada com seu irmão, ele supôs e ela concordou. Rodrigo era seu esposo? Valery meneou a cabeça em negação, mas confirmou. Porque agora que havia conseguido atenção o senhor havia resolvido ser solícito e lhe enchia de perguntas!

Mas não importava, na igreja ele estava e ela lá o iria encontrar.



A lua já estava ao alto no céu, limpo, negro, carregado de estrelas. John, Hugo e Rodrigo foram encontrados e avisados que Ceccile estava na casa de Rodrigo e para lá seguiram sem demora. E lá estava ela na sala de entrada, deitada no sofá com sinais evidentes de uma forte gripe e até uma possível pneumonia enrolada em lençóis gastos.

E como havia chegado ali? Não importava, seria cuidada, estava viva! Mas não para John, ele precisava de respostas e havia saído à francesa pela tangente deixando Ceccile aos cuidados de Hugo e Rodrigo. Em conversar com o chefe dos seguranças ele soube que Valery irritada havia saído do sítio à revelia, havia deixado Marie com Rita e isso já era por volta das 19 horas, afirmou o homem. E ainda não voltou? John havia perguntado e o segurança negou acrescentando com olhos estreitados em ameaça velada.

— “Se eu tiver que ir em busca dessa senhora eu prefiro as contas.
— em baixíssimo tom rumina — Coisinha mais mimada!”

Mas John havia entendido, e conhecendo o modo de ação de

Valery, temeu por ela.

— “*Quem trouxe Ceccile?*” — pergunta ao segurança mudando sua tática.

— “Não sabemos quase nada sobre a dama. — o segurança abre um sorriso torto ditando em tom de confiança — Ela é conhecida aqui na região como Viúva Negra, mas deve ser só boato...”

John devolve o sorriso, mas no fundo pouco lhe importava a tal dama gostosa que havia adquirido um haras alguns anos atrás e que muito viajava, mas que quando estava na região, mexia com a imaginação fértil da maioria dos homens, mulheres e crianças. E já ia à ponta da língua uma desculpa para escapar da conversa quando um comentário do segurança lhe chamou a atenção. “*E ela mesma que levou a dona Ceccile de colo lá para dentro. Acho que ela sabe, senão...* — o segurança sorri e John se controla — *Bom, também, cheio de homem aqui e ela fazer isso...*”

John estreitou os olhos, isso foi o suficiente para que o segurança ficasse em alerta.

— “Pode ter sido só por proteção. — tratou logo de explicar-se, já não tão confiante de estar falando com um amigo — Ela disse: Essa moça precisa do doutor Torres. Não deve saber de quem se trata, não.”

— “E não perguntaram o nome da tal dama? — John pergunta e ele próprio desconsidera — Sendo bonita como disse. Que importância tem o nome.”

Silas volta a sorrir mostrando uma carreira de dentes amarelados pela bebida e pelo tabaco.

— “É mesmo muito gostosa, patrão. De tirar o fôlego!”

— E o juízo também. — conclui John em sua língua natal seguido de um sorriso cínico, mas por dentro estava enojado.



Já altas horas da madrugada o carro de Rodrigo foi encontrado na estrada; pelas marcas na lataria e a inclinação onde estava, foi fácil deduzir que seu condutor, no caso, condutora, não havia conseguido controlar o veículo e rodou na pista molhada. Mas a condutora havia saído, o carro estava trancado e com dois pneus furados na lateral que sofreu o impacto com a parede de terra. John e Hugo olham um para o outro nesse momento e engolem em seco.

Onde ela estaria? Grávida, com o braço engessado e um frio rascante? John pôs a mão no capô do veículo e sentiu que estava frio. Gelado. O que não era bom sinal. Se estivesse ao menos morno; maior a chance de que Valery pudesse estar por perto.



Rodrigo à beira do leito lamentava. O carro era de passeio e pouco próprio para uso na estrada de chão de terra batido da região. Não pelo carro em si, mas pelas circunstâncias que poderia levar até mesmo um condutor experiente a vacilar na direção ou ser pego de surpresa com o solo em muitos pontos irregulares. Ceccile estava febril, delirante chamava por Valery e Hugo, e sua preocupação principal era amenizar a febre e vigiá-la mesmo que de longe, ou que a trancasse no quarto como havia pedido Hugo, avisando-o dos terrores noturnos e sonambulismo.

Amanheceu e nada de Valery, reclamou Hugo, intimamente um pouco mais tranquilo por ao menos ter se entendido com John, que em um comentário tosco o fez sorrir e concordar. ‘Uma dupla de tirar o sono, suas esposas, não?’

Hugo foi pego de surpresa e acabou rindo, o assunto seguiu seu curso a partir de então, foram sinceros um com o outro e ambos compartilhavam o mesmo sentimento quanto ao Rafael. John havia então mudado de assunto e sorrido de lado.

— É meu caro, aprender a dirigir, pilotar moto e helicóptero, hipismo... — gargalha John contagiando Hugo com a lista crescente — E não menos importante; aprender português. Hugo não podia discordar, John era um amigo raro.

Valery havia sido encontrada. Na casa de Pedro, a quilômetros de distância, tanto da fazenda Bougarville, quanto de Rodrigo. Quando enfim haviam chegado à casa de Julinda, Ceccile já havia sido resgatada. Valery então se ofereceu para levar Pedro para a casa dele.

— “Tão gentil esta menina quanto a sua cunhada.” — disse Pedro a John em tom de elogio franco — A esposa do doutor Rodrigo é um anjo de criatura.”

Valery apenas deitou novamente a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. O que dizer então? Nada! Sorriram em concordância.

Ela havia levado Pedro em casa, na volta havia se perdido e se desesperou, rodou com o carro e bateu estourando os pneus com o impacto, ‘no meio do nada’ como lhes disse Pedro. Joaquim, um dos seus afilhados reconheceu o carro do doutor e ao comentar com o padrinho o ocorrido, também Pedro não havia dormido aquela noite.

– “Mas o que mais importava, estavam salvas as cunhadas!”

E Pedro agora iria dormir feliz e contente ao lado da sua Maria, esta que, por sua vez, também não havia dormido durante a noite. Zelosa matrona e mandona como era Maria, esteve o tempo todo

ao lado de Valery, lhe fez canja de galinha e resistia feroz em permitir que a levassem da sua casa de qualquer maneira.

— “Precisa de pouso e aconchego, canja de galinha da terra e leite fresco. — e injuriou-se — Pois nem tudo nessa vida é dinheiro, sabiam? A pobre caminhou por horas a esmo! Admira a mim e muito, que não tenha perdido a criança!”

Pedro cruzou os braços sobre o peito e aprumou-se em concordância com Maria.

— “E mesmo que de carro, até que passem as máquinas nas estradas esburacadas não é bom arriscarem-se.” — sentenciou.

Rodrigo estava pálido quando levou a mão no rosto — John — apelou e em seus olhos estava escrito: ‘Me socorra’.

— “*Eu explico ao irmão.*” — garante John sério e depois sorriu, arqueou de leve as sobrancelhas e saiu da casa de Pedro levando Hugo com ele...



Capítulo 28



E assim ficou conhecida na Prata e cercanias a Valery Sanders, agora também Torres. Que felicidade trouxera a todos da região! Que tanto admiravam o doutor pela sua enorme complacência e disposição de cuidar tanto dos ricos quanto dos mais pobres sem qualquer distinção! Tão bela, gentil, culta e educada era a moça, que todos acreditavam ser um presente de Deus para aquele abnegado médico, que todos sabiam, havia perdido toda sua família em um acidente natural ocorrido no litoral do estado do Rio de Janeiro.

Ceccile, ‘a cunhada’ não havia sido associada à Intocada de Bougarville. Era na mansão de Rodrigo a senhora Sanders esposa de Hugo, que por sua vez, ficara conhecido como irmão da Valery.

Por quatro dias, um único telefonema e uma ameaça:

“O que acha de eu acionar a imprensa e acabar com essa farsa idiota?”

Rafael não ia deixar barato, Valery congelou, para si era a última gota. Ceccile insistia que se não pudesse ficar na herdade que levasse Hugo e evidentemente chorava, mas temia por Valery, tinha seus motivos para temer, jamais revelaria sobre o bilhete que havia recebido também com ameaças e já havia queimado. Seus pesadelos ficaram ainda mais intensos, pois agora ela também via seus demônios quando acordada.

Ambas estavam sofrendo, mas Valery era aparentemente mais

forte. Dominava seus sentimentos e disfarçava melhor o que havia em seu íntimo. Manipulava as pessoas à sua volta a sentirem raiva e com isso se defendia, repelia... A Hugo também.

Em um arremedo de discussão entre os dois ela havia dito que não lhe seria desagradável investir em um relacionamento com Rodrigo quando saísse o divórcio e acentuou todas as qualidades do médico, e Hugo se esforçou a acreditar, precisava acreditar, pedia-lhe, implorava, mesmo que sem palavras, mas com seus gestos e expressões.

Valery pressentia, e o repelia. Agarrava-se a Marie. Agarrava-se ao pequeno ser vivo crescendo em seu ventre e plantava no rosto um sorriso cínico. Mesmo que por dentro estivesse se sentindo dilacerar. Oprimia.

Ele havia sido explícito naquela droga de noite no hotel resort. Precisava odiar Valery. Que seja senhor Sanders! E ela se fechou em conchas. Seguiram então para a herdade, Hugo e Ceccile, Valery e John. Em alguns dias mais estariam indo embora Hugo e Valery e também Ceccile já não era a mesma, também ela havia se fechado. Por si, por Valery, por Hugo.

E Hugo enlouqueceu. Por pouco não gritava ou quebrava coisas. Queria por vezes invadir o quarto de Valery e agarrá-la pelo pescoço, culpando-a pelo afastamento de Ceccile com ele. Mas poderia? Valery havia dedicado em passar quase toda a parte do seu tempo junto com Giulia confabulando as duas sobre os deveres e obrigações da maternidade, estavam mais unidas do que jamais estiveram e estavam nesse momento no quarto. Mas quando Giulia saísse, ele... Não faria nada.

A raiva que sentia não conseguia motivos justos para ser alimentada, a visão de Valery sentada na grama a brincar com Joe e Marie invadia sua mente e esfriava seus ânimos. Seu pulso

desceu sem bater, mais uma vez. Mas desta vez Ceccile o surpreendeu, pigarreando sutil ela o assustou. Ela lhe sorriu ténue, conformada e o convidou a segui-la até seu quarto.

— Estive com os advogados hoje. — ela disse, ele sabia, viu quando haviam chegado e se encerrado dentro do escritório mais cedo e saiu para caminhar — Autorizei... — ela hesita olhando os pés — Eu autorizei a vinda e permanência de um fiscal. Cedi a ele e sua esposa um dos chalés verdes na herdade.

Hugo sabia do que se tratava, a cláusula absurda de permanência de um ano ininterrupto dentro da fazenda havia sido quebrada com a sua saída em busca de Valery, havia tentado argumentar se tratar de uma cláusula discutível, mas o sorriso ténue seguido da determinação expressa no olhar da mulher singular que amava mais que tudo, foi seguido de uma resposta serena.

“Não é ilegal, um herdeiro querer cumprir as vontades de seus pais”

E naquele momento ele achou um motivo para odiar Valery, não porque ela o quisesse. Era porque ela o havia iludido. Porque inteligente e manipuladora como era, ela saberia manejar tanto a ele quanto a Ceccile e isso feria sobremaneira o seu orgulho. E no mastro do seu orgulho mais uma vez se firmou para manter-se de pé em meio à tempestade que desencadeava dentro dele.

— Quase um quarto a mais de ano. — havia lamentado.

— Vou estar te esperando. — ela prometeu.

Mas ela estaria protegida de qualquer perigo ali, e Valery não. Somente ela e Hugo sabiam como Valery era de verdade, para além do que ela permitia que o mundo visse.

Várias expressões e pensamentos cruzaram o semblante de Hugo e por fim a expressão era fria. Assim como o beijo que ele deu na fronte dela.

— Não espere. Entendeu? — disse secamente — Não espere, por mim. — disse nova e pausadamente segurando-a pelos ombros firmemente, quase a sacodindo, enfiando os dedos na carne macia, intimamente implorando que ela lutasse. Lute por mim Ceccile. Grita porra! Faz qualquer coisa, só não me deixa ir embora da sua vida!

Ele apertou tão forte seus braços que quando soltou ela sabia que estariam marcados. Abrupto, envergonhado, cansado, decepcionado e de cabeça baixa ele saiu do quarto.

Ceccile fechou por dentro a porta, não porque o quisesse manter do lado de fora, mas porque poderia não resistir, porque em seu sono poderia se trair e ela precisava ser forte, Deus! Como ela precisava deixá-lo partir! E doeu tanto que a voz não saiu além de um fraco e inaudível suspiro: Eu amo você... Foi um sopro, um gemido. Não um fim.



Hugo não falava diretamente com ela, tampouco ela respondia. Uma semana já havia passado desde a sua lua de mel, ‘fel’. Uma empreitada, ele disse várias vezes a si mesmo como uma espécie de mantra. Menos uma semana, ela contava nos dedos. Os dedos que já não eram os mesmos, e ela havia decidido que não iria corrigir. Cobertos com luvas apareciam nas fotos, na hora de se maquiar refletiam tortos no espelho. Como havia prometido, vinha conseguindo guardar no fundo do seu íntimo as lágrimas. Sorria, irava-se, mas chorar, não. Definitivamente, não.

Marie Di Angeli era seu tudo. Sua bonequinha, sua confidente,

sua melhor amiga. Quando estava sozinha com a menina se abria, e isso lhe bastava. Era até mais do que esperava! Marie. Marie Di Angeli.

Naquela manhã em especial, Steven, esposo de Catarina havia convidado Hugo para uma partida de golfe. Hugo odiava golfe. Odiava qualquer esporte que não fosse dinâmico e que o fizesse perder tempo. Ele estava com saudades da vida turbulenta no escritório, dos cálculos, as convenções estressantes e viagens muitas vezes marcadas de última hora. A família. Céus! Até mesmo de Rafe? Não. Definitivamente que de Rafe não! Ele bufa trinando os dentes para não soltar um palavrão. Por que tudo girava em torno de Rafe? Solta o ar e sacode a cabeça, tinha que voltar a trabalhar. De verdade. Dia e noite se preciso fosse! Ocupar sua mente, parar de pensar em Ceccile, em Valery. Nas merdas do Rafe. — Talvez um foco alternativo...

Hugo levantou a cabeça, Steven sorria discreto a olhar para o lago.

— Seu alvo era lá, tinha um alternativo ali, e lançou no lago a bola. — Steven o fita de lado — A quem pretende afogar, se não a si mesmo?

Steven seguiu em direção a sua bola e Hugo o acompanha, ambos apoiados nas suas suntuosas bengalas. Steven por velhice, Hugo por um incontido acesso de raiva que havia detonado com a perna mais uma vez operada.

— Preciso voltar a trabalhar, ou ficarei louco.

Steven o estuda reflexivo por um momento e lhe sorri amistoso.

— Imaginei que diria isso, por esse motivo o convidei.

— Senhor Connie, eu...

— Steven, filho. — Steven o corrige com o mesmo olhar amistoso e cansado — É possivelmente o único genro que terei em minha vida, basicamente um filho.

Hugo concorda e limpa a garganta — Certo. E para onde aconselha que eu arremesse a bola, Steven?

Steven sorri um pouco mais.

— Desde que não a afogue nas águas, todos os alvos são seus, meu filho.

Hugo o estuda e conclui;

— Não é o jogo em si, não é? — acompanha o assentimento no olhar cansado.

— Perspicaz a sua observação. — elogia-o Steven — Diga-me filho, a Valery irrita você?

Acertou o nervo em cheio o velho e Hugo se contém para não engolir em seco, também ele estava cansado, mas não descontaria suas frustrações no ancião.

— Valery é adorável, Steven.

Steven sorri incrédulo e Hugo acaba sorrindo também.

— Valery tem um gênio forte — cede e se defende — Mas não menti em afirmar que ela também é adorável.

Steven move seu taco a apontar um alvo e bate com destreza lançando-a bem próximo de onde queria sua bola.

— Ela puxou a mãe. Meu irmão tem conduta tão passiva quanto a minha.

Steven acha graça do taco arremessado longe e fita a bola de

Hugo exatamente no mesmo lugar. Hugo o encara sério, poderia julgar que até mesmo um pouco pálido.

— Por que está me contando isso?

— Porque sou estéril, Ellen também, por motivos diferentes, claro, então tudo ficou em família. E em uma semana ou até menos, salvo um módico fundo fiduciário, todos os patrimônios relacionados à família Connie passará ao comando dos Sanders. Especificamente, ao seu comando.

Hugo move a cabeça em negação, estarecido o encara — Tem consciência de que...

— Que é o esposo da minha filha. Que é tão ou mais digno do que foi seu pai — interpela Steven — E que vai saber prepará-la, quando a for libertar? — seus olhos serenos e cansados ficam úmidos — Não duramos para sempre filho. Eu vivi ao lado da mesma mulher por quase 50 anos e vou perdê-la. Catarina está para me deixar. Até mesmo nesse assunto, ela me mostrou que são elas que mandam. — ensaia um sorriso nostálgico no canto da boca — Quando descobri meu câncer, ela me disse que iria partir antes de mim.

— Meu Deus, Steven eu... Catarina Connie não me pareceu... Eu quase, Deus!

— Quase agarrou no pescoço dela no jantar? Eu vi filho. Mas a insistência de Caty para que leve Valery e Marie para morar com você em seu apartamento tem um motivo. Caty não quer que sua única filha assista ao seu sofrimento, e a sua doença já não é mais tão silenciosa, ou fácil de suportar.

Steven o encara e Hugo tem a sensação de que pode ver dentro da sua alma.

— Seria um ato de caridade, de complacência da sua parte. Senão por dois velhos, ao menos por Valery e nossos netos.

Hugo concorda sem contestar, queria, mas o bom senso impôs que se calasse e o velho insiste ainda;

— Aceite um conselho de pai, Hugo. Não a perca, antes de ter que perdê-la de verdade. Não é como pai dela que estou aconselhando. É como homem. Como se fosse seu pai. As mulheres superam perdas, nós falecemos de alguma forma por dentro.

Calado, Steven chora constipado.



“Prometa que será digna, que será fiel. E ame filha. Ame ao seu marido incondicionalmente. Prometa-me?”

Valery tamborilava os dedos sobre a mesa.

Por que sua mãe a fez prometer tal coisa? Ser digna, ser fiel e não envergonhá-la era fácil. Estava mesmo determinada em viver para seus filhos, mas amar Hugo? E incondicionalmente. Sem nada receber em troca? E indiferente se ele queria ou não seu amor? Como a mãe foi capaz de fazer isso com ela? Ela sorri com sarcasmo ficando triste em seguida. E ainda lhe garantindo que só assim ela encontraria a paz. Que somente assim ela seria verdadeiramente feliz.

Enlouquecera a sua mãe, porque não sabia o que estava dizendo. E ela também. Senão por que havia prometido algo que ela não poderia cumprir? Não? Então já não o fazia com os menores atos dos seus dias? Não estava ali aguardando a chegada dele e de antes deixado à mão a garrafa de suco ou a dose de uísque, dependendo do humor com que chegasse? Hugo aponta na porta, ela o estuda

por uns segundos e se levanta.

— Não precisa se retirar, eu ainda não estou mordendo. — ele dita. Uísque, ela pensa.

— Desculpe, não foi o que quis dizer. — ela o serve calada da dose de uísque e ele solta um suspiro — Era melhor quando você parecia adivinhar meus pensamentos e colocava palavras em minha boca.

— Não sou um fantoche. — ela responde enfim — E você também não. O que houve?

— Acho que acabo de ganhar motivos extras para odiar alguns esportes. Temos mais alguma sessão de tortura para agora à tarde?

— Nada em específico.

Hugo senta e deixa o copo na mesa unindo as mãos.

— Quer ir comigo conhecer meu apartamento? Se gostar, podemos nos mudar para lá.

Valery senta ao seu lado sem olhar na sua direção.

— E o que você quer?

— Quero que tenha sossego — ele responde de pronto — Por você, pelo bebê que está gerando, e pela Marie.

Valery desconfiada o estuda e estreita os olhos.

— O que meu pai te disse, Hugo? — em resposta ele se levanta a encará-la, indignado;

— O que você acha? — segue ao seu quarto lançando as mãos ao ar — Tire suas próprias conclusões, senhora Sanders!

Valery olha para o copo ainda cheio sobre a mesa e se deita ali mesmo no sofá. Será que brigaram? Pensa e retesa o corpo ao ouvir os passos de Hugo voltando, volta a sentar-se reta. Ele limpa a garganta a encará-la e ela não soube definir sua expressão.

— Tenho ainda uns quatro a cinco dias de folga antes de começar a trabalhar. Quer fugir para o Rio?

Valery meio que sorri e meneia a cabeça confusa, parecia mais uma sacudida seguida de piscada.

— Só você. — ele explica — Liga para o doutor Torres e veja se ele a recebe lá. — sugere casual.

— Guito. O que há? Está me deixando confusa, e nervosa.

De pé ele estava e em pé continuou. Tinha o olhar cansado e encolheu os ombros.

— Eu não gostaria que me tirassem o direito de estar ao lado de alguém que amo, de me despedir.

— Eu não tirei Guito! — ela se levanta a encará-lo com gravidade — Eu fiz tudo que pude! Até mais do que qualquer outra teria feito em meu lugar! — exclama em baixo tom.

— Eu não estou... Não é sobre mim, Valery.

Ótimo! Agora ela estava realmente confusa. Ele não a encara. Está olhando algum ponto no chão perto dos seus pés.

— Sua mãe, ela está doente, tem pouco tempo de vida.

Ah... Então foi sobre isso que conversaram. Valery estava enrijecida como uma estátua. Então ela já não o amava? Ao ponto de libertá-lo dos encargos que tinha como certo que seu pai havia jogado nos ombros dele?

— Oh... Desculpe-me — foi só o que saiu dos seus lábios, inexpressiva ela sorriu para ele, antes de passar ao seu lado e seguir adiante.

— Aonde você vai? — ele perguntou, ela parou e olhou para ele por cima do ombro, esperava não ter denunciado nada do que lhe passava no íntimo.

— Não se preocupe. Só preciso pensar. — ela disse e se foi.

Hugo meneou a cabeça, havia sido um estúpido insensível e arrependido seguiu atrás dela, pegou-a desprevenida a chorar calada em seu quarto e nem piscou ao avançar e a abraçá-la forte contra o peito.

— Não fala nada. Não fala. — ele pede e ela o afasta empurrando-o.

— Você não quer fazer isso, quer? — ela o encara com fúria e lágrimas — Eu vou sobreviver senhor Sanders! Não vou me deixar abater. Agora, por favor, por mim, saia daqui.

Hugo negou com a cabeça, mas seu olhar vacilou e ela quase gritou.

— Sai daqui! Não preciso da merda da tua piedade, não preciso de você, não preciso de ninguém sentindo pena de mim! — ele deu um passo atrás, ela o encarou firme até que ele virasse as costas e saísse e gemeu num sussurro — Deus... Eu preciso sim, volta...

Hugo parou do lado de fora do quarto, algo havia se rompido em seu interior e dessa vez ele sabia exatamente o motivo. Ele voltou a entrar no quarto. Valery não olhou para ele.

— Você pode não precisar de mim, mas eu preciso de você, Valery. Não me afaste de você assim. Vai me matar se o fizer.

— Não faça isso Hugo. — alertou-o mansa — Está se deixando levar pela emoção.

— Olha pra mim Valery, por favor. — ela se vira a fitá-lo nos olhos, o olhar dele não vacilou desta vez ao sustentar o dela — Não desiste de nós.

O que ela queria que ele dissesse? Que a amava? — perguntaram-se ambos.

— Não — ela responde — Eu não vou desistir.

Encontraram-se então no meio do caminho e ela se deixou abraçar, abraçando-o também. Ela deu vazão às lágrimas e ele chorou por ela. Ela não sabia, ele também não.

Aquecida no calor do seu abraço, ela sentiu o beijo dele em sua testa. Era o limite sendo imposto. Ela devia deixar que ficasse assim, sabia que ambos se arrependeriam depois, mas levantou a cabeça e ofereceu-lhe os lábios, colou-os aos dele, e ela não foi delicada, os botões da camisa voaram e hesitante ele a afastou, excitado sim, o volume em suas calças não deixava negar, mas afastou-se a um passo e ambos se encaravam com a respiração pesada. Valery se despe da blusa com a intenção deliberada, me usa. Me ajuda a esquecer, ao menos por hora. Mas ele meneia a cabeça.

— Quero você Valery. Mas assim, não. — os olhos brilharam com algo que ela não soube definir — Assim, não. — ele repete mais uma vez.

— Por que você dificulta tanto Hugo? — ela quase cospe as palavras — Eu me viro do avesso a facilitar pra você e você torna tudo sempre ainda mais difícil pra mim!

Hugo mantém-se firme em sua decisão e mais uma vez meneia a

cabeça em negação.

— Eu não sou o Rafe, nem tampouco o Dave. Pense nisso Valery.
— ele segue de volta para a porta e se volta a apontar o indicador no rosto dela, encarando-a com gravidade.

— E pare de ficar me provocando para que eu fique com raiva de você! Eu não sou seu inimigo. Tendo você mudado de ideia ou não, sou seu amigo.



Sou seu amigo.

Essas três palavras ecoaram por dias, por noites mal dormidas, mas Valery se conformou, era mais do que esperava e isso acalmou seu coração. Seu desejo não, mas isso ela vinha conseguindo oprimir — alguns meios usados eram passíveis de condenação, e outros não —. Ela tinha a filha e o bebezinho em seu ventre, cursos e livros, e ela tinha Giulia. Não havia se esquecido dela um dia sequer e usou de todos os meios à sua disposição para cumprir com a promessa que havia feito a si mesma pela amiga. No anonimato, pela tangente, descobriu que a filha dela vivia, mas Clark queria dinheiro, e ele queria mais, queria a ela. E não foi gentil ou delicado, deixou claro, ele a queria na sua cama para se vingar de Hugo, que ela em si não era nada, que Giulia não era nada.

Valery aceitou encontrar-se com ele onde ele havia determinado, mas não foi nada como ele havia planejado. Ela persuadiu Lisa a unir-se a ela, a antiga babá de Alicia, e ambas armaram contra Clark; O dinheiro que ele queria ficou para Lisa e Lisa contou para Valery onde estava a menina.

Clark ficou na miséria absoluta, sem dinheiro, sem vingança e sem Lisa.

Valery respeitou a vontade da mãe e foi viver com Hugo. O apartamento, apesar de grande, obrigava mais a aproximação entre eles e ela se desesperou intimamente. Havia dispensado os serviços da babá noturna e se dedicava em Marie, se protegia em Marie.

Como se preciso fosse... Hugo mal parava em casa. Havia assumido aos encargos dos seus negócios e também da família Connie, isso lhe tomava uma considerável parte do tempo e o mantinha à distância.

Mas o desejo em muitas vezes oprimido à duras penas alterava seus humores e era pressentido por Marie, que ressentida chorava, fazia manha e a afastava, preferindo em muitas vezes estar com a babá diurna do que com ela e isso a estava consumindo por dentro. No íntimo do seu quarto Valery se torturava, arranhava a própria pele e se beliscava até ver o sangue brotar, tomava banhos frios e se torturava, em um ímpeto de insanidade e também de culpa ela levantou e espatifou uma peça esculpida em pedra sabão sobre os próprios dedos.

A dor causada pelo impacto foi seguida por uma forte pontada no ventre e ela gritou alto. Por culpa, por raiva de si mesma.

Havia afastado a própria filha com essa tensão insuportável que a invadia, e agora podia estar perdendo a criança em seu ventre pela sua insanidade — Maldição! — ela pragueja em prantos — Não precisava me amar como ama Ceccile, mas podia ao menos sentir desejo por mim? Eu sou tão insuportável assim?



Valery acreditava que estivesse sozinha no apartamento, mas não estava. Hugo havia escutado o barulho de algo quebrando e se aproximando do quarto escutou cada palavra do seu lamento como uma sentença. Como conter uma mulher tão vibrante, tão intensa,

tão sofrida? Ele respirou fundo e bateu na porta, ela entreabriu e arfou engolindo em seco logo em seguida.

— Viu minha pasta cinza? — foi o que lhe veio à mente em perguntar.

— Estava aí?

— Cheguei agora pouco. E Marie?

— No jardim com Sandy. Disse pasta cinza?

— Disse, mas na verdade, foi somente uma desculpa.

Hugo não se daria tempo de pensar, terminou de abrir a porta do quarto e colou seus lábios aos dela com paixão, tinha raiva também, dava para sentir na forma como explorava a pele macia, mordiscando os lábios e chupando-os ao mesmo tempo em que suas mãos deslizavam pelas suas costelas por baixo da blusa e alcançavam os seios por cima do sutiã de textura rendada. Valery não era nada do que pensava de si mesma, ela era vibrante, quente feito o inferno, e ele iria lhe mostrar o quanto.

— Não. Pare Hugo. — ela disse arfando, sim, mas retribuía ao beijo e sua mão apertara a camisa dele arranhando sua pele antes de tentar afastá-lo, ela também o queria e muito, ele podia sentir em cada arfada e movimento sinuoso do corpo dela de encontro ao seu. Deixaria para se arrepender depois, ou não. Mas não agora, agora ele ia provar o quanto ela era desejável e o quanto queria estar enterrado em seu corpo fazendo com que ela gritasse de prazer. Voltou a colar suas bocas abraçando-a e a conduzindo para a cama, sobrepôs seu corpo ao dela engolindo cada gemido de excitação que ela emitia com as suas investidas de carinho, ele alcançou a calcinha e a afastou de lado, seus dedos penetraram a intimidade úmida e ela gemeu receptiva contra a sua boca, arfou seu nome entre gemidos se contorcendo debaixo dele e enchendo-o

de tesão, ele se afastou somente o suficiente para desabotoar a calça, mas paralisou com o seu grito.

— Pare! Vamos matar o bebê! Deus Hugo!

Ele se afastou ainda com a respiração arfada, sentiu o sangue fugir do seu rosto quando Valery levou a mão direita no ventre e a esquerda no rosto a se encolher e chorar na cama viu que tinha sangue em seus dedos, só então viu que os próprios dedos que havia usado para penetrá-la também estavam sujos de sangue. Seu tesão foi subitamente substituído pelo terror e desespero crescente.

— Eu machuquei você. — ele disse e ela negou com a cabeça em prantos.

— Não Guito, eu. Eu me machuquei assim, eu acabei com tudo.

O médico de confiança da família foi chamado, Valery foi levada desacordada do seu apartamento. Ele precisava viajar a negócios, era esse um dos assuntos que o havia levado a estar em casa quando ela se feriu. Ela foi levada para a mansão da família dela em Old Westbury dois dias depois que teve alta e ele, por alguns imprevistos ocorridos com as negociações, só havia conseguido voltar no terceiro dia após o ocorrido.

Seu sogro sabia da urgência imediata dessa viagem, que era até mais do interesse da família Connie que dele, mas negou-se em falar com ele quando retornou. E por um mês e alguns dias eles ficaram separados. Hugo foi acusado pelas agressões e não se defendeu.

Em seu íntimo sentia-se mesmo um agressor. Não pelo que constava nos autos das acusações apontadas pelo médico que havia assistido Valery para sua família. Mas sim pelas omissões que julgava ser culpado e condenado.

Valery guardou o leito por 15 desses dias, enganada. Protegida até de si mesma a ‘pobre apaixonada’ que febril clamava o nome do marido. A ela sempre era dito que ele estava viajando. O dito marido maldito e agressor, não era mencionado em sua presença e ela, envergonhada do que vinha fazendo a si mesma calou-se. Mas como explicar-se também? A mãe a cada dia mais frágil no leito, o pai sofrendo por tudo calado ao seu lado. E a mulher imunda que ela julgava ser havia afastado de si a Marie e por pouco não havia perdido a criança em seu ventre. E ela chorou quando soube, era outra menina que estava esperando, mentiu para a mãe anunciando ser um menino e doeu ver a mãe ensaiando sorriso.

— Que bom, minha filha. A vida nos fez um agrado enfim. Se imaginasse o quanto me arrependo do que lhe fiz prometer, meu anjo. — seus pelos eriçaram em alerta, mas a mãe continuou seu desabafo em um fio de voz — Eu lamento tanto não estar mais aqui para defender você desse maldito.

— Me defender? — saiu num sopro, mas ficou sem resposta, ao menos da mãe. — Mãe... Mãe, não.

Valery fechou os olhos da mãe, juntou suas mãos sobre seu corpo e a beijou na fronte abraçando o corpo sem vida.

A resposta veio do pai, abraçado ao corpo da esposa e da filha.

— Eu estou aqui meu amor, eu prometo que vou proteger nossa filha do maldito por nós dois. Vou consertar as coisas, prometo.

Naquele momento Valery caiu em si e negou freneticamente.

— Pai. Pai! Hugo não me machucou eu juro! — agora seu pranto era somado também pela vergonha da filha imunda que não soube honrar seus pais.

— Eu tenho problemas pai, eu me machuco, não consigo conter

esse desejo que me deixa louca, sou uma promíscua. Tudo que ele fez foi tentar me amar. Ele jamais foi agressivo comigo, eu me machuquei.

Valery não conseguia mais encarar o pai que a estudava calado. Ela não era mentirosa, não com eles, mas estava perdidamente apaixonada e ele com pouco tempo de vida. O que mais poderia ele fazer senão se humilhar perante o homem que havia atacado em defesa da filha?

Hugo havia sido chamado, informado da morte de Catarina ele aceitou sem piscar, mas deparou-se com um velho alquebrado em seu escritório a lhe pedir perdão por todos os prejuízos que ele e sua família lhe haviam causado. Ameaçou mesmo a ajoelhar-se à sua frente deixando-o pasmo, mas Hugo o levantou.

— Não faça isso pai. — ele pediu a fitar o sogro com os olhos marejados — Eu não me defendi das acusações por um motivo, eu me sinto culpado Steven. Não fui capaz de dar a ela o que ela queria. Não a protegi. Tentei mesmo seguir seu conselho, mas sinto que tarde.

— Gosta de Valery?

— Não tanto quanto ela merece pai. Essa infelizmente é a verdade, mas estou disposto a tentar.

Steven sabia exatamente o que Hugo lhe dizia e não com palavras.

Via sua história repetida, mas Valery e Ceccile não eram como Catarina e Ellen, nem mesmo tiveram uma mesma criação, ou saberia dizer se tinham afinidades. Cabia a ele perguntar e antes mesmo que esfriasse o corpo da sua adorada, mas não tão amada como merecia, Caty.

— Permite a esse velho que o tem como um filho, que converse com ela?



Em pouco mais de uma semana estavam Hugo e Valery em mais uma cerimônia de despedida. Tal como esteve no da mãe, estava ela agora no velório do pai, vestida com um longo roxo escuro e as mãos cobertas por luvas que lhe chegavam até os cotovelos em tom mais claro. Abatida e anestesiada, ela já não se perguntava mais o porquê do tiro que havia desfigurado o rosto do pai, em direção ao caixão fechado ela se inclinou e ali deixou um beijo de despedida, os flashes das máquinas não a incomodavam, havia partido com ele as respostas para suas questões mais íntimas.

“Dedique-se em amá-lo sem impor nada. Sua mãe estava certa em afirmar e concordo com ela que somente assim possamos ver um futuro feliz pra você. Mas filha, se sentir que seu coração não vai aguentar, separe-se dele, liberte-o, por mim.”

Esse ‘por mim’ a magoou intimamente. Hugo era a imagem do filho que seu pai queria ter tido? Mas e ela? Não havia se dedicado o suficiente? Não se oprimia em detrimento de tantas coisas que gostaria de ter feito na vida, não abraçava e buscava defender a si mesma tal como um homem, como um filho homem faria sem perder a ternura? Sem demonstrar fraqueza, duas vezes violentada, dois pais enterrados, duas filhas...

— Sozinha. Por uma semana, ao menos. — ela pede.

— Não. — ele negou secamente — Você vai para o apartamento comigo. Conversamos lá e se ainda assim você quiser ir, eu não vou mais tentar impedir.

A cabeça dela abaixou consentindo e o caixão começou a descer

com vagar. A chuva fina e o frio cortante não intimidou a presença dos poucos presentes além dos paparazzi a distancia. Alguns tios e primos distantes do sul da Inglaterra assistiam a cena com igual pesar.

Hugo a abraçou de lado quando estremeceu e suas juntas falharam, o olhar que ela lhe lançou era tão frio quanto o clima sobre eles, mas ele não se incomodou, segurou-a firme contra si e também ao guarda chuva levantando-a como se fosse uma boneca por três passos, onde somente ele havia molhado os pés dentro dos sapatos, atravessando a poça d'água no gramado. O ciúme restante foi totalmente dizimado e seu coração aquecido pelo pequeno gesto dele. Como poderia não amar a esse homem? O que a impedia de amar sem esperar algo em troca? Ela já o amava. Incondicionalmente.

Dentro da limusine fúnebre, eles foram e voltaram para o apartamento, ela dura, retesada no banco, não havia derramado uma única lágrima, mais uma vez. Hugo da sua frente levantou-se e sentou ao seu lado, ela virou o rosto pálido e inexpressivo para a janela, não sentiu quando ele a despiu dos calçados, mas sentiu quando levantou suas pernas para cima do assento e uma lágrima rolou furtiva, ele a puxou para o seu colo e ela se aninhou nele, cansada de tudo pelo que vinha passando, acabou adormecendo.

Quando acordou estava na cama, ele estava sentado aos seus pés com os cotovelos apoiados nos joelhos, de cabeça baixa. Calado.

Provavelmente também cansado e evidentemente abatido. Ele a havia levado de colo? E a perna operada? Um sorriso se levantou no cantinho da boca e logo foi tampado pela mão aquecida. Como estava frio aquele dia! Seria mal interpretada se levantasse e o envolvesse no calor dos seus cobertores? Que fosse. Ela o fez.

Ele não demonstrou resistência, estava mesmo muito frio e sua

perna o estava matando. Sem exagero. Somente quem tem placas e pinos pregados aos ossos sabe o que é sentir esse tipo de dor causada pelo frio. Ele sorriu um sorriso triste e deitou ao seu lado aninhando-se debaixo dos cobertores com ela, ficaram se fitando por algum momento frente a frente.

— Tive ciúme de você. — ela diz depois de um tempo e ele abaixa os olhos — Não de Ceccile. Não. Do meu pai. — ele volta a sustentar seu olhar, era o momento de se abrir e ela iria se abrir, ele merecia — Envergonhei meus pais. Não fui forte o suficiente, menti para minha mãe na sua última hora e, quase acabei com você.

O sorriso de lado dele faz com que sinta suas faces corando.

— Quase mesmo — ele concorda com um brilho de diversão no olhar.

Valery tem seu primeiro surto de timidez e foge do seu olhar. Era sua vez de falar e ele o faz com a mesma sinceridade que sentiu nas palavras dela.

— Eu posso amar você, Valery. Só preciso de um tempo. — seus olhos brilham e um breve sorriso começa a se formar no canto dos seus lábios — Você é muito intensa e, terrivelmente assustadora, linda... — uma lágrima escapa sem seu consentimento e ele assente engasgado — Eu que sou um idiota, é isso.

Valery leva a mão e toca seus lábios com a ponta dos dedos.

— Só amizade, Guito. — ela sugere e sorri soltando o ar — E, como dizer?...

— Terrível você! — ele também acaba sorrindo.

— Olha, se não fosse... Se não fosse, droga! Isso que está

acabando comigo. — sente que deve estar ainda mais vermelha agora — Se não fosse o medo que senti de perder o bebê eu, eu teria. Você sabe. Ah Guito, Dave que me perdoe onde quer que esteja, mas eu...

Hugo solta uma breve gargalhada. Os dois estavam tentando lidar com tudo da melhor forma possível, ela admite em pensamento.

— Venha aqui, devagar ok? — ele apressou-se em dizer ainda rindo.

Havia o espaço de uma pessoa entre eles antes, mas Valery se aninha com os joelhos dobrados encostados na barriga dele e seus rostos bem próximos, ele também dobra os joelhos envolvendo-a também com o braço em um abraço apertado a aquecendo com seu corpo. Ficam nessa posição se encarando e curtindo um ao outro por um tempo e ele sorri de novo. Aquele sorriso de lado discreto que a estava deixando acesa de dentro para fora.

— Você me tirou do sério, Valery. — ela abre a boca para debater, mas ele não permite — Não, não, deixe-me falar agora. — ela sorri assentindo — Sabe quanto tempo poderíamos já estar fazendo sexo se... — agora é ela que o interrompe séria.

— Não, não fale isso. Se for acontecer, entre nós dois, é como amigos. Assim, terapêutico — sorri — pra mim.

— Esse é um dos ‘ademaís’ descritos no contrato?

— Pode ser. — ela responde — não ofende a mim, se não ofender você.

— Ok — ele concorda e ri — Mas tem que ser do meu jeito. Sem sustos ou qualquer objeto tal como chicotes e afins que façam doer está bem? — ela sorri serena mordendo o lábio de leve em

concordância e seu sorriso sincero era mesmo algo bonito de se ver. — Mas isso eu preciso dizer senhora Sanders. — ele faz suspense e mantém a expressão séria;

— “Você pegou pesado comigo no resort. E sem necessidade. Poderia ter acontecido naturalmente.”

Valery começou a negar querendo justificar-se, mas logo cai em si e sorri. Belisca sua barriga de leve em punição, e seu sorriso alcança os olhos verdes cintilantes.

— “Pensei muito antes e sei que fui egoísta, mas não podia me arriscar. Se te perdesse de vez, ao menos a incerteza da paternidade eu teria.”

Hugo faz uma careta e sorri.

— Acho que ainda preciso aprender mais. — considera ele.

— “*Beijo na boca, pode?*” — pergunta ela provocando entre risos.

— “Beijo? Com ou sem língua?”

Ponto para ele, Valery puxa o ar e morde a própria língua. Hugo vinha aprendendo a falar português e estava indo bem, muito bem, aliás! Mas o seu corpo estava pouco se importando com o dialeto usado, desde que não ficassem somente no flerte e partissem logo para o ataque.

— “De língua, claro.”

Ela confirma e ele encobre a ambos debaixo das cobertas, o pouco espaço entre eles ficou ainda menor quando se beijaram. Hugo teve muitas noites mal dormidas para pensar sobre essa decisão, mas a imagem de Ceccile ainda aparece por trás das pálpebras cerradas e junto com a imagem, sentiu a dor como se

uma navalha estivesse perfurando seu coração de dentro pra fora.

Decidido a não pensar mais em Ceccile e no que havia ficado sabendo sobre ela nos últimos dias. Ele entrega-se a Valery, decidido a fazer real seu casamento com ela, em cuidar dela como sua esposa e fazê-la feliz.



Capítulo 29



Ele gostava de provocar, Valery não demorou a perceber e isso a estava matando por dentro. Primeiro encostaram os lábios, ela arfa contra a sua boca quando a língua dele desliza no contorno dos seus e sua mão alcança seu seio acariciando-o em mesmo tempo que sua língua pede passagem provocando o enrijecimento do bico, seu corpo se contorce insinuante à medida que seus sentidos são incendiados, mas o choro de Marie se faz ouvir e um gemido fino e agoniado escapa do fundo da sua garganta em rebeldia.

— Fique quietinha aí — ele ordena a se levantar, sorri para ela e sai do quarto fechando a porta por trás de si.

Valery não contém o risinho súbito.

Se somente com um beijo ele era capaz de deixá-la acesa assim, coitada de Ceccil! Encolheu-se sentindo toda a sua musculatura contraindo em resposta aos pensamentos e sensações pecaminosas, mas logo a filha estaria ali entre eles e tinha que controlar-se. Só que Hugo voltou sozinho. Quando virou a chave trancando a porta por dentro o seu coração deu uma cambalhota dentro do peito.

— E Marie? — ela precisava conferir se era isso mesmo que estava pensando.

— Xiii. Quietinha — ele estava se enfiando novamente debaixo das cobertas com ela e com cara de inocente a fita — Marie está com a Sandy e pediu desculpas por atrapalhar o momento de

entendimento entre o papai e a mamãe.

O sorriso fica ainda maior em seu rosto, mas ele a contém segurando em seu pulso com firmeza, sem machucá-la.

— Ei. Para quê a pressa? — pergunta divertido — Não acha que pelo tempo que me deixou dolorido, eu mereça mandar um pouco aqui?

Ela solta uma gargalhada corando envergonhada, era impossível não fazer comparações, mas com Dave era sempre ela que provocava e o máximo que conseguiu foi algumas pegadas mais quentes entre eles. Valery interrompe a própria linha de pensamentos para não perder o momento.

— Dolorido? — mostra as palmas rindo — Ok, ok. Sua cara já disse tudo. O que eu faço então? — ela não ia negar que teve alguns amantes depois que se recuperou do parto de Marie, mas todos os casos foram passageiros e rápidos, até mesmo esteve em parte vestida para não assustá-los e só uma vez havia conseguido chegar ao orgasmo transando, mas nem ela e nem o cara tinham qualquer intenção de levar isso adiante, então não esperava muito quando a oportunidade surgia.

Hugo levou as mãos dela para debaixo do travesseiro e ditou que os mantivesse nessa posição. Ele queria brincar com ela e isso a estava deixando tonta de desejo e eufórica ao mesmo tempo, ela solta uma gargalhada nervosa e ele aguarda rindo.

— Desculpe, não sei o que deu em mim.

— Tente resistir. — ele orienta e ela balança a cabeça em concordância, mas morde o lábio inferior para não contestar. Dá um salto quando a mão desliza pela sua barriga por baixo da sua blusa e prende a respiração, a mão vai subindo com vagar e ela querendo que seus seios já estivessem sendo espremidos ao ponto

de sentir dor, geme sem querer e não aguenta, se levanta.

— Isso é uma puta de uma tortura Guito!

Hugo gargalha divertido, estava gostando da situação o filho da mãe. Valery volta a cair para trás afundando a cabeça no travesseiro, ele começou a abrir os botões, como se ela fosse um presente à muito tempo desejado, da camisa ‘dele’ só então se deu conta e seu coração disparou lançando ainda mais adrenalina em suas veias.

— Estou parecendo uma virgem — ela arfou.

Está. Ele concordou em pensamento. Jamais seria capaz de amar Valery como amava Ceccil, mas não ia negar que seu ego e algo mais em seu corpo estava inflando com a visão do corpo insinuante e receptivo diante dele. E Ceccil o havia escutado, não só não estaria esperando por ele, como já havia colocado outro em seu lugar.

Os olhos dançavam por baixo das pálpebras, Valery entendeu que até então havia se iludido com o que achava que era gozo. O prazer que cada toque e investida dele em seu corpo era tão intenso que chegava a ser quase insuportável.

Ele descortinava pontos que nem mesmo ela sabia que podia ao toque provocar tanto prazer. Ela voltou a gemer e ele tomou sua boca com um beijo sensual engolindo seus gemidos, suas línguas se encontravam enquanto as mãos dele faziam a sua mágica. Ele beijou seu pescoço e o vale entre seus seios e por onde passava deixava um rastro que inflamava e enregelava ao mesmo tempo, brincou com seus seios ao ponto de deixá-la agoniada, seu corpo se contorcia querendo mais do toque dele e ela prendeu a respiração sem acreditar que ele ia fazer sexo oral com ela! Já estava tinindo em brasa quando a boca alcançou o seu centro e se perdeu, apertou

as mãos no tecido do travesseiro com o orgasmo súbito que fez tilintar sinos dentro da sua cabeça, intenso, descomunal, dolorido, deliciosamente dolorido ela sentia pulsar cada partícula do seu corpo! Quando abriu os olhos ele a estava fitando e sorria convencido.

— Ual. — foi só o que saiu, estava arfando e ainda sentindo reverberar em ondas pelo seu corpo.

— Acho que estou ficando bom nisso. — ele riu divertido, havia algo mais em seu olhar, serenidade talvez. Aceitação.

— Bom?! Põe booom nisso Guito! — ela ainda arfava, estava desnorteada, mas ainda excitada passa a língua entre os lábios secos e tenta se levantar — Mas e você? — o filho da mãe estava sorrindo todo convencido agora.

— Ainda não acabei. Só estou te dando uma pausa.

— O quê? — ela meneia freneticamente a cabeça negando — Assim você me mata! — gargalha divertida — Chega dessa história de mandar, vem cá.

— Sem essa — ele nega — Aqui — aponta em torno de si e a cama —, quem manda sou eu, senhora Sanders.

— Depois eu é que sou a Terrível! — ralha e engole em seco — Posso fazer uma pergunta pessoal? — ele ainda sorri e assente — Se, e como ela aguenta?

— São duas perguntas. — ele ralha de volta e a estuda por um tempo — Você gosta dela. Posso ver isso em seus olhos.

— Claro que gosto. — ela responde com honestidade e ele sorri provocador.

— Ela aguenta mais que você. — gargalha — Mentira, você

aguenta mais, mas você rouba.

— Eu nunca me senti assim. Nunca foi tão, intenso. — seus olhos brilham de leve — Chega a dar medo.

— Nem com o Dave?

— Ah o Dave, tem muito do Dave em você e de você nele. — amor transborda em suas feições ao lembrar-se do seu primeiro amor — Dave foi meu tudo, o centro do meu mundo. Foram três anos Guito. Três maravilhosos anos cheios de descobertas juntos.

— Três?

A cara assustada de Hugo a faz rir.

— O quê? De quanto tempo sabe? — ela o estuda um instante — Se você não tem ciúme do Dave. Por que acha que eu sentiria da Ceccil?

— Pelo óbvio?

— O amor não morre Guito. Só cresce e se fortalece ainda mais com o tempo. — agora é ela quem aponta em torno de si no quarto e sorri um sorriso sereno que caía bem em seu rosto — Tudo isso aqui se torna pequeno, efêmero, sem comparação.

Ela sorri de forma sapeca e desliza o dedo pela lateral do rosto dele.

— Posso fazer com você uma coisa que eu fazia com Dave?

— É doloroso ou constrangedor? — ele pergunta deslizando os dedos distraidamente na cintura dela.

— Não. Deita de bruços. — ele obedece e começa a rir.

— Posso quicar ou algo parecido? — estava desconfiado.

Valery senta nua logo abaixo das suas nádegas e estuda estalando cada pedacinho das suas vértebras. Hugo vira a cabeça de lado enrugando entre as sobrancelhas.

— Como está fazendo isso?

— Com as costas dobradas do meu indicador e médio. Relaxa.

Um gemido rouco o denuncia e ela desmonta de cima dele ajoelhando na cama sentada sobre seus calcanhares.

— Quanto tempo você não... — a tensão o denuncia — Guito! Isso faz mal!

Desconversando ele se vira e a puxa sobrepondo seu corpo ao dela a encará-la.

— O quê? — ela não se deixa vencer e ele domina seus movimentos — Sabe o quê me faz mal? — ele mesmo responde olhando-a nos olhos — Me sentir impotente, não ser suficiente. — ele beija sua boca, seu pescoço e o cenho olhando-a novamente nos olhos com um sorriso sacana — Me satisfaz isso.

— Mas é injusto. Não há troca?

Ele roça a ponta do nariz na pele dela causando arrepios involuntários. Estava acendendo-a novamente sem muito esforço.

— Considere isso como uma compensação. — ele poderia não amá-la, mas daria prazer a Valery, não era nenhum sacrifício, aparentemente.

— Não. — ela nega com gravidade — Se não se cuidar pode ser tão perigoso quanto o oposto, Guito! Olha, senão se sente a vontade comigo, com ela, mas... Oh...

Ele não estava mais a fim de conversar, ou talvez nem estivesse

mais ouvindo. Havia partido para o ataque contra seus sentidos e a sua habilidade era indiscutível! Com suas mãos magníficas explorando seu corpo e sua boca provocando seus seios eriçando-os ainda mais, as palavras se perderam em gemidos excitados, mas se ele não a penetrasse dessa vez isso iria detonar com a sua autoestima.

Ela tinha que resistir. Se resistisse ele iria cansar de provocá-la e ocupar-se de obter o próprio alívio com ela, mas o filho da mãe era resistente! Ela se contorcia em deliciosa agonia debaixo dele e não conseguia manter os olhos abertos, arfava e gemia baixinho totalmente receptiva e ele brincava com seus sentidos, relaxado, divertido.

Havia descoberto uma forma de calar Valery, de dominar Valery. E isso estava sendo muito prazeroso, dominada pelos seus beijos e carícias, ela era dele, estava ali para ele. Ele não era um dominante sexual em grau de chicotes e outras parafernália em voga no momento, mas estava gostando de ser o dono da situação, o provedor do prazer dela.

Ela se debatia e lutava para não perder o controle sobre o próprio corpo, e logo virou uma disputa que ele não estava disposto a perder, desceu pelo corpo macio e a tomou na boca, segurou suas pernas no lugar castigando-a com chicotadas da sua língua e chupões intercalados, cada gemido arrancado o deixava mais perto de gozar também. O gozo veio logo seguido de um grito que fez inflar ainda mais o seu ego e ele a manteve firme no lugar enquanto se contorcia em contrações. Somente então ele ajoelhou-se na cama, encaixou-se em seu centro a penetrando devagar, levantou seus quadris enterrando-se fundo na cavidade inchada e úmida e começou a estocá-la com cuidado.

Valery abriu os olhos e encontrou um par de olhos cinzentos carregados e também divertido, triunfante. Ele merecia estar se

sentindo assim, mas quando começou a se mover, como se buscasse ainda arrancar algo mais dela ela tremeu. Não. Não era possível isso! Seus movimentos eram ritmados, cadenciados, como se ele estivesse esperando. Ele a estava esperando. E alcançou um ponto dentro dela que a fez gritar sem querer. Ela se contorcia quase em desespero. O sorriso dele parecia debochado, desdenhoso. Como se conhecesse seu corpo melhor do que ela e tentou resistir, mas seu corpo a traiu, seus seios viraram duas pontas rígidas a pinicar doloridos e ele aumentou o ritmo, ela acompanhou o ritmo, sentiu os dedos dele em seus grandes lábios apertando-a, expondo seu clitóris o beliscando e explodiu em gozo sendo deliciosamente socada por dentro pelo seu membro, perdeu a noção do resto, seus sentidos eram uma confusão sem igual. Não era possível isso. Não era. Dessa vez não conseguiu abrir os olhos, fechados, sentia o pulsar do próprio coração nas têmporas, os espasmos também não foram iguais aos dos primeiros, pulsavam constantes menos angustiantes, mais plenos, e quando extenuados, sentia-o ainda dentro dela, não mais tão rígido, mas ainda pulsava.

Ele se tirou devagar e ela moveu a cabeça em negação, estava difícil de acreditar, mas existia. Homens assim existiam de verdade!

Ele voltou a deitar ao seu lado e a puxou para deitar a cabeça em seu peito, estavam molhados, suados, quentes. E ela viu de lado que ele sorria cheio de si. Ok. Ele merecia. Ela sorriu também e na falta de palavras coerentes beijou seu peito em gratidão, em resposta ele deslizou a mão pelas suas costas em direção a sua bunda.

— Não. — saiu como apelo em sussurro e ele riu, sentiu tremer o peito dele com a sua risada. Ela estava mole, não tinha força para nada, tremia toda e sua musculatura não correspondia ao comando do cérebro, suas veias pulsavam, seus ouvidos pareciam assoviar

com algum tipo de canção que desconhecia. Como pode? — pensou e fechou os olhos, rendendo-se a exaustão e ao sono.



Abrupta se levantou e ficou reta na cama, arfava, estava mais que cansada, estava dolorida e esgotada. Olhou em torno ao quarto vazio e pensou: Foi sonho, claro.

Apoiou-se no cotovelo para deslizar as pernas para o chão. O sonho tinha sido muito booom para deixá-la assim toda trêmula! Com as juntas parecendo gelatina aquecida e quase sem coordenação motora decente, com dificuldade chegou à porta do quarto, saiu, ouviu passos na cozinha e para lá seguiu. Oh merda. Não dava para expressar em palavras o que sentiu além de ‘Que lindo’ ao ver Hugo trajando calça de moletom e roupão de seda alimentando Marie.

— Oi. — ela disse baixinho. Seu corpo traidor acendendo de dentro para fora com a cena de uma forma diferente, mais maternal. Viu-se obrigada em anunciar-se, corada e trêmula, apoiou-se no espaldar da porta, vestida tão somente com a camisa dele.

Hugo a fitou de cima abaixo e sorriu com aquele brilho arrogante e divertido no canto dos olhos. — Está com fome? — perguntou olhando descaradamente para as suas pernas expostas.

— Ah Merda. — ela deixou escapar — Foi real.

Hugo prende a menina na cadeira e segue em direção a ela, ele a levanta em seu colo e a leva de volta para o quarto deitando-a na cama.

— Fique quietinha aí. — seco ele ordena e depois pisca para ela

rindo de leve — Vou te trazer um lanche e a Marie. — ele volta a sair e ela aperta a mão contra a boca.

— Oh Deus. Dave. E agora?



Como lidar com isso? Como lidar com o que estava sentindo? Se ao menos ele fosse um idiota grosseiro com ela! Mas não! Foi uma entrega absoluta, algo mais fácil de acreditar ser um sonho como tantos outros que foi tomada em seus devaneios e fantasias mais febris. Para ela, por ela. E Ceccile? Oh Meu Deeeus!

Ela se encolhe na cama sentindo ser a mais desprezível e imunda das mulheres. Havia acabado de perder os pais e começa a chorar sem controle. O espetáculo que Hugo vê ao retornar é de uma mulher encolhida feito uma bola a chorar debaixo dos cobertores.

— Você não devia incentivar a minha loucura, Guito. Eu sou doente e agora não vou mais conseguir me perdoar pelo que aconteceu aqui, pelo que me deixei fazer com você.

Hugo não debate, tem suas próprias culpas para administrar. Deixa a bandeja no criado mudo ao lado da cama e calado sai do quarto para buscar Marie.

Valery olha para a bandeja com uma tigela de sopa quente, algumas torradas e uma singela orquídea em cima, seu estômago se contorce e também seu coração com o gesto. Suas têmporas ardem, era a culpa que sentia refletida em dor quando fechou os olhos e trinou os dentes em autopunição.

Hugo demora um pouco para voltar, e quando volta se senta aos pés da cama beijando e soltando Marie que segue para perto da

mãe e se aninha na cama ao seu lado.

— Fica com a gente? — ela deixa escapar, mas não se arrepende, ele não fez nada que não quisesse também, a culpa podia ser dividida — Ao menos essa noite. — ele a fita sob as sobrancelhas que arqueiam de leve e ela sorri — Está muito frio pra dormir sozinho.

— Sim, está. — ele concorda e aponta a bandeja — E pra tomar sopa fria também.

Hmm, uma indireta entendida. Ela senta na cama e puxa Marie para mais perto a apontar o espaço vazio — Vem? — convida ao pegar a tigela de sopa, que estava com um aroma gostoso que a fez salivar.

Ele entende o desafio implícito dela ao segurar a tigela com as duas mãos e arquear de sobrancelhas. — Se eu não deitar, não vai tomar a sopa. — o meio riso dela foi sua confirmação e ele cedeu.

— Deliciosa — ela elogiou ao provar e ele assentiu com um sorriso triste, um quê de nostalgia refletida no par de olhos acinzentados. Marie se virou e se aninhou nele. Uma pontada de ciúmes fez seus olhos vacilarem e conteve-se para não voltar a chorar, mas não conseguiu. Novas lágrimas se formaram em seus olhos e pensou em uma desculpa que justificasse o pranto — Não estou grávida de um menino.

Ela vê a cor fugindo do rosto dele ao assentir.

— Nós podemos...

Ela não o deixou concluir — Guito não. Não falei pensando nisso. Você já fez tanto por mim. — meneia a cabeça e deixa a tigela de volta na bandeja, estava engasgada agora, lutando contra todas as emoções que a invadiam e em meio ao furacão, queria

desesperadamente encontrar seu centro.

— E você, por mim. — ele diz, ela abre a boca para debater, mas ele não deixa.

— Espere, por favor, Valery. Quero que entenda que estou com você porque eu quero estar. Sei o quanto é importante pra você dar um herdeiro para a sua família. E, não há mais contrato. — ele suspira com ar cansado abraçando Marie contra si — Quero que saiba que não me importo, me sinto culpado.

Valery não estava entendendo o que ele queria dizer, mas treme por dentro a aguardar.

— Eu fui juridicamente acusado pelo que aconteceu com você.

— Não! — ela nega com veemência e Hugo volta a contê-la.

— Steven retirou as acusações. Mas as provas irrefutáveis precisavam de um culpado. Ele assumiu a culpa e, Valery. Ele certificou-se de que você não tivesse como interferir em sua decisão. Adiantando a própria morte.

— Oh merda. Porque está me contando isso Guito? — ela pressentia, mas precisava ouvir de outra voz que não a sua.

— Vai estar em todos os noticiários amanhã, a declaração dele. Eu não imaginava que ele faria isso Valery. Se tivesse desconfiado não teria permitido que acontecesse.

— Meu pai — ela ri com desgosto — Que sempre foi tudo pra mim, vai ser rotulado como estuprador, é isso? E por minha culpa. — Porque sou uma imunda, uma cadela pervertida que parece estar sempre no cio, ela pensou sentindo o amargo na boca.

— Por amor a você, Valery. — ele interpelou — Pela família... Pelo Stuart.

— Stuart? — ecoou ela. O que seu tio tinha a ver com tudo isso?

— Seu... — ele hesita — Stuart estava decidido a assumir o papel de agressor e Steven se adiantou. Valery, o seu pai, o seu tio, não foi sua culpa ok? E pelo Steven, pelo que fez por você e, também pelo irmão. — ele a fita emocionado — Somente um pai de verdade, é capaz de fazer. Só um pai, de verdade. — ecoa ele com voz embargada.

Valery viria nos dias seguintes entender porque que Hugo não havia permitido que ela voltasse para a mansão. Que era a pedido de Steven, que fez com que Hugo promettesse que a impediria de tentar limpar o seu nome. Em um momento de pura tensão começaram a discutir, Hugo alterado lhe disse que Steven já estava em fase terminal de câncer na próstata e também nos intestinos e nessa mesma discussão havia garantido que assim que ela estivesse preparada para assumir, tal como denominara ele, a ‘maldita herança’ do qual o pai o fizera tutor, seria passado para ela sem nenhum dano.

E toda discussão havia começado por causa de Rafael, intimamente, lamentavam ambos. Valery arrependeu-se de ter exaltado e começado, e não por Rafael. Qual ela desejava que fosse realmente punido por tudo que provocou, mas por Hugo. E de nada havia adiantado argumentar que era por si e por Hugo que reclamava. Palavras cruas foram lançadas como navalhas de ambos os lados e Hugo havia garantido que não teria cedido ‘aos seus encantos’ se tivesse certeza de que mais nenhum dedo seu seria quebrado.

Hugo também se arrependeu do que havia dito, e não mais do que se arrependeu em não ter deixado claro que não estava ele defendendo o irmão e o que Rafael havia feito, mas a si mesmo. A separação foi iminente a partir de então. Hugo precisava viajar. Valery precisava de paz para seguir com a gestação fragilizada. O

médico havia garantido, repouso e dieta saudáveis aumentariam suas chances de não abortar.

O que fazer para remediar tudo que haviam dito?

Hugo o fez, dedicando-se de corpo e alma a trabalhar com afinco nos negócios pelas duas famílias e dando a ‘paz’ que Valery havia pedido omitindo dele que corria risco de perder a filha que poderia ser dele em seu ventre.

Também o fez ela, ao receber na mansão a pequena Amelie, que era carinhosamente chamada de Mel. A filha de Giulia, que até então havia sido criada pela Rose, prima de primeiro grau de Lisa, amante do Clark. E o bastardo em sua insanidade havia invadido a casa poucos dias depois, atirando nos filhos e na amante matando-se em seguida.

Não houve grande assédio da mídia sobre a tragédia em que somente Carl havia sobrevivido, o menino foi dado como morto no hospital de emergência que o havia recebido e também por intervenção de Valery ele teve auxílio imediato ao ser transferido para uma clínica particular onde os melhores especialistas foram acionados para cuidar do seu caso, mas estaria possivelmente condenado a viver em uma cadeira de rodas para o resto da vida por conta da insanidade do pai e havia sido por ela acolhido. Não debaixo do mesmo teto, mas com Rose, a prima de Lisa que havia cuidado de Mel desde que a recebeu em seus braços ainda bebezinho. E tudo foi feito com a discrição própria do seu caráter, calada, pela tangente, usando-se dos meios que tinha à sua disposição sem fazer alarde ou permitindo que fizessem seus mais próximos.

Os tios viajaram de volta para Londres e Stuart negava a paternidade afirmando que Steven era quem merecia esse título e que se contentava em ser tio. O abraço tão único de despedida foi

de pai e filha e somente na última hora anunciado, seria em definitivo a mudança. Viveria ele com Ellen em Londres até o fim dos seus dias.

Valery aos poucos ia assumindo aos encargos da mãe e da tia e mesmo do leito, em pouco mais de duas semanas já havia alterado em muito a rotina antes retrógrada usada na mansão por imposição de seus pais e tios. Amelie e Marie eram as alegrias da casa com seus risinhos e murmurinhos infantis e elas tinham as babás diurnas em separado, mas de noite somente uma era requisitada por imposição dela, a dormir no quarto das meninas que era anexo ao seu para ‘se preciso fosse’ auxiliá-la durante a noite. Já que as meninas dormiam com ela em sua cama. Quando Amelie a abordou perguntando se ela era a sua mamãe Valery comprovou que Rose não havia mentido, e tal como Rose ela também não mentiu para a menina, acrescentando o sentimento de amizade e admiração que sentia pela irmã do seu marido, Giulia, afirmando que tão logo estivesse mais saudável iria promover o encontro das duas.

Amelie não demonstrou interesse algum nesse encontro e isso preocupou Valery, que chamou Rose para conversar. Pela Rose ficou sabendo que Clark a fez acreditar que a Giulia a havia renegado por ter nascido menina e deixou a entender o quanto sempre lhe foi difícil contradizer ou contrariar o homem que a sustentava, assim como a convencer a menina, que vestir-se de menino não faria dela um menino. Nessa mesma conversa Rose deixou escapar que Fintter havia procurado e oferecido ajuda financeira para cuidar de Carl. Valery se viu na missão de alertar que o homem ‘tão encantador e gentil’ que a procurou era comprometido com a sua cunhada e viu-se compadecida em consolar a moça que emotiva havia desabafado que Clark havia acabado com seus sonhos de construir a própria família um dia, que o crápula havia seduzido quando ela não contava ainda com 15

anos e de um aborto mal feito, nem ser mãe ela poderia. Que homem a ia querer então? Perguntou a encolher os ombros conformada, convencida da própria sorte e também grata pelo apoio financeiro que estava recebendo de Valery.

Nesse dia Rose se despediu e Valery encarnou a matrona, com pouco mais de meia hora em ligações estava a conversar com um primo seu de terceiro grau que havia ficado viúvo com três filhos menores de cinco anos, sendo a mais nova sobrevivente da eclampsia que lhe tirou a esposa. Alguns dias depois ela recebia o primo em sua casa com as três crianças e uma babá de leite também com seu próprio filho.

Rose foi convidada para jantar inocente do que se tratava e confidenciou a Valery que havia se encantado com os modos de Charles Winston, sabendo Valery que seu primo também havia se agradado de Rose, informou-a que ele recentemente havia ficado viúvo com dois meninos e uma menina ainda pequenos pra criar. Rose inquietou-se e apressou em explicar-se que achava que ele merecia alguém melhor, que não era nada comparado ao que ele podia ter e que aceitava isso. Valery levantou impondo que seria ela a madrinha e seguiu para sala anexa onde o primo a tudo havia escutado. Ela com os advogados da família asseguraram em contrato que beneficiava Rose financeiramente de forma substancial em caso de separação e ao pequeno Carl o nome do homem que a desposasse como seu filho entre outros termos, que infringia o candidato a esposo em respeitar a sua integridade física e emocional fazendo-lhe a corte por no mínimo seis meses. Charles havia rido e argumentado que não era um homem violento ou um animal irracional e Valery concisa em afirmar que assim sendo, nada o impedia de assinar os termos conscritos no extenso e detalhado contrato pré-nupcial. E Charles o fez, admirado da prima, elogiou-a com Rose alguns dias depois.

Charles foi o motivo de mais uma discussão entre ela e Hugo, e contando com quase quatro meses de gestação, havia engolido calada todas as ofensas dele, e permitiu que ele acreditasse que ela e o primo eram amantes como ele a havia acusado.

Estaria Ceccile em tempo de dar a luz, afirmava para si mesma e mesmo com o coração partido deixou que ele fosse embora acreditando o pior dela. Agarrou-se à ideia de que Marie e Amelie eram as que precisavam da sua assistência e dedicou-se de corpo e alma às meninas omitindo também do primo o ocorrido, pois se ele soubesse certamente iria ao seu favor defendê-la com o seu marido.

Como havia previsto, Hugo viajou para o Brasil e claro que queria ver Ceccile novamente, mas o que o levou a ir foi o anuncio do casamento de Fintter com a sua irmã na Catedral da cidade vizinha... Ele estaria a menos de vinte quilômetros de distância da mulher que até o fim dos seus dias iria amar, e ainda lhe doía que ela tivesse seguido em frente. Mas não havia ele mesmo determinado isso ao dizer que não esperasse por ele?



Capítulo 30



Hugo fecha os olhos a lembrar-se com nitidez de cada pequeno detalhe do corpo dela, ainda chocado em saber que Ceccile havia concebido prematuramente, aguarda por um momento mais apropriado em que possa conversar com a sobrinha para saber de mais detalhes. Havia sido informado por John, que também ao seu amigo e Ana ela havia oferecido um chalé nas imediações da mansão principal quando os dois se uniram em matrimônio civil, e também para Giulia, Ceccile havia cedido uma belíssima construção de três andares próxima da mansão e também um prédio no centro da cidade histórica onde estavam agora se casando, ficando na mansão principal somente ela e Alicia mais os empregados nas últimas seis semanas. Sutil e gradativamente Ceccile havia se afastado do convívio de todos, de início com a troca de seus horários nas refeições, depois deixou de cuidar ela própria das orquídeas e as suas exposições ao sol resumia-se às raras vezes em que aparecia na sacada do segundo andar.

Somente Alicia, que com muita insistência havia permanecido em seu mundo desde que ele havia partido.

Hugo queria partir a cara de John por ter lhe omitido tantos detalhes em todas as conversas que tiveram ao longo desses meses, mas o amigo o havia enfrentado de igual para igual e lembrado a ele o tipo de merda cheio de preconceitos que ele era ao colocar seu orgulho acima de tudo que mais lhe importava.

Quanto a isso Hugo não tinha argumentos. Ele havia fodido

tudo e o evento era para ser festivo. Sua única irmã estava se casando com o homem que amava, mas percebia-se por baixo da tênue superfície de todos os sorrisos uma carga tensa que o deixava com todos os sentidos em alerta. Somente Alicia e o doutor Rodrigo já haviam visto a pequena Marcele além, óbvio, da mãe, e mais ninguém.

O padre anuncia o “Eu em nome de Deus vos declaro marido e mulher” e os dois se beijam no centro da nave. Alicia aperta seu braço inconsciente e ele a fita brevemente de lado, nem mesmo a maquiagem que havia julgado demasiada escondia as manchas escuras sob os olhos da sobrinha que olhava fixamente a mãe no altar. Muitas lacunas a preencher nesses quase quatro meses que esteve fora, e a jovem ao seu lado refletia isso, os poucos olhares furtivos que havia lhe lançado demonstravam um amadurecimento precoce e também algo como mágoa ou desapontamento.

Ambos caminham lado a lado para fora da Catedral a seguir os noivos. Uma pausa para mais algumas fotos e Giulia agora irradia felicidade tal como Hugo nunca havia visto ao lado de Fintter que apaixonado lhe sorria de volta com total devoção. Era um casamento por amor e não podia negar que sentiu uma pontada dolorosa de inveja do casal. Ambos haviam se decidido por uma recepção simples em um tradicional hotel na mesma rua da Catedral e Hugo aperta o braço de Alicia de leve, temendo que a sobrinha se afaste dele, mas ela o tranquiliza depondo sua mão sobre a dele.

— Só vou dar um abraço na minha mãe, Guito. — ela não sorri ao fitá-lo nos olhos, estava mesmo magoada com ele, entendeu, mas promete — Vamos juntos, eu e você.

Hugo consente em soltá-la ainda relutante, ela estava divina em seu longo levemente acetinado com nuances de azul como o céu dessa tarde fria, e a comparação dela com a sua irmã é inevitável,

pareciam irmãs a se abraçarem, e não mãe e filha.

— Está linda Giu. — elogia sincero ao se aproximar e a beijou na face.

— Alice vai com você? — ela perguntou ao ver a filha abraçando Fintter e acariciou a face do irmão.

Hugo estreita os olhos a assentir e Giulia pende de leve o cenho baixando o tom de voz;

— Cuide da Alice. Ela é forte, mais forte do que eu jamais fui... Talvez ela te conte.

Hugo beija a irmã mais uma vez na tentativa de tranquilizá-la, segue a cumprimentar Fintter e no abraço, o que Fintter lhe confia o deixa ainda mais preocupado.

— Estivemos muito perto de adiar o casamento pela Alice. Os eventos de ontem nos deixou a todos muito transtornados. — havia gravidade no olhar de Fintter ao encará-lo.

Ao pedido de Alicia, Hugo presenteou ao casal com uma viagem de três semanas pela Europa em lua de mel, e ele também fica sabendo que foi a sobrinha a responsável pela decoração da igreja, escolha do hotel e decoração da recepção. O tempo em que esteve na recepção somente não foi uma tortura maior por ver que a irmã estava realmente feliz, mas agora, dentro do carro ao lado da sobrinha, ele a observava calado com o peso do silêncio pesando sobre os dois. Alicia não era mais uma menina. O que quer que tenha acontecido a havia transformado e não de uma forma boa, a expressão em seu rosto a envelhecia mais que seus quase dezessete anos. Teria chorado? Estava chorando nesse momento?

Pareceu-lhe ter visto uma lágrima rolar rapidamente e respingar em seu colo, o que foi confirmado pela mão passando rapidamente

no rosto com raiva, como se não quisesse se dar o direito de fraquejar. Seus olhos cintilavam verdes como as copas das árvores que ladeavam o rio ao centro das vias de mão e contramão no centro da cidade e também das construções históricas nas laterais das ruas. Em outro momento seria um lugar aprazível de se passear de fato, considerou.

— Soube que foi você quem arquitetou todo o evento. — ele elogia como forma de puxar assunto — A igreja é de fato linda e o hotel ao lado do museu aconchegante.

Os lábios de Alicia tornam-se uma linha fina por um segundo, os terrores que havia passado ainda estão vivos em sua memória.

— A Catedral São Pedro de Alcântara é realmente linda. — ela devolveu em tom firme e seco — Pegue à direita. — orienta apontando à frente com o queixo.

Hugo observa que alguns poucos convidados conhecidos da sua sobrinha pela proximidade deles na recepção seguem adiante e a fita de lado, ela estava com o telefone no ouvido e insiste séria em apontar para a direita indicando o trajeto que os faria passar por trás da Catedral.

— *“Oi, vamos passar antes na Oliveira, te ligo mais tarde.”* — ela diz ao telefone e desliga o aparelho apertando-o no colo a apontar novamente com o queixo indicando o trajeto. — Vira à esquerda e em frente.

— Alice — ele a perscruta preocupado após algum tempo, estavam deixando o centro da cidade — Para onde estamos indo?

Ela olha fixamente para uma grande construção do outro lado do rio que corta a cidade e as vias de mão e contramão na rua chamada Barão do rio Branco e ele segue seu olhar.

— É uma faculdade. — ela diz e volta seu olhar para frente com a cabeça deitada no banco — Ele está cursando o sexto de dez períodos. — antes que Hugo tenha oportunidade de perguntar quem seja ‘ele’ o telefone dela volta a tocar e ela atende — *“Estou bem. Vou ficar. — ela volta a conversar em português — Mas Du, eu preciso de um tempo, tá?”...*

Quem era esse Du? Ela se despede do tal Du no telefone e volta a apontar — Entre na próxima ponte à esquerda e segue em frente, é mão inglesa. — indica e suspira impaciente — Eduardo S. Góes. Du, para os íntimos.

Hugo aciona seta para esquerda e pergunta casual — *“E o que tem esse Du?”*

— “A família dele tem uma casa que ele usa quando está aqui na cidade. Estamos namorando.”

Hugo encosta o carro irritado e se vira para a sobrinha.

— “Namorando?!”

— “É Guito. Namorando! Quer que eu soletre pra você?”

— Quero que se explique.

— Sai.

— Quê?

— Sai do carro. — disse ela já saindo e ele a segue em sair também pelo seu lado, ela contorna o veículo e estende a mão pedindo as chaves. Hugo hesita e ela bate o pé no chão, impaciente.

— O tio Dri me ensinou a dirigir. — disse a arrancar as chaves da mão dele — Eu também sei dirigir muito bem e piloto ainda

melhor! — garante a desafiá-lo com olhar firme.

Hugo contorna o veículo sentando-se no banco do carona e já se pergunta de quem era o carro no momento em que ela arranca demonstrando assustadora intimidade com a direção.

— É muito que tenho a dizer e, penso melhor quando estou no controle. — diz ela a sinalizar antes de entrar em outra rua, havia saído da principal — E como já não quero mais morrer. Prefiro dirigir eu mesma, por precaução.

Ela já quis morrer? Hugo sente calafrio por dentro ao se perguntar e ela continua — O que vou contar, eu só vou contar, porque explica outros assuntos que eu não quero que a minha mãe saiba. — ela frisa o status de Giulia na sua vida com veemência — Ela já sofreu demais. — subentende-se, que era grave. E ele estaria morto para a sobrinha, caso traísse a sua confiança.

— O Clark. Maldito, desgraçado, que queime no inferno até o fim dos tempos... — ela puxa e prende o ar nos pulmões em busca de controle e se concentra na direção reduzindo a marcha para subir a pequena ladeira em curva — Quando ele me tirou do seu apartamento naquele dia, antes de me levar para a casa daquela velha insuportável da Catarina, ele me deu uma surra, me bateu até eu desmaiar! Ele disse coisas horríveis, me acusou de bastarda entre outras coisas, mas como eu desmaiei, fiquei na dúvida e guardei pra mim as minhas dúvidas. Bom, o Rodrigo me ensinou a pilotar e também a dirigir para que eu tivesse mais mobilidade na região. Lembra que quase não me via no tempo que estive na Bougarville? — havia um toque de acusação implícita na sua pergunta, de fato, Hugo não se lembra de tê-la visto mais que duas ou três vezes, sendo uma no dia em que estavam todos em busca de Ceccile quando havia desaparecido sem deixar rastro e ele assente sentindo-se culpado.

— Eu estava estudando. — ela justifica, Giulia havia chegado a mencionar isso uma ou outra vez, alegando que era o que ela queria — O colégio é interno e semi-interno, e eu falsifiquei a autorização da minha mãe para estudar só meio período sem que ninguém soubesse. Daí eu tinha as tardes livres para namorar a morte. Posso dizer que esse foi meu primeiro namoro sério, e foi assim que eu conheci o Du. Os pais dele tem uma propriedade a 10 quilômetros de Bougarville em sentido a Avelar.

Alicia estaciona o veículo a meio fio e sinaliza para que Hugo a espere dentro do carro ao sair e atravessar a rua. Ela se abaixa a passar a mão por baixo do portão e Hugo segue a direção do seu olhar quando ela olha e sorri triste para um rapaz mais adiante na rua recostado em um veículo nacional branco. Então este devia ser o tal Eduardo, Du, para os íntimos. E ele entra no veículo ao mesmo tempo em que o portão é acionado pela Alicia e ela volta a entrar no carro. Alicia entra na garagem com a mesma habilidade que havia demonstrado na rua e seu telefone volta a tocar.

Era novamente Eduardo explicando que havia pedido a empregada para deixá-los à vontade e explica sobre a disposição dos cômodos.

— Eu nunca vim aqui. — explica a Hugo com o telefone no ouvido. — A luz? Achei. Eu te ligo, sim... *“Você sabe que sim, eu também.”* — ela desliga aponta ao sofá e segue em direção ao bar, pega para si uma lata de refrigerante e explica que ali não há nada alcoólico –, água, refrigerantes ou suco.

— Água — ele pede atônito. Ela senta ao seu lado e oferece a garrafa d’água — Por que está me contando isso, Alice?

— Já vai entender, mas se eu pular essa parte eu já sei que vou ter que voltar, então, me dá um tempo Guito? — pede novamente com aquela expressão de mágoa no olhar — Ou você acha que o tempo

parou, só porque você não estava aqui?

— Não. — ele concorda temendo o que ainda está para ouvir — Sei que não, Alice. Continua.

— Eu desejei a morte, quase a encontrei na curva do caixão. É uma curva que merece respeito. — ela diz em tom ameno, mas Hugo pressente que o local deveria merecer mais que respeito, que deveria ser isolado ou proibido o trajeto — Apesar de treinar por quatro a cinco horas quase todos os dias, eu sabia que não estava preparada para o desafio e ainda assim fui. Ele, o Du, já vinha me seguindo pelas minhas aventuras nas estradas da região a semanas sem que eu soubesse. Nesse dia eu passei a curva aberto demais, perdi o controle da moto e passei direto, rolei morro abaixo, fiquei pendurada pelo pé de cabeça para baixo no precipício e desmaiei de dor. Não sei como ele me salvou, mas acordei no colo dele e fiquei tão irritada que o agredi no rosto, ele me pôs no chão e eu não conseguia andar, sentei e chorei com meu tornozelo torcido inchado. Ele sentou do meu lado, ficou lá calado esperando até eu me acalmar.

Alicia volta a se levantar e fica de frente para o tio.

— Se não me conhecesse, quantos anos diria que eu tenho?

— Não parece uma menina, parece mais velha. — ele responde com pesar e ensaia um sorriso.

Alicia devolve com o mesmo sorriso triste e volta a sentar na ponta do sofá em frente ao tio.

— Estou te chateando com a minha história. — não era uma pergunta — Mas explica a enrascada em que ficamos eu e Ceccil.

Alicia lança no tio o mesmo olhar que ele havia visto na igreja antes e engole em seco. Pressente que parte da mágoa dela é

direcionada a ele e aguarda esforçando-se para não perder o controle.

— Não está me chateando, Alice. Continue.

— Vou tentar simplificar, ok? — ela ainda estava magoada — Dias depois eu voltei a me arriscar, a adrenalina em meu sangue não me deixava pensar e não queria ficar o tempo todo pensando...

Hugo mostra a palma interrompendo seu relato — Volta. — ele pede com gentileza e até consegue sorrir de lado em incentivo — Me conte mais do seu primeiro encontro com o Du... É Du, não é? — já gostava do rapaz sem nem tê-lo conhecido.

Alicia não contém o sorriso no canto da boca que responde a pergunta implícita do tio: Acha que não me importo com você?

— Não tenho muito que contar. — ela cora de leve — Talvez da cicatriz que ele disse que não vai corrigir, feita pelo meu anel quando bati nele. Ou, que eu não consegui apagar da memória aqueles olhos cor de sol quando ele descobriu quem eu era semanas depois. Ele achava que eu era mais velha. Foi um choque pra ele quando descobriu que eu não só era bem mais nova, como também era sobrinha da Intocada de Bougarville.

— Quanto tempo, Alice? — ele pergunta remexendo-se incomodado que ela tenha fugido do seu olhar.

— Quase cinco meses, desde o primeiro encontro. — ou seja, se conheceram poucas semanas depois que Giulia veio com ela e as crianças para o Brasil.

Alicia abraça os joelhos encolhida olhando para o chão.

— Lembra-se da fuga da Ceccil? Da pneumonia... — também ela havia saído de moto em sua busca, o tio lembrava-se bem — Eu

voltei a sentir o gosto do perigo e voltei a namorar a morte nesse dia. Desde o dia da curva do caixão que eu não o vi mais, mas ele me via, sempre de longe. Já sabia que eu era enrascada, mas não conseguia ficar longe e me vigiava. Até que eu me coloquei em perigo ainda maior. Aí ele não viu outro jeito que não se mostrar. Eu não sei explicar o motivo. Eu queria vê-lo de novo, mas eu fiquei tão irritada!

Alicia fita um ponto qualquer acima do ombro do tio a refletir, pondo em ordem seus pensamentos. — Isso aconteceu três meses atrás... — exaltada se levanta abrupta — Filho da mãe! Bastardo!

Hugo vê Alicia andar na sala de um lado ao outro e ela se vira a apontar o dedo em seu rosto. — Disse para Ceccil não esperar por você. Dispensou-a na cara dura! Como pode? Que motivo acha que ela teria para suportar tudo sem nem ter esperanças?

Hugo não tem resposta. Calado, também ele levanta-se e segue para a janela pondo-se a fitar a rua abaixo com as mãos fechadas em punho.

— Eu me descontrolei, ia bater nele de novo por se colocar na minha frente se não tivesse me segurado. — ela continua seu relato — Falei um bocado de besteira e em resposta ele me puxou e me beijou. Ele me beijou e eu tirei minha camisa.

Hugo se vira a olhar para a sobrinha e ela o enfrenta com o olhar.

— Isso mesmo! Ele também olhou pra mim desse mesmo jeito antes de se virar, com raiva. E eu comecei a chorar, desse mesmo jeito. Lembro-me bem por causa das fotos. Não fossem as fotos acho que jamais ia saber que não era repulsa ou algo assim, e sim horror o que havia em seus olhos. Quando ia despir meu sutiã ele avançou pra mim e me impediu. Nas fotos parece que é ele lutando

pra me despir, ficaram bastante comprometedoras.

— Fotos?

— Vou chegar lá, paciência está bem? — ela desliza a mão pelo colar arroxeadado em sua pele que antes estava escondido pela estola.

— Quem te machucou, Alice? — ela sorri cínica em resposta;

— Isso? — termina de tirar a estola e ela mesma responde — É nada. Além do mais, esse babaca não machuca mais ninguém. Está morto. — seu olhar esfria e ela continua seu relato — Eu o beijei como ele havia me beijado antes, tentei tirar a camisa dele e dei com ele na grama, entre lutas e beijos, mais fotos foram tiradas. Algumas mostram o desejo e outras o desespero dele com exatidão. Algumas também mostram a minha raiva e as minhas lágrimas.

Ainda chorando ao se obrigar a lembrar tudo, ela volta a sentar.

— Eu queria que ele arrancasse a lembrança do Clark de mim. Precisava saber se o desgraçado havia chegado ao fim. Eu forcei a barra, Guito! Eu! Porque de nada me adiantava que ele quisesse salvar minha casca se por dentro eu já estava morta. O Du é inocente, mas ia pagar por ter se apaixonado por mim. Ele não fez sexo comigo, mas viu. No meu desespero perguntei se ele tinha nojo de mim, se saberia dizer se eu ainda era virgem porque eu não sabia e ele logo matou a xarada. Eu o deixei louco e sem alternativas quando levantei e corri em direção ao precipício, ele me alcançou e me jogou no chão, prendeu minhas mãos acima da minha cabeça. Disse que ia ver se eu promettesse que ia parar de tentar me matar, mas que não passaria disso. Eu concordei, mas não ia deixar ele me enrolar, tinha que ser ali. Ele sentou sobre os pés dele e eu tirei meu short junto com calcinha, mais fotos. Ele me examinou, não conseguiu disfarçar a raiva que sentiu e se levantou

socando o ar e chorou. Virou de costas pra mim enquanto eu me vestia, seguiu na minha frente e pegou minha camisa... — ela parecia um fantasma de tão pálida agora. — Ele tentou mentir, mas sentou na grama de frente pra mim e disse que me amava, que havia se apaixonado por mim, mesmo sabendo que eu era encrenca, e que pra ele eu ainda era virgem. E era isso que importava, porque eu também gostava dele cada dia mais. Estou apaixonada por um cara que pensei que era pobre e ele é rico. Em todos os sentidos. O pai, Arnaldo, é psicanalista aposentado, a mãe é médica com especialização em hematologia, esteve fora por muitos meses em missão na costa leste da África. O Du teve um irmão caçula por oito anos.

Alicia se levanta e segue para a parede onde várias fotos de família estão penduradas e aponta;

— Seu Arnaldo e o Du, esse deve ser o irmão — aponta na foto ao lado — o Du era mais loiro quando criança. E essa é Isabela, eu ainda não a conhecia pessoalmente, só conversamos algumas vezes por Skipe antes, você me viu conversando com ela na recepção do casamento. — ela desliza o dedo na foto do garoto com cabelos negros — Ele tinha uma doença rara no sangue e morreu no dia do seu aniversário.

Hugo volta a sentar com os pensamentos fervilhando. Alicia podia imaginar as engrenagens se movendo dentro da cabeça do tio com o montante de informações e senta novamente à sua frente. Não queria que ele sofresse outro enfarto, as imagens dele caído da escada voltam com força em suas memórias nesse instante, mas ele precisava saber de tudo e ela já havia conseguido chegar até ali.

— O Du não fez sexo comigo, Guito. Ainda.

— Ainda. — ecoa o tio a encará-la.

Alicia foge do seu olhar e fita o chão.

— Mas o Alberto fez.



Capítulo 31



O tio fica mais branco do que a parede por trás dele a encará-la. Alicia faz uma careta de desgosto e encolhe os ombros com a mão protetoramente pousada no pescoço.

— Alberto, não é...? — ele não conseguiu concluir a pergunta, havia odiado esse homem por mais tempo e intensidade do que quisesse admitir nos últimos meses.

— É. Ele mesmo. O advogado que ficou na fazenda e se fez passar por pretendente da Ceccil. Ele que tirou todas as fotos e usou para conseguir o que quisesse tanto de mim quanto da Ceccil.

Estava ficando a cada momento mais difícil digerir todas as informações, mas Hugo contém o ímpeto assassino a escutar o relato da sobrinha.

— A Ana e o John se mudaram para um dos chalés verdes, mamãe do quarto de baixo de nada sabia. Eu havia convencido Ceccil a mudar para o quarto que é dela por direito, mas não antes que tivesse totalmente redecorado. — ela volta a fazer uma careta de desgosto — O que não foi difícil de esconder já que a Ceccil passou vários dias trancada no outro quarto chorando a sua falta.

Alicia abre a galeria de fotos em seu celular, seleciona a pasta denominada Ceccil e entrega ao tio.

— Nessa foto ela já estava com quase sete meses. — ela aponta e revira os olhos — Se prestar atenção vai ver que o quarto ao fundo

não se parece em mais nada com o terror baseado no século XV que era antes. E Ceccil, com 49 quilos.

Hugo repassa as fotos evitando o olhar acusatório da sobrinha, mas pressente que ela o estuda enquanto olha para a foto de Ceccile no aparelho.

— Sete meses? — perguntou a limpar o bolo que se formou em sua garganta em seguida.

Alicia assente e olha para o tio nos olhos sustentando seu olhar.

— Guito. Eu preciso que seja honesto comigo. Existe alguma chance do Dave ser... droga. — ela hesita e começa a caminhar pela sala — Se ele fez o que fez com a minha mãe... — ela volta a encarar o tio estudando suas feições meticulosamente — Quando o Clark me bateu, me disse que eu não era filha dele. Que o casamento com a bastarda da minha mãe foi arranjado — aponta a si mesma —, para encobrir seu pecado. Uma bastarda que pariu outra. Ele me disse, enquanto rasgava minhas roupas.

Se as suas pernas estivessem respondendo ao comando do seu cérebro Hugo teria se levantado nesse instante.

— Alice — saiu em um apelo engasgado, mas ela o encarou de pé e com firmeza.

— Minha mãe não sabe que eu sei. — entende-se o alerta — Mas eu tomei emprestado o resultado de exame que ela escondia como se fosse uma preciosidade, ela desconfiava ser irmã por parte de pai da Ceccil e não é. Eu levei o resultado para o Du e ele me explicou do que se tratava.

Agora a sua sobrinha o fitava penalizada. Hugo podia imaginar que fosse grave, mas nem sequer fração de tudo que veio saber em pouco menos de meia hora.

— Eu vi fotos, Guito. Com a permissão da Ceccil, li uma carta. Tudo indica, ou melhor. É desejo nosso que seja o Dave, mas se minha mãe não foi, nem mesmo considerada, filha. — ela fecha os olhos apertando-os — Tem chance de você ou do tio Rafe, ser irmão torto da Ceccil. É isso. E a Marcele tem o mesmo par de olhos acinzentados. — ela acrescenta e de repente meio que sorri — Se bem que da minha Isa também, e nem é biológica. Mas é de um azul pouco mais escuro. Já o da Marcele é igual demais!

— Eu? Irmão torto da Ceccil? — ela solta um arfar de risada com a ironia.

— E eu? Filha do meu avô?

— Isso é impossível, Alice!

— Não é não, Guito. — ela nega movendo a cabeça com veemência — É cruel. Insano. De uma sacanagem sem tamanho. Mas impossível, não. — mostra as palmas das mãos viradas para cima com emoção refletida no olhar sério de esmeralda — Eu segurei a Marcele no momento seguinte em que ela veio ao mundo. Roxo azulado parecia um ratinho de tão pequena. Dois quilos e trezentos gramas.

Hugo a fita sem acreditar e ela arqueia as sobrancelhas com um meio sorriso. Alguns anos antes ela também não acreditaria que sua vida iria mudar tanto em tão pouco tempo.

— Parece mentira, mas não é. E quatro dias antes eu assisti o nascimento da minha Isa. Quando a Ceccil entrou em trabalho de parto, eu já sabia o que fazer. — ela pressente que o tio não acredita nela e solta o ar devagar estreitando os olhos, ainda havia muito da sua personalidade marcante em seus traços nesses momentos.

— Eu tenho dedicado boa parte do meu tempo em trabalhos

voluntários de forma anônima. Com visitas a idosos, adolescentes e famílias que vivem abaixo da linha da pobreza, eu descobri um mundo onde meu sofrimento pode ser comparado a nada, perto do que eles sofrem e sofreram. Duas pessoas em especial, dona Rosinha com seus oitenta mais alguns tantos anos, ficou muito gripada e provavelmente teria morrido sozinha em sua casinha minúscula a oito quilômetros de distância da casa mais próxima se não a tivesse descoberto e a socorrido a tempo, e Palmira. Que acabou realmente virando estatística. Com treze anos, veio fugida de outro estado, violentada pelo padrasto e grávida dele, ela tentou se matar no lago da Quinta e eu a socorri, a irmã do Bruno a acolheu e ela me fez prometer ficar com seu bebê se ela morresse. Ela morreu três dias atrás chamando por mim, implorou a Néia que ela me encontrasse e a Néia não sabia como me achar, porque eles me conhecem como Lia. Então a Néia prometeu pra Palmira que ficaria com a menina, se eu não pudesse cumprir com a minha promessa.

Alicia flagra Hugo olhando para o seu pescoço e automaticamente leva a mão a cobrir com raiva.

— Pare. Por favor, Guito. Eu não contei para que sentisse pena de mim, ok?

Hugo junta suas mãos sobre o colo estalando as juntas e assente.

— Ok. Por que está me contando, então? — inegável que ela tinha sua total atenção e algo mais. Ela também tinha o seu respeito.

— Te contei por causa das fotos. E, também por outros motivos que só eu sei e morreria comigo... Ainda pode acontecer se tentarem me afastar do Du, ou se ele desistir de mim. A Ceccil e eu nos tornamos amigas, mais que amigas nos últimos meses. Esse desgraçado do Alberto fez das nossas vidas um inferno! Ele usou meu segredo para manipular a mim e a Ceccil.

— Disse que ele morreu? — que fosse de verdade, ou estaria morto, pensou em ameaça velada e viu a sobrinha desmanchar no sofá encolhendo-se a balançar o corpo abraçando a si mesma.

— Morreu. Ontem. Dentro do jipe que eu ganhei da Ceccil, com um tiro no meio da testa enquanto... *“Agora não, agora nããão!”* — todo seu já fragilizado controle se esvai ao reviver a cena, mas a aproximação do tio é contida com movimento abrupto para longe, seus braços esticados à frente do corpo para evitar que a tocasse — Não me toca! — esbraveja com lágrimas a rolar — Eu vou contar, só preciso... Não me toque Guito, por favor.

Hugo senta no mesmo sofá mais distante de Alicia, aguarda cauteloso a imaginar o quanto deve estar sendo difícil para ela toda essa merda de situação.

— Eu virei o jogo algumas semanas atrás e descobri coisas que a Ceccil me escondia, ele foi o responsável pelo parto prematuro da Marcele, queria que ela perdesse a menina e a forçou a tomar um remédio que é usado para acelerar o parto de éguas, tinha planos de engravidá-la dele e se conseguisse Guito, ele ia matar a Ceccil. E eu, no meio disso tudo. A culpa é minha. — afirma em lágrimas — E sua. Do Rafe. Do Clark. Se não tivéssemos invadido seu mundo, ela ainda seria a mesma Ceccil de antes. Eu coloquei câmeras e escutas, apertei a Ceccil até que me contasse tudo. Por fim já não eram mais só as minhas fotos, ele também se favoreceu da saída dela da fazenda quando morreram os seus sogros. Fotos, gravações, armações! Cada vez ficando pior, comprometendo-nos mais. Eu tinha que fazer alguma coisa quando entendi o que ele queria fazer com ela! E eu fiz. Eu enganei e entorpecí a Ceccil, arrastei o corpo dela para um canto escuro da sacada e me fantasiei como ela vestindo suas roupas. O imbecil estava tão bêbado quando entrou no quarto que nem notou a diferença. Ele jogou-me na cama de bruços e me perguntou se eu ainda queria morrer, que ia me dar um

motivo para viver mais um tempo, entre outras coisas. Anteontem. Usei com ele das mesmas armas que ele usou contra mim. Fotos, filmagens, imagens dele violentando uma menor... — ela morde o lábio e solta um suspiro — Eu só não contava que ia ter que agir tão rápido.

— Deus, Alice! — exclama Hugo quase sem voz.

— Ele também tinha câmeras. Entendeu o que eu havia armado quando viu as imagens no dia seguinte, mas eu já tinha conseguido tirar a Ceccil e a Marcele da fazenda antes que o dia amanhecesse, precisei usar a Marcele para convencer a Ceccil em ir com Du e continuei por todo o dia de ontem fantasiada como ela escondendo a sua ausência, como eu estava supostamente envolvida no casamento da minha mãe, ninguém deu pela minha falta, eu segui os mesmos horários que ela, tocando também no piano que mandei levar pra sacada. Por volta das oito da noite de ontem ele invadiu o quarto e eu o enfrentei. Eu disse que ia denunciá-lo para as autoridades e seu plano havia caído por terra, que não havia mais nada que ele pudesse fazer, além de prender Ceccil por mais seis meses na fazenda. Ele me esbofeteou e agarrou meu pescoço me sufocando, eu acho que desmaiei, porque daí em diante eu só tenho algumas visões. Lembro-me dele ter saído comigo no meu jipe, mas não sei como fez pra me tirar da casa, ele me colocou no banco de trás, não me lembro de muita coisa, estava escuro, estávamos na estrada e ele rasgava a minha roupa. Eu acho que era ele, porque podia estar delirando, não. Não era o Clark, era ele sim. As imagens se confundiam na minha cabeça, eu estava com muito medo. Vi seu rosto furioso quando apertava meu pescoço com as duas mãos me sufocando e se enfiava entre minhas pernas e acho que a vi, eu vi o batom vermelho no rosto claro, o olhar de gato, ela havia subido por trás de mim, o bracelete de diamantes cintilou no pulso coberto de negro quando apontou a arma na testa dele e atirou. Eu apaguei. Acordei com Bruno segurando minha mão, os

flashes me cegavam. Eram os policiais tirando fotos. O corpo dele foi tirado de cima de mim e eu estava ensopada com o sangue dele. O Bruno me cobriu e me levou de colo para o carro dele quando os policiais me liberaram. Eu só pensava em Ceccil, tinha que ligar para o Du. O Bruno passou um rádio para o tio Dri. Lá eles acham que sou mesmo sobrinha do Rodrigo e que a Valery é esposa dele. Eu fui levada para a casa dele e só quando cheguei lá que fiquei sabendo da multidão de gente que me procurava. Quando minha mãe chegou com Fintter eu já havia tomado banho, mas ela viu o estado da roupa que estava no chão do banheiro e com o susto desmaiou, o que no estado dela não é bom. Daí eles vieram com a ideia de adiar o casamento e eu fingi uma crise histérica, agredi verbalmente o Fintter. Acusei-o de estar me usando para fugir da responsabilidade dele com Joe e mais o bebê a caminho, chamei-o de covarde, magoei minha mãe a fazendo acreditar que tinha vergonha dela, mas eu não tive muito tempo pra pensar. A Ceccil já estaria de volta com o Du, e precisava sair logo dali. Meu jipe estava preso para a perícia e convenci o tio Dri a me emprestar a Land, não deixei que tivessem tempo pra pensar. Eu fui para a fazenda com o Bruno, assim todos pensam. O Bruno foi sozinho para avisar a Néia e deixar com ela as chaves, eu usei o carro dele e fui para o haras, liguei para o Eduardo, combinamos o horário e um dos empregados da família dele falou o que havia acontecido comigo, mas eu o tranquilizei e informei a mudança no plano. Encontramo-nos no meio do caminho por volta da três da manhã de hoje. Néia mais Bruno e os quatro filhos dela passaram para o carro do Eduardo e a Ceccil que estava com ele para o meu. Bruno e Néia são irmãos, os pais deles são do Nordeste e já estão muito velhos, pagamos as passagens deles em gratidão a toda dedicação que tiveram comigo e com o Du todo esse tempo e Ceccile amanheceu em casa com a minha... Com a nossa filha.

Alicia fita um ponto qualquer entre a mesa e a parede à sua

frente.

— Os advogados apareceram lá hoje mais cedo. Eu deixei que eles vissem a Ceccil e logo os espantei do quarto sem deixar que a atormentassem com mais perguntas. Uma advogada foi indicada para substituir o Alberto e eu não sei se consegui eliminar todas as provas. Ainda há chance de o Alberto ter escondido cópias... Estou esgotada, Guito.

Esgotada, seriamente machucada, e estupidamente determinada em defender Ceccile.

— Alice. Esse, advogado, foi mesmo deixado pela esposa?

— Casamento de fachada com uma prostituta. Ele não ficou com ela nem uma semana depois que garantiu ser o eleito a ficar na mansão e mais perto do seu objetivo. Enxertar a Ceccil com um filho seu e conseguinte, tomar posse de todos os bens dela.

Alicia fita o tio de lado, novamente com a expressão de mágoa.

— Se eu tivesse certeza de que acabei com todas as provas. Nem você e mais ninguém saberia de tudo que aconteceu. Ninguém mais sequer fala com ela sem que eu permita. Ela confia em mim, e eu não vou deixar que ninguém mais a machuque.

— Alice. É impressão minha ou você me colocou no posto de vilão?

— Vilão não. Mas nocivo, sim.

Incapaz de ficar tão próxima, Alicia se levanta e segue para a janela, abraçada a si mesma ela fita as estrelas e a curvatura escura do horizonte montanhoso.

— Eu trouxe uma mecha do cabelo dela para o exame de DNA. Se você for mesmo filho de quem acredita ser, vai dar negativo. Aí

será depois examinar o meu e o seu e acabar logo com tudo isso. Ela precisa de ‘paz’ para seguir com sua vida e eu também, Guito. Mais uma coisa. Faça um favor a si mesmo e volte o quanto antes para a sua esposa, que da Ceccil cuido eu.

— Alice, tem coisas que você não sabe.

— Não, Guito. — ela o interrompe encarando-o — Tem coisas, que você não sabe! Ou parece fazer questão de não ver porque te convém! A Valery omitiu de você que a sua gravidez não é saudável. Deixou você acreditar que o tal Charles era amante dela quando o cara não passa de um primo distante!

Hugo deixa cair o queixo.

— Como? O que está dizendo, Alice?

Alicia cruza os braços sobre o peito.

— É isso mesmo que você ouviu! Eu não ia com a cara dela e não tenho porque defender alguém que sabe muito bem se defender sozinha, mas francamente Guito. Pra mim você não merece ficar com nenhuma das duas!

— Alice...

Ambos olham na direção da voz ao fundo da sala e se deparam com Eduardo.

— Ela confiou em mim. — ele lamenta.

Alicia abaixa a cabeça culpada.

— Desculpa Du. Mas e se ela perder a criança?

Eduardo e Hugo se cumprimentam com o olhar e Eduardo segue na direção de Alicia a abraçá-la, em seguida passa uma mecha do seu cabelo solta para trás da sua orelha em um gesto de carinho.

— Eu estive com a senhora Valery Sanders em Nova Iorque. E ela me seguiu de volta sem que eu soubesse.

— Como?

Alicia assustada o encara e ele volta a deslizar o dedo em seu rosto.

— “Queria te falar hoje de manhã, mas não tivemos oportunidade e não era algo que eu poderia falar pelo telefone. Sem estar perto de você para ver sua reação.” — justifica em português e se volta para Hugo.

— Eu deixei a Marcele aos cuidados dela em Nova Iorque e voltei com a Ceccil. Hospedamos em um chalé na Santa Fé para Ceccil descansar um pouco da viagem e logo depois que a Alice me ligou, o mordomo dela me chamou no chalé onde ela havia se hospedado. A sua esposa havia nos seguido, estava acamada e não conseguia disfarçar as dores que estava sentindo pelo esforço da viagem, era sua intenção me pedir que a levasse para a casa do doutor Torres e eu concordei, mas seu estado agravou e ela foi levada para uma clínica antes que eu voltasse do aeroporto.

— Aeroporto?

— O Du levou Bruno e sua família no aeroporto. — explica Alicia.

— Levei. — concorda Eduardo fitando Alicia com preocupação — “Eu não contei nem para Ceccil, Alice. Não no estado lastimável que ela voltou sem a filha nos braços, você viu.”

— Por que levaram a menina para tão longe? — intervém Hugo — Por que para Valery?

— Ceccile decidiu assim. Temia pela vida da filha e deixá-la com

a senhora Sanders foi escolha dela. — responde Eduardo para Hugo e preocupado volta olhar para Alicia — *“Eu deixei um número de contato para que ela me ligasse caso precisasse e, presa em uma cama de hospital, ela não teve alternativa senão confiar em mim. Seus empregados e as crianças estão hospedados na casa da minha madrinha.”* — ele solta um suspiro audível e leva a mão aos olhos — Ela não quer vê-lo, quer o divórcio.

Hugo se levanta e Alicia mostra a palma.

— Espera Guito. Não vai fazer nada sem pensar!

— Esse é um assunto deles, Alice. — intervém Eduardo e ela se afasta a encará-lo.

— Não estou te conhecendo, Du. O que há? Sabe por que ela está fazendo isso! Guito! Du!

Eduardo abaixa a cabeça — Alice, ela me convenceu. Tem os motivos dela.

— Claro que tem! — exalta Alicia — Ela está fazendo isso pela Ceccil! Deus! — olha para o tio sem trava na língua — O que te passaram na bunda quando nasceu, mel? Só pode!

O momento não era para rir, mas Eduardo acaba rindo de leve e contém-se quando depara com o olhar de Hugo, limpa a garganta tornando a ficar sério.

— Ela não quer vê-lo. A petição está no meu carro, é só assinar.



Capítulo 32



— Acalmem-se vocês dois. — pede Hugo tentando raciocinar, mas a avalanche de informações a que foi submetido era séria demais para deixar-se levar por um julgamento falho, ainda assim, temia internamente que não fosse conseguir raciocinar com clareza sobre tudo nem tão cedo — Onde está Valery?

— Eu sinto muito, senhor Hugo. Pessoalmente eu também desejo que não assinie nada e, bem, eu vi o quanto ela pode ser persuasiva, mas dei minha palavra a ela de que não contaria onde está e, mesmo que contasse. Ou por ventura o senhor me seguisse e acabasse descobrindo por si mesmo. — Eduardo arqueia de leve as sobrancelhas — Temo que não vá conseguir falar com ela, ainda assim.

Hugo já estava no portão quando Alicia o alcançou e parou na sua frente. — Para onde vai, Guito? O que pretende?

Hugo acaricia o rosto da sobrinha, ela analisa sua expressão pálida com preocupação e ele puxa do bolso um cartão lhe entregando.

— Eu vou estar nesse hotel, desculpe Alice. Mas pelo que vi aqui, você tem em quem se apoiar e é mais forte que eu. — afirma com humildade — Eu preciso de um tempo para pensar em tudo que me contou.

— Você fica. — ela impõe encarando-o com veemência — Um

suicida reconhece o outro, ok?

Alicia convence Eduardo em levar Hugo na clínica, mas como previsto, Hugo não consegue vê-la e a situação já estranha fica ainda pior quando é Rodrigo quem chega, e ele tem permissão para entrar na ala onde Valery está internada.

As duas montanhas contratadas para estar no corredor abrem passagem para o doutor que olha uma única vez na direção de Hugo a pedir desculpas, mas o doutor estava mais preocupado com o estado real de Valery do que com o que quer tenha acontecido para que ele tenha sido proibido de vê-la e seguiu pelo corredor sem olhar para trás.

Haviam chegado mais pessoas na sala de espera da clínica dedicada a casos onde o dinheiro fala mais que alto. Estavam ali Eduardo e seus pais, junto a Alicia a um canto quando entraram John com sua Ana, e Fintter com Giulia e a pequena Johana.

Alicia havia ligado para John ao imaginar que Hugo iria precisar do apoio do amigo e também para a mãe, avisando do estado de Valery quando soube por Eduardo, que desconfiava que ela pudesse estar em estado pior do que ela queria admitir.

Alguns minutos pareceram uma eternidade, mas Hugo conseguiu burlar a atenção dos seguranças e entrou no quarto onde Valery estava acamada. Rodrigo se afasta depois da troca de olhar com ela e sai pela tangente dispensando os armários enquanto Hugo senta na cama com o documento no colo.

— O que significa isso, Valery? — ele pergunta em comedido tom de voz.

— Não está óbvio? — ela devolve com uma pergunta.

— Eu não vou assinar.

— Você que sabe. — ela vira o rosto para outro lado evitando o escrutínio do olhar do marido — Desde o início eu disse que não seria empecilho pra você e Ceccile ficarem juntos. Não dificulte ainda mais as coisas.

— Não vou facilitar Valery. Não vou assinar merda alguma. Você não está preparada para se dedicar assumir essa herança e tenho um compromisso com você, não só por você. Também pelo Steven.

Isso tinha que acabar, Valery precisava por um ponto final em tudo que vinha acontecendo, se quisesse ter uma chance real de segurar a gravidez.

E odiava vestir o papel de vítima, por mais que estivesse doendo.

— Eu não tenho herança, você tem. E eu estipulei uma boa pensão com o divórcio que sei que você não vai me negar. Então, Guito, por favor. Deixe-me descansar. Sei que tanto você quanto eu não iremos nos perdoar se eu perder essa criança.

Hugo se levanta e Valery nega olhar na sua direção temendo que seus olhos a traíam em sua decisão.

— Posso supor que Charles seja um substituto mais à altura? — ele provoca — Você ama o Charles, Valery? É ele que quer ao seu lado, é isso? Olhe pra mim. Olhe em meus olhos e me diga.

— Não tanto quanto amei o Dave. Ou como você ama a Ceccil. Mas eu o amo, sim.

— Então por que você não consegue dizer isso olhando pra mim?

— Merda, Guito! Sim, eu o amo. Estou apaixonada, está bem?!?
— seus olhos marejam, mas Hugo não lhe dá trégua.

— Diga o nome do homem que você ama. — ele insiste.

Valery grita com toda a força de seus pulmões, não queria ter que chegar a esse ponto, mas está ferida, intimamente machucada. Baseia-se nas palavras cruéis que Hugo havia lançado em seu rosto na última vez em que estiveram juntos lançando-as de volta e com isso Hugo se afasta. Rodrigo toma forma dentro do quarto como se nunca tivesse realmente saído e se aproxima da cama, Valery, não mede palavras.

— Assina essa merda de contrato e me deixe em paz, Guito! Eu não quero sua pena, não quero sua presença, não preciso de você, e não tenho mais que manter a pose, está bem? Eu posso ter quantos amantes desejar, fazer da minha vida o que eu quiser, meus pais estão mortos!

Valery não esperava de forma alguma que Hugo tomasse a atitude que tomou. Ele seguiu em direção a ela praticamente empurrando Rodrigo para o lado e a beijou. Colou seus lábios aos dela, sua língua pediu passagem e o corpo traidor insinuou-se arqueando em sua direção. Deus! Ela o queria! Queria mais do que a própria vida, mas não era nem de perto o mesmo sentimento que a aquecia quando tinha Dave em sua vida.

Ter essa consciência lhe deu forças para lutar, ela trancou os dentes em sua língua e o empurrou, bateu em seu rosto deixando a marca dos dedos estaladas na face dele e o encarou com olhos rasos e determinação velada.

— Assina essa merda, e me deixa em paz, Guito. Tesão eu posso sentir por qualquer um.

Hugo sente a face arder, mas tem a resposta que queria quando assente calado. Em cima da mesa ele escreve ao pé do contrato, olha mais uma vez na direção de Valery e calado sai do quarto.



Capítulo 33



“Não deste jeito, nem desta forma. Eu sinto muito, Valery. Mas você terá que se esforçar mais para se ver livre de mim em sua vida.”

Era o que estava escrito no lugar onde devia estar a assinatura de Hugo na petição. Valery somente leu doze horas depois, devido ao calmante administrado por Rodrigo para que conseguisse se acalmar após a saída do marido do quarto. Ele a havia fitado uma última vez pelo canto dos olhos e a imagem deveria tê-la alertado da determinação dele em não facilitar as coisas.

Dois dias haviam se passado e Valery deveria ter voltado para casa, mas além da fragilizada gravidez que pedia por repouso e tranquilidade, ela tinha outro fator que a prendia no estado do Rio de Janeiro, na imagem de uma menina de cinco anos de nome Amelie, que amedrontada com a ideia de conhecer a mãe de verdade, havia em prantos se agarrado nela implorando que não a entregasse.

Giulia ainda não sabia, Eduardo havia cumprido com a sua palavra, mas esse era um assunto que não poderia ser protelado por mais tempo, Valery não queria que ele viesse a ter problemas com Alicia quando ela descobrisse. Soube ainda na clínica que a Giulia tinha lhe visitado enquanto estava sedada. Giulia havia adiado a viagem de lua de mel para estar ao seu lado.

Valery aceitou o convite de Rodrigo e volta a hospedar-se na

casa dele. A atenção e carinho dele com ela era tocante e ela realmente pensou que tudo seria bem mais fácil se eles se entrosassem como casal. Talvez ele tenha criado alguma expectativa e estava a espera que as coisas se normalizassem para ela. Seu zelo e os olhares furtivos e sorrisos a deixavam em dúvida sobre o que se passava na cabeça dele com relação a ela e sentiu-se mal por antecedência. Ele era um bom partido e muito bonito também, mas não despertava nela uma única fagulha de sentimento além de carinho e amizade sincera que crescia a cada dia e teve tato em deixar isso claro. O sorriso aberto foi tranquilizador, o comentário dele em contrapartida, não.

— Já não sou tão jovem ou tenho qualquer expectativa, Valery. Acho que esse tipo de tempo já se foi para mim, fique tranquila.

Não era possível que um homem como ele tivesse deixado de desejar encontrar um par, assim como não era possível que ele não reparasse nos olhares da enfermeira que havia sido indicada para assisti-la em sua estadia na casa dele. Sofia tinha belos traços e corava graciosamente por qualquer motivo, principalmente quando o doutor sorria, ela lembrava bastante Ceccile com a sua pele clara e os cabelos escuros, sendo somente um pouco mais baixa, e os olhos eram negros em vez de azuis. E como Valery tinha pressa em deixar clara a situação de Amelie, pediu a Giulia que a visitasse antes de seguirem viagem. Estava no quarto com as crianças quando levantou a cabeça achando ser a sua amiga a bater na porta e para sua surpresa deixou cair o queixo.

Ceccile estava na porta e ao seu lado estava uma mulher que Valery não conhecia, mas seu instinto lhe dizia ser um dos advogados. Seu olhar correu de uma a outra e Ceccile sorriu e meneou a cabeça.

— Não faz diferença. — ela diz para Valery. — Quando soube que estava aqui, não podia deixar de vir.

— Como? Por que veio?

Valery pergunta ao mesmo tempo em que levanta da cama, mas Ceccile a interrompe caminhando em sua direção e senta ao seu lado tendo Marcelle entre ambas.

A acompanhante limpa a garganta e anuncia que vai esperar do lado de fora em português e Ceccile agradece voltando a atenção para sua filha, leva a mão ao seio que pinica vertendo leite e sorri para Valery. Um sorriso sereno e tímido em seu rosto se abre mais ao fixar as duas crianças no tapete brincando de casinha. Valery ainda não acredita que Ceccile está ali e meneia a cabeça em negação engolindo em seco.

— Eu soube que não estava bem de saúde... Posso? — ela aponta a filha que abre os olhos procurando-a e mexe as mãozinhas.

— Claro! — assente Valery sorrindo solidária.

Ceccile pega a filha em seus braços e esfrega o nariz em seu rostinho miúdo. Amelie olha para Ceccile emburrada e volta a dar atenção para Marie, Valery a fita entristecida pressentindo o trabalho que terá para convencer a menina de que a mãe não é o monstro que Clark a fez acreditar que era.

— Eu não tinha escolha.

Valery lembra-se de fechar a boca, depois sorri fascinada vendo Ceccile despir um seio para oferecer a filha.

— Seu inglês está diferente...

Mas não era só o inglês que estava diferente, menos formal, era na postura de Ceccile e em seu olhar também. Ainda tinha o ar doce e a classe que muitas mulheres de posse e renome matariam para possuir e dela parecia fluir com naturalidade. Enorme

sensação de nostalgia a preencheu assistindo Ceccile com sua filha queria ter podido amamentar Marie e da criança em seu ventre, ela desejava profundamente ter saúde emocional para poder sentir essa conexão tão única entre mães e filhos que lhe foi tirada no nascimento da filha.

— Eu sei. — concorda Valery baixinho — Mas eu ia levar Marcele pra você. Só não sabia como.

Valery já sabia que Ceccile tinha outra bebezinha fazendo lugar da sua filha dentro da mansão, mas Ceccile meneia a cabeça encarando-a.

— Eu sei. Mas e depois? Você partiria? Mandaria alguém me entregar a minha filha e ia embora? Eu não podia arriscar que você se fosse assim.

— Mas Ceccil... Sim, eu ia pedir Alicia ou Rodrigo que levasse sua filha pra você, agora que não corre mais perigo.

— Eu não posso deixar você ir embora assim, Valery. Se ainda assim, você decidir ir, eu vou com você.

O tom de voz de Ceccile ainda era o mesmo, mas por baixo da serenidade havia uma determinação que deixou Valery em alerta.

— Quem é aquela mulher que chegou com você? — ela desconversa.

— É a doutora Regina, ela faz parte da equipe que está gerenciando o espólio da senhora Nill e ficou no lugar do advogado anterior. Ela, não vai delatar minha saída da fazenda, se eu voltar, ela é solidária com a minha vontade de ver você pessoalmente.

Ceccile vira o rosto na direção de Valery e sustenta seu olhar.

— Eu não irei voltar, se você não for comigo.

Valery sorri estupefata e cruza as sobancelhas.

— Por que isso, Ceccil? Não tem lógica isso.

— Não vou te deixar sozinha, Valery. — ela responde simplesmente — Você acolheu a minha filha sem piscar quando te pedi que cuidasse dela.

— Eu não vou! Eu não vou com você, ouviu! Não vou! Valery é minha mamãe agora!

Amelie irrompe a chorar e corre para a porta do quarto, mas é contida e suspensa no ar por Rodrigo a abraçá-la e ela esconde a cabeça em seu pescoço a chorar.

— Ei, mocinha. Porque que está chorando desse jeito? Não chore assim que vai deixar o tio triste também. Vamos a cozinha ver o que a tia Rita fez para o lanche? — ele estende a mão para Marie que caminha em seu andar vacilante a pegar no dedo dele e seu olhar cruza com o de Valery, ela lhe agradece. Mas quando ele vira as costas a sair ela salta da cama a correr na sua direção e o caos havia se instalado.

Amelie havia ficado roxa em sua crise histórica no colo de Rodrigo, engolido fôlego como costumavam dizer na região. Alguns minutos depois, estando recuperada e mais calma a menina, Valery já chegava a acreditar que precisava de mais tempo com ela. Contar para Giulia agora era um dilema que certamente acabaria com a sua lua de mel, mas se não contasse, Giulia poderia jamais a perdoar.

O destino resolveu esse dilema com a chegada de Alicia acompanhada de Eduardo. Alicia havia visto a menina e congelou no lugar. A compreensão foi tão absolutamente súbita que ela

piscou e engoliu em seco. Amelie estava sentada na cadeira suspensa em frente ao balcão central da cozinha remexendo algo em seu prato com pouco caso e Marie sentada em cima do balcão sob a supervisão de Rita e da babá. Alicia olhou para Rodrigo e de volta para as meninas, se aproximou e reconheceu que Amelie estava a separar as raspas de coco de cima da torta para o lado.

— Oi. — ela disse parando em frente do outro lado do balcão.

— Oi. — respondeu Amelie de má vontade sem tirar o olhar do prato.

Alicia cruzou as sobrancelhas e de propósito pegou parte das lascas de coco com as pontas dos dedos e levou na boca. Parou a meio caminho quando viu seu reflexo mais jovem a fitando de volta com raiva.

— Puta merda!

Amelie moveu os ombros encarando-a em desafio ainda de bico.

— Está me devendo um dólar! — disse por fim, a pequena Amelie.



Valery ainda persistia em não ir para a fazenda Bougarville, mas acabou cedendo mediante a determinação de Ceccile em não voltar sem ela, e agora também de Alicia, que havia reconhecido nos traços fisionômicos e personalidade da pequena Amelie uma cópia de si mesma. Elas eram irmãs e Alicia estava dividida entre a felicidade de saber que tinha uma cópia sua no mundo e a perplexidade de nunca ter tomado conhecimento da sua existência.

Alicia havia ido visitar Valery em nome da mãe acompanhada

de Eduardo, e somente quando chegou, soube que Ceccile também estava no sítio do Rodrigo, acompanhada da advogada que havia ficado no lugar do Alberto.

Giulia havia sido convencida pela filha em seguir viagem com Fintter e Johana, mas antes a havia feito prometer que iria se entender com Valery e lhe daria uma chance, sabendo que a filha não nutria dos melhores sentimentos pela cunhada. Sem preâmbulos Alicia havia abordado Valery, quando a encontrou na sala e apontou em direção à cozinha.

— É minha irmã, não é?

Valery assentiu e Alicia deixou-se cair na cadeira, olhou para ela e para Ceccile, ainda perplexa;

— Como a encontrou? Com quem ela estava todo esse tempo?

— Clark deixou que Rosa ficasse com a menina e ele as mantinha em um apartamento no subúrbio. — fora a resposta de Valery, e ela estava determinada em poupar Alicia dos pormenores nas negociações que foram feitas para ficar com a menina.

— E quem é essa Rosa? Outra amante dele, provavelmente.

— Outra vítima. — corrige Valery com serenidade — E temos um problema, Alicia.

— Alice. Pode me chamar de Alice.

Valery presente a abertura, ciente de que somente os mais íntimos chamavam Alicia pelo apelido, sente aquecer-se por dentro.

— Pode me chamar do que quiser. — ela diz emburrada logo em seguida — Alice, Alicia, Terrível, etc... — faz uma careta que lembra muito Amelie e olha para Ceccile, que desde que havia

chegado não se desgrudava de Marcelle — Ele também não é seu irmão, nem meu. O resultado saiu essa manhã.

Silêncio se instala na sala, tanto Valery quanto Ceccile podiam bem estar com pontos de interrogação estampados em suas testas; analisou Alicia.

— Acham que eu não sabia? — olha para Valery e meneia a cabeça — Talvez você não saiba. Aff — bufa — Não faz diferença que saiba. — já havia começado agora ela ia até o fim — A minha mãe achava que pudesse ser irmã da Ceccil, se fosse também filha do major com minha avó, ia dar um jeito de tirar a Ceccil dessa droga de situação com esse testamento absurdo, mas ela não é. E meu digníssimo avô, que o inferno o tenha em péssimo lugar, fez o Clark acreditar que eu não fosse filha dele, o que fez da minha vida e da minha mãe um inferno desde que se casaram, já que pelo visto eu nasci mesmo prematura — aponta novamente na direção da cozinha — A menina é minha foto em carne e osso!

— Amelie. — diz Valery — É o nome da sua irmã.

— Você disse que tinha um problema. — Alicia a lembra na esperança da história de irmão ser deixada de lado.

— Seu pai...

— Clark. — interrompe Alicia com olhar inflamado — Por favor, não dá esse título pra esse monstro, ok?

Valery concorda e olha na direção da cozinha por prevenção.

— Clark fez Amelie acreditar que Giulia não a quis por ter nascido menina.

— Bem a cara dele. — devolve Alicia e solta um suspiro reflexivo — Que bom que eu vim no lugar da minha mãe te ver.

Ceccile olhava para uma e para outra e sentia que o sangue havia deixado seu rosto, mas logo se recompõe concentrando-se nas feições da filha, que agora dormia saciada e serena em seus braços segurando seu dedo mínimo. Era um bebê saudável apesar de ter nascido antes do tempo, estava ganhando peso a cada dia e mamava com voracidade. Mas estava dividida entre a esperança de que nenhum dos Sanders fossem seu irmão, e o medo de que fosse Rafael. Automaticamente lembra-se das feições de Marie e do seu motivo pessoal de estar ali, seu olhar segue em direção a advogada que havia concordado em levá-la e omitir sua saída da herdade no caso de ela voltar.

Regina assente em comunicação muda com olhar firme e ao mesmo tempo solidária em resposta. Se Rafael fosse filho biológico do Major, ele ser seu meio irmão e pai da sua filha era o menor dos problemas que sentia ainda estar por vir. Mas não se sentia preparada para ir ao encontro dele, mesmo sabendo que ele estava por perto escondido em algum lugar na região.

As imagens da noite que havia passado sob o jugo dele ainda a assombravam terrivelmente, mas denunciá-lo era algo que definitivamente não faria. Algo em seu íntimo lhe dizia que Rafael não teria feito o que fez se não tivesse tão transtornado. Que ela só estava no lugar e hora errado.

Desejava que alguma justiça fosse feita, sim. Mas acreditava em um poder Maior e invisível, que acima de todas as provas não a havia deixado desamparada. Nem lhe faltado com a luz e serenidade a cada dia da sua vida, por maior que fosse seu tormento. Cabia ao Criador julgar e guiar os passos de cada um dos seus filhos.



Hugo havia passado as últimas oito horas trancado no apartamento do hotel onde se hospedou a refletir sobre o turbilhão de acontecimentos na sua vida ao longo de todos os meses desde que havia visto Ceccile naquela fatídica sacada pela primeira vez. Seu olhar azulado e arregalado quando entendeu que ele não era o homem que ela esperava encontrar, é uma imagem vívida tatuada em brasa na sua mente. Cada traço expressivo dela, aliás.

Cada movimento, o som doce da sua voz, o aroma delicado que havia deixado em polvorosa os seus sentidos mais primitivos. A textura macia do vestido que se teimava em mandar lavar ainda parecia estar impresso na ponta dos seus dedos, mesmo após tantos meses.

Estava plenamente ciente de que teria essas lembranças mesmo que não houvessem tirado várias fotos deles dois naquela noite. Fotos que lhe foram devolvidas por Steven na última reunião que havia tido com o velho após a morte de Catarina. Fotos que haviam sido compradas pela família Connie para abafar um possível futuro escândalo, pois já davam como certo que ele não negaria em casar-se com Valery quando soubesse a verdade.

Fotos tais, em que parecia que ameaçava jogar Ceccile pela sacada, comprometedoras e bem distantes da verdade, como as que Alberto havia tirado de Alicia. E igualmente usadas como armas de persuasão, pensou com desgosto.

Ele não conseguiu desfazer-se das fotos, olhava-as espalhadas em cima da mesa de centro com aspecto taciturno, e há muito tendo dispensado o copo, tomava direto do gargalo o uísque que muito pouco servia para amortecer seus pensamentos.

Quem quer dissesse que conseguia esquecer algo com bebida ou com qualquer outro entorpecente merecia alguma espécie de condecoração da sua parte, ou no mínimo uma gargalhada sua de

genuína descrença. A sua memória estava intacta e o máximo que conseguiria na manhã seguinte, seria uma puta dor de cabeça ou coma alcóolico como resultado da sua atual companheira de quarto.

Não era uma opção muito digna da sua parte e ainda que concordasse com Alicia sobre ele ser nocivo, não estava disposto a abdicar dos compromissos que havia assumido consigo mesmo como homem, como indivíduo.

Só estava permitindo-se vivenciar algumas horas com piedade de si mesmo, mas não era um merda que fugisse às responsabilidades que assumia. Não era como seu irmão.

Pensar em Rafael trazia um gosto amargo à sua boca e ele acabou com o que restava da garrafa em algumas goladas lançando-a contra a parede na sua frente. Riu de si mesmo com desgosto. Enfim, após a quarta ou quinta garrafa havia conseguido ficar entorpecido o bastante para ver materializar o ‘Diabo’ do irmão na sua frente, e óbvio que não estava sozinho. Tinha uma mulher, bem no estilo de mulher com ares de puta que ele gostava ao seu lado.

— Eu devia denunciar você seu babaca! Devia fazer um favor ao mundo e matar você!

Já que estava ali, porque não extravasar a sua raiva?

— Se é desse tipo de mulher que você gosta, por que se envolver e acabar com a vida de duas mulheres como a Ceccil e a Valery? Você matou nosso irmão, maldito! — acusa com asco — O que me impede de matar você?

Óbvio que a materialização não tinha resposta para isso, sendo o subproduto efeito da bebida que havia ingerido até então, mas não gostou do olhar que lhe lançava de volta. Do olhar que já havia

visto tantas vezes do seu irmão o encarando de volta. Como se ele é quem fosse digno de pena!

Hugo tentou se levantar. Ótimo! Suas pernas não respondiam ao comando do cérebro e despencou para frente em direção ao alvo da sua ira na tentativa de desferir um golpe no rosto tão semelhante ao seu. Em vez disso, viu a mesa de centro aproximando do seu rosto e ouviu o som oco que o fez piscar. As imagens nas fotos bem perto do seu rosto começaram a tingir de vermelho. Foi a última coisa que viu antes das luzes apagarem.



Capítulo 34



“Há momentos em que decidimos por nós mesmos a parar e refletir. E há momentos em que a vida por si se encarrega de que esse período de reflexão aconteça.”

Ele não se mexeu quando voltou a si. Abriu os olhos por um breve momento e voltou a fechar dada a claridade do ambiente com odor asséptico logo reconhecido pelos seus sentidos e fez a sua cabeça doer.

Estava em um hospital, isso era certo. Mas por quanto tempo esteve apagado e como havia sido socorrido era somente um borrão intermitente entre as lacunas de memória que ele tentava preencher.

A primeira imagem que lhe veio à mente era de uma jovem quase etérea, mas os cabelos não eram em tom de castanho, quase negros, que vinham lhe tirando o juízo há algum tempo, e os olhos que encontraram os seus não eram azuis, mas sim verdes. Ah sim, essa também vinha lhe tirando o juízo, entendeu. Valery. Pelos olhos entrefechados viu a enfermeira entrar no quarto. Ela se assustou quando seus olhos se encontraram.

É. Eu estou acordado, qual o espanto? Dizia o olhar que Hugo lançava de volta. A resposta chegou logo depois, junto com a enfermeira que havia saído em disparada do quarto. Ele queria se levantar quando a viu, mas seus músculos não respondiam. Estava em choque, ou havia passado mais tempo do que podia supor

desacordado.

Outra mulher havia entrado com a enfermeira e o examinava, mas seu olhar não desgrudava do par de olhos azuis que o fitava de volta com um bebê nos braços e se afastava para não atrapalhar os exames. Somente quando a médica moveu seu rosto para examinar seus olhos com aquela lanterninha infernal que o fez piscar.

— *É, seja bem vindo de volta ao mundo dos vivos, senhor Sanders.* — disse-lhe a médica que agora aferia sua pressão em português.

Lacuna preenchida, ele ainda estava no Brasil.

— *Quanto tempo estive desacordado?* — ele perguntou também em português.

— *Vinte e três dias contam hoje.* — ela respondeu ao soltar seu braço encarando-o séria.

— Quando deu entrada no setor de urgência estava em coma alcóolico, procedimentos de desintoxicação e curativos foram efetuados sem maiores prejuízos externos. Mas dois dias após a sua chegada foi identificado em seus exames um pequeno coágulo interno ocasionado pela queda que rompeu seu supercílio direito, eu fui chamada a assumir o caso e decidi mantê-lo em coma induzido após a cirurgia. Como se sente?

Era para rir? Provavelmente não, mas ele riu em resposta.

Não havia entendido metade do que a doutora havia dito, seu olhar estava ligado no olhar de Ceccile ao canto do quarto com a filha no colo. A doutora olhou para um e para outro e chamou a enfermeira.

— Venha Sofia. Vamos deixar o senhor Sanders e a sua esposa

matarem a saudade enquanto faço algumas alterações na sua dieta e medicação.

De volta para Hugo, que agora tinha sua total atenção alteia de leve as sobranças a acionar a maca para uma posição em que ele ficasse mais para sentado do que deitado.

— Voltamos mais tarde. Tente não fazer movimentos bruscos, senhor Sanders. Afinal, foram vinte três dias acamado e alimentado por meio de sondas, seus músculos ficaram mal acostumados, mas agora com uma dieta saudável e a medicação adequada, logo estará novamente na ativa.

Movimentos bruscos? Hugo trazia o coração disparado e a mente em turbilhão com todas as informações que havia acabado de receber e o monitor cardíaco estaria apitando freneticamente denunciando seu estado se não houvesse sido desligado.

— *Esposa?* — ele perguntou logo após a saída da médica e da enfermeira.

Cecile cora graciosamente a aproximar-se do leito, segurando a filha com um braço, leva o outro a frente e acaricia a lateral do rosto dele. A aliança que Valery havia novamente colocado em seu dedo refletia contra a luz branca do quarto e Hugo fecha devagar os olhos. Se estivesse sonhando não queria acordar nesse momento de absoluta calma que o invade.

Mais tarde ficaria sabendo dos detalhes, agora, tudo o que mais queria estava diante de si e não havia em seu olhar uma única ponta de outro sentimento que não fosse amor. Ele fitou a criança em seu colo e a acarinhou na fronte, o olhar esperto e muito semelhante ao seu, fez apertar o coração dentro do peito. Afastou-se de lado na cama para que Cecile pudesse sentar e ela sentou-se de frente para ele.

A notícia de que Hugo estava correndo risco de morte não chegou para Ceccile da mesma forma que haviam chegado os demais bilhetes que a faziam entender que Rafael sempre esteve por perto, mais perto do que ela desejava que ele estivesse. Acreditava que nem tão cedo perderia o medo dele ou deixaria de ser assombrada pelas lembranças da noite em que seu mundo ruiu. Mas era grata a Rafael por ter salvado Hugo da morte e por ter mandado um representante seu a avisá-la de onde ele estava, era grata também pela sua impetuosidade ao confrontá-la no hospital e arrastá-la para uma sala reservada onde uma enfermeira havia tirado o sangue de ambos. Dois dias depois ela tinha certeza, ele não era seu irmão. Rafael não voltou a aparecer como havia prometido a ela.

Hugo só podia imaginar tudo que aconteceu no tempo em que esteve apagado, mas não queria perder o momento e o calor da mulher que entendeu amar mais do que a própria vida. Ceccile estava ali diante dele e parecia estar em paz com isso. Ele também queria estar, mas algo em seu íntimo o impedia.

— Me conte. — ele pede calmo, intercalando seu olhar entre Marcele e Ceccile, incapaz de deixar de tocar uma e outra em suaves carícias.

— O que?

O canto dos lábios dele levanta no arremedo de um sorriso e ela cora ainda mais ao ver que está olhando fixo para a aliança em seu dedo, mas um brilho diferente se instala em seu olhar e ela abaixa a cabeça.

— Valery... — morde o lábio hesitante — Valery uniu forças entre as famílias hmm, os advogados dela foram chamados a se reunirem com os advogados daqui e, bem. Não há mais motivos que me prendam a viver na fazenda por um ano se eu não quiser. Eu sou a

única filha do Major Bougarville viva.

E dois dias depois ela se foi com Marie. Desapareceu do mapa ao certificar que Amelie estava se dando bem com Alicia na fazenda e encantada com o fato de que era tia da pequena Isa, e que nada mais impediria Ceccile e Hugo de ficarem juntos. Valery levava o coração partido ao excursionar por todos os lugares onde a memória de David era mais forte e reviveu todos os bons momentos em que estiveram juntos, feito unha e carne. Definiu novos valores de conduta para si mesma e despiu da máscara de menina rebelde mimada mediante ao assédio da mídia, tratando-os com o respeito que impunha ter de volta, até que por fim a deixaram em paz.

Era somente mais uma em meio à multidão quando escolheu localar uma pequena ilha particular na Grécia para viver o restante da sua gestação. Passeava entre os vinhedos que ali eram cultivados e tinha Marie em todos os momentos ao seu lado como sempre desejou.

Não estava feliz. Mas também não era infeliz. Não em todos os momentos dos seus dias, havia momentos em que a saudade parecia rasgar a sua carne e chorava, mas algo que aprendeu com Ana a fazia rir entre lágrimas e repetia a si mesma como uma espécie de mantra: *“Não há mal que sempre dure, nem felicidade que nunca acabe.”* E um dia de cada vez ia vivendo. Porque ela era assim.

Hugo teve alta no dia seguinte, após uma gama de exames sem fim. Recebeu a visita de John, sempre agarrado em sua Ana como se ela fosse escapar a qualquer momento. De Alicia, acompanhada da sogra Isabela e um urso enorme de pelúcia para lhe dar de presente. Eduardo, o namorado da sobrinha, ele soube que estagiava uma vez por semana no hospital e o rapaz o havia visitado algumas vezes durante o tempo em que esteve apagado.

Mas surpresa maior foi ver a irmã acompanhada de Fintter, eles haviam voltado da viagem de lua de mel alguns dias antes e tão logo souberam de que ele havia acordado correram todos para o hospital.

Ceccile havia se instalado em um prédio praticamente de frente para o hospital onde esteve internado, também de propriedade da família Bougarville. A construção seguia os mesmos traços das demais casas próximo ao centro da cidade histórica onde sua irmã e Fintter se casaram, tinha um jardim bem cuidado nas margens de frente e laterais e uma piscina de aproximados 8x10 metros com cerca de madeira branca à prova de crianças em toda sua volta na lateral esquerda. Quando chegaram, Hugo viu no gramado ao fundo três babás uniformizadas que assistiam a uma criança de aproximados cinco anos a subir na casinha de plástico colorida e em dois carrinhos de bebê, duas meninas eram alimentadas. Nesse momento foi cercado por Alicia de um lado e Giulia do outro, ambas segurando em seus braços.

— Minha filha também. — Giulia diz a sorrir olhando com fascínio a menina que havia descido pelo escorregador e agora parecia querer ensinar a babá a dar papinha para Joe.

Se fosse honesto consigo mesmo, Hugo diria que ansiava pelo momento em que pudesse estar devidamente a sós com Ceccile, mas assentiu para a irmã olhando-a de lado e se contagiando com a felicidade que via expressa em seu olhar.

— Estou feliz por você, minha irmã. — e estava mesmo, o casamento com Fintter fizera muito bem a Giulia, ela estava aparentemente bem mais jovem e viva do que jamais havia visto e sentiu a pontada interna de culpa por tudo que poderia ter realmente feito pela irmã. Seu olhar cruzou com o olhar de Fintter e assentiu grato, sem palavras.

Auxiliado por John e Fintter, Hugo foi levado para dentro do prédio, já que havia se negado terminantemente em voltar a usar uma cadeira de rodas como foi obrigado para sair do hospital até o estacionamento, mas sua musculatura ainda precisaria de algumas boas sessões de fisioterapia e exercícios para voltar a estar em forma.

Ceccile o acompanhava e sorria discreta cada vez que seus olhares se encontravam. A sobrinha esperou que ele estivesse acomodado para dar um beijo de boas vindas na testa dele, deixou o urso tamanho gigante do seu lado na cama e avisou que ia ver se a sua Isa estava se comportando direitinho. Logo Fintter e Giulia também se retiram, seguido por John e Ana, que levava consigo a Marcele para o banho.

O tão desejado e nada esperado momento aconteceu. Ceccile sentou ao seu lado na cama de frente para ele e sem reserva alguma se inclinou e o beijou.

Seus lábios se encontraram e se abriram em sincronia para o encontro das línguas, suave, acariciando-se mutuamente, acendendo o fogo que inflamava a ambos em mesma medida. Ficaram alguns segundos se olhando nos olhos do outro, se reconhecendo na alma um do outro, e ela voltou a beijar seus lábios, beijou seu rosto, seu pescoço, e suas mãos desciam quentes e delicadas pelo seu peito enquanto as mãos dele deslizavam pelas suas costas e estalava a reconhecida presilha libertando seus cabelos da prisão.

Ceccile se levantou e ele quase gemeu de frustração com seu afastamento, mas ela só estava confirmando que eles não seriam interrompidos ao girar a chave que fechava a porta do quarto e voltou para perto da cama.

Estava se entregando para ele sem reserva como desejava há

muito tempo ao levantar a blusa suavemente, descortinando cada pedaço de pele clara e macia, os seios rosados despontando sob o sutiã rendado em expectativa crescente, em seguida desabotoou a calça que deslizou pelas suas pernas até virar um amontoado de tecido ao chão.

Estava linda de sutiã e calcinha rendada em tom de roxo claro quando voltou a sentar na cama. Hugo estava literalmente paralisado pela surpresa quando ela voltou a inclinar sobre seu corpo, os seus lábios voltaram a se encontrar e suas mãos deslizavam quentes por baixo da sua camisa em contato direto com a sua pele. Abarcou os seios por cima do sutiã com gentileza e sentiu a umidade com aroma adocicado do leite que havia vertido contra seus polegares, sua boca ficou seca de vontade de provar novamente da sua pele, mas ela estava no controle e ele estava adorando isso.

Sem palavras ela o ajudou a despir-se, mas quando estava somente de cueca ele inverteu a situação puxando-a para si, despiu-a do sutiã e fez com que se sentasse sobre suas coxas para brincar com seus seios enquanto a beijava, mas ela tinha outros planos, queria senti-lo dentro dela e deixou isso claro ao se afastar para despi-lo e despiu-se da última peça que a encobria.

Ajoelhada na cama, com uma perna de cada lado do seu corpo, ela guiou seu membro firme até seu sexo e com vagar desceu encaixando-se nele, amalgamando os corpos na linguagem que transcende o tempo e a razão. Voltaram a se beijar em movimentos de crescente desejo, colados se acariciavam, gemiam baixinho ao sentir o toque da boca e da língua um do outro ao encontro das suas bocas e também no pescoço próximo ao ouvido, os movimentos ficaram mais exigentes, ele viu com fascínio quando os lábios rosados entreabriram em busca de ar no momento em que ela contraiu em cima dele e aumentou o ritmo.

Tão deliciosa tão perfeita e plena a visão dela em seu gozo que ele perdeu o ritmo, parou de se mover e se derramou totalmente enterrado no corpo macio que o abrigava.

Não desfizeram a conexão, ele voltou a deitar a parte superior do corpo na cama abraçado a ela, acariciando suas costas e embrenhando seus dedos entre os fios macios, sentiu o beijo quente dela em seu peito e julgou que não havia como ser mais perfeito do que isso, até que ouviu: Eu te amo, Hugo. Eu te amo tanto.

— Oh meu Deus, Ceccil! Eu também amo você.



Capítulo 35



Ela aspirou entre dentes e inclinou o corpo para cima se contorcendo receptiva, sorriu de leve ao lembrar-se da expressão *coelhos* usada por Alicia e levou a mão ao seu centro, que molhado e inchado pulsava. Definia bem a atual situação em que estavam vivendo na fazenda quando entre quatro paredes. Logo outra mão passou por cima da sua acariciando seu ponto sensível e lábios macios encontraram um ponto logo abaixo da sua orelha lambendo em suave carícia, arfou quente e tremeu virando o rosto oferecendo seus lábios. Lembrou-se do primeiro beijo e das mãos que tomaram possessivas seus seios, mas não manteve a lembrança viva por muito tempo.

Não quando a boca que deixou a sua desceu pelo seu corpo sem aviso, mas desta vez ela tomou a iniciativa, interrompeu o beijo e tomou uma atitude mais ativa, puxou de volta e fez com que se deitasse, seus olhos se encontraram sonolentos entre risos e eu te amo foi trocado baixinho, um gemido masculino rouco e gutural eclodiu no quarto incendiando ainda mais seus sentidos já excitados quando sua boca tomou o seio e chupou o mamilo acariciando a ponta com movimentos de vai e vem da sua língua.

Sentiu mãos fortes e másculas acariciando seus próprios seios, um beijo sensual e demorado no pescoço e gemeu baixinho descendo pelo corpo macio a deixar um rastro de beijos no caminho, tomou-a na boca sem nenhum pudor, chupando e lambendo, fazendo com que se contorcesse e inflamasse por

dentro, e no instante seguinte foi preenchida com carinho, estava pronta, molhada e receptiva, foi puxada para trás pela cintura, era o miolo entre duas bocas exigentes que se intercalavam entre beijos sensuais alucinantes e mordidas de leve e tremeu em êxtase, que beirava ao insano, mas não desfocava do seu objetivo, sua mão ainda a acariciava em seu centro e outra beliscava o mamilo, ela estava perto, muito perto.

Sorriu triunfante quando viu os lábios macios entreabrindo em busca de ar e a beijou engolindo seus gemidos de êxtase, era a primeira vez que conseguia isso somente com o toque dos seus dedos e seus beijos, e logo também foi levada aos céus ciente das mãos firmes em sua cintura que a sustentavam no lugar enquanto era engolfada pelo próprio gozo.

Virou o rosto para trás e beijou o marido, virou-se para frente e a beijou com carinho, deitaram-se em um emaranhado de pernas e braços, tomando cuidado com a barriga bem mais acentuada e lisa entre eles agora.

Ceccile nunca havia sentido tão plena e tão amada quanto era agora ao acariciar o ventre volumoso e liso e a admirar também ao marido nos olhos a sobrepôr a mão na sua em um gesto de carinho e possessão, quem soubesse do arranjo que os julgasse, mas não se arrependeria jamais do que fez. Abriu um sorriso iluminado ao sentir os seios enrijecendo em aviso.

Estava na hora de levantar-se para amamentar Marcele e também Isa e logo Marie estaria acordada pedindo pela mãe acompanhada de Amelie. Beijou-a no pescoço perto da ponta da orelha e em seguida os lábios dele antes de levantar da cama, mas Valery a impediu puxando-a de volta, ela era dorminhoca e estava um pouco mais carente nos últimos dias. Ceccile cedeu, mas sorriu alteando as sobrancelhas em alerta. O quarto era conjugado com o quarto das crianças ao lado, mas sempre mantido preventivamente

trancado.

Valery também adquiriu o vício de ficar brincando com seus cabelos e deslizou uma mecha para trás da sua orelha

— Está feliz? — perguntou Valery olhando-a nos olhos e Ceccile sorriu a refletir.

— Estou. Eu estou muito feliz com vocês dois aqui. — seu olhar intercalava entre Valery e Hugo.

E era verdade. Ceccile estava feliz antes com Hugo ao lado, mas a sensação de completude somente aconteceu quando seus dois amores foram novamente unidos junto a ela e o trio funcionava muito bem assim. Um completava o outro.

Por esse motivo que não se arrepende de ter ido atrás de Valery para trazê-la de volta.

Talvez, se Valery não a tivesse beijado na tentativa de afastá-la assustando-a com a sua sensualidade avassaladora e Ceccile não a tivesse surpreendido em mesma medida ao ser receptiva e corresponder aos seus beijos e carícias, elas não estivessem vivendo esse momento de perfeita sincronia que estavam vivendo agora. E Hugo? Bem. Ceccile e Valery trocam um sorriso cúmplice que não precisava de palavras. Era ficar com as duas ou não teria nenhuma, e ele entendeu o recado.

Os pensamentos de Hugo não estavam muito longe dessa mesma linha de raciocínio ao olhar para Valery e Ceccile tão próximas dividindo a mesma cama com ele. Valery havia falsificado a sua assinatura na petição do divórcio enquanto ele ainda estava apagado e desapareceu do mapa, e não somente isso. Ela usou dos poderes que possuía em mãos para ‘casá-lo’ no civil com Ceccile, unindo os patrimônios de ambas as famílias e ainda ficando com uma substancial quantia que lhe garantiu desaparecer

sem deixar rastro.

Mas Ceccile a encontrou antes dele, sim, esse era um mérito da sua esposa e riu de si mesmo ao lembrar-se de uma ameaça feita por Valery logo que se conheceram e agora parecia ter sido feita há muitos e muitos anos atrás; *‘Você se casa com essa mulher no segundo seguinte à assinatura do divórcio do nosso casamento de mentira, senão... Eu contrato alguém para te castrar e caso-me com ela!’*

Bem, agora conseguia sorrir, mas não foi bem assim que ele reagiu quando encontrou as duas no saguão do aeroporto de Madrid lado a lado de braços dados. Ceccile o havia deixado louco com seu sumiço, foram dois dias de extrema agonia sem notícia alguma dela, mas Ceccile havia sustentado seu olhar com firmeza e serenidade quando se encontraram e todo seu mau humor foi por terra quando Marie o reconheceu e soltou a mão da mãe para seguir em sua direção chamando-o pela primeira vez de papai. Não ia negar que ver Valery novamente havia aquecido algo em seu íntimo. Ela estava linda e iluminada pela maternidade, e ambas estavam felizes juntas.

Literalmente juntas, diga-se de passagem.

E francamente. Que homem não ia gostar de amanhecer com duas mulheres lindas e fogosas como elas em sua cama todos os dias? Hugo não podia julgar pelos outros, mas estava mais que satisfeito em como se desenrolou o arranjo. Ainda que olhar Valery, com seus cabelos agora mais repicados e curtos beijando a sua ‘esposa’ lhe deixe um bocado aturdido e enciumado, putamente¹ excitado e aturdido. Aturdido e maravilhado.

Abobalhado ele sorri e afasta-se das duas saltando da cama quando escuta a balbúrdia feita pelas crianças discutindo com as babás do lado de fora, e novamente armado segue ao banheiro

dando para as duas uma ampla visão do seu corpo nu.

Caralho! Ele ri e move a cabeça em negação. Não precisava olhar para trás para saber que elas estavam olhando na sua direção, mais especificamente na direção da sua bunda. Ele se olha no espelho a passar a mão na barba por fazer e pensa a respeito de si mesmo: É seu Merda, quem diria? Sorri safado mostrando a carreira de dentes brancos e fecha a porta seguindo ao banho.

Valery sobe na cama a posicionar-se mais sentada e sente uma pontada suave de dor nas costas ao vestir uma camisa prevenida enquanto Ceccile segue à porta lateral que interliga os quartos a vestir-se amarrando o roupão para abrir. As meninas já estavam elétricas ao subir na cama para enchê-la de beijinhos e abraços. Amelie e Marie como sempre levantam a sua camisa para dar bom dia para Angelina e acarinham sua barriga beijando-a e dando bom dia com suas vozes infantis e tagarelas. Isa, a filha adotiva de Alicia era mais impaciente do que Marcele e mamava primeiro, mas por vezes Ceccile amamentava as duas juntas como se fossem gêmeas e isso sempre tinha o poder de deixar Valery com olhar vidrado e fixo de excitação.

Já havia aceitado que era mesmo uma tarada de marca maior e não se cansava de admirar, tanto o corpo de Hugo, que era um espécime de macho dos mais bonitos de se ver e tocar, quanto de Ceccile era em sua macies e curvas delicadamente femininas, que imaginava jamais cansar de admirar e venerar com suas mãos e sua boca, não havendo nada que a impedisse de amar aos dois com a mesma intensidade e paixão.

— Vai contar hoje? — ela pergunta para Ceccile quando seus olhares se encontram e sorri em ver seu rosto corando de leve.

Jamais imaginava que fosse se apaixonar tão perdidamente por outra mulher, mas que se foda. Sorri mais abertamente ainda e uma

pontinha de orgulho cresceu dentro de si ao pensar que conhecia cada segredo escondido, cada ponto, que estimulado fazia Ceccile perder totalmente a linha nos momentos de paixão. Outra pontada de dor nas costas faz com que arqueie na cama e solte um gemido. Ceccile a encara em alerta e Valery alteia as sobrancelhas assentindo no momento em que Hugo volta a entrar no quarto. Lindo!

Parecia um deus grego encarnado, só que com um pênis bem maior do que a maioria das ilustrações e esculturas mesmo quando adormecido escondido sob o roupão. O que vinha se tornando algo mais raro de ver cada dia que passava, porque fosse uma ou outra, ou ambas, logo faziam com que estivesse armado e pronto para o combate.

Os cabelos escuros e mais longos agora estavam úmidos do banho e o deixavam fisicamente mais parecido com o Rafael que se lembrava de quando David ainda era vivo, mas a expressão no rosto era dele, o comportamento e postura, a forma de se vestir e sua dedicação com as duas eram somente dele. E isso fazia toda a diferença. Outra pontada, agora mais forte e exigente fez com que levasse as mãos nas laterais do corpo na altura dos quadris.

Putá que pariu! Estava doendo pra caralho e todos os pelos do seu corpo arripiaram! Estava decidida que não iria para uma clínica quando chegasse a hora e Angelina, estava vendo e sentindo, tinha pressa de vir ao mundo algumas semanas antes.

— Pressa é o caralho!

Valery havia gritado quase quatro horas depois, suada, cansada, segurando na mão de Hugo de um lado e na mão de Ceccile do outro, as pernas abertas e dobradas em cima da cama, com contrações que pareciam que a iam rasgá-la ao meio a cada segundo mais intenso que o anterior, olhava para Sofia e Rodrigo à

sua frente e também na direção de Hugo com expressão assassina e arfava, grasnava e dobrava pra frente o tronco a contrair-se, querendo morder alguém nesse momento de pura aflição.

— Mudei de ideia, me dá o caralho do remédio Rodrigo! — gritou entre contrações, e deixou-se cair para trás nos travesseiros — Puta que pariu! Chega! — grita a levantar novamente a parte superior do corpo movida por mais uma contração — Aviso... Aaaargh! Tô fechando a fábrica se sobre-vi-veeeeeer...

Sofia havia se posicionado ao lado de Valery ajoelhada na cama, com as mãos unidas aguardara o sinal de Rodrigo e usou os antebraços para apertar na altura do estômago dela. Um grito agudo de Valery foi seguido de um Agora de Rodrigo.



E provavelmente, ninguém ouviu o som oco da cabeça de Hugo contra o piso, porque o som do choro irritado de Angelina era bem mais interessante.



— E quem é que pode me culpar por ter desmaiado? Pare de rir John. — aponta o dedo rindo também e olha na direção de Ana toda apumada com a mais nova integrante da família em seu colo — *“Não esquece que teu telhado também é de vidro.”* — rebate em português.

John ia abrindo a boca para afirmar que contentava em ser tio quando é interrompido pela mulher a encarar Hugo com sobranceiras arqueadas em desafio e braços cruzados sobre o peito. — “Mas eu não vou dar esse chilique todo porque não sou louca de a essa altura da minha vida parir em casa, e duvido que meu John vá despencar no chão feito abacate maduro e perder a

oportunidade de ser o primeiro a pegar nosso moleque nos braços.”

Tá, bem... O silêncio no quarto só durou alguns segundos enquanto Valery e Ana se encaravam e piscavam uma para a outra e caíram todos na gargalhada com a cara branca estupefata do ruivo sem palavras. Mas quando Ana percebeu que Hugo estava rindo demais para seu gosto do seu homem, ela voltou a encará-lo e ele prendeu o ar no peito sabendo que lá vinha bomba.

— “Quem sabe no próximo que vem aí, você aguenta melhor o tranco?”...

Ok, Hugo solta uma gargalhada de nervoso. Já ia abrindo a boca para avisar que não ia segurar a mão dela quando seguiu seu olhar na direção de Ceccile e empalideceu.

Ceccile mordeu os lábios assentindo e sorriu.

— Não é muito cedo? — piscou e apertou o lençol entre os dedos.

Babaca Imbecil de Merda — pensou de si mesmo com a visão turva a acreditar que ela estivesse tomando algum contraceptivo. Mesmo usando camisinha, sabia que o método não era 100% garantido e Ceccile ainda estava amamentando.

— Dez semanas, completa hoje. — ela diz com o sorriso mais lindo do mundo no rosto e Valery segura o ventre a gargalhar sem emitir som.



Entende-se, há dois meses e duas semanas, fora a primeira noite dos três, juntos.



Epílogo;



Alicia adorava as crianças, gostava de verdade mesmo, e do fundo do coração. Mas a mansão estava recheada delas naquele verão e todas requerendo a sua atenção. Ah sim, ela deu atenção a todas, estava ali hoje especialmente por isso, incluindo aos mais novos integrantes da família, Camila e Victor Hugo, o filho de Ana e John, que era conhecido como bendito fruto entre as meninas.

Pois é.

Ceccile deu a luz a mais uma saudável menina com quase quatro quilos e na clínica desta vez. Com toda assistência e atenção da família ao seu lado. O parto ocorreu sem maiores incidentes, Guito nem havia desmaiado. Valery ia mesmo fechar a fábrica, mas acabou engravidando novamente e foi um chororô danado quando descobriu que a camisinha furada resultou em uma dose dupla de meninas dessa vez.

Ela não era em naaada parecida com Ceccil em suas gravidezes, estava mais para um trator desgovernado com seus hormônios a mil por hora, deixando todos meio loucos à sua volta, e devia estar nesse momento com as duas filhas nos braços. Já a sua mãe fez direitinho ao optar parir no hospital, torceu a boca ao lembrar-se do nome escolhido para sua mais nova irmã, Catarina. Aff nada contra Valery, afinal ela havia por sabe-se lá qual meio trazido sua cópia em versão mirim Amelie de volta ao seio da família, talvez fosse só ciúmes mesmo.

Mas nesse momento ela precisava de um pouco de sossego e saiu pela tangente das vistas das crianças escondendo-se no lugar menos provável de que fosse encontrada. No quarto que havia descoberto tempos atrás, cuja porta de acesso era dentro do closet no quarto que havia remodelado para Ceccil, continuava intacto, como havia deixado.

Parecia ser um pequeno ateliê da falecida, com uma cadeira antiga almofadada e uma escrivaninha ao canto e algumas várias caixas cheias de quinquilharias de velho em duas prateleiras de cristal ao fundo dividiam espaço com alguns livros. Se as crianças descobrissem esse lugar fariam a festa aqui dentro, pensou e riu a sentar de frente da escrivaninha. Parou de sorrir na hora que deslizou a mão por baixo e sentiu as pontas de papéis entre seus dedos presa pelo lado de fora da gaveta.

Curiosa por natureza ela acendeu a luz do abajur e viu que o que tinha em mãos eram algumas páginas arrancadas de um diário. Não sabe quanto tempo perdeu lendo o que encontrou e nem se deveria ter feito o que fez, mas fez.

Guardaria o segredo que Elizabeth deveria ter levado consigo para o túmulo a infeliz, pensou a assistir os pedaços de papéis comprometedores virando cinzas. Quando não restou mais nada, ela saiu do esconderijo. Deslizou a porta de correr para fechar e colocou algumas várias caixas na frente certificando-se que a trava na lateral não fosse vista.

Arrebentou a cordinha com um clique, trancando o passado no passado por trás da porta que à primeira vista parecia uma parede.

— Nada de armário de Nárnia aqui. — falou baixinho a sair do closet dando o caso por encerrado.



Débora Scarllet aceitou a mão de Hugo estendida em agradecimento. Ela assentiu e sorriu com naturalidade em confirmar que ele estava realmente bem de saúde e que não houve nenhum problema em sua recuperação.

Congratulou-se intimamente pela sua aparente calma ao apertar a mão estendida, mas fato é que a doutora especializada em neurocirurgia não fazia parte do corpo de médicos do hospital, quanto mais daquele setor em específico, e havia basicamente sido pega em flagrante como se sentia, a envergar ali o seu jaleco e crachá. Estava também em visita a uma amiga de longa data que havia sido internada há poucas horas no andar da maternidade e sentiu um calafrio percorrer sua espinha congelando a sua expressão com o sorriso educado.

Ambos estavam hospedados em suítes no mesmo andar, separados por um quarto apenas, ela entendeu. Despediu-se de Hugo aceitando seu agradecimento lhe desejando felicidades e virou-se nos calcanhares, seguindo em frente, entrou no quarto e fechou a porta por trás de si, encarando o sorriso mais sem vergonha que já havia visto no rosto do acompanhante da amiga ainda congelada. Olhou para a amiga no leito e ela também sorria. Meneou a cabeça quando conseguiu, apontou em direção ao quarto ao lado e soltou o ar com força pelo nariz.

— Vocês dois não têm um mínimo que seja de noção do perigo, não é?

O acompanhante deu de ombros e ambos ainda sorriam os safados. Débora lança as mãos no ar com ares de derrota.

— Minha participação nessa história de vocês, termina aqui. — ela avisa e sai do quarto.



Agradecimentos;



Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela energia que sempre me motivou a estar com a cara enfurnada nos livros desde a minha mais tenra infância. Bibliotecas para mim são sinônimos de parque de diversão (creio gostar mais de biblioteca do que de parques, então fica a comparação).

Danielle Barbosa (Danni), minha irmã de alma, minha amiga amada, a agradeço pelo empurrão inicial, por sempre acreditar em mim e afirmar que meus rabiscos mereciam ser compartilhado com um maior público, eu te amo.

Gabryelle Barbosa, (Gabbe), minha ilustradora querida, criadora dessa frente de capa linda de Olhe em meus olhos, que tanto diz sobre a obra em cada pequeno detalhe, meu mais sincero carinho e afeição.

Mãe, minha mãe querida, sem seu apoio por todo esse tempo em que me dediquei quase que exclusivamente na digitação e construção desse meu primeiro romance mostrado ao público, eu de certo ainda estaria ‘construindo’ — ou até tenho por certo que poderia tê-lo mais uma vez adiado, te amo.

T... meu amigo querido, muito obrigada por todo apoio e incentivo, ter sua amizade é e sempre será muito importante pra mim.

André, Antônio (Toni), Debora (cinderela), Ni Santos, Aine, Suely, Xarás Carol's, Ane's, Kess, Jo, Lara, Debby, Tali, Stella's, Leila, May's, Millena, meus Amorecos, Tatuzinhas e Fiotinhas,

aqui deixo confirmado que cada um de vocês tem sua morada garantida no meu coração e sempre serei grata ao carinho e atenção que recebo no meu dia a dia de cada um, e vocês sabem quem são.

HOPE (perfeita escolha de nome e simbologia). Te vi nascer, crescer e criar asas no mundo literário e de fato tenho um carinho, que até diria maternal, pelo selo que ostentas. Tenho orgulho de, por meio desta minha obra, fazer parte desta linda família.

Jessica Milato, minha sempre eterna 'Bicudinha'. Cada vitória tua é para mim como se fosse também minha. Sei que sabe o quanto a adoro pessoa, mas não perderia a oportunidade de eternizar esse sentimento nestas linhas. S2

Adriano (Drico), Mércia, Joice, Denília, Laina, Paula, Rodrigo, o carinho aqui é grande por cada um, meus mais novos amigos e autores Hope.



“Meu coração nem tem ‘portera’, para garantir o acesso de todos que se vão, quando decidem ser o momento de ‘vortá’”.

Carol Sales.





Capítulo
Bônus



De volta ao lar



Ceccile não era tão inocente quanto aparentava em uma primeira vista. Era calada, serena, sofrida e dócil, também era muito observadora e consciente de que ainda tinha muito que aprender sobre tudo, inclusive a respeito de si mesma.

No entanto, compreendia a atenção e zelo das pessoas que a cercavam e já os amava de todo o coração. Ela provocava esse sentimento protetor deles com seu jeito singular de ser, talvez por isso, que tenha omitido deles o que pretendia fazer.

Com a bebezinha em seu colo, ela mira pela janela do avião ao país de origem sendo deixado para trás e discreto sorriso de gratidão aponta delicadas covas em seu rosto pela expectativa crescente de tornar a vê-la, por que... Apesar de estar feliz em ter Hugo de volta em sua vida, lhe faltava essa outra pessoa que também havia se tornado muito importante para ela desde que se conheceram. E se imaginassem quem havia ajudado a localizar a essa pessoa igualmente preciosa para ela; ela tinha a certeza de que uma guerra desnecessária teria sido instaurada na família, e essa jamais seria sua intenção.

A presença dele, assim tão perto, ainda tinha o poder de lhe causar arrepios, mas vinha tentando não condená-lo. Afinal, ele era o que era e não pedia desculpas, como fazem a maioria das pessoas. Mas algo em seu íntimo lhe dizia que ele também vinha tentando perdoar a si mesmo.

E lá no fundo, apesar do medo instintivo e quase irracional que sentia dele, ela já o havia perdoado bem antes pelo que ele fizera com ela.

— Posso pegá-la? — ele aponta a filha no colo dela e sorri de leve com ironia de si — Talvez seja a única oportunidade que eu venha a ter...

Marcele é passada ao colo dele e Ceccil fita ao próprio colo agora vazio. Algo que jamais imaginara um dia ter coragem de dizer flui facilmente pelos seus lábios;

— Tive tanto medo que me tirasse ela...

— Isso jamais passou pela minha cabeça.

— Agora sei... — ela responde sem jeito, mantendo ainda o olhar fixo no colo vazio.

— Você é muito mais forte do que aparenta, Ceccil. — ele diz chamando a atenção dela para o rosto dele — Hoje eu entendo isso — lhe diz com franqueza —... Sair do meio do mato, onde tinha toda proteção, em busca de confrontar seus medos, de dialogar com o homem que... — não consegue concluir a frase e ainda sério abaixa a cabeça a encostar o nariz no topo da cabeça de Marcelle.

Esse era o máximo que ele conseguiria admitir verbalmente seus erros e Ceccil era grata a ele por uma série de pequenas coisas, quais ficariam somente entre eles dois. Tal como essa viagem...

Rafael Sanders fora a única pessoa que Ceccil duvidava que alguém acreditasse que ela recorreria para ajudá-la a encontrar Valery e justo por isso; era a pessoa ideal.

Não acreditara, contudo, que ele cederia a essa empreitada e que estaria a postos à sua espera, e estaria no mesmo voo junto a ela.

Tampouco que por ventura não a fizesse amargar por tê-lo procurado a pedir a sua ajuda. Mas não se arrepende de tê-lo lembrado que devia a elas, se não por elas, pelas filhas, que cresceriam separadas com chance de nunca virem a conhecer uma a outra, se ele não ajudasse.

Eis que então, ao chegar ao aeroporto do Rio de Janeiro, ela o encontra no saguão à espera dela. Talvez, ele não acreditasse que ela iria seguir adiante. Talvez ele não soubesse tudo pelo qual ela passara no último ano, mas não importava. Encontrar a Valery e convencê-la de voltar para casa era o seu objetivo, e agora que sabia onde a encontrar, Ceccil iria até o fim.

A viagem não fora tão cansativa quanto ela supôs de início, nem mesmo as conexões e escalas intermináveis entre avião e barco, ou a companhia; demovera-a da ideia de voltar a estar frente a frente com Valery. Rafael mantinha-se a maior parte do tempo calado e por poucas vezes pressentiu que ele queria dizer algo, mas no último momento ele desistia, era no mínimo bizarro o modo que por vezes ele parecia preocupado com seu bem estar durante a viagem, e quando saíram do barco sentiu-se insegura quando enfim ele havia afastado dela e a pedido que o esperasse enquanto ia tratar viagem com o capitão de outro barco, agora menor em comparação ao que vieram.

— Não que faça diferença para mim — ele diz em português ao retornar e estender a ela um cartão —, mas ainda assim, eu gostaria de saber de você. — prende entre os dedos o cartão estendido a ela, quando ela o pega.

— O quê? — ela pergunta e engole em seco. Temia que ele quisesse estreitar os laços que os uniam por meio da filha e ela a apertou mais contra o peito instintivamente. Ele solta o cartão e a fita de cima em baixo.

— Tem mesmo certeza de que não quer deixar as coisas como estão? Você acha que conhece mesmo a pessoa que viajou meio mundo para reencontrar?

Ele referia-se à Valery com ira, ainda que estivesse oculta sob o véu de civilidade que havia assumido em toda a viagem com a Ceccil.

— Não a conhece. — Ceccil afirma a fitá-lo pela primeira vez nos olhos. Rafael de fato não sabia de tudo. Valery não era tal como se fazia ver pela maioria das pessoas.

— Pode ser. — ele diz somente e se afasta — Como imaginei, ela está nesse lugar para onde será levada. — aponta ao barco e ao capitão que a esperava — Você estará por sua conta daqui pra frente.

— Obrigada.

— Não agradeça — ele meneia a cabeça em negação —, mas tem mais uma coisa que quero saber.

— O quê?

— Em algum momento... — olha a filha e depois a ela — Em algum momento pensou em abortar? Com tudo que aconteceu, você...

— Em momento algum. — ela responde baixo, mas convicta.

Rafael infla o peito e solta o ar como se estivesse exalando alívio e consente.

— Se cuida. — diz somente e faz menção de ir embora.

— Rafael — ela o chama e se encaram — Como sabia onde a encontrar, que ela estaria aqui? — refere-se ao lugar.

Ceccil vê toda espécie de emoção cruzar o rosto do homem que outrora fora seu algoz, algo que agora, parecia ter ocorrido em outra vida.

— Tive meus palpites. — responde após um tempo refletindo e ela torna a pender a cabeça assentindo. Não insistiria no assunto, e ele é grato por isso. Mira a filha mais uma vez antes de virar-se nos calcanhares, imaginando se algum dia esqueceria seu aroma doce. Acaba sorrindo, porque tinha certeza de que cedo ou tarde seu irmão descobriria que ele nunca esteve de fato muito longe de todos eles.



Ceccil o vê partir, subindo a rampa do mesmo barco em que haviam chegado, sem olhar para trás. Então ela é chamada e conduzida pelo capitão do barco que Rafael havia contratado para levá-la até a ilha, e gentil o capitão se oferece a carregar a pequena mala que ela trouxera. Ceccil teria aproveitado mais o conforto oferecido na viagem se não estivesse tão ansiosa com o reencontro, não sabia como seria recebida. Tanta coisa podia acabar acontecendo, então!

Não era a primeira vez que viajava meio mundo em busca de alguém, mas cada experiência era única, assim como cada momento que a levou a sair de sua terra natal.



Valery a esperava no cais quando aportaram, petrificada com a surpresa, de modo que Ceccil sente-se mais tranquila quanto ao esforço de viajar em busca de encontrá-la.

— O que, como?... Como me encontrou aqui?

— Importa? — Ceccil devolve com outra pergunta. Não omitiria a informação de quem a havia ajudado, mas Valery meneia a cabeça em negação com um sorriso doce e aproxima-se a acariciar Marcelle.

— Como está grande! — exclama baixinho.



E assim também Valery, linda, iluminada pela maternidade, trajava um vestido florido em tons pastéis que lhe emprestava ares de leveza e tinha os cabelos loiros como trigo soltos ao vento.

— Devem estar com fome e cansadas da viagem. — Valery argumenta e Ceccil volta-se ao capitão, que imediatamente se põe a descer com a mala dela. Iria ficar ali aportado até o dia seguinte como fora tratado, e Ceccil aproveitaria esse tempo para convencer Valery a voltar pra casa.

Valery ainda não acreditava estar diante de Ceccil, mas no fundo desejava muito vê-la de novo e temeu que fosse sonho.

Conduziu-a até a casa com corpo trêmulo de emoção e logo estão acompanhadas de Marie à sala, que havia ficado com a babá no momento que Valery avistou a embarcação chegando e saía em disparada ao ver quem desembarcava.

Devidamente acomodada, Ceccil amamenta a filha, que em pouco tempo adormece em seu seio. As palavras embargaram na garganta com o momento especial e único. Eram tantas questões sem resposta, tanto do que não fora dito antes.

Valery acaricia a barriga, agora mais pronunciada, a fitar o berço, ambas cedem ao oferecimento da babá de levar Marcelle

para descansar e a acompanham ao quarto do novo bebê, que estava a caminho.

Era uma bela casa a beira mar. Não tão oponente quanto era outras mansões que Valery havia vivido antes, mas ideal para iniciar uma nova vida com seus filhos.

Ceccil aguardou pacientemente que fossem deixadas a sós para se pronunciar, mas Valery se desespera intimamente com o que no fundo sabe que Ceccil vai pedir e adianta-se a chegar mais perto da porta.

— Descansa também. — sugere apontando o quarto ao lado, ia usar a desculpa de ver algo para comerem e adiar o que ela pudesse da conversa, mas não teve sorte.

— Volta pra casa, Valery. Por mais conforto que possa ter em qualquer lugar do mundo...

— Não entende o que está me pedindo.



O coração de Valery martela contra seu peito e lágrimas são sentidas em sua garganta quando dá as costas à Ceccil em fuga e Ceccil a segue até seu quarto.

— Eu não teria deixado você partir, sabe disso. — Ceccile argumenta por trás de Valery e Valery meneia a cabeça.

— Não vou voltar, não posso voltar; Ceccil. Você não devia ter me procurado, não devia ter vindo. — sente o toque macio e quente da mão de Ceccil em seu braço e as lágrimas vertem silenciosamente pelo seu rosto turvando sua visão.

— Dê-me uma boa razão para que eu saia daqui sem te levar comigo. — Ceccil lhe impõe, firme, ainda que tenha usado o mesmo tom de voz moderado que Valery sempre admirou e Valery age por impulso ao virar-se e puxá-la para dentro do quarto e fechar a porta por trás de Ceccil num baque.

Queria assustá-la, manipular a verdade de modo que Ceccil a deixasse em paz com a sua escolha, e no instante seguinte a beija na boca. Cola seus lábios aos dela e a aperta contra a madeira da porta com seu corpo, aspira ao hálito doce dela com olhos entrefechados e arfa quente contra os lábios macios pelo prazer que o ato impulsivo lhe causara. Não imaginava até então, que sentiria tesão a beijar uma boca feminina, mas gemeu baixo e entreabriu os olhos a deparar com os de Ceccil entreabertos a fitá-la de volta com a mesma intensidade. Já não pensava com coerência quando voltou a beijar Ceccil e sentiu, mais do que viu, quando os braços dela envolvê-la pela cintura e retribuía ao beijo com o mesmo calor e desejo.



Passaram horas se amando, se descobrindo, dando prazer uma à outra; despida das roupas, dos conceitos, preconceitos, somente elas, até que o céu tingiu-se de negro. Elas dormiram e acordaram juntas, entrelaçadas. Apaixonadas. Amanhecera o dia mais lindo do mundo naquele canto de paraíso cercado pelo mar azul e seus corações batiam no mesmo compasso.

— Por que aqui? — Ceccile a perguntou em algum momento.

— Não sei. — Valery responde — Por Dave, talvez...

Havia aberto mão de tudo para que Ceccile e Hugo fossem felizes. Estava certa de que era ela quem estava sobrando.

— Dave sempre dizia que quando nos casássemos, teríamos uma casa em uma pequena ilha cercada de azul por todo lado...

Horas mais tarde embarcaram. O destino era ainda incerto no que se tratava de Hugo, mas Ceccil havia tocado no ponto mais fraco e forte de todos: Ambas se amavam, e amavam Hugo. No entanto, Ceccile estava resoluta; ou ele aceitava as duas em sua vida ou não teria nenhuma.

Ela ficaria com Valery.



Por um mundo com mais amor e
menos intolerância.

Carol Sales.



